

olimpíada
de Língua Portuguesa

6ª edição – 2019



**lugar
onde
vivo**



**TEXTOS
FINALISTAS**



olimpíada
de Língua Portuguesa

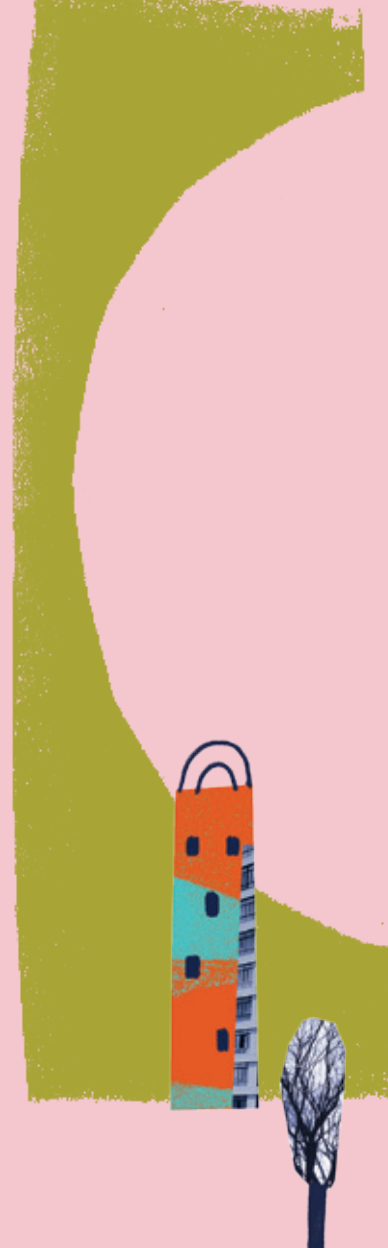
6ª edição – 2019



**lugar
onde
vivo**



**TEXTOS
FINALISTAS**



Em sua 6ª edição, a Olimpíada de Língua Portuguesa envolveu mais de 42 mil escolas, de quase 90% dos mais de 5 mil municípios do Brasil. Participaram educadores, estudantes e instituições das 27 unidades da federação.

Foram mais de 85 mil professores inscritos. Os números falam por si só: mostram o tamanho da mobilização que acontece até chegarmos aqui, nos 172 estudantes finalistas que têm suas produções compartilhadas nesta coletânea. Depois das etapas Escolar, Municipal e Estadual, esta publicação coroa a Etapa Semifinal e traz uma saborosa amostra desse concurso, que ainda tem sua etapa final – a Nacional. É muita história para contar. Em prosa, em verso, em palavra de opinião, de recordação e, agora também, em imagem e som.

O percurso todo da Olimpíada é entremeadado por oficinas apoiadas pelos Cadernos do Professor (disponíveis em www.escrevendoofuturo.org.br), por recursos didáticos, cursos on-line, encontros, atividades culturais, eventos formativos e ações de reconhecimento. Essa série de iniciativas, voltadas a professores e alunos do 5º ano do Ensino Fundamental (EF) ao 3º ano do Ensino Médio (EM), sustém um propósito norteador: contribuir para a melhoria do ensino e da aprendizagem da leitura e escrita nas escolas públicas de todo país.

A Olimpíada integra as ações desenvolvidas pelo Programa Escrevendo o Futuro, criado em 2002 pelo Itaú Social e pelo CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária –, tornando-se política pública em 2008, por meio da parceria com o Ministério da Educação.

Após um período de redesenho, a 6ª edição chega com duas grandes novidades. Uma delas é o gênero Documentário, que propõe a alunos de 1º e 2º anos do EM criar uma produção audiovisual. Os gêneros das edições anteriores se mantêm: Poema, para o 5º ano do EF; Memórias literárias, para 6º e 7º anos do EF; Crônica para 8º e 9º anos do EF; e Artigo de opinião, para o 3º ano do EM.

A outra novidade é que em cada edição será homenageado um autor brasileiro. Quem abre alas é a premiada escritora e também educadora mineira Conceição Evaristo. Autora de sete livros, mestre e

doutora em Letras e pesquisadora na área das literaturas africanas e afro-brasileira, ela cria sua obra com base no que chama “escrevivência”, que define como escrita que nasce do cotidiano, da experiência pessoal e das lembranças. Sua escrevivência, portanto, não poderia ser mais inspiradora aos participantes da Olimpíada, que são instigados a partir do tema “O lugar onde vivo”.

À medida que leva os alunos para perto de suas comunidades, “O lugar onde vivo” estimula a sensação de pertencimento, o desenvolvimento do olhar crítico e um conhecimento mais aprofundado da realidade local – além de ser matéria-prima inesgotável de criação!

O convite para esquadrinhar seu próprio canto Brasil afora (e Brasil adentro) inspirou poemas, trouxe à tona memórias, formou opiniões, sublinhou cotidianos, aguçou olhares e, agora, chega ao leitor que, página a página, caminha pelos lugares onde vivem estes jovens escritores.

Boa leitura!



Poema ————— 11

Memórias
literárias ————— 43

Crônica ————— 123

Artigo
de opinião ————— 203

Documentário ————— 247

Poema

As próximas páginas trazem poemas de estudantes de 5º e 6º anos do Ensino Fundamental sobre o lugar onde vivem. Após semanas de expiração e inspiração, durante as oficinas que compõem a sequência didática da Olimpíada de Língua Portuguesa, vieram os versos que, aqui se vê, podem brotar de lugares grandes e ao mesmo tempo pequenos. E também de chão altaneiro. De cidade que até no nome tem luz ou da simples ideia de escrever com rima sobre Petrolina. De uma aldeia de camarás ou de um exótico mutum lá de Utinga Leão. Da pintura de um pedaço de pão ou mesmo de um pedacinho de nossa nação. De água de cachoeira correndo pelas veias ou do balançar do tempo no vaivém da cadeira. Dos quatro cantos de Sertãozinho ou da Cohab e as doze paradas da condução. De Belo Horizonte vista da janela ou mesmo da linguiça, da santa missa e da novena na capela. Da tribo dos Manaós ou até de um raio de esperança para todos nós.

Vale um passeio atento por esse verdadeiro jardim sensível, colorido, poético e sonoro, com poemas de alunos-autores, orientados por dedicados professores!

POEMA

Índice

- 14 **DE GALHO EM GALHO, EM UM PORTO SEM MAR**
Débora Raquel de Sousa Reis
- 16 **O RIO DA MINHA CIDADE**
Antony Novack Bertan
- 17 **PRINCESA DO SERTÃO**
Maysa Evelyn Nascimento Araújo
- 18 **QUE BELEZA DE LUGAR!**
Marina Gujanski Schmitd
- 19 **TRILHOS DO TREM**
Heloisa Aparecida Ribas
- 20 **MORO EM UMA CIDADE...**
Kalleo Klark Buenos Aires Carneiro
- 22 **QUANDO OS IPÊS VOLTARAM A FLORESCEM...**
Maria Eduarda Azevedo da Cunha
- 24 **NOS DEZ DE GALOPE LÁ NO MEU LUGAR**
Davi Henrique Teófilo de Azevedo Lima
- 26 **MINHA CIDADE, MENINA FACEIRA**
Jefferson Kauãm Lopes de Santana
- 27 **ENTRE A BELEZA DO MEU LUGAR HÁ UM MUTUM**
Nickolas Henrique Gomes da Silva
- 28 **PEDACINHO DA NOSSA NAÇÃO**
Miguel Medina Soares
- 29 **A TELA**
Mayra Lourrana de Souza Silva
- 30 **MEMÓRIAS DE GUARIROBA**
Gustavo Gabriel Domingues
- 31 **PRAIA SAHY, GOSTO DAQUI**
Samara de Souza Melo
- 32 **O CONTO DOS QUATRO CANTOS**
Emanuelly Araújo de Oliveira
- 34 **O ÔNIBUS FEITORIA COHAB**
Vitória Eduarda Ferraz Frutuoso
- 36 **DA JANELA DE MINAS**
Nicole Rodrigues Florentino
- 38 **CIDADE DO TESOURO**
Yêda Maria Oliveira Aguiar
- 40 **O POEMA DA CACHOEIRA**
Dawidysom Pereira de Oliveira
- 41 **MINHA MORENA E ADORADA MANAUS**
Heloisa Bernardo de Moura

DE GALHO EM GALHO, EM UM PORTO SEM MAR

Débora Raquel de Sousa Reis

Na cidade de Teresina,
Te apresento meu lugar.
No topo dos altos morros,
Perto do céu alcançar,
Abaixo dos raios de sol:
Um bairro irá encontrar.

“Porto do Centro” é o seu nome.
Não tem lago, rio ou mar.
Cais, só se for de córregos,
Que choram no meu lugar.
Sobre eles, falsas pontes
Pra você atravessar.

Entre as ruas estreitas
E os becos sem saída,
Encontramos árvores
Que dão cor e vida
Ao meu chão batido,
À minha gente sofrida.

Mas de galho em galho
Tento curtir a minha infância.
Prefiro subir nas árvores
Do que me perder na ignorância
De cair no mau caminho,
Esquecer minha importância.

Do alto do cajueiro,
Vejo em cada esquina
Passos para a igreja.
Cada um com a sua sina,
Que eu fico a observar
Com meus olhos de menina.

Do alto do pé de tamarindo,
Vejo o entra e sai do mercado.
A venda sempre cheia,
As mães com seu trocado.
O choro pelo pirulito,
Os dizeres engraçados.

Da bonita goiabeira,
Vejo a casa da tia Cássia.
Lá tem um salão de beleza
Onde ela faz a sua mágica:
O vaivém da tesoura,
Linda é a sua prática.

Finalmente, subo na mangueira.
Minha árvore preferida!
Fico perto das nuvens,
Dos pássaros e suas cantigas.
Converso até com Deus,
Não preciso ser contida.

Quando o sol vai se pondo,
Pro chão tenho que voltar.
E vejo o que de cima evito:
O enorme escarcéu do bar.
“Homens! Vamos acordar?”
Viver é melhor que se embebedar.

Do caminho até em casa,
As cadeiras já na calçada,
Como é grande o blá blá blá!
A fofoca foi lançada:
“Você soube da Maria?”
E começam as risadas.

A noite já transbordou
Quando cruzo o meu portão.
A rotina é sempre a mesma,
Mas satisfaz meu coração.
Minha mãe já está em casa,
Cansada do seu rojão.

Mais um amanhecer chega
Nesse bairro peculiar.
Sou feliz na simplicidade,
Com o dia a dia do meu lugar.
Deixa-me ir de galho em galho
Apreciar meu porto sem mar.



O RIO DA MINHA CIDADE

Antony Novack Bertan

Do lado da minha casa
Passa um rio encantado
Quieto, manso e pequeno
Onde navego meu barquinho acalentado.

Lá no morro da TV
Na cidade de Criciúma
O rio Linha Anta nasce
E desce as serras, uma a uma.

Nasce limpo, é água das chuvas
Que a terra filtrou
Cria leitos, faz curvas
Cumpre o que seu destino mandou.

Sua missão é encharcar a terra,
Matar a sede do homem e da plantação.
Mas no caminho algo erra
É começo de poluição
E no seu ensejo encontro
Lixo, esgoto e carvão.

Minha cidade é conhecida
Pela extração do carvão mineral
Porém, a fama se esconde, enegrecida
Nas águas profundas do canal.

Canal este que, em parte, foi escondido
Para dar lugar às construções
Perderam-se o leito e o caminho
Encontraram-se problemas e inundações.

Meu pai é agricultor
E precisa de água do rio para plantar
Como dessas terras sou herdeiro imperador,
Esse rio terei que, para o meu futuro,
Resguardar.

Linha Anta é o seu nome
Passa por mim sempre fiel
Passa por casas, passa por pontes
Leva o meu barquinho de papel.



PRINCESA DO SERTÃO

Maysa Evelyn Nascimento Araújo

“Petrolina” foi o nome que ganhou,
quando, em 1895, cidade se tornou.
E pensar... Que de uma pedra
sairia cidade tão bela.

Mas é tão bela, tão bela,
que uma câmera é incapaz de retratar.
Em tu corre o famoso “Velho Chico”,
Catedral bela que todos podem apreciar.

Cultura rica? Ha, ha, ha, essa não pode faltar!
Tem frevo, São João, capoeira
e as comidas típicas pra completar!
Tem cuscuz? Tem sim!
E baião? Chegue logo, meu irmão!
Venha logo, se avexe!
Venha admirar as belezas que Petrolina merece
e tem para lhe mostrar!

Mas nem tudo é perfeito,
essa terra é terra de povo guerreiro!
Muitos direitos já foram tomados
de quem só queria estudar!
Lágrimas caíam do rosto do vaqueiro,
de ver o “Velho Chico” secar.

Terra seca, chão rachado,
suor descendo do rosto.
Ô, ô, ô, ô, ô Pai!
Se é que posso te pedir de novo...
Abençoa esse humilde povo!

E assim finalizo a minha rima,
com enorme e grande alegria.
De contar a história de uma pequena vila,
que, hoje, é conhecida como Petrolina!

**Professora Maria do Perpetuo
Socorro Granja Campos Vieceli**
EM Felix Manoel dos Santos,
Petrolina-PE

QUE BELEZA DE LUGAR!

Marina Gujanski Schmitd

Vizinhos distantes
Cada um em seu terreno
Sobe morro, desce morro
Lugar grande e, ao mesmo tempo, pequeno.

Terreno grandão
Casinha pequenina
Num lugar afastado
Pai, mãe e uma menina.

Girassóis amarelos
Grilos e sapos cantores
Formigas e vaga-lumes
Todos juntos são uns amores.

Os canários invadem a horta
Também tem araçari
Na jaqueira vem papagaio
Nos coqueiros, bem-te-vi.

Professora Valéria Rodrigues dos Santos Gonring

EMEIEF Visconde de Inhaúma,
Santa Teresa-ES

Seriema canta no alto do morro
Quando o sol está brilhando
Saracura canta no brejo
Inhambu, na noite que vai chegando.

No lugar onde vivo
Tudo é verdadeiro
A verdura vem da horta
E a galinha do terreiro.

Lugar de vida bem vivida
Paz e alegria
Onde tudo é bem tranquilo
E cheio de harmonia.



TRILHOS DO TREM

Heloisa Aparecida Ribas

Este chão altaneiro
Que tão bem eu quero
Teve seu passado marcado
Pela estrada de ferro.

Estrada de ferro tão comprida
Por aqui o trem passou
Trouxe muitas histórias
E várias vidas marcou.

O trem trouxe o trabalho
Para o pobre operário...
O trem trouxe a devastação
Para a rica vegetação...
O trem trouxe o soldado
Para lutar no Contestado...
O trem trouxe o Capitão destemido
Que por um jagunço foi atingido
E aqui então morreu...
Em sua homenagem
Seu nome a cidade recebeu.
O trem trouxe agitação
Para a pequena estação!

Meus avôs
Nesses trilhos trabalharam
E na ferrovia se aposentaram...

Mas por algum motivo, o trem parou.
E por aqui não mais passou...

A paisagem então mudou...

Na ferrovia
O mato cresceu...
E a estação virou museu.

E hoje quando eu vejo
A estrada de ferro esquecida
Fico triste, pois ela faz
Parte da minha vida!

Ah, se o trem voltasse...
Só para eu poder dizer também:
— Menina, vem ver o trem!

Professora Luciana Aparecida Skibinski
CE Professora Ana Maria de Paula, Matos Costa-SC

MORO EM UMA CIDADE...

Kalleo Klark Buenos Aires Carneiro

Moro em uma cidade
Que até no nome tem luz
E é na época do Natal
Que a esse nome mais faz jus.
Cheia de luzes natalinas,
Luzilândia, como é chamada,
Parece uma constelação
De tão iluminada!

Moro em uma cidade
Com um rio muito importante.
Ele mata a sede e a fome
De todos os habitantes.
Sendo assim, então,
Estou certo de que não há
melhor lugar para morar.

Moro em uma cidade
Onde o braço do rio Parnaíba
Abraça peixes que todo ano
Vêm rio abaixo, rio arriba,
Encontrar com pescadores,
Com seu João e seu José,
Com Antônio e Franciscos,
na barragem do igarapé.

Moro em uma cidade
De um povo trabalhador,
Onde a profissão mais popular
É a de pescador.
Que ao lançar a rede,
Buscando o pão de cada dia,
Faz movimentar também
A nossa economia.

Moro em uma cidade
Bonita por natureza.
São vários cartões-postais
Que mostram essa beleza:
Monumento do Pescador
E Igreja de Santa Luzia
Representam nossa cidade
Em belas fotografias.

Moro em uma cidade
Onde a paisagem se transforma.
Na estiagem, bancos de areia
No meio do rio ganham forma.
E na margem, o Porto das Pedras,
Antes coberto pela enchente,
Ressurge, como dizendo:
“Eis-me aqui novamente”.

Moro em uma cidade
Com um calçadão no mercado
Onde vendedores ambulantes
Arma barracas pra todo lado.
Principalmente às sextas-feiras,
Das bancas sai a mercadoria
Que abastece a geladeira
Da casa da dona Maria.

Moro em uma cidade
Que tem festa o ano inteiro:
Festejos de Santa Luzia,
São Francisco, São Pedro.
Fevereiro é carnaval,
Junho e julho, São João.
Março é aniversário
De sua emancipação.

Moro em uma cidade
Onde xote, baião e forró
Tradicionalmente embalam
O vovô e a vovó.
No Centro dos Idosos,
O baile da melhor idade
Desatrofia as “juntas”
E ainda traz felicidade.

Moro em uma cidade
Cujos hinos têm um refrão
Que é um verdadeiro
Canto de exaltação!
Encantado, canto a canção
Do lugar onde nasci:
“Luzilândia, berço amado...
Rainha do Piauí”.

Professora Léia do Prado Teixeira
UE Tia Zuleide, Luzilândia-PI



QUANDO OS IPÊS VOLTARAM A FLORESCER...

Maria Eduarda Azevedo da Cunha

Goiânia, cidade tão bela
Pintada de verde, azul e amarela
Essa cidade é uma beleza
Ruas, casas e natureza

O sol tão amarelo
Sol cor de caramelo
Lindos pássaros a voar
E paisagens de arrasar

Começo a me impressionar
Sempre que estou a pensar
Pois quando fica escuro
As estrelas fazem brilho puro

Era primavera
Enfeitando toda a terra
Na natureza especial
Da cidadezinha sem igual

As flores espalhando no céu
Um perfume doce como mel
A coisa que impressiona quem vê
São os grandes e lindos ipês

Ruas, casas e parques a embelezar
Essa cidade de arrasar
Cidade grandiosa
De paisagem maravilhosa

Tudo isso é um cenário
Para o grande aniversário
O azul do céu brilhante
Um brilho impressionante

E com tudo sendo preparado
Um desfile para ser realizado
Todo mundo ficou olhando
Mas cadê aquele encanto?

Não era um desfile legal
Na verdade era um funeral
Depois de abalada
Goiânia foi cercada

No desfile era levado
Um caixão de chumbo pesado
Onde vinha Leide das Neves
E acabaram as pessoas alegres

Ficou uma tristeza
Que cobriu de cinza aquela natureza
E aquela cidade colorida
Se preencheu de muita cinza

Aquela linda radiação
Falava para o coração
Você tem que mexer
Ou vai enlouquecer

Césio foi marcante, então
Em toda a população
Aquele azul brilhante
Que trouxe uma dor dilacerante

Nossa cidade tão querida
Que ficou sem muita vida
Aquele brilho não dava sortes
Mas, sim, muitas mortes

Aquele brilho do mal
Trouxe uma dor mortal
Aquele brilho reluzente
Matou muita gente

As estrelas a dançar
Em um brilho de arrasar
Leide das Neves subiu
E seu olhar reluziu

A tragédia acabou
Goiânia voltou
Voltaram as flores
Todas de lindas cores

Os ipês começaram a florescer
Ah! Como era lindo de se ver
De dia o sol a raiar
De noite estrelinhas a brilhar

Trinta anos se passaram, então
E foi ensinada uma lição
Um brilho que mostrava ter riqueza
Deu prejuízo à natureza

E aquela cidade especial
Continuou sendo a mais legal
Adorada pelas pessoas
Com seus parques, casas e lagoas



NOS DEZ DE GALOPE LÁ NO MEU LUGAR

Davi Henrique Teófilo de Azevedo Lima

Lá por detrás das árvores, vinha o sol
Iluminando a rua de minha casa,
O astro esplêndido quente feito brasa,
Levantava no céu feito um farol
E o belo cantar de um rouxinol
Que eu acordei pra só ele escutar
E por alegria, começou a cantar
Na caveira de um boi fez ele o seu ninho
Comida trazia pra o seu filhotinho
Nos dez de galope lá no meu lugar.

Vendo o sol nascer botei uma veste
E tive a ideia de escrever com rima
E muito prazer, eu sou Davi Lima
Sou de Bom Jesus, aqui no meu Nordeste
Também sou poeta, Antônio é meu mestre
O poeta que sempre faz-me inspirar
Com muita alegria eu vou retratar
O amor que tenho pelo meu sertão
E vou escrevendo com muita emoção
Meu lugar que eu amo, e sempre vou amar.

Perto de Natal, capital do Estado
Se chama Bom Jesus. Oh, nome bonito!
E por Frei Damião esse nome foi dito
De um povo ordeiro e bastante educado
Se fores prá lá ficarás encantado
Alegria nas rimas sempre irei botar
E na nossa feira comecei a andar
Falei com os feirantes com grande harmonia
E vou caminhando com muita alegria
Essa que é a feira lá do meu lugar.

Saindo da feira eu fui lentamente
E para a igreja agora estava indo
Olhei para ela alegre, sorrindo
E os meus versos fluindo da alma, da mente
Com muito cansaço sentei no chão quente
Olhando a igreja comecei a orar
Pedindo pra Deus me abençoar
E sob o sol ardente segui minha jornada
Com Deus me guiando nessa caminhada
É a fé que guia neste meu lugar.

A água corria por baixo da ponte
E uma brisa fria batia em meu rosto
De felicidade, fiquei inteiro posto
Que de alegria aquilo era fonte
Eu olhei atento para o horizonte
Vi que o sol estava pronto pra se deitar
E na água fria eu fui me banhar
Olhei pro arrebol com concentração
Minha Bom Jesus é a inspiração
De eu fazer galope lá no meu lugar.



Professor João Soares Lopes

EE Natália Fonseca Ens 1º Grau, Bom Jesus-RN

MINHA CIDADE, MENINA FACEIRA

Jefferson Kauãm Lopes de Santana

Todas as cidades têm sua história,
A da minha guardo na memória.
Minha terra de luz e calor,
Camaragibe que assim começou.

De uma aldeia de camarás,
Com um rio correndo pro mar.
De um engenho de canaviais,
Que nasceu este meu lugar.

De escravos e senzalas sombrias,
De estradas de barro e carros de boi,
De uma fábrica e uma vilinha,
Camaragibe do tempo que foi.

De cantos e recantos tão belos,
De uma rosa assim pequenina
Brincando livre pelos quintais,
Nas mãos de alguma menina.

De estradas estreitas e ladeiras,
Dos trens ao metrô de agora.
Minha cidade, menina faceira,
Daqui não vou mais embora.

Pois de histórias e contos que vivo,
Misturei minha vida nesta teia.
Deste meu lugar que é tão lindo
E fez-se de uma pequena aldeia.



**Professora Maria Natália de Araújo
e Silva Cordeiro**

EM Jardim Primavera, Camaragibe-PE

ENTRE A BELEZA DO MEU LUGAR HÁ UM MUTUM

Nickolas Henrique Gomes da Silva

O lugar onde eu moro é maestral
Com uma paisagem que nenhum lugar tem igual
Tranquilo e aconchegante
É um lugar deslumbrante

Cana entre floresta
Indústria com plantação
Casas com gente simples
Assim é Utinga Leão

Eita, lugar bom pra brincar!
Pra correr e caminhar
Quer ver os animais?
Vem pra cá, tem muito mais

Dentre todos os animais, um é especial
Tô falando do mutum, que por aqui veio viver
No viveiro ambiental, tem um cantinho especial
Quem vem a Utinga Leão, sua história quer conhecer

Ave exótica e diferente
Não foi fácil de encontrar
E a trouxeram com cuidado
Pra enfeitar esse lugar

O lugar dessa ave é na natureza
Vivendo livre e sem tristeza
E quem sabe um dia
Da janela da minha casa
Possa vê-la cantar com destreza

Com o homem respeitando o bicho
Eles se multiplicarão
Aqui e no mundo inteiro
É o desejo do meu coração

Pois de Alagoas virou símbolo
No cordel virou beleza
Agora tudo que precisa
É ser feliz na natureza

Professor Geraldo Ribeiro Bessa Neto

EMEF Marieta Leão, Rio Largo-AL

PEDACINHO DA NOSSA NAÇÃO

Miguel Medina Soares

Em sua origem
há uma guerra,
famosa no Brasil.
Patrimônios históricos,
um povo heroico
como jamais se viu.

Resultado da miscigenação de
brancos,
índios guaranis,
paraguaios,
negros
que, juntos, enaltecem nossa nação!

Em nossa cultura resplandece:
sopa paraguaia,
chipa,
caburé,
e, claro, o nosso apreciado tereré!

**Professora Patrícia Lima
Figueiredo Ortelhado**
EE Castelo Branco, Bela Vista-MS

Tem belezas naturais
na estrada Apaporé,
rios com suas águas cristalinas
nos chamam
para molhar os pés.

É inegável seu valor cultural.
A mim resta dizer nestes versos
que Bela Vista é de paz, calma e diversão.
Um pedacinho da nossa nação
e cabe inteirinha no meu coração.



A TELA

Mayra Lourrana de Souza Silva

Pintei meu chão
Na folha do caderno,
Pintei a alegria do verão
E a tristeza do inverno.
Pintei um pedaço de pão
Que não tenho em minha mão.

Pintei minha casa,
O pinto que pia solitário.
Pintei o gato grandão
Que pinta no telhado.
E pintei um pedaço de pão
Que não pinta nem salgado.

Pintaria minha Vitória
Com tom de alegria,
Não fosse a necessidade
Que pinta no dia a dia,
Desde o nascer do sol
Até a pintar da noite.

Sonho em pintar Vitória
Com roças e pastos fartos.
E pintar o rio de histórias,
Belezas, cultura e farturas,
Porque não quero pintar
Uma roça de amarguras.

Ah! Como quero pintar
Uma vida de céu azul
Nas roças da cidade
De Vitória do Xingu.
Ah! Como quero
Pintar essa tela.

Essa quero pintar e ler
No meu velho caderno,
Pra ficar de tom eterno,
Pra que a paz possa pintar
Na terra e no teto o prazer
De ver a tela do meu lugar.

Professor Edio Wilson Soares da Silva
EMEIEF Daniel Berg, Vitória do Xingu-PA

MEMÓRIAS DE GUARIROBA

Gustavo Gabriel Domingues

No vaivém da cadeira
Sinto o tempo balançando
O retrato na parede
Pensamento esvoaçando

À sombra da guariroba
Clic! Todos sorrindo
Uma foto de família
Vejo os anos sacudindo

Terra do meu avô
Chegou ainda pequeno
No lugar em que nasci
Aconchegante e ameno

Dizem os vizinhos do sítio
Que a casa era uma escola
E no tempo de menino
Trocavam o livro pela bola

Mas com um puxão de orelha
Retomam o fio da história
Nos traçados do caderno
É que conseguiram vitória

Aqui há lembranças
E uma capela mui bela
Onde meus pais se casaram
E fui batizado nela

Tem o caminho das borboletas
Por onde andamos a passear
Ao lado de grandes amigos
Um bosque para admirar

Por gerações
Este lugar irá nos marcar
Agora tenho um irmão
Quantas histórias para contar

Fazenda Guariroba
Lugar de imensa beleza
Morar nela, privilégio
Ah! Como é bela a natureza!

Professora Vanda Valéria Morales Fassina
EMEB Professora Marli Aparecida Borelli Bazetto,
Valinhos-SP

PRAIA SAHY, GOSTO DAQUI

Samara de Souza Melo

Onde eu moro
se chama Sahy,
gosto muito daqui.
Todas as coisas
dá para se divertir.

Gosto das águas da cachoeira
que correm pelas veias.
Das pedras que a água engole.
Das árvores que embaixo posso ficar.
Do verde que se enrola nos postes
como se fossem cobras.

Das plantas, como ouriço do mar.
Das praias que tenho pra nadar,
como se fossem montanha russa.
Da areia feito alfinete a espetar.
Das ondas como carro que não consegue descansar.

Do canto dos pássaros a brincar.
Do dançar dos pássaros, que me faz viajar.
Do céu, quando olho, parece o fundo do mar.
Dessa beleza ímpar!
Ah...
Como amo esse lugar!

Professora Ionar de Oliveira Pedro
EM Vale Do Rio Sahy, Mangaratiba-RJ



O CONTO DOS QUATRO CANTOS

Emanuelly Araújo de Oliveira

Diante do meu minúsculo quarto
Por uma janela pequenina
Avisto desenhos no céu
Com meu olhar de menina

Nesse momento...
A rua está calma
O balanço do vento
Nas folhas das árvores
Tranquiliza a minh'alma

Um sentimento profundo
Me transporta, me faz viajar
E nesse instante de sonho
Pela cidade vou passear



As histórias por cá
Aos quatro cantos se contam
Esquecer não sou capaz
Começou da pequena capela
E tem a grandeza dos canaviais

Com seus braços abertos
Recebendo o sol reluzente
O olhar do Cristo Salvador
Acolhe toda essa gente

De pés descalços pela terra
No museu que guarda tesouro
Andejo sobre histórias do passado
E o nascimento do verde-ouro

Transponho-me no tempo
A um canto mais distante
Que como teia entrelaçada
Une as indústrias de hoje
Aos trabalhadores do passado

Sertãozinho,
Ao ouvir me parece pequena
Ao olhar, imensa
Mas algo me diz...
O seu tamanho se compara
Com o sonho
Desta poeta aprendiz.

**Professora Claudia da Silva Gomes
Sicchieri**

EMEIF Prefeita Maria Neli Mussa Toniolo,
Sertãozinho-SP

O ÔNIBUS FEITORIA COHAB

Vitória Eduarda Ferraz Frutuoso

De 15 em 15 minutos
Um ônibus passa aqui em frente
O Feitoria Cohab
Levando e trazendo gente

Ronca ronca o motor
Brinquedo de carrossel
Segue a rota da vida
Pra poder chegar no céu

Desde o centro da cidade
Percorre a avenida inteira
Dobra no arroio Peão
Meu lugar da brincadeira

Na última rua ele entra
À direita, prédios cinzentos
É a primeira parada
Dos blocos de apartamentos

Avança e logo freia
Chega na parada 1
Eu corro por entre os blocos
Subo veloz e zum!

Escolho o banco pra sentar
Quero perto da janela
Pra ver a Cohab passar
Quer dizer, eu passar por ela

Ronca ronca o motor
Brinquedo de carrossel
Segue a rota da vida
Desenrola o carretel

Logo ali já vem a 2
E com ela um quebra-mola
Grafite que salta aos olhos
No muro da minha escola

E é tanto quebra-mola
Sobe e desce, sobe e desce...
Gangorra quebrada na praça
Imagem que me entristece

Sinto o cheiro no ar
Do xis que não comi
É na terceira parada
Lugar que nunca descí

Olho as garotas na rua
Estão passando batom
Cuidando o outro lado
Onde alguém liga o som

Agora o postinho da 4
Vacina, hoje, não!
Vejo minha antiga escola
Amiga do coração

Ronca ronca o motor
Brinquedo de carrossel
Segue a rota da vida
E os rabiscos no papel

Na curva da 5 pra 6
Sobe nela o pensamento
Estou mais alta que as casas
No rosto me bate o vento

Na 7 é calmaria
Mas já vou me preparando
Seguro firme no banco
Porque a lombá vem chegando

lupiiiiii!
Sinto um frio na barriga
8, 9 e 10
Ah, já vai terminar a descida!

A 12 é a última parada
Dela não posso passar
Na 11 já fico atenta
É quase hora de saltar

As portas se abrem
Pulo e saio na corrida
Da parada 12 pra 1
A rua é muito comprida

Não posso me atrasar!
Entre os blocos vou voando
Lá vem outro carrossel
Meu Feitoria chegando

Ronca ronca o motor
Brinquedo de carrossel
Segue a rota da vida...

Um dia não desço na 12!

Um dia eu chego no céu!

Professora Cíntia Cristina Zanini
EMEF Professora Dilza Flores Albrecht,
São Leopoldo-RS

DA JANELA DE MINAS

Nicole Rodrigues Florentino

Da janela de minha casa,
Vejo um belo horizonte.
Que lugar maravilhoso!
Aqui é um lugar esplêndido
De se viver, curtir e divertir.

Da janela de minha casa,
Vejo turistas curiosos,
Com um olhar fascinante,
Admirando nossa
Pampulha exuberante.

Da janela de minha casa,
Vejo um delicioso feijão-tropeiro,
Digno de um mineiro,
Tão bom quanto o seu cheiro.

Da janela de minha casa,
Vejo belos museus ordenados,
Com nosso passado
Muito bem guardado.

Da janela de minha casa,
Vejo a criminalidade
Expandindo pela cidade.

Da janela de minha casa,
Vejo cintilantes cachoeiras,
Onde nadamos e nos refrescamos.



Da janela de minha casa,
Vejo tanto desemprego,
Assombrando nossa gente,
Que é honesta e decente.

Da janela de minha casa,
Vejo crianças sem cama,
Sem casa e sem comida.

Da janela de minha casa,
Vejo lágrimas tristes escorrendo
Pelo rosto de quem perdeu
Um ente querido
Na barragem que se rompeu.



Da janela de minha casa,
Vejo a realidade de nossa sociedade,
Gente que não tem nada,
Mas ainda resta a fé.

Da janela de minha casa,
Vejo quase tudo...
Só aguardo a justiça,
A solidariedade e a honestidade
Serem feitas para vivermos em igualdade.
Essa é a mais pura verdade.

Professora Terezinha Lima da Silva
EM José Maria Alkmim, Belo Horizonte-MG

CIDADE DO TESOURO

Yêda Maria Oliveira Aguiar

Toc toc quebra pedra
No garimpo de cristal
Pequizeiro então nasceu
Minha cidade natal.

Cidade do pequi
Cidade de garimpo
As pedras guardam as histórias
Desse povo exclusivo.

Longuinho Vieira Junior
O artista dessa obra
70 anos a punho
Tem nossa história.

Começou com um garimpo
Sendo que hoje não é mais
No museu temos pedaços
De tudo que ficou pra trás.

Na criação do garimpo
E no transporte dos cristais
Foram atraídas várias pessoas
E para cá vieram mais.

Rios de águas puras
Algumas frias, outras quentes
Garrafa, Bananal e Barreira
Refrescam a nossa gente.

Os ipês nas estradas de terra
Formam um arco-íris de cores
Com cega-machado que compõe o cerrado
De sol escaldante brilhante na serra
De noites tranquilas
E céu estrelado.

No presente temos pioneiros
Que nos contam dos progressos
Nas rodas de conversas
Nas calçadas ou botecos.

Setembro em pleno céu
Contemplando essa beleza
Do pequi da natureza
No cerrado o pôr do sol.

Entre os símbolos de Pequizeiro
Está a flor do pequi
Temos também vários coqueiros
Por isso amamos viver aqui.

O povo bem-humorado
Alegre, receptivo
É envolvente essa cidade
E muito são os motivos.

As flores do pequizeiro
enfeitam nosso Cerrado
Hoje bem menos presente
No cenário desmatado.

E o brilho do cristal
Reflete nossa história
que sempre registraremos
Dentro da nossa memória.

Temos comércios e praças
Escolas e casas
Cidade bonita
Pequena e bela
Encanta a todos
Que moram nela.

Nosso tesouros são tantos
Além do pequi e do cristal
São grandes as riquezas
Dessa linda cidade natal.

Professora Cleide Sônia Dutra Souza
EM Ayrton Senna, Pequizeiro-TO

O POEMA DA CACHOEIRA

Dawidysom Pereira de Oliveira

Vou recitar pra vocês
O poema da Cachoeira
Não é uma queda d'água
É onde minha família campeia.

Aqui se faz de tudo
Cria gado, planta roça
Planta milho pra pamonha
Planta abacaxi e mandioca.

Da cultura eu não reclamo
Pois é rica e sadia
Nesses versos eu declamo
Como é nossa folia.

Santos Reis nos acompanham
Com muita fé e devoção
De casa em casa a gente leva
Jesus Cristo na canção.

Na Cachoeira não se vive
Só de folia e de seresta
Pra São Joaquim e Santa Ana
Também fazemos festa.

Na capela a gente tem
Novena e santa missa
Tem sempre um leiloeiro
É dez contos a linguça.

Agora eu já contei pra vocês
Como é minha linda cachoeira
Em questão de beleza
Está sempre em primeira.



**Professora Maria Izabel
de Oliveira Cardoso**
EM Menino Jesus, Jesúpolis-GO

MINHA MORENA E ADORADA MANAUS

Heloisa Bernardo de Moura

Terra morena de fortes guerreiros,
Cresci cabocla nesses canteiros
Com força imponente e gloriosa,
Tal como a terra formosa.

De passado brilhante: a História,
Do berço rico: a memória,
Forte foste para o mundo ver,
Da seringa, o apogeu, a florescer.

Do presente constante a lutar,
Da terra querida, o sustentar,
Tu vieste da tribo dos Manaós,
Raio de esperança para todos nós.

Na minh'alma correm as tuas veias,
De água barrenta o Solimões vagueia,
Da cor dos meus olhos vem o marejar,
Como o misterioso rio Negro na luz do luar.

Grata sou por em ti morar,
Levo na vida a arte do teatrar.
Tão belo, esplêndido e único,
Teatro Amazonas, o vivenciar cênico.

Teus cheiros, cores e sabores,
Tão ricos de diversos calores,
Só posso aconselhar o açai, o buriti e o jaraqui,
Pois provem, minha gente, e não sairão daqui.

De natureza bela e exuberante,
Tua fauna e flora, verdadeiro diamante,
Floresta vasta, nosso particular paraíso,
De mitos e encantados, do boto o sorriso.

O lugar onde vivo é terra de sonhos,
Gente que chega e fica feliz, suponho,
Na esperança do novo dia, o alvorecer,
Aqui nasci, cresci e aqui quero morrer!

Professor Antonio de Souza Braga
EM Santa Etelvina, Manaus-AM

Memórias literárias

Como puxar os fios da memória e entrelaçá-los em uma história? Neste capítulo, estudantes de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental foram desafiados a recorrer a alguém mais velho da comunidade e transformar em texto literário as memórias de seu entrevistado. O Caderno do Professor, material de apoio da Olimpíada, ao definir o gênero Memórias literárias precisamente o sintetiza: “São textos produzidos por escritores que, ao rememorar o passado, integram ao vivido o imaginado”.

As próximas páginas nos enovelam em um sem fim de fios de memória, nos convidando a sentir o cheiro do capim pubo ou o doce da cana em contraste ao duro trabalho de um avô no canavial. A rememorar tempos de fartura de pequi em Taipas de Tocantins. A época em que Seu Santinho foi coveiro. A única TV que ficava na praça da cidade. O massacre dos índios cinta-larga. O rio Guandu como protagonista de algumas memórias, onde se lavavam panelas de polenta e se derramavam lágrimas que só Deus conhecia a razão. A saga de imigrantes alemães em um fusca 74, rumo ao Carnaval. O acordeão do pai que, mesmo cansado, embalava o baile da imaginação. Tantas e tantas memórias nos levam sobretudo a (re)lembrar que, como disse a entrevistada Silvana Cristina Soares Peguim: “O lugar onde vivemos nunca se acaba dentro de nós”.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Índice

- 46 **QUASE UM CINEMA
A CÉU ABERTO**
Débora Kelly Costa
Bilhar
- 48 **LEMBRANÇAS
DE SANTA IZABEL**
Maria Lethícia
Jacomini de Almeida
- 50 **AS CORES DE
MINHA VIDA**
Carolina Sachet
- 52 **O PEQUI NOSSO
DE CADA DIA**
Luiz Eduardo Pereira
da Silva
- 54 **TEMPOS IDOS DE
AMOR E ALEGRIA**
Kaylane Vieira
Pacheco
- 56 **UM PASSADO
DESENTERRADO**
Emilly Tammy
de Lima Galvão
- 58 **PARALELO 11: DO
COCAR VERMELHO
AO PÉ DE JATOBÁ**
Karoline Vitória
de Souza
- 60 **DAS TELAS
À VIDA REAL**
Vitória Lima
Gonçalves
- 62 **MEU BOM DEUS, TU
ME ABANDONASTE?**
Isadora Herschaft
Cardoso
- 64 **FILHO DA FERROVIA**
Amanda Xavier
da Silva
- 66 **NO RITMO
DA MEMÓRIA**
Gabriel Henrique
de Freitas
- 68 **LEMBRANÇAS DE
UM AMOR PERDIDO**
Gabriel Araújo da Silva
- 70 **RIO AFORA,
RIO ADENTRO...
A VIDA SEGUE**
Victor Augusto de
Alencar Menezes
- 72 **LATA D'ÁGUA
NA CABEÇA,
LÁ VOU, MARIA**
Evellyn Isabelle
Lima Vale
- 74 **DOCES MEMÓRIAS**
Rayssa Damárys
Fontes de Araújo
- 76 **UM DIA DE
MUITA FESTA**
Gabriela Garcia
- 78 **ACENDE A
FOGUEIRA DO MEU
CORAÇÃO**
Maria Emanuely dos
Santos Andrade
- 80 **PLANTAÇÃO DE
BOAS LEMBRANÇAS**
Ana Lígia Costa Peguim
- 82 **BAÚ DE MEMÓRIAS**
Meirielen Dias
Andrade
- 84 **PARA LÁ DAQUELE
MATA-BURRO...**
Héwilli Gonçalves
Ferraz
- 86 **BEBEDOURO CHORA
AS ÁGUAS**
Matheus Walisson
da Silva
- 88 **O DIA EM
QUE A ÉGUA
DESEMBESTOU**
Emilly Juliana
Santana Santos
- 90 **MITOLOGIA
CONTENDENSE**
Lucieli Costa Santana
- 92 **DOCES MEMÓRIAS**
Adrielle Vieira
de Oliveira
- 94 **MEMÓRIAS DE UMA
GATA BORRALHEIRA**
Matheus Fernandes
de Sousa
- 96 **ALMAS LAVADAS**
Beatriz Aparecida
de Souza Silva
- 98 **O VERMELHO DA
PLANTAÇÃO**
Luan Mateus Dantas
Bezerra
- 100 **CAPIM PUBO**
Maria Alice Ferreira
Simão
- 102 **"MULEQUE,
VEM PRA DENTRO"**
Luiz Felipe Cândido Pires
- 104 **SOCORRA
MEU BURITI**
Bárbara Maria Carvalho
de Oliveira
- 106 **COMO NUM
CONTO DE FADAS**
Emilly Ramos Wendt
- 108 **UMA PACATA CIDADE
CHAMADA "GAMA"**
Víthor Rodrigues
de Sousa
- 110 **LEMBRANÇAS DE UM
RIO CHAMADO RIO
GUANDU**
Wány Marcelly
Tápias Coutinho
- 112 **LEMBRANÇAS
DOS MEUS TEMPOS
DE MENINO**
Andressa de Jesus
dos Santos
- 114 **TRICOTANDO
LEMBRANÇAS**
Bruna Cristina Moretto
- 116 **MENINA DA BOCA
ROXA DE AMORA**
Lavinia Soares Cardoso
Bastos
- 118 **NOS BRAÇOS
DO IPIXUNA**
David Lima
dos Santos
- 120 **POR QUE NASCEM
CRIANÇAS?**
Ana Beatriz da Silva

QUASE UM CINEMA A CÉU ABERTO

Débora Kelly Costa Bilhar

No meu tempo de criança, aparelhos de TV eram difíceis de se encontrar neste meu pequeno pedaço de mundo. Era como o céu sem estrelas ou Romeu sem Julieta. No limite dos limites, eram apenas duas televisões que faziam parte do nosso cotidiano. Mas uma de que me lembro com muita ternura era a TV pública de Vitória do Xingu, cidade que, naquela época, ainda fazia parte de Altamira. Como um aparelho tão pequeno pode trazer várias lembranças que, mesmo com as evoluções tecnológicas, não se apagaram e nem o tempo conseguirá apagar? Como e nem todos possuíam televisão, a prefeitura de Altamira doou uma para que todos assistissem na praça, onde era muito bom permanecer, era como se estivéssemos no aconchego de nosso lar. A maioria das pessoas não tinha condição, por isso ninguém pagava nada. Daí, todos tinham respeito por aquele pequeno momento em que dávamos audiência para os programas como novelas, filmes, jornais e até desenhos. A TV era de graça, as únicas coisas que gastávamos eram a nossa atenção, o silêncio e a nossa paixão por aquela telinha.

Na Praça dos Benjamins, onde a pequena miragem era colocada, havia várias árvores, os benjaminzeiros. O concreto quase não se via. Todos iam para se divertir, inclusive eu, que não ficava de fora. A alegria de participar daquele momento batia de porta em porta. Era um convite irrecusável. Cada programa, novela ou algo parecido que passava naquela tela era fantástico, era como se estivéssemos em um cinema, mas não muito grande. O nosso era a céu aberto.

Poltronas não existiam, apenas o chão molhado por aquele banho do sereno. Se chovesse, o pequeno cinema acabava; se não chovesse, aqueles nossos pequenos olhos continuavam fixos na telinha. Porém, havia alguns eventos políticos ou festas que eram feitos na praça e interrompiam aquele tão esperado momento de audiência, causando inquietação nas pessoas, pois deixávamos de assistir para que eles ocorressem. Nós íamos para a praça assistir a partir da tardezinha, no momento do pôr do sol, até quando o motor de luz era desligado por alguém impiedoso, apagando as luzes que clareavam a cidade, deixando só as estrelas iluminando as poucas ruas e os muitos caminhos de volta para casa.

Chego a me arrepiar com uma triste lembrança daquela telinha, que foi parando gradativamente, com um novo acon-

tecimento: as pessoas conseguiram suas próprias televisões, que já vieram com cenas coloridas e com a tela maior, deixando para trás as cenas divertidas. A união foi desaparecendo e o isolamento invadindo aquele saudoso lugar que, aos poucos, já estava recebendo pouquíssimas pessoas para assistir, deixando no local em que vivi apenas boas lembranças, emoções contínuas, mexendo com a cidade toda.

Houve também uma vez em que a TV pública foi roubada, mas comprada de novo; porém, o novo aparelho veio sem as cenas em preto e branco.

Meus olhos encharcados de angústia sofrem ao saber que nem tudo é a mesma coisa. Às vezes, penso que nossa cidade está sendo dominada pelas novas tecnologias que o mundo nos oferece. Ai, que saudade que eu tenho daqueles meus tempos de criança, em que eu ia à praça com meus amigos, quando a felicidade reinava na Praça dos Benjamins e em todas as nossas vidas. Aquele bom local foi transformado pela falta de espectadores, e em seu lugar foi construído um palco maior, onde são exibidos shows e eventos diversos como o *Fit Dance*. Hoje em dia, a praça não é mais a mesma, as cenas em preto e branco são hoje coloridas, em HD, até mesmo em miniaturas que cabem na palma da mão,

mas minhas recordações por aquele tempo e por aquele quase cinema a céu aberto continuam as mesmas. O tempo foi passando, a cidade cresceu e o progresso aprisionou aquele passado sem nenhuma chance de fugir. Mas aquela TV ainda é capaz de me surpreender. É triste, mas ao mesmo tempo é alegre recordar aqueles bons instantes diante daquela telinha em preto e branco, que conseguia deixar a nossa vida cada vez mais colorida, mais gratificante. Por esse motivo, me sinto honrado por saber que fiz parte da história da TV pública da nossa cidade, às margens do rio Xingu.

*

Texto baseado na entrevista realizada com José Santana Cardoso Abreu de Lima, de 57 anos



Professor Mirinaldo da Silva e Silva

EMEF Aliança Para o Progresso, Vitória do Xingu-PA

LEMBRANÇAS DE SANTA IZABEL

Maria Lethícia Jacomini de Almeida

A manhã começava envolvendo o ar com aquele cheiro delicioso, contagiante, inebriante do caldo adocicado da cana sendo cozida. Conhecíamos aquele líquido escuro, verdadeiro néctar que sensibilizava o paladar, como “garapa”. Era o resultado do cozimento lento das canas, que todas as manhãs eram devoradas pela caldeira depois de moídas, que tanto aguçava o paladar das crianças. Ainda cedo, na véspera, deitavam nas suas camas de varas, ansiosas, já pensando no amanhecer para buscar o grande tesouro: o puxa-puxa, uma goma elástica de sabor estonteante e incomparável!

Contrastando com o doce do açúcar e com as sensações maravilhosas do adocicado amanhecer, chegava a manhã também para o meu pobre avô... Bem antes do sol, era ele quem nascia ao lado de outros empregados, para os canaviais que sumiam de vista dentro das dependências da Usina Santa Izabel. A passos largos e firmes, a catana ia retirando do solo as longas varas de cana, para serem transformadas em açúcar, em goma, em puxa-puxa, em dinheiro.



Os trabalhadores lembravam os templos, apenas os olhos descobertos, porém com a diferença de que sua missão não era reconhecida com total vigor: cortar aquela cana era descobrir o Graal que garantia o doce do café, dos bolos, dos pratos maravilhosos, enfim, da cozinha de cariocas, capixabas, paulistas e até gente de fora do país...

A usina era um cenário apaixonante para uns e extremamente penoso para outros. Enquanto os adultos suavam na produção açucareira, os terreiros ao redor da usina se transformavam em um mundo imaginário, onde as crianças pareciam adoçar ainda mais as redondezas do grande engenho. Era o contraste com aquela gente de vida amarga, conforme constatou o próprio Ferreira Gullar...

O tempo passou e o açúcar não mais adoçou a vida dos trabalhadores nem das crianças. O fogo das usinas se apagou e, na Santa Izabel, a maior lembrança dentro daquele enorme terreiro não eram mais as instalações imponentes; era o olhar fatigado do meu velho avô, que ainda via e ouvia o

som das crianças brincando, sempre de puxa-puxa na mão. Parece que em suas pupilas cansadas o doce do açúcar se transformou em lembranças eternas de um tempo sofrido, mas que era “bão demais da conta”...

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Antônio Batista da Silva, de 73 anos*

Professor Nicanor Monteiro Neto
CE Padre Mello, Bom Jesus do Itabapoana-RJ

AS CORES DE MINHA VIDA

Carolina Sachet

É hora de mudar. É hora de dar novas cores às paredes que me cercam. É hora de modernizar os móveis. É hora de abrir mão do aconchego de minha infância, trilhar novos caminhos para que outras histórias possam ser contadas e, posteriormente, lembradas.

Nasci em uma data pela qual as crianças esperam muito, marcando o vermelho do sangue e as lágrimas de emoção. Doze de outubro, meu aniversário, dia de Nossa Senhora Aparecida, por quem tenho uma grande devoção. A vila de Nova Milano, considerada o “Berço da Imigração Italiana”, localizada na cidade de Farroupilha, município situado ao Sul do país, foi o destino escolhido pelo meu bisavô, um imigrante italiano que, em busca de uma vida melhor, aconchegou-se aqui, fazendo desse lugar o nosso lar.

Esse é o lugar onde nasci, cresci e tornei-me a mulher que hoje sou. Nele, sempre fui acolhida pelo calmo barulho dos ventos. Todos os dias, o amarelo do sol me convidava a brincar próximo ao ipê que enfeitava nosso jardim. Em Nova Mi-

lano, consegui ver o mundo se transformar de lagarta a borboleta, uma simples carta em um telefone, uma notícia de jornal em um televisor com canais assistidos por toda minha família reunida.

Nessa terra, acompanhei os passos de minha família, que me trazia o branco da paz em seus ensinamentos e o vermelho do amor em seus calorosos braços. Posso ainda sentir o cheirinho do *sfregolà* feito por minha mãe, cujo gosto nunca abandonou minhas memórias.

Nessa mesma comunidade havia uma escola. Afinal, como minha mãe dizia, “é preciso ter estudo nesta vida”. Como eu admirava as professoras, na época freiras, que ensinavam ali! Estudar sempre fora algo agradável para mim. Ler e desenhar eram minhas especialidades. Lembro-me da paixão que sentia pelo verde do quadro que nunca mais larguei, pois professora de Artes me tornei. As cores sempre chamaram a minha atenção. Das mais claras às mais escuras, todas me ensinavam alguma lição.

Amando minha família, um dia formei a minha. E desse lugar que parecia mágico,

precisei partir. Um grande amor eu havia encontrado e, dessa união, dois filhos me trouxeram o rosa do carinho, aquecendo ainda mais meu coração. A felicidade logo me preencheu vendo minha família crescer.

O tempo, no entanto, passou muito depressa. As visitas à minha família já não eram suficientes. As cores naquele lugar pareciam estar mudando. Era hora de voltar. Era hora de dar atenção a quem havia me dado a vida. Era hora de cuidar dos maiores responsáveis pela minha história. A viagem de volta para casa, então, bateu em minha porta. As malas arrumei e para o passado voltei. Reencontrar a minha família fez-me voltar à minha infância. Mas esse estado de magia logo foi interrompido por uma nuvem negra que se aproximou, levando consigo meus exemplos de vida para o azul do céu. Minha alegria naquele momento fora cortada junto ao meu ipê, que também de mim se despediu.

Tudo isso contribuiu para que eu enxergasse que uma mudança precisava acontecer. Minha casa havia envelhecido e suas cores já não me alegravam mais. A decisão de mudar então me conquistou. No-

vas cores naquelas paredes fizeram eu me reencontrar. Agora aquela não era mais a casa de meus pais. Agora era a minha casa.

Até hoje reconheço nesse lugar o meu lugar. Embora tenham acontecido muitas mudanças, ainda me pego lembrando das histórias ao redor do fogão, do cheirinho de terra molhada, das brincadeiras com meus irmãos, da minha mãe cozinhando com amor, do colo de meu pai.

Foram muitas as cores que coloriram minha vida. Cada uma representa um momento especial e único. Elas estão presentes em meu dia a dia, trazendo com elas as lembranças de tudo o que nesse lugar eu já vivi. Fazendo da pequena Nova Milano o meu grande porto seguro!

*

Texto baseado na entrevista realizada com Rosa Lucia Radaelli Zanonato, de 63 anos

Professora Veridiana Brustolin Balestrin Corrêa
EMEF Santa Cruz, Farroupilha-RS

O PEQUI NOSSO DE CADA DIA

Luiz Eduardo Pereira da Silva

Hoje pela manhã, ao contemplar o horizonte da janela de minha humilde residência, a nostalgia invadiu meus pensamentos. Senti saudade do que vivi na infância e agora só carrego as lembranças aquecidas em meu peito.

Nasci e cresci nessa pequena cidade, numa época em que não existiam essas modernidades como água encanada e energia elétrica. Televisão, nem em sonho! As casas eram simples com paredes de “inchimento” e cobertas de taipa (palmeira típica que deu nome ao lugar).

Bebíamos água do pote, mesmo assim éramos felizes com a simplicidade e o calor humano daquele tempo.

Passsei memoráveis momentos aqui nesse pedacinho de chão, porém, há uma passagem da minha vida que trago viva na memória e só esquecerei quando for para o meu leito derradeiro. Lembro-me bem que era uma fresca tarde do mês de outubro, havia acabado de cessar os últimos pingos da chuva que caíra bem forte naquele dia. Mamãe estava na cozinha preparando o tradicional bolinho de chuva salpicado de

canela em pó para saborearmos com um café quentinho cujo nostálgico sabor ainda trago na memória até hoje. Nós estávamos na sala quando ouvimos a voz dela:

— “Passou a chuva, meninada, é hora de catar pequi no cerrado”.

Aquele chamado nos deixou ansiosos e mal podíamos esperar o momento de embrenhar no cerrado e molhar as canelas com as gotas do orvalho que ficavam sobre o capim verde da estrada logo após a chuva.

Naquela época do ano, era tempo de pequi, e as famílias iam em busca dele, pois era responsável por deixar os pratos mais saborosos. Seu óleo era extraído e servia de “meizinha” (unguento para diversas moléstias, como bronquites e queimaduras). Exalava um cheiro tão forte que invadia as ruas da pequena cidade, e quando alguém se aproximava, já sabia que ali, mais tarde, sairia uma saborosa galinhada com pequi, o “manjar dos deuses” da cozinha de nossa região. “Hum! Aquele cheiro era de dar água na boca”. “Ah! O nosso pequi de cada dia! Amarelo como ouro! Car-

nudo e saboroso. A nossa riqueza! Como sinto saudades daquele tempo!”

A busca por ele era uma farrá só, não tinha tempo ruim. Mamãe ia à frente, e nós a seguíamos com baldes, sacos e bacias na esperança de voltarmos para casa com todos os vasilhames cheios. No caminho, nós, as crianças, íamos pulando, cantando e tagarelado naquela inocência, como se a nossa única felicidade se resumisse em colher pequi no cerrado.

Contemplávamos a beleza da paisagem e os animais silvestres que, de vez em quando, atravessavam nossa frente. Mamãe, vendo a nossa euforia, dizia:

— Meninos, olhem para o chão, cuidado com as cobras!

Andávamos alguns quilômetros e já avistávamos os pés carregados de frutos e, ao chegarmos debaixo, o chão estava forrado deles. Começávamos a catar e ali mesmo descascávamos para poder aproveitar o máximo de caroços. O cheiro que vinha deles nos fazia não resistir e prová-los ainda crus. Ficávamos com os dentes amarelos, o hálito bem forte e aquele “ranço” na boca que, ao conversarmos de perto com alguém, já se podia sentir o aroma marcante do pequi.

Ao enchermos as vasilhas, voltávamos para casa satisfeitos com aquele ou-

ro que acabávamos de garimpar. Sabíamos que nos próximos dias seria pequi no feijão, farofa de pequi, pequi no arroz... Mas de uma coisa tínhamos certeza: jamais iríamos “repunar”.

Com a chegada da tecnologia, tudo ficou mais fácil por aqui. Porém, algo vem me deixando triste. Percebo que a cada ano o pequi vem diminuindo. Apesar da proteção determinada por lei, o pequizeiro está sendo ameaçado. Tantas derrubadas, queimadas. A exploração está sendo responsável pela sua extinção. Hoje ele é comercializado, acabou a fartura daqueles idos. Eu, já cansada, não posso mais ir catá-lo no pé, e quando quero saborear algum carço tenho que esperar o vendedor passar na minha porta: “Olha o pequi, dona Maria!”.

Só me restaram lembranças daquele tempo e é com pesar que lamento a extinção do nosso pequi de cada dia.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Amália da Silva, de 76 anos

Professora Rosana Ribeiro dos Santos
EE Joaquim Francisco de Azevedo, Taipas do Tocantins-TO

TEMPOS IDOS DE AMOR E ALEGRIA

Kaylane Vieira Pacheco

A primeira lembrança que me vem à mente é a estrada, que ia longa, comprida a perder de vista. A região em que ficava a fazenda onde a gente vivia no interior campista era quente, o sol tinia o dia inteiro e castigava o pasto e as plantações. E a longa estrada, de terra batida, era uma poeirada só.

A gente se levantava cedo e ia para o curral iniciar a ordenha. Meu avô conhecia todas as vacas pelos nomes e meu trabalho era levar o bezerro até sua mãe para mamar um pouquinho. “Isso ajuda a soltar o leite”, ele ensinava.

Minha mãe, junto com as outras moças da fazenda, fazia o queijo, o melaço e a rapadura, que eu comia escondido debaixo dos pés de goiaba junto com a molecada. Mas o que eu gostava mesmo era quando chegava a noite. A gente fazia uma imensa fogueira para espantar mosquito, e assava batatas-doces no braseiro e comia até não poder mais, enquanto meu avô contava suas histórias. Eram histórias de tempos vividos no casarão da fazenda, em que o trabalho escravo ainda era a mão de obra no canavial. “Tempo triste”, dizia ele, “de sofrimento e dor”.



Até hoje eu guardo o cheiro da lenha queimando. E guardo também o cheiro da terra molhada, quando a chuva resolvia nos abençoar.

Na época das chuvas, eram formadas grandes poças de água na estrada, e nosso divertimento no caminho de ida para o grupo escolar – assim se chamava a escola naquela época – era pisar e repisar naqueles bolsões que se formavam no estradão. Tudo era motivo de brincadeira e alegria.

Nosso sono era embalado pelo coaxar dos sapos e pelo bater dos bilros de madeira na feitura da renda a que minha mãe e minha avó teciam com paciência e amor à luz bruxuleante da lamparina.

Mas isso já faz tempo. O progresso trouxe conforto, mas muita beleza e encanto se perdeu. Tudo foi pavimentado. Até o estradão. Não se chamam mais as vacas pelos nomes e nem a gente vê mais o carinho da mãe com a novilha. É tudo mecanizado. Até a gente ficou meio mecanizado. Agora as histórias são contadas na televisão. É bom, mas é frio, sem o aconchego do olhar, sem “magia”.

Hoje, já casado, com meus filhos, tento reviver com eles minha época de infância na fazenda. Conto as histórias em volta da fogueira nas noites de inverno (nem sei se sou eu, ou o que ficou de meu avô em mim) e mostro as longas palmeiras que foram plantadas em frente à sede pelo bisavô deles e que resistem ao tempo. São tempos idos, mas que estão vivos e preservados em minha memória e que perpetuo através das novas gerações.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Vicente Madureira Campos, de 78 anos*

Professora Rosiara Campos Knupp
CM Dermeval Barbosa Moreira, Nova Friburgo-RJ

UM PASSADO DESENTERRADO

Emilly Tammy de Lima Galvão

Tudo que começa finda. Assim serei, assim seremos. Antes desse fim é preciso que alguém resgate as nossas lembranças e dê asas de papel.

“Meu Santo” ou “Meu Santinho”, é assim que o Sr. Clóvis é conhecido na cidade de Santo Antônio, Região do Agreste Potiguar. Facilmente consegue arrancar boas gargalhadas de quem se prende à sua forma engraçada de contar histórias. Foi numa roda de conversa que ele enfatizou a seguinte recordação:

— Desenterro o tempo em que eu trabalhei de coveiro no cemitério São Judas Tadeu nessa cidade. Naquele tempo, quando morria alguém pobre por aqui, as pessoas improvisavam o caixão com cortes de pau, apoiados em uma rede de dormir e depois transformados em uma espécie de andor, causando sofrimento físico aos que conduziam. Assim, saíam pela rua grande – enladeirada – onde a nossa visão alcançava as catacumbas, que pareciam umas capelinhas. A gente contemplava ao longe aquela paisagem verdejante que nos trazia um leve aroma de flores do campo e

uma sensação de paz. Hoje, vemos construções, casas, edifícios, torres de ferro estendidas por toda parte e muito barulho vindo dos automóveis e das publicidades. Com o surgimento da tecnologia, os caixões oferecem praticidade e os cortejos são formalizados pelas funerárias.

O que mais vem à minha lembrança é o vaivém das pessoas quando iam depositar flores e rezar por seus familiares e amigos no Dia de Finados. Nessa data, os nossos hábitos eram moderados, sem euforia e ruídos musicais. Eu achava aquele momento muito harmonioso porque os moradores daqui se reencontravam com os seus parentes distantes. Havia facilidade para identificar um parentesco porque as ruas eram poucas e tinham apelidos: Rua do Motor, Rua Grande, Rua do Cacimbão, Rua da Lama, Rua da Quixaba, entre outras. Atualmente, essas ruas estão com nomes oficializados. Mas há ainda quem as chame pelas antigas denominações. Recordo-me do portão de entrada do cemitério sendo alojado por vendedores de velas que dividiam o espaço com dois poli-

ciais. Do lado de fora, as bancas de flores e grinaldas exalavam agradáveis aromas, mas não atraíam mais do que o cheiro da sopa de Dona Cecília, preparada com mocotó de boi e ervas da terra. Essa... Hum! Só faltava levantar defunto!

As famílias se concentravam diante dos túmulos, e as crianças se distraíam enquanto acendiam as velas. Outros pouco se importavam com a fumaça e permaneciam um tempinho a mais para ouvir as histórias de assombração que eu contava. A mais pedida? Ah! Lembro-me da história da “menina enterrada viva”. Eu caprichava na interpretação ao subir em um dos túmulos e fazia do palco um cenário real.

Era comum a curiosidade dos jovens para ler, ver fotos e admirar as lápides das famílias tradicionais. Em meio a tantos questionamentos, lá estavam eles, de olhinhos espantados, às vezes interrompidos pelos chamados dos pais que já estavam de saída.

Nessas andanças de tempos atrás, miro bem no espelho de minhas memórias e reflito que o respeito pelos mortos era muito

mais simbólico do que hoje. A evolução do tempo mudou as atitudes das pessoas, mas só não deve morrer essa antiga tradição.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Clóvis Alves Diniz, de 78 anos



Professora Mércia Fontoura
EM Dr. Helio Barbosa de Oliveira,
Santo Antônio-RN

PARALELO 11: DO COCAR VERMELHO AO PÉ DE JATOBÁ

Karoline Vitória de Souza

Reunidos, sentados sobre a terra, eu e meus sete irmãos ouvíamos as histórias de Pangunsukup, um velho cinta-larga. Eram histórias que faziam nossos olhos brilharem, tão grande era a criatividade de meu pai. Eu era apenas uma criança e dormia sempre com a imaginação povoada das cenas ouvidas. Anemã é meu nome, que, de acordo com a minha origem, significa “o sonhador”.

O lugar era incrível. Na floresta densa e fechada, o Aripuanã servia seu povo com abundância de peixes e o refrescava nos banhos diários, além de ser o principal meio de transporte para juntar as tribos próximas. Papai um dia me contou da Festa do Porcão, que era realizada para celebrar o plantio do milho. Nossos vizinhos Suruís, Zorós e Apurinãs seguiam em canoas pelo rio, eram famílias inteiras, dos mais velhos aos bebês pendurados nos “angujap”. Havia brincadeiras para todas as idades, desde o cabo de guerra até a caçada mais ligeira do porcão. No fim do dia, era a hora de agradecer pelo plantio, mas

apenas os adultos participavam, as crianças eram levadas às malocas para dormir. Era uma festa regada a chicha.

Nessa história, meu pai dizia que já era quase dia quando os adultos começaram a seguir rumo às suas aldeias, porém, ainda sob efeito da bebida, começaram um ritual de agradecimento.

Eis então que o dia clareou e o que se via de clarão já eram labaredas nas malocas. Nesse momento, alguns índios apavorados pularam rio adentro para se salvarem, outros caíam desfalecidos em sua margem por causa da bebida e, meu pai, rodeado pelo fogo, achou que vivia uma alucinação, pois em sua direção se aproximava a mais linda índia da aldeia, sem vestes, apenas um cocar e, em seu colo, uma criança em torno de seus 2 anos de idade. Seus cabelos negros e lisos batiam até sua cintura e, a cada passo que ela dava, eram jogados para trás devido aos incessantes tiros que iam ao seu encontro. Meu pai dizia que esfregava os olhos para ter a certeza de que não se tratava de nenhuma alucinação. Viu quando a

criança caiu vagorosamente ao lado da índia, que de forma paciente soltou o pequeno e o olhou estirado sobre o chão. Foi certo o tiro. Meu pai deitou-se como se estivesse morto, com medo de ter o mesmo destino do índiozinho, e ficou atento a cada passo que a bela índia dava. Assim, de olhos arregalados, viu dois homens brancos discutindo, mas não conseguia entender a língua deles. Nesse instante, fechou os olhos de tal forma que nem as chamas conseguiriam abri-los. Dizia carregar na visão o cocar vermelho caindo e um risco no chão: era um caminho feito pela moça arrastada até um pé de jatobá. E foi ali mesmo, amarrada pelos pés em dois galhos da árvore, onde o golpe certo do facão fez negra a visão do meu pai. Apenas um golpe. Em seguida, os dois homens começaram a revirar os índios caídos e partiram.

Logo que percebeu o silêncio do lugar, meu pai levantou-se cuidadosamente e espantou-se com a quantidade de cinzas ao chão. Apenas cinzas e o cocar vermelho e, a pouca distância dele, a lâmina ensanguentada. Acima dela, o corpo da índia. Estava tudo muito confuso... A resposta veio logo em seguida, quando ao olhar novamente para o rio, dois casais de índios caminhavam em sua direção. Não se tratava de nenhuma alucinação. A chicha os salvou.

Hoje sei que essa história é conhecida como o “Massacre do Paralelo 11”, ocorrido na década de sessenta, em uma manhã de pavor. Foram os garimpeiros os invasores da aldeia, no início pelo ar, pois achavam que suas moscas grandes ao lançarem açúcares envenenados e roupas com o vírus da gripe iriam acabar com a minha gente. Não conseguiram. Invadiram pelo chão.

Acharam que acabando com nossos antepassados, tomariam conta de nossas terras e retirariam de lá todo o ouro e diamante. Pensaram eles que teriam nossas riquezas, mas nosso amigo Aripuanã nos salvou. Atualmente, meu povo mora numa reserva de nome Roosevelt, local que continua a juntar nossos vizinhos que ainda realizam celebrações para lembrar a importância daquele rio para a história do povo cinta-larga. Agora, adulto, sei que não eram histórias inventadas e a única coisa imaginária que ainda restou daquele tempo é a linha que corta o lugar onde eu nasci.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Anemã Irun Cinta-Larga, de 50 anos

Professor Alan Francisco Gonçalves Souza
EEEF Jerris Adriani Turatti, Espigão do Oeste-RO

DAS TELAS À VIDA REAL

Vitória Lima Gonçalves

Cine Regente, aqui começa uma linda história de vida. Nascido e criado em uma cidade pequena, infelizmente, sem emprego, pus-me a indagar o que faria de minha vida. Arrisquei-me, assim como tantas outras pessoas o fazem, e me mudei para uma cidade promissora, Rio Verde, no interior de Goiás. O tempo me mostrou que não poderia ter feito escolha mais certa, marcada por momentos inesquecíveis.

Mal podia imaginar que seria o pontapé para o meu futuro. Casei, deixei a cidade pequena e parti. Por aqui, o progresso engatinhava e, com orgulho, dele participei. Foram três décadas de uma jornada intensa e memorável.

Ao chegar, já pude sentir o encantamento da cidade, deparei-me com gente acolhedora e de braços abertos. Batendo de porta em porta, em busca de emprego, conheci o Marcelo Regente, proprietário do único cinema da cidade, o lendário Cine Regente. Reafirmando a receptividade dos rioverdenses, Marcelo me confiou a bilheteria. Minha jornada de trabalho era longa, devido às responsabilidades ineren-

tes à função e por não possuir transporte, estendia-me até altas horas no cinema.

O tempo foi passando e, graças à minha facilidade de comunicação e comprometimento, meu chefe me convidou para ser operador de reprodução, um dos cargos mais importantes do cinema. A oportunidade surgiu em virtude do desligamento de um colega meu, pois erros não eram permitidos, totalmente inaceitáveis durante a reprodução dos filmes.

Os telespectadores sentados nas cadeiras de madeira, disputando o encosto com o vizinho, jamais poderiam perceber minha presença ali. Eu era invisível.

Era tudo muito rápido durante a projeção do filme, cada reprodução cinematográfica comportava cinco a seis rolos de filme, que separava cuidadosamente. Dois projetores se revezavam; quando um rolo terminava, o outro projetor entrava em ação, até que eu trocava o outro rolo e o deixava pronto para ser projetado, e assim se passaram dois anos, até que me tornei gerente.

O amor que construí pelo que fazia transbordou e chegou à minha casa. O meu

fascínio pelo cinema contagiou meus filhos e minha esposa. O primogênito se tornou operador de reprodução, o caçula ocupou minha primeira função no cinema e minha esposa mantinha o espaço limpo e organizado.

Um dia, sugeri ao Marcelo que cada noite poderia ser temática, revezando-se entre terror, romance, só para adultos, comédia, ação, infantil e ficção científica. Para que o cine atraísse público constante, fizemos panfletos e distribuímos para toda a cidade. Daquele dia em diante, nem as imaginações mais desvairadas conseguiriam descrever o que vivi naquelas noites temáticas. Presenciei encontros vedados que ali se tornavam factíveis sob a luz do projetor, olhares que ultrapassavam as telas e percorriam a conjectura da liberdade momentânea numa época abarrotada de repressão.

Lembro-me de que era uma terça-feira: ao chegar em meu trabalho para mais uma noite de labor, no local onde ouvia cumprimentos fervorosos, algo deu lugar a um silêncio, olhos e bocas emudecidos, e a expressão era de desgosto. Nossos clientes estavam em busca de inovação, nosso cine já não era tão atrativo como um aparelho de última geração chamado DVD. A reprodução era límpida e o cinema tinha chegado ao conforto dos lares.

Como toda inovação tem seu período de renovação e, se não houver, seus dias estão contados, os DVDs caíram em decadência. O cinema voltou a ser a procura da garotada, as salas agora modernas trazem filmes em 3D. Vejo meus netos ansiosos pelos lançamentos para poderem assistir. Mal sabem o que era de fato a balbúrdia daquela época e o que fazíamos para ir ao cinema: pulada de janela, dormida na casa da amiga, trabalhos escolares.

Todas as noites o que me resta é deitar em meu leito, que me espera angustiado por mais uma noite de fantasia temática. Retorno ao Cine Regente e projeto um filme diferente, junto a uma plateia irrequieta pelo devaneio proporcionado, olho as pessoas e vejo as expressões ora de pavor, ora de júbilo. Em sonho, continuo empregado e revivendo o passado, atividade noturna que me mantém vivo por dentro.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Guimardel Lopes Gonçalves, de 52 anos*

Professora Viviane dos Santos Silva
EE Cunha Bastos, Rio Verde-GO

MEU BOM DEUS, TU ME ABANDONASTE?

Isadora Herschaft Cardoso

Toda vez que alguém bate na minha porta, lembro-me daquela gélida noite em que perdi meu chão, meu norte e a outra metade de mim. Sou de descendência alemã e, junto com meus pais, instalei-me na antiga Porto Novo com meus pais no ano de 1928. Contava com apenas 6 anos de idade. Lembro-me de quando chegamos aqui nessa terra desvirginada por corajosos loucos que se aventuraram em meio ao mato e aqui vieram semear o seu futuro. Foi aqui que empobrecemos.

Meu pai, músico, e minha mãe, parteira, não tinham noção alguma de agricultura, mas mamãe sempre dizia para confiarmos no Senhor que tudo ficava mais leve. Nesse rincão, as dificuldades só aumentavam, e tive quase a certeza de que até Deus tinha nos abandonado à própria sorte.

Nesse pedaço de chão não tinha nada. As estradas foram abertas por moradores com suas enxadas, foices e picaretas. Muitas vezes matutei, em minha cabeça, se elas, talvez, não seriam um caminho mais curto para o céu. Ao céu não sa-

bia, mas às sagradas missas de domingo, em alemão, nos levavam com certeza. Para não enlouquecer, tínhamos que ter fé. O sofrimento, esse maldito, nunca se afastou de mim. Depois de algum tempo nessa terra, minha vida clareou, assim como o dia com a chegada do sol. Ela e minha história foram presenteadas com um coração apaixonado de um rapaz, Aloysio, que se tornou meu marido e, junto de mim, escreveu uma nova história. Era um sinal claro de que Deus não tinha se esquecido de mim, essa pobre jovem. Quando pensei que eu seria, finalmente, feliz, o sofrimento voltou a nos rondar. Como éramos colonos alemães, tornamo-nos alvos de uma perseguição muito perversa por parte do governo nacional que se aliou contra o nazismo. Vivíamos muito longe e nem sabíamos sobre o que conflitavam, contudo, fomos caçados, aqui, na colônia Porto Novo, como as bruxas na época da Inquisição. Proibiram até de nos comunicarmos em nossa língua, o alemão.

Nossas celebrações de domingo passaram a ser vigiadas e o silêncio tornou-se absoluto, pois não sabíamos falar o português e o nosso idioma estava proibido.

Foi essa caça aos alemães que bateu em nossa porta naquela noite de inverno. Bateu forte, três vezes. Olhamo-nos, nos-

sos olhos conversaram. Lembro-me que estava na cozinha com a cuia de chimarrão na mão. Meu esposo, Aloysio, se dirigiu à porta e, lá de dentro, apenas ouvi pronunciarem seu nome. Estremeci. Chamei, bem baixinho, por Deus: “*Mein Gott, beschütze uns*” (“Meu Deus, nos proteja”). Avistava a porta e com as mãos já livres e entrelaçadas em oração, rezava em pensamento, pois, ali, eles não podiam me ouvir, enquanto desejava que a porta se fechasse e meu esposo estivesse de volta, junto de mim. Aloysio, no entanto, não voltou.

Arrancaram a minha outra metade de mim. Enquanto rezava, suplicava ao meu bom Deus que não deixasse nada de mal acontecer ao meu Aloysio. O que fariam? Para onde o levaram? Por quê? Malditos! Militares malditos!

A noite custou a passar. A tortura não me deu trégua. Meu coração sangrou. Mergulhada na tristeza, minha alma se afogava no infinito sofrimento que, como a justiça, que tarda mas não falha, ele tardou e não falhou. Voltava a me golpear. “*Mein lieber Gott, wo bist du?*” (“Meu querido Deus, onde você está?”). Meu corpo, sem forças e quase sem vida, parecia uma vela em sua última dança antes da chama se apagar. Meu espírito se abraçou com meus pensamentos e tomaram o rumo “da-

quelas” estradas para o céu. Talvez seria a maneira mais rápida de me encontrar com a outra parte de mim.

Sentada à mesa, com a cabeça sobre meus braços, meu corpo foi mais forte que meus pensamentos e me fez desligar. Adormeci e assim fiquei por um longo tempo, até que senti uma mão quentinha e pesada que repousou sobre minha cabeça e uma doce voz que chamou meu nome: “Catharina”. Jurava que havia chegado ao céu, mas estava, felizmente, enganada. Era minha outra metade, Aloysio, que voltou para junto de mim. Levantei aos trancos, coração a mil e olhos aos prantos a ponto de soluçar, abracei-o, ao mesmo tempo em que repetia “*Mein guter Gott, du hast mich nicht verlassen*” (“Meu bom Deus, você não me abandonou”). Hoje, tenho 97 anos e Ele ainda continua comigo.

*

Texto baseado na entrevista realizada com
Catharina Regina Thiel, de 97 anos

Professor Jaime André Klein
EMI Bela Vista, Itapiranga-SC

FILHO DA FERROVIA

Amanda Xavier da Silva

Subo os degraus da estação ferroviária e passo os dedos pela textura das grades enferrujadas que tempos atrás não estavam ali. Assim, começo a recordar-me da época em que trabalhava ali e também da minha infância... É exatamente nessa hora que as memórias teimam em apitar em meu coração, sento-me em um banquinho azul para poder lembrar de tudo que essa linha de ferro representa pra mim.

Nasci no ano de 1954, na cidade de Pires do Rio, onde a movimentação só não era tão forte quanto a luta de meus pais para manter a mim e meus irmãos. Sendo neto e filho de ferroviários, meu destino já estava selado, o que só saberia mais tarde.

No tempo da mocidade comecei a trabalhar na linha ferroviária de Brasília como furador de dormentes. Aos 22 anos fui transferido para o Distrito de Caraíba, e foi lá que, depois de tantos testes feitos, mais tarde iniciei meu cargo como chefe de estação. Na verdade, meu sonho inicial de ser maquinista não foi alcançado, mas minha função deixou rastros inestimáveis na memória.

Tenho lembranças de que durante minha transferência houve marcas não só em meu coração, mas também nas minhas roupas, pelo fato de eu ter andado na segunda classe, nada confortável, da Maria Fumaça que me chamuscou de fuligem. As faíscas emitidas juntamente com a fumaça daquela locomotiva me atingiram e chegaram ao meu coração, aquecendo e enchendo de esperança minha viagem pelos trilhos da vida.

Rememoro também, claramente, que quando cheguei ao povoado me espantei. Na época, não havia energia elétrica, a estrada era de chão batido, de carro de bois. O lugar era repleto de árvores nativas do Cerrado, belos exemplares de pequizeiros, gabirobeiras... Mas a que predominava e roubava a cena era a atrevida caraíba, com suas flores incandescentes. Exceção por isso, não achei o local bonito, mas o povo era! “Afim, é o povo quem faz a cidade, não é?” Lembro-me da época em que a “Senhora de Ferro” reinava, a estação era um ponto turístico. As pessoas iam para lá não só para conversar, como também

para enviar recados via telégrafo, comprar alguns dos produtos que as crianças vendiam e, finalmente, viajar.

Por conta de viver por anos essas cenas, ao sentir hoje o aroma dos pequis e araticuns, me vem à memória meus dias de labuta. Além disso, eu vendia passagens que proporcionavam avanço ao país de forma tão simples. Penso que todas essas pessoas, e até mesmo os funcionários, como eu, não tinham noção de que, ao comprar um simples bilhete para trilhar em meio ao cerrado na Estrada de Ferro Goyaz, estariam movimentando um país inteiro.

Recordo-me de que, na maioria das vezes em que eu ia entregar algum recado enviado da capital, ele era de morte. Quando chegava nas casas das pessoas elas logo perguntavam quem havia morrido, e o pior é que sempre era esse o recado.

Desses tempos, tenho também uma lembrança triste, de uma vez em que não pude parar uma composição por carregar passageiros leprosos rumo a uma colônia. Aqueles viajantes só respiravam pelas aberturas nos tetos dos vagões. Ouvi gritos de dor e agonia que mancharam a história da minha estrada de ferro.

Aos meus 42 anos de idade, a Rede Federal Ferroviária foi privatizada e tudo mu-

dou. Gostava de ver as pessoas, conversar, fazer amizades durante o embarque e desembarque... Disso não poderia mais desfrutar, o que tornou meus dias, outrora tão coloridos e barulhentos, totalmente sem graça e em preto e branco, como as fotos enegrecidas e silenciadas pelo tempo.

Ouçõ a buzina que anuncia a chegada do trem de carga e a realidade me arranca com todas as suas forças de minhas lembranças. Levanto-me daquele banquinho azul e observo o abandono no qual a estação se encontra, vejo aquelas cores que encheram minha vida de alegria. Pego-me agora melancólico pelo estado de esquecimento em que foi deixado aquele lugar que antes era o protagonista da história desse povo. Mas podem ter certeza: enquanto essas memórias habitarem em mim, elas estarão vivas, pois “irmão, eu tenho a ferrovia em meu sangue!”.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Mauro Garcia Coutinho, de 65 anos*

**Professora Mirelly Franciny Melo
Tavares de Oliveira**

EM Antonio De Souza Lobo Sobrinho,
Vianópolis-GO

NO RITMO DA MEMÓRIA

Gabriel Henrique de Freitas



Era um sábado de 1988, no Meio-Oeste catarinense. Todos da minha família já estavam de banho tomado, cabelo com brilhantina, roupa engomada, tudo “nos trinquês”: dia de baile.

A família empurrava-se e espremia-se feito sardinha dentro do fusca 74, azul-celeste, de faróis dianteiros redondos, que podia chegar à extraordinária velocidade de 80 km por hora, o que era muita potência para aquela época, e por isso era o xodó de meu marido, João.

Chegávamos ao baile e lá já encontrávamos as comadres, os compadres, suas crianças, nossos vizinhos e quase todos da comunidade. Era uma alegria vê-los reunidos e bem trajados para o baile da Linha Caçador, comunidade do interior de minha cidade, Treze Tílias.

Cada um se ajeitava em uma das muitas mesas espalhadas ao redor do salão. Havia poucas cadeiras para acomodar a mim, meu marido e nossos quatro filhos, além dos amigos e parentes que logo iriam juntar-se a nós.

A noite ia animada, e enquanto a banda tocava suas melhores marchinhas, os casais

se acotovelavam e se desculpavam com um menear de cabeça e um sorriso amarelo. Já as crianças saboreavam e se empanturravam com as cucas, linguças, pastéis e Laranjinha, que era um refrigerante muito conhecido naquela época, tudo vendido na copa, ao fundo do salão. Os rapazotes solteiros ficavam ao redor da pista de dança trocando acanhados olhares com as moças solteiras que os retribuía, algumas de maneira recatada, outras nem tanto.

Não muito tempo depois, a banda e toda a comunidade cantava a uma só voz e a plenos pulmões “*Zigge Zagge, Hoi, Hoi, Hoi*”, música folclórica dos imigrantes alemães. Como Rubia já havia adormecido, eu a colocava dentro do moisés de vime, embalava no ritmo da música e a empurrava para debaixo da mesa. Entre sorrisos eu trocava furtivos olhares com João, que entendia a mensagem. Hora de dançarmos.

O calor da multidão gerava uma euforia coletiva, o coração palpitava no ritmo da dança. De quando em quando olhávamos para nossa mesa. Ao correr os olhos nos arredores da pista de dança, assim co-

mo minha pequena, outras crianças também eram ninadas nos braços de Morfeu.

Ninguém se preocupava, todos eram conhecidos e uns olhavam os filhos dos outros. As crianças também não se importavam, parecia até que estavam no mais absoluto silêncio e calma. Era como se a própria música criasse uma redoma de proteção invisível, criada a partir dos risos e gracejos que voavam feito colibris pelo salão.

Esses bailes de comunidade do interior eram os mais divertidos. No entanto, quando a madrugada já ia alta, os pequenos ainda dormiam em seus berços – muitas vezes improvisados –, os maiorzinhos cochilavam debruçados sobre as mesas e vários novos casais já haviam se formado. Alguns dos solteiros que ficaram para segurar vela naquela noite, por vezes, achavam-se injustiçados quando o amigo ficava de galanteios com a moça de seus olhos. Aí, era aquela confusão, também pudera: madrugada, sono, bebida e rejeição, o resultado só poderia ser um: briga de bêbados. Mas nada sério, no dia seguinte todos já seriam amigos novamente.

Já era hora de voltarmos para nossos lares. As crianças deviam ser acordadas. Os maiores eram sacudidos até despertarem para pelo menos caminharem camba-

leando até o fusca que nos aguardava estacionado ao lado do clube. Os menores eram recolhidos e cobertos com um cueiro para protegê-los do sereno. Minha pequena ficava alheia a tudo o que se passava ao seu redor. Morfeu caprichara no embalo.

Dizem que nossa mente, em autopreservação, também capricha na seleção de nossas lembranças tornando as dores mais amenas e as recordações felizes mais vivas. Não sei se isso se aplica a esses momentos ou se meus cabelos cor-de-neve estão a pregar-me uma peça, mas com certeza se eu tivesse o poder de voltar àquela época dos bailes do interior, ainda rodaria os quatro cantos do salão, sentindo a essência da verdadeira felicidade. Por ora, tudo o que posso fazer é “valsear” no ritmo de minhas memórias.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Ivanira Dacal de Freitas, de 74 anos

Professora Andreia Lemes Donatti
EM Irmã Filomena Rabelo, Treze Tílias-SC

LEMBRANÇAS DE UM AMOR PERDIDO

Gabriel Araújo da Silva

De repente, o rádio começou a tocar uma moda de viola antiga e me perdi nas lembranças de quando ainda estava na flor da idade. A melodia me fez perceber como os anos passaram depressa e como aquele tempo era difícil!

A labuta começava cedo, com o som do galo cantando. O sol ainda não havia surgido no horizonte e já estávamos a caminho do poço da comunidade, onde buscávamos água para suprir nossas necessidades do dia a dia. Ainda sinto o peso dos baldes cheios e ouço minha mãe gritando: “Rápido, menina, deixe de moleza! Desse jeito não conseguimos encher nossos reservatórios!” E lá ia eu, com o balde na cabeça e a esperança no coração de que um dia tudo iria melhorar.

No entanto, quando a vida começou a entrar nos eixos, o sertão nos surpreendeu com uma seca que nunca tínhamos visto antes. Passamos por muito sufoco, já éramos pobres, e ainda essa seca para acabar com nossa plantação. Até nossa fonte havia secado! Para aliviar nossa escassez de água, a prefeitura enviava carros-pipa,

mas nem sempre eram suficientes para a semana toda. Tínhamos que economizar em tudo, até para nos banhar a água era pouca, então, tinha que ser o famoso “banho de gato”.

Oh, época sofrida! Mas, graças a Deus, conseguimos sobreviver. Dias, meses, anos se passaram e a vida continuou do mesmo jeito. A semana passava num piscar de olhos. Isso me deixava feliz, já que o dia mais esperado por mim era o sábado. O dia era tão especial que já começava com o cheiro do mungunzá pairando no ar e nos avisando que era hora de irmos à estação de trem. A maria-fumaça, já apitando, nos levava para a feirinha onde nossa barraquinha nos esperava para receber as guloseimas feitas por mamãe.

Era uma festa! Artistas locais, querendo ganhar fama, embalavam os fortuitos namoricos da época. O flerte acontecia apenas com troca de olhares, já que nossos pais estavam sempre de olhos atentos, vigiando nossos passos. Meu pai, por exemplo, com sua expressão de poucos amigos, conseguia afugentar qualquer pretenden-

te que se interessasse por mim. Até o filho de seu Messias, rapaz estudado na cidade grande, por quem me apaixonei e me perdia em seus lindos olhos azuis, não teve coragem enfrentar o tão temido seu Antônio.

Meu coração palpitava sempre que o via, parecia que meu peito ia explodir! Minhas pernas tremiam quando ele passava perto de nossa barraquinha, com a desculpa de querer comprar algumas das delícias ali expostas. Eu olhava, mas logo abaixava a cabeça para que meu pai não percebesse o amor que transbordava em meu peito.

Sofri muito quando soube que ele se casou com a filha de um fazendeiro da região. Com o coração em pedaços, segui minha vida sozinha, não acreditando mais que o amor fosse possível para mim. Mesmo hoje, quando me lembro, sinto meus olhos umedecidos de tristeza.

Anos se passaram e continuei sozinha, vivendo a mesma vidinha de sempre. Toda minha família se foi, meus pais foram morrer com Deus, meus irmãos se casaram e agora, com meus 79 anos, olhando para as paredes vazias de um quarto, no asilo da

nossa cidade, começo a relembrar a visita que tivemos hoje pela manhã: eram jovens estudantes que vieram ansiosos por nossas histórias de vida, que se misturavam com as de nossa cidade. Eles cantaram e conversaram bastante com a gente, e assim, fizeram com que nossas lembranças, tão bem guardadas no fundo de um baú esquecido no passado, fossem revividas em um novo tempo, trazendo com elas aquele gostinho de saudade que faz meu coração apertar.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Leogeivilda Rosa dos Santos, de 79 anos*



Professora Izabel Leite Aguiar Almeida
EM Professora Clarice Morais Dos Santos,
Brumado-BA

RIO AFORA, RIO ADENTRO... A VIDA SEGUE

Victor Augusto de Alencar Menezes

A vida é como um rio, um fluxo constante que, às vezes, não consegue parar.

Em alguns momentos da vida, o rio é largo e profundo; em outros, é estreito e raso. O importante é saber navegar: aproveitar os momentos felizes e lidar com os tristes.

Como disse, o rio não para. E seguindo o fluxo do rio da minha vida, agora estou de mudança (minha neta me ajuda com as caixas). Ao pegar uma velha sacola empoeirada, deparo-me com uma foto da minha infância, e isso me faz lembrar um passado feliz, em que a vida se resumia a tão somente brincar.

Na década de 1950, o interior da Amazônia era diferente: palafitas bem simples (casas de madeira construídas sobre estacas) e brincadeiras nos igarapés (riachos que nascem na mata e desaguam no rio), o que é difícil de ser encontrado hoje, até nas áreas ribeirinhas. Minha casa era pequena, coberta com uma lona e mais parecia um barracão. Não havia divisão entre os cômodos: meu quarto era na cozinha e ao mesmo tempo na sala. Ali perto,

havia um rio de onde tirávamos o alimento e, também, que servia para nossa diversão. Ao redor, açaizeiros, sumaúmas e macarandubas, árvores típicas da Amazônia.

Às vezes, eu saía com meu pai para caçar, pois tinha medo de ele ir e não voltar, o que acontecia com muitos caçadores. Enquanto isso, minha mãe plantava hortaliças para nosso consumo, o que não era garantia de comida na mesa, principalmente quando meu pai nada trazia da floresta. Mesmo com o problema da fome, e da preocupação com meus pais, o rio da minha vida seguia calmo, até surgir uma forte correnteza que, aos 11 anos, me levou para longe.

Foi a primeira vez que conheci uma capital: ruas movimentadas, automóveis, casas grandes. Onde fui morar, havia até uma escada, e os cômodos eram muito bem divididos. Também foi quando o rio se estreitou até quase secar, pois não aconteceu o que eu esperava: a dona da casa – que disse à minha mãe que me acolheria para eu estudar – obrigou-me a cuidar de uma criança e realizar todas as tarefas domésticas. O so-

frimento fez as águas do rio ficarem represadas. Fiquei muito tempo naquela situação, impedida de conviver com o mundo.

Mas havia a esperança... E era o que me restava. Um dia, indo comprar pão, por sorte, encontrei uma colega de infância, a menina que retirou as pedras do meu rio, fazendo a água fluir novamente. Ela me falou da família de um policial que queria contratar alguém para ajudar na casa deles. Decidi aceitar o novo emprego e passei a ter uma vida mais agradável.

Pude, então, ir ao cinema pela primeira vez... Ainda lembro os detalhes, a expectativa, a melhor roupa... Naquela época, ir ao cinema era um verdadeiro evento social: sessões sempre lotadas, filmes em preto e branco e, depois, a pipoca na praça.

Contudo, há períodos de sol e chuva tão peculiares da Região Amazônica... Percebi que não podia nadar contra a maré, ainda que não houvesse decidido em qual porto ficaria, então resolvi acompanhar essa família quando se mudou para Belém, a cidade das mangueiras. Fomos morar em uma vila de casas, ambiente muito comum naquele tempo, normalmente formada por núcleos familiares. Para mim, foi um local novo, com pessoas, inicialmente, estranhas, mas que depois passaram a representar decepções e alegrias que eu nunca mais esqueceria.

Essa fase foi como o encontro do rio com o mar: fortes ventanias e águas agitadas. Ao mesmo tempo em que um rapaz disse que me amava, fez isso de tal modo que a família que me acolhera foi a mesma que me expulsou por pensar mal de mim, pois, uma vez, saímos e voltamos muito tarde. Isso era muito inapropriado para uma jovem e, naquela época, a sociedade belenense era muito conservadora e tradicional. Da mulher, era exigido “um bom comportamento”. Tivemos que nos casar e desse relacionamento vieram meus filhos, motivo de alegria e determinação para fazer o melhor por eles.

Rio que flui... Enche... Seca... O meu marido ficou em um determinado porto... Meus filhos seguiram outros afluentes... Tantos anos depois, veio o desejo de voltar para onde o rio era largo e tranquilo, o lugar da minha infância. Será que...

— Vovó, temos que ir!

— Sim, é claro. É o momento de tu saberes sobre o rio...

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Rosa Lucas Franco, de 73 anos*

Professor Paulo Reinaldo Almeida Barbosa
Colégio Militar de Belém, Belém-PA

LATA D'ÁGUA NA CABEÇA, LÁ VOU, MARIA

Evellyn Isabelle Lima Vale

A felicidade pode não significar dificuldade, mas ela sempre esteve ao meu lado. Chamo-me Maria Santos da Silva, tenho 70 anos e sou do Mato Grosso. Por lá fiquei até minha adolescência. Eu era do Seringal, no Garimpo, e migrei para o Amazonas em 1960, onde moro até hoje. Não tinha pai, nem mãe, fui criada por um homem e uma mulher que me faziam de escrava. Eu fazia tudo. Mas o que mais me entristecia era a lata d'água e a ladeira. Oh! Lata cruel! Oh! Ladeira malvada! A lata era minha companheira de todos os dias! Chegava a odiá-la e amá-la ao mesmo tempo. Era um misto de amor e ódio, porque eu não tinha ninguém para conversar, a lata era minha “amiga”.

Eu tinha que pegar água todos os dias: de manhã, à tarde e à noite porque naquela época não havia água encanada. E o pior: para pegar tal água tinha que subir uma ladeira muito difícil, inclinada, uns quatrocentos metros. Piorava quando chovia: eu caía, escorregava e a lata d'água se ia embora, assim como meus sonhos. Ti-



nha que voltar ao rio e pegar água de novo, de novo e de novo. A cada queda, a cada buraco que eu pisava, a cada dificuldade, eu levantava e enfrentava tudo mais uma vez, assim como eu enfrentava as humilhações sempre com a cabeça erguida.

Oh! Ladeira cruel! Oh! Lata pesada! Quando subia a ladeira com a lata d'água na cabeça, ia conversando com minha amiga lata. Contando meus sonhos, minhas esperanças. Queria estudar. Não podia! Era só uma menina escrava que trabalhava para ter o que comer.

Anos se passaram. Cresci e saí de lá livre. Com muito esforço vim pra Manaus. Casei e consegui comprar minha casa no bairro do Alvorada, onde moro até hoje. Tenho meu marido, filhos e irmãos ao meu lado.

Hoje, toda a tristeza e humilhação que passei viraram alegria. A lata d'água, minha companheira de infância, só existe agora nas minhas memórias. A ladeira, um lugar de angústia, sofrimento, lágrimas, e quedas, transformou-se numa rua asfaltada, cheia do vaivém dos carros.

Subo e desço “minha ladeira”, agora, feliz da vida. Realizada com a oportunidade que Deus me deu de virar mais uma página da minha vida. E lá vou eu, Maria, sem a lata d'água na cabeça.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Maria Santos da Silva, de 70 anos*

**Professora Lucia Nery da Silva
Nascimento**

EE Professora Alda Barata, Manaus-AM

DOCES MEMÓRIAS

Rayssa Damárys Fontes de Araújo

Na calçada de minha casa, sentado na cadeira de balanço, vejo um carro com um alto-falante anunciando a venda de mel: “Olhe o mel de engenho da Bahia! É o melhor doce para adoçar a sua vida! Venha conferir!...” Ouvir isso me fez voltar ao passado, à minha infância. Ah, que saudades!...

Nasci e cresci no sítio Pejuaba, município de José da Penha. Eu morava com meus pais e meus dezessete irmãos numa casa pequena, muito simples. Quase não tinha mobília, apenas o essencial. Naquela época, ainda não existia luz elétrica. O sol iluminava o dia; a noite ficava por conta do brilho da lua e das estrelas, e, dentro de casa, a gente se valia das lamparinas a gás. Na verdade, lá em casa faltava luxo, mas não faltava união entre a gente.

Como todo garoto do meu tempo, brinquei de pula-pula, balanço, de roda... Recordo bem os guisados, que fazíamos debaixo das mangueiras e das oiticicas, ouvindo o gorjeio das aves... O canto que mais me alegrava era o do bem-te-vi. Parece que estou ouvindo agora... “Bem-te-viii!... Bem-te-viii!...”. Lembro-me, também, dos banhos no

riacho, pertinho de casa. De cima dos galhos da oiticica, pulávamos nas águas... “Tibum!... Tibum!...” Era muito divertido!

Os meus pais viviam da agricultura. Meu pai trabalhava de sol a sol na roça, com meus irmãos mais velhos. A minha mãe e as minhas irmãs ficavam em casa, cuidando das tarefas do lar. No tempo da colheita, toda a família ajudava. Meu pai sempre dizia: “Vamos trabalhar para não faltar comida na nossa mesa”. E, realmente, não faltava.

As frutas e as verduras consumidas lá em casa vinham do pomar, cultivadas sem nenhum tipo de agrotóxico, bem diferente dos dias de hoje. Quando alguém de nossa família adoecia, mamãe sempre tinha à mão uma erva para fazer um chá. Ainda sinto aquele cheirinho de eucalipto que ela preparava quando eu estava com febre...

Posso dizer que vivi tempos de fartura. Eita, que fartura! Quando me vem à mente a época das moagens... Desse tempo eu trago comigo as mais doces lembranças... Tão doces quanto o mel produzido no engenho do meu pai.

Na fase de moedura da cana, lembro que cada trabalhador era chamado conforme a tarefa que exercia. Assim, havia o cortador de cana, o cambiteiro, o tombador de cana, o pé de engenho, o bagaceiro verde, o bagaceiro seco, o boca-de-fogo, o caldeireiro, o mestre de rapadura e, por fim, o caixeador de rapadura. Na prática, como resultado desse processo, obtinha-se a garapa, o mel, a rapadura e a batida. Ah, havia também o alfenim! Doce alfenim! Eu relembro, inclusive, que as comadres faziam apostas para ver quem puxava o alfenim maior. Era um lep-lep danado, jogando o doce pra lá e pra cá, nas próprias mãos, até ficar no ponto. Ria-se a valer!

No período da moagem, papai sempre servia o café da manhã, o almoço e o jantar para todo mundo. O mel era usado para adoçar o café, o leite, o suco e o bolo de milho, que nunca faltava. Já a rapadura, o alfenim e a batida eram as sobremesas mais apreciadas. Desse modo, posso dizer que o mel adoçava a minha vida, bem como a de todos aqueles que lidavam no engenho do meu pai naquela época.

Na cidade, não havia ninguém que não conhecesse o engenho do Senhor Pedro Simplício. Modéstia à parte, era o mais conhecido da região. Nesse tempo, o sítio ficava ainda mais alegre. E nos finais

de semana, a festa era sagrada. Ao som de uma radiola a pilha, as pessoas dançavam até certas horas da madrugada, em plena euforia.

Hoje, já não existe mais o bom e velho engenho do Seu Pedro Simplício, tão produtivo, tão animado, tão visitado... Aliás, no lugar onde vivo, quase não se vê mais um deles em atividade. Praticamente todos dormem entre as folhas secas e alguns resquícios do passado.

Lamentavelmente, a seca no nosso sertão tem contribuído, ao longo dos anos, para o desaparecimento da cana-de-açúcar em nossa região, levando consigo os antigos engenhos.

Atualmente, as recordações passeiam na minha mente como passeia, de rua em rua, o carro do mel de engenho... Um mel que, hoje, serve apenas para reavivar as doces memórias do meu passado.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Josival Simplício da Costa, de 57 anos

Professora Margarete Maria de Marilac Leite

EE Vicente de Fontes, José da Penha-RN

UM DIA DE MUITA FESTA

Gabriela Garcia

Ah!.. Taguaí querida!... Sentada aqui, no terraço de casa, do lado da praça, lembro-me, como se fosse hoje, do dia em que foi inaugurada a energia elétrica: 8 de fevereiro de 1958. Naquela época, o lugar era apenas um distrito da vizinha cidade de Fartura, a qual pertencia, e tinha como nome Ribeirópolis. Só no ano seguinte o então patrimônio foi elevado à condição de cidade e passou a se chamar Taguaí.

Naquela época, meu pai era prefeito de Fartura e, conseqüentemente, de Ribeirópolis, onde morávamos. O doutor João Renor, engenheiro da Companhia Luz e Força Santa Cruz prometeu trazer a energia elétrica se meu pai colocasse os postes. Então, papai organizou um mutirão com todos os homens da cidade e em um único dia eles abriram o mato, fizeram os buracos e colocaram os postes do bairro de Taquaras, de onde vinha a energia, até Taguaí.

No dia da inauguração, eu estava muito ansiosa a ponto de quase explodir de tanta felicidade. Na praça, meu pai, junto dos vereadores e dos moradores, estavam organizando uma linda festa para co-

memorar a vinda da modernidade. Eu queria ajudar com os preparativos, mas minha mãe não deixou, alegando que eu só tinha 12 anos, era apenas uma criança e não teria muito em que ajudar. Então, para passar o tempo mais depressa, fiquei dando voltas na calçada com meus irmãos.

Estava chegando a hora, a praça estava deslumbrante, meu pai chamou até a escola de samba de Piraju para abrilhantar tão grande acontecimento. De um lado da praça, onde hoje se localiza a prefeitura, mas que naquela ocasião era um espaço vazio, fizeram duas casinhas de sapê. Uma, representando as casas antes da energia: com lamparina, vela, fogão a lenha, ferro a brasa... E a outra só com eletrodomésticos: geladeira, rádio, lâmpada, ferro... Estava tudo maravilhoso. Aquilo simbolizava a diferença entre o antigo e a modernidade.

Com a proximidade da hora da inauguração da energia elétrica, mamãe vestiu-nos com nossas melhores roupas e fomos orgulhosos participar da festa. Mas o tempo parecia não passar, eu ficava andando na praça em volta do coreto e, de minuto em

minuto, olhava no relógio da torre da igreja, mas ele parecia que estava parado, talvez para registrar com detalhes a novidade.

Finalmente chegou a hora tão esperada. Quando meu pai, maior autoridade da cidade, apertou o botão... as pessoas levaram um tremendo susto. A casinha de sapê, com os eletrodomésticos, se iluminou inteira. As pessoas gritavam, aplaudiam, vibravam, era algo muito diferente, muito estranho e ao mesmo tempo sensacional. Alguns falavam que aquilo era coisa de outro mundo, outros que tudo seria mais fácil dali pra frente. Para falar a verdade, eu concordava com todos eles. A vida seria muito mais fácil, as pessoas não precisariam mais esquentar água para tomar banho, não teriam que guardar carne em latas contendo banha de porco, não iriam respirar a fumaça preta das lamparinas de querosene ou queimar suas roupas com faíscas do ferro a brasa...

As pessoas se mostravam muito felizes, mas sabiam que para ter todos esses recursos teriam que pagar pelo benefício. Mesmo assim, estavam satisfeitas. E mais satisfeitas ficamos nós, crianças, pois com

a iluminação ficávamos mais tempo na rua brincando de pique-esconde, queimada, barra-bol... Antes, tínhamos que dormir cedo. Jantávamos lá pelas 6, 7 horas e já íamos para a cama. Eu e meus quinze irmãos nos divertíamos até mais tarde, na rua, pois papai e mamãe ficavam na calçada conversando enquanto nós brincávamos.

Hoje, com 72 anos, tenho certeza de que aquele fato foi o primeiro passo para transformar completamente a vida dos moradores da pequena Taguaí. Depois daquele feito, muita coisa mudou. Enquanto eu viver, todas as vezes que me sentar aqui e olhar para a praça, me lembrarei daquele dia inesquecível.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Creuza Seckler Gobbo, de 72 anos*

Professora Rosely Eleutério de Campos
Escola João Gobbo Sobrinho, Taguaí-SP

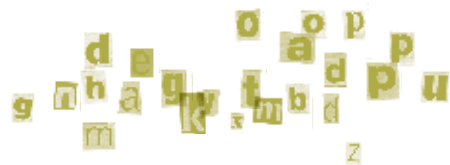
ACENDE A FOGUEIRA DO MEU CORAÇÃO

Maria Emanuely dos Santos Andrade

As lembranças de São João, na casa de minha avó materna, visitam minha cabeça. Foi um tempo de muita alegria... Sabores doces, aconchego na noite fria. Bandeirinhas feitas de jornais velhos balançavam no alpendre. Meu avô saía para cortar a madeira que usava para fazer a fogueira e, depois, a colocava bem no meio do terreiro. Ela era grande e suas chamas quentes e vivas.

Minha avó fazia o bolo de milho tirado da roça, que ficava no fundo do quintal, e assava no forno feito de barro. Ainda lembro do cheiro do cravo e da canela que entrava por entre as narinas. Queríamos até comê-lo quentinho, mas vovó sempre dizia: “Dá bucho inchado”.

Na mesa da cozinha, o jerimum e a batata-doce esperavam sua hora, eram assados nas brasas daquela imponente fogueira. Vovó guardava em sua bodega a caipirinha, bem caprichada, para oferecer aos compadres e comadres que fez durante toda sua vida. Ainda lembro que em noite de São João, de mãos dadas diante da fogueira, as pessoas se consagravam padrinhos e madrinhas.



Vovó sempre fazia a “experiência da bacia com água”; ela a colocava em frente a fogueira, e caso o reflexo do seu rosto não aparecesse, era porque morreria logo. Era uma crendice daquele tempo.

Tudo isso acontecia durante o mês de junho, inclusive eram homenageados não só São João, mas Santo Antônio, o casamenteiro, e São Pedro, o dono das chaves do céu, assim diziam os mais velhos. O santo que ganhava a maior fogueira era São João, mas isso ninguém nunca me explicou o motivo.

Era uma noite especial, porque parecia que, ali, as pessoas se aqueciam mais ao repartir seu amor umas com as outras. O meu coração se enchia de vida quando ao deitar na rede recebia a benção da vovó dizendo: “Deus te abençoe!”. Ali adormecia aquecida pelo calor do seu amor e pelo afago daquelas mãos que ficaram em minha memória, como um retrato que o tempo não apaga.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Maria Núbia Matias Vasconcelos, de 57 anos*

**Professora Cícera Mônica da Silva
Santana Simplício**

EEF Maria Benvinda Quental Lucena, Brejo Santo-CE

PLANTAÇÃO DE BOAS LEMBRANÇAS

Ana Lúcia Costa Peguim

A colheita sempre fez parte da minha vida. Como no passado, quando admirava as centenas de sacas de estopa com o café colhido, às vezes fico aqui, em silêncio, contemplando os balaios das várias safras dessas minhas memórias ...

O habitual cheirinho de café despertava-me de meus sonhos. Levantar daquele colchão feito de palha de milho era um alívio para meu corpo, aliás, dividi-lo com uma de minhas quatro irmãs não era nada confortável. Mas não havia tempo para reclamar, o galo lá fora já havia feito seu trabalho, pelas frestas da casa sem forro via-se que o sol já ameaçava apontar. Pés descalços no piso de vermelhão, eu seguia o aroma delicioso. À beira do fogão a lenha, via que a Mariquinha já estava sem o bule, mamãe já nos aguardava. Bolos, broas e biscoitos caseiros eram postos na mesa com fartura. Comíamos sem medo de engordar, o dia era longo e os afazeres muitos. Precisávamos de “sustância”.

Era década de 70, zona rural de Olímpia, no interior de SP: plantações de café, casas todas parecidas, gente simples e

festiva, e o meu mundo era enorme dentro de mim. Mas se as raras compras na cidade também faziam meus olhos brilharem, o apego e a felicidade dos meus pais pela vida na roça faziam parecer não ser possível outra forma melhor de vida.

“Barriga cheia, pé na areia”, e não era só força de expressão não, eram quatro quilômetros de estrada de chão batido até a escola. E para não chegar com os sapatos sujos, ou levávamos um reserva, ou íamos descalços para lá lavar os pés e calçá-los. Era uma escolinha rural no sítio Porto Alegre. Ah... Quanta saudade! As salas de aula divididas em diferentes séries, a sopa servida todos os dias, as brincadeiras de corda, amarelinha, ciranda... Que memória feliz!

Depois de mais quatro quilômetros andados de volta, chegávamos cientes de nosso dever com a enxada. O café, perto do lápis, parecia chumbo para minhas costas, mas havia sempre encantamento ao ver a florada do cafezal, o pé mais carregado, os grãos mudando de cor, o docinho do grão já vermelhinho na boca... De épo-



ca em época, a gente capinava, despenca-va, rastelava, abanava ou ensacava o café. Ao final, sempre a expectativa por uma colheita melhor que a anterior, e o orgulho de alguém por ser o acertador do número de sacas daquele ano.

O cansaço era sinal de que o dia havia sido produtivo. O sol se punha, trazendo alívio para o corpo e para a alma. As enxadas eram guardadas, os embornais, com alimento, lima e a garrafa de água, eram recolhidos. A casa nos aguardava e tínhamos pressa de chegar.

Toda semana, uma das cinco filhas era responsável pelo preparo da refeição. Em minha semana, fazia minhas mãos dançarem sobre a panela do fogão a lenha. Eu descobria ali uma arte. Mesmo quase consumida pelo cansaço, o preparo da refeição era um momento sagrado em que agradecer o paladar de todos era o alimento da minha alma.

Depois da janta, gostava de sentar lá fora. Num banquinho de madeira, sob o céu estrelado, olhava a lua que parecia suspirar comigo pelo final do dia. Ao lon-

ge, um nevoeiro discreto e silencioso acalmava meu coração. Grilos e sapos faziam um fundo musical repetitivo que embalava meu sono. Amanhã a lida continuaria, era hora de ir pra cama. As lamparinas da casa se apagavam.

Acendo a luz do meu antigo quarto compartilhado com minhas irmãs.

— Ah... Minha neta, como é bom visitar cada cantinho deste lugar! Pena que o cafezal não exista mais e tudo virou cana-de-açúcar. A casa da vovó lá na cidade pode até ser mais confortável, mas este sempre será meu lar, onde, hoje, meus filhos e vocês, meus netos, me encham de alegria nesses almoços de domingo. E se o cafezal não existe mais, e se lá na cidade as coisas mudaram muito, virou lugar de turista, quando estou aqui, sinto que o lugar onde vivemos nunca se acaba dentro de nós. Carrego coisas que ninguém pode colhê-las como eu: a minha plantação de lembranças.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Silvana Cristina Soares Peguim, de 52 anos

Professora Luciana Fátima de Souza
Escola Anita Costa Dona, Olímpia-SP

BAÚ DE MEMÓRIAS

Meirielen Dias Andrade

Na varanda de minha simples casinha, no aconchego de uma cadeira de balanço, fico a cismar. E, numa visita ao álbum fotográfico, empoeirado, muitas lembranças vem à tona. Fotografias que, apesar de estarem amareladas pelo tempo e anunciando que o mesmo passou, trazem lembranças. Aliás, essas recordações foram as únicas coisas que não obedeceram ao tempo e permanecem vivas, guardadas no baú que eu costumo abrir vez ou outra para saborear o passado.

Morávamos numa casinha afastada da correria diária da cidade grande. Poucas casas formavam nosso querido Povoado Sítio da Conceição, hoje, território de Adustina, desmembrado de Paripiranga, onde resido. Não éramos lembrados pelo estrondoso canto do galo, e sim, pelo som da enxada sendo amolada por meu pai. Ele acordava, diariamente, no mesmo horário para ir à labuta e conquistar o pão de cada dia. Aquele barulho anunciava que era hora de acordar e ir à escola. Éramos em 22. Onze da segunda família do meu pai, que era casado com Inês.

Os outros onze eram filhos de Inês. Calma! Era outra Inês. O velho gostava de Inês, tanto que teve duas mulheres com o mesmo nome. E de filhos!

No retorno da escola, machucávamos os pés no tapete de pedras que se estendia pela estrada, pois nós sempre fomos aventureiros, e às vezes enfrentávamos aquele chão quente com os pés descalços. Se doía? Sim. Mas a dor era esquecida. Gostávamos mesmo era de observar a paisagem da Caatinga. Nambu, tiziu, beija-flor, enfeitavam aquele espaço, enquanto João-de-barro dava os últimos retoques na construção de sua casa. Nós, moleques traquinas, às vezes levávamos um badoque escondido para, no retorno da escola, voltarmos atirando nas pobres criaturas. Hoje, é difícil encontrar alunos que vão à escola como íamos antes. Anímais que encontrávamos de forma abundante estão sumindo. Não se ouve o gorjeio dos pássaros como ouvíamos antes, pois, com a chegada do progresso, eles alçaram voos. Sumiram entre os restos de mata que sobraram.

A vida naquele tempo era dura! Estudei apenas até a segunda-série. Depois, fiz um tal de Mobral. Meu interesse talvez não estivesse nos estudos, mas numa coisa eu sempre tive apetite: as brincadei-

ras! Ah! Hoje elas foram esquecidas pelos pais que não ensinam aos filhos as brincadeiras que aprenderam quando eram crianças. Na verdade, elas foram substituídas. A tecnologia foi tomando espaço, os novos brinquedos chegaram. Naquele tempo, brincávamos de roda nos terreiros das casas, cantávamos versos do tipo: “Quebra, quebra, Guabiraba/ quero ver quebrar/ quebra lá que eu quebro cá/ essa noite eu não dormi/ só pensando em ti/ vou deixar de te amar/ pra poder dormir!”. Também inventávamos muitos trançados de chapéu, que se transformavam em corda para balanço. Só podíamos fazer isso quando o chapéu começava a descosurar naturalmente.

(...) Só de ouvir estes versos, meus olhos brilham, minha mente viaja. Nas cantigas de roda, foram muitos amores! Mas, na minha doce mocidade, só tive Zefinha. Ah! Essa mulher eu posso dizer que realmente é o amor da minha vida. Naquele tempo tudo era diferente. Nada de namorar às escondidas. O pai da moça ficava observando. Nosso namoro foi uma graça e rendeu um casamento maravilhoso, apesar das dificuldades e regras que eram colocadas pelo pai da moça.

Dentre tantas peripécias, uma ainda dói. Fizemos uma ponte sobre pés de ma-

cambira para brincarmos. Bom, já é possível imaginar o que aconteceu! Acabei mergulhando no mar de espinhos! Minhas irmãs foram me ajudar. Como não tinham força, me soltavam novamente sobre o mar espinhoso. O sangue jorrava pelo corpo e um banho de açúcar foi o recomendado para remédio.

Essas são algumas das pequenas recordações que viajam na minha memória. Algumas não puderam ser registradas para serem guardadas no álbum fotográfico, pois elas aconteceram de forma inesperada, natural. Hoje, com meus 63 anos de idade, guardo no baú grandes lembranças. Guardá-las, vez ou outra, é fazer uma viagem ao passado.

*

Texto baseado na entrevista realizada com José Carlos de Andrade, de 63 anos

Professor Marciel Cabral de Andrade
EM Cantinho da Paz, Paripiranga-BA

PARA LÁ DAQUELE MATA-BURRO...

Héwilli Gonçalves Ferraz

Meus olhos ainda são daquele menino... Na simplicidade de minha varanda, tomando um amargo chimarrão, não estou só, me acompanham as doces lembranças, memórias a nascer no auge de minha velhice.

Um menino a viver em um faxinal, uma forma coletiva de vida, tanto no cultivo de plantas quanto de animais... O mate amargo lembra-me a vida dura que levava, uma vivência simples e sofrida, mas os faxinalenses se ajudavam com o pouco que tinham.

Eu era um “piá” simples, morávamos meus pais e eu em uma casinha de madeira em Faxinal dos Marmeleiros. Em um pedacinho de chão brotava o nosso sustento, tirávamos da terra tudo o que precisávamos para sobreviver.

Animais eram criados soltos, viviam todos juntos, porcos, cavalos, vacas e cabritos. Vez ou outra, matávamos um porquinho, eu era o encarregado de levar um pedaço de carne para os vizinhos mais próximos, havia ali o milagre bíblico da multiplicação, o pouco era muito. A primeira ca-

sa para a qual levava um pedacinho de carne era a da Maria, aquela mocinha bonita e simpática. Além disso, para a carne não estragar, fritávamos e colocávamos em latas de banha. Tudo se aproveitava: o toucinho, o torresmo (acompanhado sempre de um saboroso virado, nosso café da manhã), o sangue, as tripas e os miúdos, ah, e como não lembrar do sabor do chouriço. Esse era o nosso banquete familiar. Com a banha do porco mamãe também fazia broa, hum! Aquele cheirinho de broa sendo assada na fornalha de barro. Às vezes, bolinhos fritos na banha, meus irmãos e eu já corríamos para a mesa, sabíamos que era hora da merenda, tudo arrumadinho com tanto carinho em cima daquela toalha colorida e de retalhos feita pela mamãe.

Perto de casa havia um mata-burro, meu passatempo era olhar para lá daquele mata-burro. Dia sim, dia não, Maria vinha daquela direção. Trazia sempre uma cesta de taquara com algum alimento para trocar...

— Ô de casa, tem mio pra trocá por feijão?

No faxinal eu cresci e tão ingênuo amor encontrei para lá daquele mata-burro, onde animais não passavam, pois ele era feito de tábuas com um pequeno espaço entre elas. Mas meu amor por Maria, ah, este passava a galope... Aquele more-

ninha fazia-me cruzar o mata-burro e atorar caminho só para vê-la passar pelo quebra-corpo, suas curvas de moça donzela requebravam, ia ela “quebrando o corpo” pela paisagem verde das araucárias.

De tarde, era comum o som do “trec trec trec” do pilão: mamãe fazendo canjica. Enquanto isso, meu pai trabalhava moendo erva no barbaquá, depois, secava e a moía novamente com um rolete puxado por um cavalo, e pronto! Estava ali o chimarrão e o chá nosso de cada dia, torrado no fogão a lenha.

Lembranças me acompanham e, dessa varanda, vejo o sol sumindo. Sempre que escurecia no meu antigo Faxinal, era hora de acender o lampião a querosene e a lamparina com água e óleo. A luz não durava muito, íamos dormir cedo e, então, eu sonhava com aquela moreninha vindo bater em minha casa: — Vizinho, tem mio pra trocá por feijão?

Mal sabia ela que eu trocaria tudo se conquistasse a sua mão.

Era comum nos faxinais o “puxirão” (a troca de serviços na lavoura com os vizinhos), quando chegava a época de arrancar feijão, eu me animava, sabia que encontraria Maria, ela vinha requebrando o corpo, trazendo a marmita, que seria o almoço a ser esquentado num braseiro no chão com galhos de sapé. Outro dia es-

perado para ver a mocinha da qual gostava era a Festa do Divino. Os faxinalenses eram de muita fé, participavam das festas religiosas e também gostavam de um baixinho nos finais de semana.

Quantas lembranças! Quantas saudades!

Hoje, o mate amargo é também o gosto do meu lamento porque vejo sumindo meu Faxinal. Vejo vindo para cá e para lá daquele mata-burro o progresso, observo máquinas que vêm e vão, mas não são puxirões, vejo grandes plantações particulares, mas que não alimentam a alma. Quase não vejo animais soltos, fecharam-se os armazéns, quase não há festas religiosas e nem bailes, pouco resta das araucárias, tem sobrado só a saudade.

Da minha varanda, fico olhando para lá daquele mata-burro, meus olhos ainda são daquele menino, não vejo minha morena donzela e não vejo meu antigo faxinal. Para cá do mata-burro vem chegando a saudade...

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Loirido Ribeiro Ferraz, de 74 anos*

Professora Carla Micheli Carraro
CE Campo de Faxinal dos Marmeleiros, Rebouças-PR

BEBEDOURO CHORA AS ÁGUAS

Matheus Walisson da Silva

Por alguns instantes não ouço nenhum barulho. Só minha lembrança manhosa dá sinal de vida. Saio remando para o ano de 1959. “Uma lagoa, um manguezal, berço natural de peixes, camarões, caranguejos...”. Tinha pouco menos de 5 anos, uma menina com apenas uma muda de roupa n’água e no corpo. Era a derradeira filha de sete irmãos. Nesse tempo minha mãe era uma jovem viúva. Por isso, trabalhava muito para nos manter. Ela lavava roupa de ganho, pescava, cuidava da casa e dos filhos. Porém, a hora da refeição era sagrada.

Sentávamos em tamboretas à mesa de madeira crua. Então, recebíamos os ensinamentos e éramos servidos pela chefe da família. O cardápio quase sempre o mesmo: cuscuz molhado com caldo de sururu de capote. Que recordação!

Tínhamos uma casa simples, de paredes nuas, sem luz elétrica, sem água encanada. O banheiro era do lado de fora, rodeado de palha de coqueiro e, dentro, apenas um buraco para fazer as necessidades, que eram despejadas na lagoa. As portas da frente e do fundo eram parti-

das ao meio. A última dava de frente para a lagoa Mundaú, onde me trepava nela e via o sol mergulhando pouco a pouco nas águas, enchendo a noite de magia e mistérios. Ao longe, avistava a estação de trem, que quando dava o ar de sua graça, a alegria saltava do meu coração, igual ao asobio dele ainda distante. Quanta emoção!

Tempos bons aqueles, em que toda a vizinhança se conhecia e se respeitava. Era só perguntar pela irmã Januária que logo era dado todo o histórico da minha mãe. Brincávamos na rua de esconde-esconde, queimado, rouba-bandeira e cozinhado. Essa última? Era minha brincadeira favorita! Cada criança levava um item de comida de casa e lá misturávamos tudo numa panela, colocávamos na fogueira improvisada e cozinhávamos. Depois de pronto, era só dividir e comer, ali sentados no chão. Sempre recebia elogios sobre o preparo. Era uma delícia! Enquanto isso, nossos pais conversavam e se ajudavam no que fosse preciso. Eles nos olhavam como se fôssemos seus filhos e nós os respeitávamos como se fossem nossos pais.

Quando os grilos começavam a cantar, anunciavam que já era hora de ir em busca do sustento. Minha mãe distribuía entre os filhos mais velhos o patrimônio da família: a “teteia” e o “puçá”, e eu levava o candeeiro feito de lata de óleo com um chumaço de algodão, que clareava o caminho. Ia sempre com os pés descalços dentro d’água, sentindo cheiro da lama doce no nariz, vendo as canoas dos pescadores ancoradas nas beiradas. Nadava de tanta felicidade! Nesse tempo, tinha também as “baronesas”, planta aquática que abrigava os camarões piciricas. Então, chegávamos de mansinho com o puçá para capturá-los e comermos no outro dia.

Nessa época, nosso Bebedouro oxigenava a economia alagoana. Tudo o que você imaginar, tinha ao alcance: feira livre, estação de trem, praças, igrejas... Parecia uma cidadezinha do interior! Sem falar nos festejos de época, quando aconteciam as festas mais animadas de Maceió. Era um reduto festeiro! Recordo-me que muitos da adjacência vinham a pé, de trem, só para prestigiar aquele dia. Eu tinha vontade de

esticar o tempo, só para aproveitar mais. Amanhecia o dia e as pessoas já esperavam para comprar a corda de caranguejo, o camarão e o sururu de capote, que eram tirados da lagoa Mundaú na hora e vendidos em latas. Era um festival de crustáceos!

O tempo passou... Nessa travessia para o passado as palavras saem molhadas, pois o bairro Bebedouro que me abrigou está em área de risco. Alguns moradores, pescadores e comerciantes já deixaram o local, outros estão sendo convidados pela Defesa Civil a fazerem o mesmo. Mas a lagoa Mundaú continua remando, remando... Como para nos lembrar que é necessário respeitá-la e valorizá-la. Enquanto isso, Bebedouro chora as águas...

*

Texto baseado na entrevista realizada com Vera Lúcia Batista do Nascimento, de 60 anos

Professora Jacira Maria da Silva
EM Doutor José Haroldo da Costa, Maceió-AL

O DIA EM QUE A ÉGUA DESEMBESTOU

Emilly Juliana Santana Santos

Muitos foram os momentos felizes e engraçados que vivi na minha infância e adolescência. Entretanto, houve um que marcou a minha vida e do qual jamais esquecerei: o dia em que a égua desembestou comigo.

Era um dia comum como qualquer outro na minha vida. Acordei, fiz as tarefas cotidianas e fui para a escola. Eu morava na zona rural da cidade de Monte Alegre de Sergipe. Aqui, até hoje chamamos a zona rural de “interior”. Nesse dia inesquecível, meu pai, Adalberto Pitu – esse “Pitu” é o apelido pelo qual minha família é conhecida na cidade, não sei exatamente de onde veio, mas acredito que seja desde o tempo do meu avô ou bisavô –, pediu para um vaqueiro, que trabalhava em nosso terreno, que lhe comprasse uma carteira de cigarro na cidade, montado em uma égua “braba” que tínhamos.

E assim ele fez. Após ter comprado o cigarro, o vaqueiro passou na frente da minha escola e naquele exato momento eu estava de saída. Não sei o que se passou na cabeça dele ou se ele tinha mais alguma coisa para resolver na cidade. O fato

é que ele me viu e pediu-me para levar a égua até a fazenda do meu pai. Foi aí que minha saga começou e vários outros personagens entraram na história...

Montei na égua, o vaqueiro ainda me alertou para que eu fosse bem devagar, já que ela era muito “braba”. Até ouvi o que ele disse, porém, não dei muita importância e saí no galope devagar.

Ao chegar na frente do único posto de gasolina que havia na cidade, conhecido como “Posto de Luciano”, encontrei alguns amigos que também estavam montados em cavalos e eles me chamaram para pegar “pareia”. Como sempre fui uma menina aventureira, que não perdia um desafio, aceitei na hora!

Aticei a égua e coloquei-a no galope. Ela saiu em disparada...

No caminho, havia um bueiro onde hoje fica o ferro-velho de Geilson Correia. Nesse local, a égua desembestou de vez e eu comecei a gritar:

— SOCORRO! SOCORRO! ALGUÉM ME AJUDA!

Todos os meus amigos pensavam que eu estava brincando, e a égua correndo... Passamos pela frente da cancela da fazenda do meu pai, mas a égua não entrou para casa e continuou direto. Eu continuava aos berros, “SOCOOORRO!!!”. Nes-

sa hora derrubei tudo: carteira de cigarro, dinheiro... E a égua correndo...

Quando chegou numa baixa, perto de uma fábrica daqui, chamada Parmalat, um amigo de meu pai, Givaldo Cabeludo, tentou me ajudar colocando sua moto na frente. No entanto, a égua passou por cima dela, derrubou-a e continuou em disparada e eu continuava no lombo dela.

Eu e minha amiga aventureira já nos encontrávamos um pouco distantes da fazenda do meu pai. Já estávamos em outra fazenda que hoje é conhecida como “Fazenda de Baixinho”, mas que na época pertencia ao senhor Antônio Ramos. Foi aí que outros amigos da família também tentaram me socorrer: Gildázio de Antônio Ramos e Ednilson de seu Edmilson. Eles pegaram uma F100 de seu Edmilson, a colocaram na pista e ficaram com os chapéus e as camisas sacudindo, que era para a égua entrar para o lado de um povoado chamado Tabuleiro e, assim, sairmos da pista.

Fecharam ainda o outro lado com outro carro para que assim o animal não tivesse escolha. Ao perceber que estava encurrada, ela correu para a estrada de terra, pulou quatro fios de arame e eu continuava em cima dela...

Alguns minutos depois, ela parou. Os meninos queriam me tirar de cima dela.

Meus amigos Gildázio e Giltinho disseram para eu descer, contudo me recusei!!! Imagina só se depois de tanta emoção e aventura eu iria querer acabar de vez com aquele sublime momento?!!!

Foi aí que meu pai chegou montado em outro cavalo e me fez descer da égua (Deus que me livre de desobedecer uma ordem dele!). Ele pegou-a, montou nela e voltamos para nossa fazenda, só que agora eu já estava no cavalo manso. Quando chegamos na cancela do nosso terreno, meu pai quis entrar de vez e a égua derrubou-o. Todos que estavam na hora começaram a rir, foi “mangação” geral. Como é que um dos melhores vaqueiros da região caiu de uma égua enquanto sua filha, de uns 10 ou 12 anos na época, não caiu?!

Foi aí que me senti a melhor cavaleira ou amazona, como queira, de toda região sertaneja.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Aclécia Santana Silva, de 42 anos*

**Professora Martha Danielly
do Nascimento Melo**

EE José Inácio de Farias,
Monte Alegre de Sergipe-SE

MITOLOGIA CONTENDENSE

Luciely Costa Santana

Como esquecer aquelas noites mal dormidas onde o medo e a curiosidade, paradoxalmente, apavoravam a minha pequenina cidade, Contendas do Sincorá?

Tudo sucedia durante o período que marcava o início da quaresma. Tempo marcado pelos velhos mitos e lendas que afloavam a imaginação do nosso povo, cujas narrativas dividiam opiniões, entre aqueles que juravam de pés juntos que o fato era real, e outros, mais incrédulos, diziam ser invenção das mentes fantasiosas. E eu, com apenas 12 anos, claro, me encaixava no primeiro grupo.

Eu ouvira nem uma, nem duas vezes... Mas dezenas de vezes o estampido do “carro de boi encantado”, seguido do trote do “cavalo encantado”. Mas nenhuma delas me aterrorizou mais do que aquela primeira vez. Havíamos mudado recentemente da zona rural denominada Caraibinha. Papai havia falecido de repente, deixando a viúva com quatro filhas, sendo eu a mais velha. Mamãe, mulher sofrida, mas de muita fé e coragem, trocou seu luto pela luta de dias melhores para suas filhas e,

assim, nos arrebanhou, e nos trouxe para a sede do município. Graças a acolhida de alguns conhecidos, fomos nos estabelecendo e, depois de algum tempo, já estávamos totalmente familiarizadas com os hábitos dos moradores daqui. E foi assim, durante um desses costumes, que pela primeira vez tomei conhecimento desse fato.

Era a tardezinha de uma sexta-feira, lembro como se fosse hoje, eu, minhas irmãs e mais algumas crianças, nos banhávamos no rio Sincorá, enquanto mamãe e as vizinhas estavam prostradas sobre as bacias de roupas e pratos, pois era lá que todas essas tarefas eram feitas. Não havia pia, banheiro e, muito menos, água encanada como nos dias de hoje, as coisas eram muito difíceis naquela época.

O rio era, portanto, a extensão de nossas casas, e apesar desse vaivém entre a casa e o rio, tudo era muito prazeroso. Aquele instante não fora diferente, e foi assim, em meio a algazarra das crianças e as batidas da roupa na pedra, que tomei conhecimento de que havia um carro de boi encantado e os cascos de um cavalo encantado tiran-

do o sono de algumas pessoas na nossa comunidade. “É verdade, ‘cumade’, Fulano de tal ouviu”, e outra completava: “Ciclano de tal também escutou na rua dele”. Naquela hora, a brincadeira de “galinha gorda” deixou de ter graça para mim, fui sobressaltada por um medo que se intensificou com a chegada da boca da noite.

Naquela noite, o punhado de comida que me coube como jantar fora refugado, e enquanto minhas irmãs disputavam o meu prato, mamãe olhou-me por alguns instantes, baixando a cabeça e, logo em seguida, mantendo-se em silêncio; ela compreendia minha atitude. Lá fora, a lua bonita nos convidava para as brincadeiras de roda e tumba (esconde-esconde), para as prosas dos adultos nos bancos de madeira fincados na entrada das casas, mas, lamentavelmente, naquele dia nada disso aconteceu.

Fomos para cama mais cedo do que de costume, mamãe não dormia sem antes rezar seu terço e outras ladainhas, que naquele dia se repetiram várias vezes. E eu lá, embrulhada dos pés à cabeça, com os olhos fechados, uma vez ou outra me atrevia a

abri-los e a espiar pelas frestas do tectido fino que me cobria. Foi sob essa tensão que surgiram os primeiros sons de um carro de boi, que se unia ao som de cascos de cavalo. Prendi a respiração, paralisei. O alarido lá fora se misturava às vozes da minha mãe, que agora rezava alto, repetindo sempre as mesmas palavras.

Aos poucos, o som ia se distanciando, e o medo ia dando lugar à curiosidade: “Como seria esse cavalo?”, “Quem o conduzia?”, “Havia algum cavaleiro?”. Essas respostas jamais tivemos, pois alguns corajosos de plantão, atraídos pelos sons, seguiram atrás, e quando questionados sobre o que viram, o consenso era geral: “Eu ouvi, mas não vi nada”. E eu endosso: também ouvi, mas não vi nada, até porque não tive coragem de espiar.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Maria dos Anjos Vieira Menezes, de 78 anos

Professora Maria Solandia da Silva Brito
EM Santa Luzia, Contendas do Sincorá-BA

DOCES MEMÓRIAS

Adrielle Vieira de Oliveira

Perco em sonhos a cidadezinha de minha infância. Um largo e caudaloso rio serpenteando até a várzea fértil. A ponte de ferro da charqueada já se encontrava lá toda imponente. A luz elétrica, ali produzida, iluminava o centro da cidade. Poucos casarões de pau a pique ao longo da pacata Rua Belo Horizonte, hoje, a movimentada Avenida Abílio Machado.

Impossível esquecer-me da igreja de Rosário com sua torre norte sineira. Às quinze horas, começava um movimento pelas vielas. Lá se iam as senhoras atraídas pelo tocar do sino. Hora do terço, muito me admirava a fé daquelas pessoas! Mãe, com apenas um olhar, recomendava-me silêncio e puxava a turma de carolas com cantos e orações. Rezávamos até para chover, se a seca ameaçasse a plantação. Mas o que mais me encantava nessa igreja, eram as missas das manhãs de domingo. Depois de uma longa homilia, saíamos a apreciar os poucos carros tipo “Ford Bigode” que circulavam em torno da praça. Ora assentávamos nos banquinhos para uma boa prosa. Havia umas prosas de

“arrancar pica-pau do oco”. Enquanto isso, exalava dos casarões um cheirinho de macarronada com galinha caipira que dava água na boca. Só mesmo atraídos por esses aromas e pelo apito do trem das onze, assinalando o horário do almoço, é que deixávamos a pracinha do chafariz.

Quando o inverno chegava, minhas tristezas e alegrias contrastavam. Cortava-me o coração ver meu pai e mais seis irmãos saírem debaixo de um frio congelante para irem trabalhar, arduamente, na lavoura. Eu ficava em casa ajudando mamãe com os afazeres domésticos.

Carregar pote de água na cabeça não era nada divertido. Pelo caminho, sonhava mesmo era carregar minha cartilha e ir para o Grupo Escolar. Como foi dolorido sair do 2º ano! Mas já sabia ler e isso bastava para as famílias pobres. Para esvaír minha dor, só mesmo o canto e os mexericos das lavadeiras na mina. Sábias, ludibriavam bem quando eu estava por perto.

Jamais envolviam crianças em assuntos de adultos. Já as alegrias, vinham com as festas de São João. Fogueira gigante, noite estrelada, em que não poderia faltar aquelas broas de fubá com canela, de sabor jamais degustado igual, como aquelas que só vovó Conceição sabia fazer.



Dezembro era pura magia! As chuvas e nossas brincadeiras no lamaçal. Quanta farras e criatividade! Os meninos abandonavam os carrinhos de lobeira – pequeno arbusto – e eu, as minhas bonecas de retalhos. Como a rua era bem mais atrativa! Tudo ali se tornava fantástico. Construíamos castelos de barro e imaginávamos uma fábrica de chocolates. Ah, chocolate! Só na imaginação mesmo, pois no empório da dona Gilda, onde se vendia do urinol ao chocolate, tudo era caríssimo. Comerciante boa era ela! Cartão de crédito era a palavra do freguês.

Inesquecíveis foram os saraus de fim de ano do Sr. Abner, ali a cultura, a arte e o romance se misturavam. Quantos poemas ouvi, quanto me emocionei! Muitos casamentos saíram dali. Hoje, recordo-me de tudo com lágrimas quentes descendo dos meus olhos e salgando a boca. Porém, o que permanece em minha memória, adocica esta solitária velhice.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Lucy Ferreira Vieira, de 73 anos*

Professora Juralice Rita da Silva
EM Centro de Atenção Integral à Criança,
Formiga-MG

MEMÓRIAS DE UMA GATA BORRALHEIRA

Matheus Fernandes de Sousa

“Ah, são tantas lembranças daquela época, meu querido!”, respondeu minha avó, ao ler em meus lábios a indagação sobre sua infância.

Escondido no Cerrado goiano, próximo ao povoado de Campo Limpo, então distrito de Iporá, nosso sítio foi o cenário da minha infância. Fui a sétima filha de um total de doze irmãos. Papai era boiadeiro, tocava a boiada pelo estradão. Muito rígido com os filhos, nos repreendia apenas com o olhar. Mamãe fabricava rapadura para incrementar a renda da família.

Nossos brinquedos, presenteados pela mãe natureza, eram bonecas de sabugo de milho, corda de cipó para pular, cavalinho de pau e barro para moldar objetos. Aos 8 anos, estávamos fadados a ajudar na labuta diária da vida na roça, pois, naquele tempo, o valor do suor era o que pesava. Novos “brinquedos” levavam embora nossos devaneios: a pá, a enxada, o pilão e a enorme colher de cabaça, usada para mexer o imponente tacho de cobre com garapa sobre a fornalha ardente, para mamãe fazer rapadura.

Ao cair da noite, o inebriante aroma de querosene, vindo das lamparinas, emanava pelo ar em nosso ranchinho beira chão. Descansávamos nosso corpo fatigado no colchão de palha, afagados pela colcha de retalhos, a única decoração daquele rústico ambiente. O cricrilar e coaxar da grandiosa orquestra de grilos e sapos embalavam nosso sono.

Para papai, aprender a ler e a escrever era algo supérfluo, um “incutimento sem pé nem cabeça”, mas para mim, o meu maior sonho. Ansiava por aprender a escrever o meu nome. Não recebíamos nenhuma instrução dentro ou fora de casa.

Ricardo, meu irmão primogênito, conhecendo essa minha grande ambição, ao ouvir de uma astuta senhora que procurava uma menina-moça para lhe auxiliar nos serviços domésticos, em troca de mantimentos e estudo, não pensou duas vezes, foi logo falando sobre mim. O combinado foi feito e meus pais deram a permissão. O percurso de 30 léguas para Rio Verde, que hoje leva 3 horas, demorava quase um dia para ser feito. Ali, aos meus 12 anos, embarquei rumo a uma jornada de sonhos e lá desembarquei em uma realidade de pesadelos!

Meu mundo de ilusão me conduziu a tornar-me a gata borralheira. Nessas “bo-

das”, nada me remeteu ao açúcar ou ao perfume. Foram seis longos anos de trabalho árduo, em troca – apenas – de um prato de comida para saciar minha fome. A fome de aprender a ler e a escrever? Essa não suportou e sucumbiu já no primeiro dia! Em meio a tanta peleja, consegui juntar algumas gorjetas e fugir daquele pensionato que só me deixara lembranças sombrias.

Papai, sabendo que seus dias se findavam, vendeu nosso pedacinho de chão e, na esperança de dias melhores, mudou-se para o distrito que ganhara autonomia graças ao então deputado Israel de Amorim: Amarinópolis.

Que nostalgia lembrar do lugar onde tive o refrigério de minh'alma! Ao anoitecer, a cidade ainda se encontrava às escuras. A pobre iluminação, oriunda de lâmpadas a gás, dava um ar fantasmagórico ao ambiente. Na rua de chão batido, vislumbra a nuvem de poeira pairando pelo ar. A geladeira funcionava a querosene, chegava fogo embaixo para gelar em cima. A GO-221, que facilitou o acesso ao Sudoeste goiano, ainda não existia e Amarinópolis era rota obrigatória para muitas cidades.

Em julho, a tradicional festa da padroeira local deixava a cidade alvoroçada. Em meio a uma delas, um rojão desgovernado adentrou nossa cozinha e explodiu. O

volume do mundo se abaixou, bruscamente, dentro de mim! Nossos progressos se entrelaçaram...

Nossa rua foi pavimentada com paralelepípedos, o largo central virou praça, a energia elétrica chegou levando embora a escuridão da noite e o ferro de passar a brasa. Reaprendi a ouvir lendo lábios e vi, devagarinho, chegarem ali estradas, água encanada, fogão a gás, televisão... Também vi papai descer à sepultura levando com ele uma parte de mim!

Hoje moro em Iporá. Meus olhos transbordam ao trazer de volta memórias de um passado que, apesar das dificuldades, nos fazia felizes o quanto podia, pois tudo tinha o seu valor.

Permanecerão em minha memória e em minha alma, sem o “coitadismo” enraizado, lembranças de uma vida que sempre foi e me exigiu a ser que nem rapadura: doce e dura.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Beronice Mendes dos Santos, de 66 anos

Professora Marília Alves de Oliveira Magalhães

EM Valdivino Silva Ferreira, Iporá-GO

ALMAS LAVADAS

Beatriz Aparecida de Souza Silva

Abro meus olhos e me deparo com uma cena triste e, ao mesmo tempo, acontechante. Minha filha e meu genro estão preparados para me dar banho. Hoje, com 88 anos, não consigo mais fazer nem isso sozinha. Estou enferma. Minhas pernas me abandonaram.

O frescor da água escorrendo em minha face faz reviver lembranças de minha longa história. Jovem. Casada. Moradora do interior nordestino.

Com três bocas inocentes para sustentar, eu e meu marido decidimos nos mudar para um lugar onde a chuva não fosse mesquinha e tivéssemos terra boa e fértil para plantar.

A busca por um lugar melhor fez com que sentíssemos o terrível gosto da migração. Foram quatorze dias a bordo de um pau de arara, no qual todos embarcaram, mas uma pessoa em especial não sentiu o raiair do sol da nova terra. Minha filhinha, pobre alma, faleceu em meus braços como uma flor que fora arrancada do pé ainda em botão. Abro os olhos e minhas lágrimas se misturam aos pingos quentes do chuveiro. Fecho-os novamente.

A chegada em Marinópolis, interior de São Paulo, foi muito doída. Faltava-nos um pedaço, mas, apesar da pobreza e da ferida ainda sangrando em nossos corações, estávamos felizes pela nova oportunidade.

Fomos morar num sítio, em um bairro rural chamado Areia Branca, numa casinha de pau a pique muito simples.

Trabalhávamos na colheita de café. Éramos empregados e recebíamos do proprietário das terras uma pequena quantia sobre tudo o que produzíamos. Atualmente, a cidade ainda se destaca pela sua terra fértil. Mesmo muito pequenina, com pouco mais de dois mil e cem habitantes, é conhecida no Brasil todo como grande produtora agrícola.

Aos domingos é que o gostinho da roça prevalecia. Com muito carinho preparava a lenha para, com minhas panelas de barro, cozinhar um almoço simples, mas que ficará sempre em minha memória. Ainda sinto o cheiro daquelas delícias!

Como o sítio não era nosso, tivemos que nos mudar para a cidade, que na verdade, era uma vilinha com poucas casas, duas vendas e uma igreja. Meu marido teve que ir trabalhar em Mato Grosso para aumentar nossa renda. Mesmo com tanta terra boa, onde tudo o que se plantava colhia, ficamos novamente à deriva.

Minha vida sempre foi muito sofrida. Mesmo grávida tinha que trabalhar. Acorrava sempre cedo, preparava marmitas e ia com meus filhos maiores para a roça. Os menores ficavam sozinhos em casa. Muitas vezes deixava de comer para dar a eles.

O nascimento de uma menina foi uma alegria. Era um sonho ter uma filha, já que a primeira fora arrancada de mim de forma tão prematura. Tinha em meus braços agora a Maria. Cuidei dela com todo o meu amor, assim como fiz com todos os outros. E assim como não deixei-me abalar com os sofrimentos da vida, hoje ela também não se deixa abalar com o sofrimento que é cuidar de mim.

Naquela época, minha aparência expressava o cansaço excessivo de minha rotina. Nas horas vagas, me chamavam para fazer partos, benzer crianças doentes e, muitas vezes, até para dar banho nas pessoas que morriam, deixando os corpos prontos para o enterro! Às vezes, por agradecimento, as pessoas me davam alguma recompensa, mas eu nunca esperava nada, fazia por amor! Todos me conheciam. Com o passar do tempo, somente eu realizava tais “serviços” na cidade. Quantas crianças ajudei trazer ao mundo... Quantos defuntos lavei... Na verdade, eu lavava as suas almas com minhas rezas de benzedeira!!!

Meu marido morreu assassinado em seu trabalho. Duro golpe que levei. Aliás, as perdas não pararam... Tive mais uma querida alma, saída do meu ventre, que fora morar com Deus. Meu filho morreu afogado no São José dos Dourados, rio que banha a cidade. Fiquei despedaçada.

O tempo foi passando, a cidade evoluiu. As ruas foram asfaltadas, o comércio cresceu, a igreja e a praça ficaram lindas. Pena que não posso mais frequentá-las.

Deixarei saudades... Mas não precisam mais de mim. Minha missão aqui está cumprida. No lugar da benzedeira e da parteira estão os médicos no posto de saúde. No lugar da mulher que lavava os mortos está o serviço funerário. Sei que não será possível, mas quando eu morrer, gostaria que alguém me lavasse como eu fazia, pois eu não lavava apenas corpos... Lavava almas!

*

Texto baseado na entrevista realizada com Edite Ferreira da Silva, de 88 anos

Professora Elaine Pomaro
Escola Antonio Marin Cruz, Marinópolis-SP

O VERMELHO DA PLANTAÇÃO

Luan Mateus Dantas Bezerra

Há lembranças que marcam a minha vida até hoje, meu neto! Quando era pequena, morava com meus pais e meus irmãos no sítio Provedor, no município de Picuí. Naquela época, não tínhamos o sol de rachar, a falta d'água e os caminhões-pipa não precisavam abastecer a cidade e a zona rural como acontece hoje. A caatinga valente que resiste à seca, me faz lembrar de que nem sempre foi assim.

A nossa casa era grande, mas tínhamos poucos móveis. Havia uma despensa, onde guardávamos a comida que era colhida no nosso roçado, e também um sótão, onde meu pai armazenava a comida durante o inverno. Nossa casa localizava-se em um morro mais alto. De lá, avistávamos o açude e também a vazante onde tinham as plantações de melancia, jerimum, coco, batata, feijão, fava, milho, melão, algodão, de tudo um pouco. Meu pai e meus irmãos mais velhos cuidavam da plantação. Eu e minhas irmãs ajudávamos nossa mãe nos afazeres de casa e a pasturar o gado no curral.

Quando eu tinha 15 anos, lembro-me de uma tarde em que começou uma chuva

muito forte. Os rancos dos trovões e os relâmpagos clareavam o céu. Meus irmãos, meus pais e eu estávamos em casa e ficamos apavorados, tremendo de medo, todos juntos e encolhidos num cantinho, no chão da sala, onde só havia alguns tornos de madeira para armar as nossas redes de dormir. Quando chovia muito forte, as pessoas não tinham coragem de sair de casa. Muitas delas, com medo de que os açudes se rompessem com as chuvas grossas que caíam na nossa região.

No final da tarde, os relâmpagos continuavam a clarear os céus, iluminando as nuvens pesadas e sombrias. Os trovões, como bombas de canhões, tornavam nossos momentos mais assustadores e parecia que o céu ia desabar sobre nossas cabeças. Mas o pior ainda estava por vir. A sensação do perigo tomava conta de todos! Até hoje, só de lembrar, sinto um arrepio no coração... Foi quando, de repente, escutamos um barulho “estrondante”! Meu pai gritou que não abrissemos a porta, mas eu e mãe já estávamos lá, querendo ver o que tinha acontecido.

Minha mãe, com medo, abriu um pouco a porta e deu pra ver, por uma brecha, que o açude tinha acabado de se romper, carregando tudo o que havia pela frente. Meu pai não deixou ninguém sair de casa naquele dia.

No dia seguinte, todos nós saímos para ver o que tinha sobrado. Quando chegamos lá, a vazante do rio tinha se tornado um caminho vermelho e a plantação havia ido embora com o açude. E o que era verde, virou um vermelho de lama. Alguns peixes, que não foram levados pela enchente, estavam ali, mortos! Meu coração chorou de tristeza... Não acreditava no que estava acontecendo. Meus pais ficaram muito tristes com aquela situação, pois trabalharam bastante para manter a plantação sempre verde.

Mesmo assim, com toda a tragédia, sem entender muito bem a proporção do que havia acontecido, tivemos um momento de meninice. Meus irmãos e eu ficamos atolados na lama, achando aquilo muito divertido. Sujamos toda a nossa roupa e meu pai nos fez ameaças para que saís-

semos dali por causa do perigo. Mesmo assim, continuamos, insistindo para ficar brincando, escorregando e jogando lama na roupa uns dos outros. Até meu pai chegar muito “brabo” e nos tirar dali. Continuamos a morar lá, vivendo de outras plantações que havia próximo ao açude. Saímos do sítio quando ficamos adultos e fomos morar na cidade.

Hoje, já idosa, continuo morando na cidade. Toda vez que volto ao sítio, olho para o açude que não foi mais ajeitado e me recordo das brincadeiras no vermelho da plantação, marcado para sempre na minha memória.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Cícera Rosália Dantas Bezerra, de 61 anos

Professora Geovana Pereira de Oliveira
EMEF Severino Ramos da Nobrega, Picuí-PB

CAPIM PUBO

Maria Alice Ferreira Simão

Capim Pubo, esse era o nome do lugar onde passei toda a minha infância, aqui pertinho. Era um lugarejo pouco afastado das demais localidades. Contava apenas com duas famílias: a nossa e a do tio Manoel.

Era um lugar tranquilo, longe da estrada central, por onde passavam alguns carros, era um paraíso.

Nossas casas ficavam lá no alto de um morro, cercado da própria mãe natureza. De um lado, palmeiras de babaçu e, do outro, campos, lajeiros e carnaubais, de onde nascia um braço do rio Marathaoan, que é o rio que banha nossa cidade de Barras.

Nossas brincadeiras de criança eram marcadas por duas estações do ano: inverno e verão. No inverno, ficávamos ilhados, pois a água subia até a metade do morro onde minha mãe pescava de anzol. Ainda sinto, com a saudade, o cheirinho das piabas fritas no azeite de coco babaçu.

Durante esse período de cheia, o nosso transporte era uma canoa que ficava ancorada debaixo de um sapotizeiro.

Enquanto o nosso espaço estava inundado, eu e meus primos nos divertíamos pra



valer! Todos os dias tínhamos um passeio. Ir à escola inclusive era uma diversão pois ela ficava do outro lado do rio. Era muito gostoso navegar por entre as árvores.

Meu pai era quem ia no comando. Eu, como o mais velho da turma, observava aquela briga do remo com a água e a canoa que dançava conforme a música do braço do meu pai até chegar ao nosso destino.

Passava-se o inverno e as margens do rio iam secando... aquele cheirinho de capim pubo aromatizava o ar, e a nova pastagem surgia para os animais que ali comiam.

Era um novo tempo, voltávamos para nossas brincadeiras em terra firme: a bolinha de meia rolava solta, nossos cavalinhos feitos do talo de carnaúba eram apostados nas corridas, e a bicicleta que estava no canto voltava às suas atividades físicas!

Hoje, o que ainda resta lá, é a bela natureza: o rio inesgotável, onde as mulheres vão lavar roupas e os homens pescar.

Atualmente, moro a três quilômetros de Capim Pubo! Vivo de alma aberta, de tão perto que vivemos. A distância não nos separou. De vez em quando mato a sauda-

de mergulhando naquelas águas mansas, revivendo os sonhos que semeei no mundo imaginário de uma criança e sinto o gostoso cheiro do capim pubo.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Francisco Simão, de 61 anos

Maria das Graças Alves Pereira
EM Desembargador Arimateia Tito, Barras-PI

“MULEQUE, VEM PRA DENTRO”

Luiz Felipe Cândido Pires

Nasci neste lugar. Tenho orgulho em dizer que os meus pais ajudaram a criar o bairro. No local havia apenas um lixão. Os primeiros moradores foram chegando e, com a cara e a coragem, foram construindo suas casas nos arredores. Não vou mentir, eu costumava procurar brinquedos e outras tranqueiras no meio do lixo, às vezes conseguia achar alguma coisa boa que prestava para usar.

Conforme o bairro foi se formando, os moradores foram pedindo para tirar o lixão. No início, havia apenas algumas casas de pau a pique cobertas com palhas. Me recordo bem da minha mãe dizendo que ia pintar a casa, o que consistia em pegar barro branco e passar nas paredes, para que os insetos e a água da chuva não entrassem. O barreado deixava as paredes brancas como papel.

As pequenas ruas não eram asfaltadas, então, pode-se imaginar a poeira subindo. Brincávamos e rolávamos no chão sem medo da sujeira. Me recordo das brincadeiras de “bet” e “bandeirinha estourada”. A molecada se reunia na rua. A tarde era pequena para tantas brincadeiras.

Costumava entrar noite adentro, até a minha mãe gritar: “muleque, vem pra dentro”. Mesmo coberto de poeira, teimava em dormir sem tomar banho.

Havia um único aparelho de televisão no vilarejo, funcionava a bateria, pertencia ao seu Tóta. Eu ia assistir aos programas na janela de sua casa. Os desenhos animados eram a minha programação preferida: “He-Man”, “Caverna do Dragão”, e outras aventuras da “TV Colosso”.

Não muito distante das nossas casas, acontecia o encontro dos córregos Lajeadozinho e Macaco. As mulheres iam lavar louças e roupas em suas águas e nós, crianças, aproveitávamos para dar aquele “tchibum”. A água era tão limpa que dava para ver a areia do fundo e os lambaris nadando. Podia-se beber sem medo aquela água cristalina. Minha mãe levava lata d’água na cabeça para o consumo diário. Não havia lixo ou animais mortos jogados em suas margens. A sombra das árvores deixava a água fresca e agradável.

Me lembro bem da escola (era pequena, formada por duas salas e a cozinha) fei-

ta de madeira e palha. Eu carregava os cadernos em uma embalagem plástica de arroz, era a única forma de proteger o material escolar, pois ninguém conhecia mochila nessa época. Ficou em minha lembrança a primeira professora, rígida com os estudos, porém amável. Estelita (era esse o seu nome) me ensinou as primeiras letras. Com sua régua “de metro”, costumava bater na mesa e dizer: “Não se distraia, menino”. Meu caderno brochura tinha uma capa simples, com o nome do prefeito.

Certa vez, o prefeito da cidade deu uma caixa de engraxate para as crianças carentes do bairro. Foi a grande oportunidade para conseguir um dinheirinho. No período da tarde, depois de fazer as tarefas, às vezes eu e meus amigos íamos para o centro da cidade à procura de bons fregueses. Era comum ultrapassar o horário combinado para a volta. Quando isso acontecia, eu tinha que voltar para casa à noite e sozinho.

Passar pela ponte sozinho era um desafio quase impossível. Havia no vilarejo a lenda do “Nego d’água”, um homem mis-

terioso que aparecia para as pessoas às margens do córrego. Era fácil encontrar alguém que jurava tê-lo visto e escapado por pouco. Por isso eu cruzava a velha ponte de madeira em desabalada corrida e só parava em frente da minha casa.

Hoje sou adulto e não moro mais no bairro, mas não perdi as boas lembranças que tenho. O lixão deu lugar ao Jardim das flores, bairro de meus pais. Comecei como engraxate e hoje tenho minha própria empresa, e meus doze irmãos trabalham comigo. Sinto falta do tempo em que não precisávamos nos preocupar com drogas ou violência. Às vezes, em visita ao bairro, fico procurando minha infância em alguma esquina.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Marcelo de Jesus Souza, de 36 anos*

Professor Senio Alves de Faria
EMEF Princesa Isabel, Rondonópolis-MT

SOCORRA MEU BURITI

Bárbara Maria Carvalho de Oliveira

Eu nasci em 1944, no dia 1º de janeiro, na cidade de Buriti dos Lopes. A minha infância foi bem dinâmica, cheia de brincadeiras, travessuras, muitas emoções e criatividades artísticas.

Aventuras singelas, porém, marcantes e deliciosas com cheiro de um tempo de inocentes fantasias, cujas lembranças me remetem, quase que diariamente, a uma afável saudade. Há quem pense que seja coisa de velho que não tem o que fazer. E talvez seja mesmo, coisas de uma idosa sem muitas ocupações, que passa os dias a costurar recordações de um tempo que poderiam nem mais existir se minha brilhante memória não as conservassem tão vivas e pertinentes a uma estranha realidade chamada solidão...

Embora tenha nascido em uma época de difícil situação por falta de dinheiro, o que comer nunca nos faltou, meus pais faziam de tudo pra nos amparar e nos ver felizes. Meu pai era carpinteiro, minha mãe costureira, juntos batalhavam de forma incansável para que não faltasse o sustento em nossa mesa e, graças a Deus, nunca faltou.

Para nos divertirmos tínhamos que ser criativos, e uma das minhas brincadeiras preferidas era o drama, hoje, uma espécie de teatro, em que fazíamos apresentações cantadas para um público convidado do qual participavam crianças e adultos.

Buriti sempre foi privilegiada pela natureza por sua riqueza hídrica, e tive em minha infância a oportunidade de desfrutar das delícias de seus riachos que transbordavam em períodos de chuva, transformando-se em locais propícios à diversão e à felicidade de seus moradores de todas as idades. Para as crianças era lugar de banho, com saltos mortais e diferentes peripécias pueris; para os jovens, lugar de namorar sob a proteção da natureza com sua beleza e seus encantos; já as famílias aproveitavam para se reunir em piqueniques nos finais de semana.

Aqui, em certas épocas, até os olhos d'água afloravam borbulhando nos mais inusitados lugares, e se transformavam também em riachos que se faziam úteis ao povo da cidade. Onde as donas de casa lavavam suas enormes trouxas de roupas su-

jas, ali, limpavam suas panelas com areia até ficarem brilhantes, além de banharem seus corpos, muitas vezes sem veste alguma, esquecendo, assim, ainda que por um momento, seus pudores, experimentando um misto de prazer e liberdade.

Com suas margens sempre bem cuidadas, nossos brejos eram o habitat da palmeira. Palma nativa, exuberante, que se fez admirada por sua grandeza e pelo verde alucinante das suas palhas. A fartura dessa planta e o sabor de seus frutos motivaram seu fundador, Francisco Lopes, um nobre português que por aqui chegou e se apaixonou, a dar o nome de nossa querida cidade Buriti dos Lopes. O fruto dessa majestosa planta ainda encanta a todos pela saborosa garapa doce, que conquista a quem se arrisca em degustar. Esses lugares também serviam como ponto de encontro entre moradores e visitantes que ali paravam e formavam rodas de cantorias, levando alegria para o povo da cidade.

As mulheres da minha época eram prendadas, dedicando-se à arte de fazer crochês e bordados a mão, sempre muito bem caprichados, que depois eram exportados para outras cidades do país. Artes essas, trazidas por Lili Escórcio, uma fina dama da sociedade buritiense, mulher generosa, que repassava a outras mulheres

seu amor por diferentes artes. Um outro exemplo feminino, que aqui viveu e morreu, foi a senhora Zezita Cruz Sampaio, esposa do almirante Gervásio Pires Sampaio. Mulher forte, sábia e bem resolvida, que marcou sua época enquanto mulher ao se tornar a primeira prefeita de Buriti dos Lopes, a primeira no Estado do Piauí, e talvez a precursora de uma figura feminina no cenário político brasileiro. Terra de grandes filhos ilustres que nos enchem de orgulho!

Hoje, olho com muito pesar o sofrimento de nossos moribundos riachos, pés de buriti, e aqui, no peito dilacerado, fica o meu grito de socorro às autoridades e à população, que não aceitem a morte de nossas riquezas! Salvem a nossa Buriti!!!

*

Texto baseado na entrevista realizada com Maria do Carmo dos Santos Carvalho, de 75 anos

Professora Francimédices de Sousa Silva
UE Zezita Sampaio, Buriti dos Lopes-PI

COMO NUM CONTO DE FADAS

Emilly Ramos Wendt

Eu, sentada em minha cadeira de balanço, relembro minha história com os poucos retratos em preto e branco, dispostos em um álbum amarelado, com mais de cinquenta anos de existência. Sabe aqueles contos fantásticos, em que poucos acreditam, mas muitos se emocionam... A minha história de vida é assim! Em cada página, meus olhos marejados lembram toda uma trajetória!

Nasci e cresci no interior de Rio Pardo, numa localidade simples e humilde, chamada de Santa Vitória. Ah, quanta saudade! Foi exatamente neste lugar que meu passado se reencontrou com o presente.

A velha Santa Vitória possuía uma única rua, cheia de curvas, buracos, pedras e uma pequena ponte de pau a pique que servia de travessia sobre o rio Jacuí. Me encantava com a grama coberta de flores do campo, naquela época chamadas de Cravos-de-amor, hoje conhecidas como Mosquitinhos. Ainda lembro-me de minha casa, que era feita de taipa e madeira, com chão de terra batida. As luzes eram os lampiões que existiam naquela época.

Para tomar o banho, contávamos com as bacias e, em dias quentes, podíamos utilizar o “chuveiro de campanha”, uma espécie de balde de metal com uma mangueira na ponta. Luz elétrica só existia na casa do engenho, que chamávamos de castelo, pela sua beleza e encantamento. Minhas memórias nunca me deixaram esquecer desse lugar encantador.

O nosso único meio de transporte eram as caronas no trator que pertencia ao senhor do engenho. Às vezes, precisávamos caminhar quilômetros a pé com o meu único par de Conga, tênis daquela época, pisando em muito barro, nos campos afora, para, assim, chegar mais rápido ao centro da cidade, onde íamos estudar na escola das freiras, que, hoje em dia, recebe o nome de Escola Romana. Ao retornar, lá estava eu, pronta para costurar os sacos de estopa que serviam para armazenar o arroz produzido pelo Engenho Santa Vitória. Ao final dessa tarefa, ainda tinha a lida doméstica em casa.

Meu sonho sempre foi estudar para ser professora e, se bem me lembro, tive que parar meus estudos muito cedo, aos 12 anos de idade, pois meus pais não tinham o suficiente para o sustento da família; o que tornou uma obrigação para mim, o trabalho irregular no engenho. A

lida dentro de casa era dividida entre eu e minhas irmãs; fazíamos comida e lavávamos as roupas na lagoa que havia perto de casa. Os meninos cuidavam dos animais e da lavoura.

Acordávamos cedinho, todos sentados à mesa, com aquele aroma do café da manhã, acompanhado de um pão caseiro. Hábitos que demonstravam a união da família e que, nos dias de hoje, não são valorizados.

Passados alguns anos, já na adolescência, aos 14 anos de idade, encontrei o amor de minha vida. Foi em uma festa de aniversário de meu bisavô. Lá estava aquele menino franzino, chamado Doraci, com um olhar tão puro e doce que me encantei. Nesse momento, eu, muito desinibida, o chamei para conversar na rodinha em que estávamos eu e meus irmãos. Foi um dia eternizado em meus pensamentos, porque a partir desse encontro, passamos a trocar cartas que falavam de nosso amor. Nós estávamos completamente apaixonados e meu príncipe encantado voltou à cidade, alguns meses depois, para me visitar. Foi ao pé de uma frondosa figueira, localizada em frente à casa que eu chamava de castelo, que juramos amor eterno. Mas o destino, naquele momento, foi cruel, minha mãe o mandou embora, dizendo que eu já era comprometida com um rapaz de outra família.

O tempo passou, casei aos 23 anos, com o pretendente escolhido por meu pai e lá se foram 25 anos de matrimônio e de uma vida triste e amargurada. História essa que não me traz boas recordações, mas que me trouxe duas lindas filhas que fazem com que eu não tenha arrependimentos.

Não moro mais em Santa Vitória. Deixei para trás parte da família e vim para o centro da cidade, onde resido até hoje.

Minha história, ao folhear a última página do álbum de família, não termina assim... Tenho que atualizá-lo com a fase mais linda do meu viver! Passados 61 anos, acabo de reencontrar meu príncipe encantado! Eu e ele, no mesmo castelo de meus sonhos e, ao pé da figueira, prometemos que juntos e felizes ficaremos para sempre, como num conto de fadas!

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Ruth da Silveira Ramos, de 75 anos*

Professora Patrícia Ramos Figueiró
EEEF Professor Affonso Pedro Rabuske,
Santa Cruz do Sul-RS

UMA PACATA CIDADE CHAMADA “GAMA”

Víthor Rodrigues de Sousa



Nasci e vivi em uma cidadezinha chamada Gama, no Distrito Federal, inaugurada em 1960 no mesmo dia de Brasília. Distante a 43 quilômetros da nova capital do país e concebida como uma cidade operária, local de moradia para os pioneiros que trabalhavam na construção da barragem do lago Paranoá.

Nasci na casa de uma conhecida parteira da cidade, em 1978. Naquela época, as parteiras eram o único recurso para as mulheres darem a luz, no Gama, pois em nossa região administrativa não havia hospitais, e a distância de Brasília tornava impeditiva a viagem de carroça, nosso único meio de transporte, para aquela ocasião. Sempre vivi nessa cidade, lugar que gostava e ainda gosto muito.

A moradia de nossa família era bem simples. Vivíamos em uma casa de madeira nos fundos de um lote e nossa maior riqueza era uma bela e frondosa mangueira na porta da frente de casa, que dava muita sombra e ótimos frutos que faziam a alegria de todos na primavera, pois frutificava

logo depois da primeira chuva de setembro. Assim como essa árvore, havia diversas outras mangueiras espalhadas por Gama, e quando as mangas estavam rosadas, suculentas e maduras matavam um pouco da fome – que nunca se acabava completamente – daqueles que, como eu e minha família, tinham menos recursos. Ainda posso sentir o cheiro dos frutos que adocincavam meus dias de infância.

Hoje em dia, a mangueira não existe mais, foi um sacrifício que fizemos cortar aquela bela árvore para o asfaltamento da rua e para a criação da calçada, como exigia a administração local da cidade. Afinal, quando a cidade se constrói, a paisagem se transforma. Mas nem tudo foi ruim, pouco tempo depois, a casa passou a ser de alvenaria, proporcionando-nos mais conforto e segurança.

Naqueles tempos, antes de a cidade ganhar forma e começar a se sobrepor à paisagem local e tudo se tornar diferente, com prédios e asfaltos, eu gostava de me sentar na calçada, conversar com as vizi-

nhas ou só admirar a paisagem repleta das mil maravilhas próprias do Cerrado.

Naquela época, nossa vida e nossos costumes eram como aqueles da população de qualquer outra cidade do interior. Ao sentar na calçada de casa, ficava pensando no que eu seria no futuro, depois dos meus estudos. Ah! Quanta saudade daquele tempo! Quanta saudade da vida em que sonhar meus sonhos de menina era o melhor passatempo!

Anos se passaram e muita coisa ficou realmente diferente. Não só na arquitetura. Muita coisa mudou também na forma como as pessoas se relacionavam e se comunicavam, pois o tal celular de que tanto falavam e, pelo qual os vizinhos tanto ansiavam, estava prestes a ser comercializado em Gama, aquilo mudou a nossa vida completamente. A comunicação a distância, aos poucos, desmanchou as rodas de conversas nas calçadas, substituídas pelas ligações, que ficavam a cada dia mais baratas e tornavam mais frios os relacionamentos. Aos poucos, aquele aparelho que era tão esperado, tornou-se um mal para nós, pois todos foram ficando mais distantes, mais individualistas e mais reclusos em suas próprias casas.

No começo da minha adolescência, perdi meu pai, vítima de um câncer. Ele,

com minha mãe, nos sustentava e garantia a manutenção da família. Minha mãe, como tantas outras mulheres espalhadas pelo país, viu-se diante da necessidade de criar sozinha seus oito filhos.

Foram tempos difíceis. Passamos por privações, mas mesmo assim, hoje, quando olho para trás, vejo que vivíamos unidos, todos juntos, como uma família deve ser. Minha mãe conseguiu com que todos os filhos estudassem e depois, com o tempo, fomos também ajudando no sustento da casa. O mais importante para ela era que nós estudássemos, pois ela, analfabeta que era, sabia melhor do que ninguém a falta que o ensino fazia. E assim, crescemos unidos, minha mãe como meu grande exemplo de vida.

Hoje, gostaria muito de estar com a minha filha e com o meu neto, contando para ele essa história. Mas mesmo assim, posso ver eabençoar, aqui do alto do céu, a história da nossa família.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Mirlene Lima Rodrigues, de 40 anos*

Professora Luciene Pereira
CEF Polivalente, Brasília-DF

LEMBRANÇAS DE UM RIO CHAMADO RIO GUANDU

Wâny Marcelly Tâpias Coutinho

Aqui do meu quintal, às margens do rio Guandu, na pequena Barra de Santa Rosa, no interior de Baixo Guandu-ES, aos 67 anos, revivo minhas lembranças. Busco fundo em minhas memórias tantos momentos, mas numa tentativa de focar apenas nos bons, pois, sempre que me pego nesta busca profunda, algumas lembranças insistem em fazer as lágrimas rolarem. Respiro fundo, sacudo a poeira e foco nas minhas doces lembranças vividas na minha querida terra natal.

Ainda sinto o cheiro dos tempos da minha mocidade, vividos às margens do rio Guandu, ao lado dos meus cinco filhos. Eram dias difíceis, comparados aos de hoje diante de tantas facilidades, porém, eram puros, encantadores, verdadeiramente felizes.

Continuo buscando em minhas memórias os momentos mais alegres que vivi, e o personagem que insiste em ser protagonista em todos é o meu querido rio Guandu.

Rio que já foi palco de tantas aventuras... Era a banheira gigantesca que banha-

va os meus filhos todos os dias, o parque de diversões que os alegrava nas tardes de verão. A máquina de lavar roupas de última geração, com versão sempre atualizada das senhoras ribeirinhas. Era a pia onde se lavava os esmaltados, as panelas de ferro da polenta e feijão diários e também confessorário, onde lágrimas eram derramadas por motivos revelados somente a Deus.

O tempo passou muito rápido e com a velocidade trouxe muitas mudanças na comunidade. As construções antes de madeira deram lugar à alvenaria; os oito, dez, doze filhos em cada família, agora são dois, no máximo. A tecnologia tomou conta dos diálogos e causos presentes nos lares. Ahh! Que saudade das conversas noite adentro nas nossas casas.

Volto ao personagem principal das minhas lembranças e percebo que as maiores transformações foram sofridas por ele.

E sentada aqui, a beira da minha horta, no fundo do meu quintal, observo atentamente e reflito sobre as ações do ser humano. Vendo apenas um filete de água

que desce por um leito antes ocupado por águas limpas, fundas e habitadas por diversas espécies, sinto uma pontada de tristeza e penso no futuro dos meus netos, bisnetos... Mas lembro-me que sou uma mulher de fé e rogo a Deus uma prece pedindo que Ele faça um milagre e que, um dia, o nosso rio Guandu volte a ser cenário de lindas histórias como as que habitam minha memória.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Maria dos Anjos Queirós Pereira, de 67 anos*



**Professora Luzia Pereira
do Rosario Correia**
EMEIEF Presidente Kennedy,
Baixo Guandu-ES

LEMBRANÇAS DOS MEUS TEMPOS DE MENINO

Andressa de Jesus dos Santos

Quando criança, eu e minha família acordávamos cedo, com o primeiro corricó do galo, que era o nosso despertador de todos os dias. Deitado, enrolado num cobertor “dome bem” de cor cinza, com duas listas nas barras, era um luxo para mim, pois aquecia bem. Nesse cantinho aconchegante, eu ouvia o canto dos pássaros, ouvia que anunciava que o dia já vinha raiando. Ainda sonolento espichava-me sem querer levantar. O barulho do colchão de capim era relaxante, mas ao mesmo tempo me arranhava, pois, naquela época, colchão de espuma era luxo. O trincar do bule de esmalte na tremepe do fogão era o aviso de que mamãe já estava de pé, e logo viria, delicadamente, até o quarto nos convidar para levantar. O aroma daquele pretinho que era torrado em casa e moído no pilão, o café, também nos convidava a levantar.

O tempo passou, mas as lembranças dos meus tempos de menino vividos na zona rural não me saem da memória. Minha infância foi muito difícil! Naquela épo-

ca era comum que as crianças ajudassem a família. Então, todos os dias de manhã, mal acabava de tomar café, pegava a enxada, colocava no ombro e seguia a caminho da roça. A enxada era muito grande e pesada para meu tamanho – eu era apenas um garoto! Mas, ia para a roça junto a meu pai e meus irmãos. Nossa rotina era capinar e plantar, pois dali tirava-se o sustento da família. E, ao retornar, almoçava rápido, pegava minha cartilha, meu caderninho, a tabuada, o lápis com borracha, os colocava dentro da capanga de tecido feita por mamãe e pé na estrada, rumo à escola.

Lembro-me da labuta para vender o que colhíamos na lavoura e também para comprar a feira semanal, pois naquela época, o transporte era escasso, só existia o pau de arara e mesmo assim, em dias determinados, aos sábados – dia de maior movimento. A dificuldade era tamanha que não possuíamos dinheiro nem mesmo para pagar a passagem, então, íamos a pé para a cidade, colocávamos os arreios, ou seja, a cangalha, num jegue rabugento, os panacuns com a colheita dentro, eu ia na frente como se fosse um guia, puxando o jumento pelo cabresto e, meu pai, vinha atrás tocando o animal com um cipó enorme, até chegar ao nosso destino final – a pequena cidade próxima ao nosso pedacinho de chão: Gandu.

O nosso meio de transporte, ou melhor, o joguinho vivia reclamando do trabalho pesado, pois estava magro, velhinho e descaideirado. Quando cansava, deitava-se com a carga no meio do caminho, era um “deus nos acuda” para levantá-lo e prosseguir viagem. Às vezes, quando chegávamos à cidade, a feirinha estava quase terminando. Ainda assim, conseguíamos vender os nossos produtos, comprávamos o quase nada para passar a semana, colocávamos nos panacuns e tocávamos para casa. Nesse momento, o jegue saía trotando, balançando o rabo de felicidade, e, de vez em quando, ensaiava uma carreirinha. Eu voltava encarapitado no animal, inebriado pela brisa que tocava o meu rosto e o cheiro de mato verde. Em poucas horas estávamos em casa.

Aquele pequeno lugarejo foi crescendo. Foram construindo casinhas de taipas, de palhas, de madeiras com chão de barro batido. As poucas ruas eram de terra vermelha e se chamavam Rua do Alto, de Baixo e do Meio. Por elas andavam os poucos moradores e, também, os animais: cavalos, jegues, cachorros, galinhas. Quando a chuva caía e misturava-se com a terra formava um lamaçal, a rua parecia uma cachoeira de chocolate que descia ladeira abaixo. Quando esse fenômeno acontecia, ninguém se atrevia passar por ali, pois

só havia dois trabalhos – cair e levantar. Essa rua foi crescendo e acolhendo, lentamente, o progresso que tenta esconder e aprisionar as histórias da ladeira da Rua do Alto. Elas estão descansando embaixo do calçamento, das casas. Basta um toque para ressurgirem.

Ao voltar no tempo, penso que mesmo nas dificuldades minha vida sempre foi regada por momentos bons. Hoje, não sei o que sou ou o que fui, mas tenho certeza de que fui e sou feliz! Apesar das inúmeras dificuldades que enfrentei e ainda enfrento, pois, hoje, vivo preso numa cadeira de rodas, nunca desanimei. Nos dias de hoje, as coisas são bem mais fáceis, mesmo assim, as pessoas não dão valor à vida.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
André Bispo dos Santos, de 58 anos*

Professora Indaiá Carneiro Lima Leal
EM Professora Ceres Libâneo, Gandu-BA

TRICOTANDO LEMBRANÇAS

Bruna Cristina Moretto

Falar de mim é tricotar um caminho onde os fios da infância, adolescência e juventude se entrelaçam com o presente. Nelas me vejo criança na rua da minha infância, na pequena cidade de Pitanga, Paraná. Rua de terra vermelha, de cheiro de poeira quando a chuva chegava, nos encharcando de alegria, convidando-nos a escorregar na lama e a nos sujar de encantos.

Naquele tempo a rua era parque de diversão, depois passarela onde desfílávamos fantasias. Um resvalava rua abaixo Homem da Caverna. A Gata Borracheira após o tombo, saía Bruxa. Era um esparramo só! O Zorro descia no seu cavalo negro galopando peripécias. Eu, bailarina dançando sonhos de verão. A vergonha dava vez à imaginação. O tempo? Sem pressa! Não é como hoje que compra-se tudo pronto e não se inventa a vida. E quando a chuva embarcava no fim da tarde, a janela da casa avisava: “Criançada, hora do banho!”.

Foi nessa rua que aprendi a andar na bicicleta do primo Pedro. Eram tempos difíceis e mesmo com bilhetinhos no Natal, “Não esqueça da minha Caloi!”, colados no

Jeepão azul do meu pai, que cortava as estradas barrentas como taxista e na máquina Vigorelli, onde minha mãe costurava os dias, Papai Noel não pôde me dar de presente. Apesar das dificuldades de se criar sete filhos, nunca nos faltou nada. Estudar era lei lá em casa.

Minha rua viu muitos finais de tarde, na área da singela casa de madeira, onde meu pai, mesmo cansado, pegava a gaita (acordeon) e numa toada linda, com notas tropeçadas, tocava as músicas mais belas da minha infância. Seus pés davam o ritmo no assoalho e eu me vestia de sonhos e saía dançando no grande baile da imaginação. Queria muito tocar aquela gaita linda que sorria para mim. Um dia, fui ao quarto de meus pais e peguei-a. Embora pesada, puxei o fole, tirei notas tímidas: Foomm! Fuuiimm! Festejei, consegui! Minha mãe apareceu. A barriga gelou! Vou apanhar! Que nada! Rindo, apenas disse para ter cuidado. Assim, a rua viu nascer uma gaita na família. Eu tinha 8 anos.

Nessa época, as festas tinham outro sabor. Nas fogueiras de São Pedro e São Paulo, a rua era um clarão de foguetes e bombinhas. O calor do fogo nos abraçava e as faíscas brincavam no céu pintado de prata pelas estrelas. O cheiro da pipoca, quentão e bolinhos da graxa davam água

na boca e convidavam os vizinhos. O pinhão sapecado no fogão a lenha enchia a cozinha de prosa e pares animados ao som da gaita, violão, duas colheres e um cabo de vassoura raspando na parede de madeira, improvisando o som da bateria. Que divertido! Hoje a vida mudou muito. Nas festas, a bebida tomou conta!

Antigamente todos se visitavam. A televisão era novidade, poucos a tinham. No vizinho, víamos a novela Irmãos Coragem. Mais tarde, compramos uma TV Colorado, preto e branco. Assistia Vila Sésamo, com o Garibaldo, pássaro gigante e desengonçado. O Sítio do Pica-Pau Amarelo e, aos domingos, Sílvio Santos. Agora, quase ninguém se visita.

A vida seguiu freneticamente. Saímos dos anos 70 e abraçamos os anos 80. Vieram várias primaveras, verões... Não sei onde deixei a criança que fui. A rua, parque de diversão, virou rua das paixões, das festinhas de garagens, de moças e rapazes com calças boca de sino. E os sonhos passaram a ser embalados nas vitrolas, nos discos de vinil nas vozes de Elvis Presley, Bee Gees, Abba, Lobo, Roberto Carlos, Raul Seixas e muitos outros. Ruim foi ver o que era rotina tornar-se saudade doída. Tudo faz muita falta! Foi-se no tempo que não seguramos.

Ainda nessa rua, matamos saudades e, no vaivém do chimarrão, vejo espelhadas nos olhos marejados de meus pais, já velhinhos, muitas recordações. E no silêncio às vezes sai: “Sossega o leão, piizada! Parem de ser jacu!”. As crianças só nas lembranças da tranquila rua General Osório de Pitanga. Foram-se para estudar fora, casar, trabalhar. Ela ficou e está lá, nos espera nos Natais, Páscoas... Nela, dona Abegail agora costura memórias com seu Paulo, taxista, esperando seus filhos com os netos, bisnetos e tataranetos.

Hoje, aos 51 anos, vou tricotando lembranças na velha gaita que herdei de meu pai, chorando notas na janela da minha casa, na mesma rua que foi berço de minha infância, adolescência e juventude.

*

*Texto baseado na entrevista realizada com
Mery Terezinha, de 51 anos*

**Professora Andréa Maria Ziegemann
Portelinha**

CE Dom Pedro I, Pitanga-PR

MENINA DA BOCA ROXA DE AMORA

Lavinia Soares Cardoso Bastos

Em momentos como este de vento frio e de céu avermelhado, rodeado por este conjunto de traços rosa, cinza e laranja, é só fechar os olhos que minha mente vai puxando esses fios coloridos e tecendo a maior de todas as saudades. Vejo uma menina pequena e esperta saltitando como um passarinho, pulando de galho em galho de uma amoreira carregadinha com a boca toda roxa de amoras. Consigo sentir, hoje, a doçura da amora e a voz grossa do pai que brincava: “Menina graciosa/ Da boca roxa de amora/ Vou contar para sua mãe/ Que você namora”. Mas, com ternura, a mãe da menina deixava as panelas no fogão e ia comer amoras com ela, regadas de belas histórias e do cheiro do frango refogado com banha de porco no fogão a lenha.

Nasci em Cachoeira, município de Alpinópolis, conhecida como Ventania. Minha infância foi simples, mas feliz. A vida naquele tempo era difícil, mas tinha o amor e o carinho dos meus pais e irmãos. Até hoje, sinto a ternura de minha mãe me levando para a cama e eu pedindo “Mãe,

me cobre!”. Ela pegava a coberta que havia tecido no tear e me protegia do frio. Ela era áspera, pinicava e me fazia coçar. Hoje, sinto saudades, não da coberta, mas da ternura de minha mãe. Ela era pequenininha e ao mesmo tempo tão grande.

Nossa casa, um casarão antigo e grande com um alpendre onde meu pai dava ordens com seu vozeirão “Abre a porteira para as vacas passarem!”. “Os bezeros não!”. Eu aproveitava para balançar nela, mas meu pai gritava “Desce da porteira, se não ela sai do prumo!” E eu nunca sabia o que era o tal do prumo. Mas de braveza de pai entendia.

Nossos brinquedos eram bois de joás, bonecos de sabugos, restos de tecidos e cacos de vidros bordados. Ai! Como eram lindos! Fui alfabetizada por minha irmã, que tinha apenas o terceiro ano primário, e ninguém mais me segurou. Sumia com um livro nas mãos, correndo entre o capim-gordura. Meus cabelos e suas flores roxas bailavam ao som e ao frescor do vento da Ventania. Chegava no Ribeirão, deixava nas pedras ouvindo o barulho da água e lendo as mais belas histórias: João e Maria, A Bela Adormecida. Eu era a Princesa daquele bosque. Adormecia nas pedras, não por causa de uma maçã envenenada, mas embriagada pelas palavras dos livros.

Menina ainda, não entendia o fato de meu pai falar que mulher não precisava estudar, mas insisti e fui. Ventania era uma cidade linda e tranquila, poucas casas e alguns casarões com muitas portas e janelas. Cercada por bananeiras e engastada entre montanhas, rodeada por três palmeiras que eu dizia ser as guardiãs da cidade. Que lugarzinho lindo! Não tinha luz elétrica e nem água nas casas, apenas três pontos de torneiras onde as mulheres faziam filas com suas latas.

Em 1969, iniciei minha vida de professora no grupo Damásio, que na época era feito de latas. Hoje, quando chove, ouço aquele barulho da chuva batendo, e aquelas carinhas apavoradas dos pequenos. Consigo sentir aqueles abraços quentes de braços pequeninhos, buscando proteção. Também me lembro do sabor da sopa de osso, misturada com fubá. Trago seu sabor na boca, na memória e no coração. Única refeição de muitas daquelas crianças.

Hoje nossa cidadezinha continua engastada entre as montanhas, porém, essas se transformaram em montes de areia branca, pela ambição dos forasteiros e de seus filhos. As três palmeiras morreram abaladas pelas bombas das pedreiras. Não se vê mais crianças nas ruas pulando maré,

não passam anel e não jogam bolinhas de gude. Em que gaveta do passado ficaram guardadas tantas brincadeiras inocentes?

Atualmente viajo muito, mas a viagem mais emocionante que faço é na infância. É só olhar para o céu iluminado, de fim de tarde, que minha alma se enche do cheiro do colo da minha mãe e do casarão onde nasci. Meus pais se foram e ele é apenas uma fotografia na parede. Tenho uma família maravilhosa: seis filhos, nove netos e uma saudade imensa daquela menininha da boca roxa de amora que, às vezes, vem saltitando de galho em galho, pula dentro do meu peito e bem no fundo de minha alma ouço a voz dela “Mãe, me cobre! Conta uma história?”. Ela vem e, ao pé do meu ouvido, conta a mais bela de todas as histórias.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Helena de Oliveira Freire Rodrigues, de 74 anos

Professora Rosa Maria Mendes de Lima
EE Dona Inda, Alpinópolis-MG

NOS BRAÇOS DO IPIXUNA

David Lima dos Santos

O tempo passou, mas as lembranças permanecem presentes em minha alma, fazendo meu espírito sorrir, chorar e saborear tantos e tantos momentos que já vivi.

Nasci nas margens de um enorme rio chamado de Ipixuna, no povoado Piquizeiro, em Lago Verde, onde vivi os melhores quatorze anos de minha vida. Nessa parte de minha história, posso dizer que fui um pequenino peixe, pois vivia muito mais dentro do rio do que fora dele e sentia um aconchego que parecia colo de mãe. Viver naquele lugar era pura alegria, apesar de morar lá somente minha vó, meu pai e eu.

Passei grande parte desse tempo banhando-me naquele rio, que parecia ter braços que, de forma carinhosa, me abraçavam e me protegiam, o que me encorajava a nadar, desbravando aquelas águas barrentas. Quando mergulhava, meus olhos ficavam vermelhos, mas aprendi com o balanço das águas a mantê-los bem abertos e atentos aos movimentos do rio e de todo verde que embelezava aquele lugarejo.

Os anos caminharam, bem me lembro que o meu amor e amizade pelo rio aumen-

tavam e era tão bom, mas tão bom, estar com ele que não sentia nem fome, só saía de lá quando ouvia os gritos de minha avó ou de meu pai me chamando para casa.

A escola não me conheceu, tive que trabalhar desde muito novo com o meu pai. Acordávamos com cheiro de cuscuz de panela e do café amargoso que minha avó fazia no nosso fogareiro a lenha. Ela era alegria em pessoa, de amargo em sua vida só o café mesmo.

Depois que enchíamos a panela, minha avó já estava com a boia pronta que era ovo frito com farinha e uma cabaça cheia de água. Assim, com toda essa bagagem, íamos para nossa roça. Logo começávamos a trabalhar, na tentativa de voltarmos cedo para casa. Eu e meu pai tirávamos as camisas e ficávamos nus de cintura pra cima, já que o sol não era tão escaldante como hoje.

Em certo momento, ele olhava para o céu como se estivesse olhando para um relógio e dizia: “Rumbora comer essa boia, já é hora”. Comíamos, e não demorava nada para já ficarmos empanzinados, mas também mais fortes para aguentar até mais tarde.

Com o sol se derreando, começávamos o nosso regresso e aproveitávamos as poucas horas para tagarelarmos histórias sobre os bichos da mata.

Lá não existia eletricidade, como temos nos dias atuais, por isso, depois de uma jantarada simples, mas muito caprichada, íamos para beira do rio acompanhados pela luz da lua e com lamparinas que usávamos quando a “mãe da noite” resolvia se esconder. Ao pé do rio, embalados pelos sussurros das árvores e do ventinho frio, minha avó contava histórias dos escravos negros que já haviam morado ali há muitos anos.

Durante as horas de conversa, em que o rio sentava para ouvir também, tínhamos sobre nossas cabeças um campo negro com milhões de pontinhos brilhantes que iluminavam até a nossa alma. Era impressionante como as horas voavam, mais que passarinho quando se soltava da gaiola.

As histórias terminavam, e nós rumávamos para casa e em cada passada dada refletia como a cumplicidade entre mim e o Ipixuna só crescia...

Vejo hoje que tudo mudou. Aquele povoado pouco habitado encheu-se de casas, pequenas veredas deram lugar a uma estrada bem larga. O grandioso Ipixuna envelheceu, assim como eu que agora já tenho meus 57 anos e não sou mais aquele menino, mas o senhor Antonio. A mata que se via antes quase desapareceu, o fundo do rio é visível em algumas épocas do ano.

Percebo que a falta de cuidado com o meu velho amigo deixou marcas que ele levará pelo resto da vida. Choro ao ver que seus braços parecem enrugados e sem forças, mas, ainda sim, me sinto abraçado por ele.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Antonio Vieira Santos, de 57 anos



Professora Kellyenne Costa Fontinele
UI Pequeno Príncipe, Lago Verde-MA

POR QUE NASCEM CRIANÇAS?

Ana Beatriz da Silva

É só fechar os olhos e lembrar-me dos tempos de minha meninice que as imagens confusas aos poucos vão se tornando reais. Creio que, apesar das dificuldades, uma boa parte de minha infância foi boa, não pelo que raramente possuíamos, mas por nossa maneira de viver.

Sempre fui igual às demais meninas do meu tempo. Brincava de roda, passanel, amarelinha. As minhas bonecas davam gosto de se ver. Eu utilizava os restos de lãs de tricô que mamãe jogava fora para preencher o que seria o corpo das minhas lindas janotas. Tinha poucos recursos para isso, mas achava o máximo! Eu era tão jovem e sabia que tudo o que precisava para viver estava bem ali, no Sítio Pindoba!

Não sei da minha memória o tempo em que eu e minhas amigas nos reuníamos nos quintais de nossas casas durante as tardes de domingo para falar sobre vários assuntos proibidos. Porém o nosso problema principal era saber por qual razão o homem e a mulher se casavam e logo depois nasciam crianças. Vivíamos em um estado de inocência total.

Naquela época, os paus de arara eram os transportes que levavam os moradores de nosso povoado para a feira livre de Limoeiro. Vagarosos, circulavam para lá e para cá. Andavam entupidos de gente. Costumavam pender nas estradas de barro vermelho. Era um sacrifício! Andávamos cerca de 20 quilômetros e quase sempre precisávamos descer da carroceria por causa do atoleiro.

Lembro-me que, certa vez, em uma dessas longas viagens, eu via que todos conversavam espontaneamente. Minha mãe se sentia à vontade, contando histórias rotineiras para as pessoas que também seguiam viagem. De repente, a conversa acabou. Restou à minha mãe falar sobre o tempo e as paisagens. Procurava iniciar uma prosa, sem achar. Já impaciente com o silêncio e coberta de dúvidas sobre aquele assunto que eu havia conversado com minhas colegas, eu berrei:

— Mamãe, por que o homem e a mulher se casam e logo depois nascem crianças?

Minha mãe ficou vermelha de vergonha. Uma mulher fingiu uma tosse e cutucou a criança que estava ao seu lado. Um senhor assobiou e olhou para cima. Eu, pacientemente, esperava uma resposta que a princípio era impossível de ser respondida.

Entretanto, estava curiosa, pensando que minha mãe não teria ouvido. Eis que, diante daquela situação, tornei a perguntar:

— Mamãe, como é que nascem as crianças, hein?

Minha mãe fingiu procurar algo, retirou da cabeça o seu chapéu de palha, colocou no meu ouvido e num tom baixinho disse: “Depois, quando estivermos sozinhas, eu explico”.

Imediatamente, ela virou para o grupo e falou:

— Acho que vai chover.

Todo mundo, muito disfarçado, olhou para cima. Naquele momento fazia um sol de rachar. Alguns demonstravam sinais de aceitação somente para encobrir o meu vexame. Eu sempre atrasada, também olhei pra cima e só vi azul e sol. Discordei:

— Chover hoje? Mas não dá pra ver nenhuma nuvem... Eis que, para “salvar a pátria”, alguém lá atrás falou:

— Chuva de verão pode aparecer a qualquer momento. É quando as tempestades são piores!

E assim o pau de arara continuou o seu trajeto, movendo-se de um lado para o outro. O “nhecnech” das madeiras que serviam de assento era a prova viva de que a condição das estradas não era boa.

Ao chegarmos na feira livre, esperei o momento oportuno. Minha mãe parecia evadir-se, cochichava, sorrindo, com as outras senhoras. Eu, firme, esperei até o momento em que ficamos sozinhas e voltei a indagar:

— Mamãe, nascem crianças por quê? Minha mãe era superencabulada em assuntos íntimos e mostrava-se constrangida.

— Mamãe, responde!

— Santina, repare só numa coisa: o homem, quando se chega perto da mulher... cof, cof... quando se aproxima MUITO, MAS MUITO PERTO... acontece uma magia que aí a mulher fica grávida. Entendeu?

E saiu disfarçando. Nem esperou a minha resposta.

Fiquei estática com a novidade. Então era assim que nasciam as crianças. Uma magia que acontecia quando o homem chegava MUITO PERTO MESMO.

— Anda, Santina!

Daí em diante, qualquer homem que se aproximasse me deixava completamente apavorada! E se eu ficasse grávida? Será que os homens eram tão ignorantes para desconhecerem tal perigo? Dei para correr de tudo que era homem e até hoje ainda não casei, e, claro, não tive filhos.

*

Texto baseado na entrevista realizada com Santina Ana da Conceição, de 71 anos

Professor José Augusto Pereira da Silva
Escola Serafico Ricardo, Limoeiro-PE

Crônica

Se existe um gênero marcado pela flexibilidade, é a Crônica. Seu tom pode ser poético, filosófico, jornalístico, cômico, desprezioso, pitoresco, ou de tudo um pouco. Mas há algo comum às crônicas que precede essa versatilidade: será sempre um texto que emerge das entranhas, muitas vezes inesperadas, do cotidiano. É nele que o autor com olhar treinado investiga “o que vale uma crônica” e encontra sua matéria-prima. Este capítulo traz a fértil produção de alunos-escritores de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, que, entre tantos outros motes, colocaram suas lupas sobre a vó benzedeira que de vez em quando gosta de dançar um xote; o senhorzinho que vai à feira em busca de um bom papo; a amizade entre um menino vendedor ambulante e uma estátua de Manoel de Barros; a disputa de casas funerárias por um morto que aparece no meio de um lago; um jogo de futebol feminino em que a amizade venceu a competitividade; um noivo que sumiu na festa de São João; o mistério do relógio da cidade que teve seus ponteiros desaparecidos.

É como se as entrelinhas das páginas seguintes ecoassem o que Antonio Candido escreveu sobre esse gênero literário em “A vida ao rés-do-chão”: “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”. São crônicas sendo crônicas: textos sem pompa, mas com circunstância.

CRÔNICA

Índice

- 126 **O APANHADOR DE ACALANTOS**
Beatriz Pereira Rodrigues
- 128 **UM RAMINHO DE ARRUDA E UM ROSÁRIO NA MÃO**
Emeli Vichinieski Wiczorkoski
- 130 **FU**
Letícia Prasser Cortes
- 132 **MANOEL E O VENDEDOR DE BUGIGANGAS**
Nicolas dos Santos Sá
- 134 **DO TICO-TICO AO CHUÁ, LÁ VEM A CHUVARADA**
Micael Correia da Silva
- 136 **ESTRANHA NO NINHO**
Iasmim Luíze Teófilo da Silva
- 138 **MEU MORRO**
Maria Eduarda de Moraes Silva
- 140 **A MORTE DA MAIS ANTIGA INQUILINA**
Isabelly dos Santos
- 142 **BOCA DE BADALO**
Geizy Taissa de Souza Santos
- 144 **A DEVOÇÃO FAZ O LUGAR**
Mel Eduarda Guimarães Silva
- 146 **O TEMPERO DA VIDA**
Luiz Gustavo Carlos Morais
- 148 **A MANTEIGA DO SEU ZÉ DE ZABÉ**
Plínio Meireles de Almeida
- 150 **DEPÓSITO DE QUÊ?**
Natália Borba Gomes
- 152 **CARTÃO-POSTAL**
Paulo Manoel Bispo Fernandes
- 154 **O TRIUNFO DO BICHO HOMEM**
Thiago Moreira de Abrantes
- 156 **DO "BUTECO DA ANTÔNIA" À DONA MARIA**
André Felipe da Silva Lima
- 158 **FIM DO MUNDO**
Jéssica Vitória da Silva Rocha
- 160 **DAMA DA RUA, DAMA DE OURO**
Gláucia Beatriz Monteiro Machado
- 162 **O SONO ROUBOU O TEMPO**
Júlia Iasmin Vieira dos Santos
- 164 **A FESTA DE SÃO JOÃO**
Camila Lopes de Aguiar
- 166 **HAJA TAMPA DE DEDO!**
Adriely Stefany Ferreira de Lima
- 168 **A PORTA**
Francisco Edmar Rocha de Castro
- 170 **À ESPERA DA ÚLTIMA AULA**
Aytan Belmiro Melo
- 172 **O GUARDIÃO DO CONHECIMENTO**
Júlia Luana Schmitt
- 174 **LÁ NA MINHA TERRA**
Açucena Martilho Diniz
- 176 **A PEQUENA GRANDE GUERREIRA**
Francisco Felipe da Silva Izidro
- 178 **HISTÓRIA DE PESCADOR**
Isabelle de Araujo
- 180 **LÁGRIMAS DE ESPERANÇA**
Kesia Cardoso Gonçalves dos Santos
- 182 **TRADIÇÃO DE CARIDADE**
Emilie Caroline Stallbaum de Rossi
- 184 **EU VIM DE LÁ**
Chrystian da Costa Rodrigues
- 186 **AH, MALDITOS CINCO MINUTOS!**
Ana Maria Pereira da Silva
- 188 **OPERAÇÃO CINDERELA**
Allanis Stephani Carvalho
- 190 **SENTIMENTOS AMARELOS**
Bruna Vitória da Silva Andrade
- 192 **O DIA EM QUE A NOITE FICOU VERMELHA**
Kevem Santos de Araújo
- 194 **O GUERREIRO DO SERTÃO**
Francisco Wagner de Brito Viana
- 196 **SEMPRE EM BUSCA DE LUZ**
Ana Beatriz Rodrigues Paes
- 198 **ESCOLA FÁBRICA, FÁBRICA ESCOLA**
Jairo Bezerra da Silva
- 200 **O DONO DO PEDAÇO**
Kaike Ruan Machado do Carmo

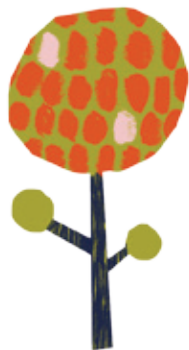
O APANHADOR DE ACALANTOS

Beatriz Pereira Rodrigues

O sol estava dando um bom dia tímido nas primeiras horas daquela manhã de terça. Estávamos a caminho da feira da cidade. Meus colegas e minha professora já discutiam os assuntos, sabores e cores que encontraríamos lá.

O ônibus mal parou e eles já estavam na porta esperando ansiosamente para sair. A feira é pequena, típica do tamanho da cidade, situada abaixo da prefeitura. Ao seu lado, fica a linha do trem, margeada por quaresmeiras, uma ao lado da outra, num abraço roxo e rosa sem fim, cismando em querer dar boas-vindas ao trem que passa carregando nossas riquezas minerais, entre elas, o famoso nióbio.

A manhã estava fria. Via-se o vaivém das pessoas. A feira estava lotada e era difícil caminhar pelos estreitos corredores formados pelas barracas e pelo congestionamento dos passantes, cada qual com suas sacolas. Alguns colegas estavam tirando fotos, outros degustando e descobrindo sabores e eu, observando as pessoas. Ao longe, a igreja branca em cima do Morrinho do São João, nosso car-



tão-postal, parecia abençoar o nosso dia.

Entre todas as pessoas, comecei a observar um senhorzinho, bem mais velho, daqueles que usam o chapéu para sair de casa, que ia de barraca em barraca, parava em todos os grupos de conversa para puxar assunto, observava as frutas, mas nada comprava. Eu, ali, fisgada por algum encantamento vindo daquela figura magra e simpática, passei a observá-lo mais de perto, chegando a ouvir suas risadas e conversas. Às vezes, pegava uma laranja e cheirava:

— As de hoje não têm mais aquele perfume... “Sassinhora”! Que saudade!

Parecia querer encontrar ali um cheiro que o transportasse à infância, à mocidade, à felicidade! Dali a pouco, ajudava algum feirante a colocar frutas na sacola de

um cliente; ora entrava em grupo de conversas e falava sobre a política da cidade, sobre suas dores, sobre os netos que já estavam grandes e não o visitavam mais; ora falava sobre o tempo... ah, o tempo... o que ele fez àquele senhor?

Percebi que ali na feira, ele estava em busca de algo, não para saciar sua fome, mas para acalantar seu coração solitário: atenção, carinho, risos, sentimento de ainda pertencer ao lugar e de ter com quem conversar. Fiquei imaginando o quanto as pessoas mais velhas podem se sentir sozinhas no vazio de suas casas. Em muitas famílias, os adultos saem para trabalhar, os jovens para estudar e os idosos ficam à mercê de ver o tempo passar. Solitários, muitos já perderam seus contemporâneos e não reconhecem mais o mundo vazio em que vivem.

Talvez por isso, aquele senhorzinho, tão velho, parecia tão feliz e tão acolhido quando encontrava alguém para conversar. Reparei que não era só ele. Ali, havia muitos outros, também mais velhos, sem sacolas nas mãos.

Na hora de ir embora, de longe, fiz um tchau para ele, que me respondeu abanando o chapéu, com um largo sorriso que me fez mais feliz.

Ao chegar em casa, fui para o meu quarto e, como de costume, acessei a in-

ternet para entrar em minhas redes sociais. Ali, fiquei horas, postei fotos, comentei com minha professora as impressões do passeio, ouvi minhas músicas... tudo na solidão do meu quarto.

Já era noite e, por mais que eu tentasse, não tirava o velho da minha cabeça. Fiquei imaginando ele levantando cedo, tomando seu café, arrumando-se e escolhendo seu chapéu de passeio para ir ao encontro do carinho das pessoas e, talvez, compensar a ausência dos filhos e netos.

Então percebi que, assim como ele, também me encontro numa grande solidão. Estamos o tempo todo conectados, sabemos tudo uns dos outros, em tempo real (mesmo no isolamento de nossos quartos), mas perdemos muito do “olho no olho”, do abraço, do toque, do sorriso verdadeiro que emana felicidade. Aquele velho, perdido num mundo tão diferente, e eu, perdida num mundo de indiferenças! Éramos cúmplices!

De uma certa forma, seu exemplo me move a mudanças. Onde será que encontro um chapéu?

Professora Vânia Rodrigues Ribeiro
EM Nilda Margon Vaz, Catalão-GO

UM RAMINHO DE ARRUDA E UM ROSÁRIO NA MÃO

Emeli Vichinieski Wieczorkoski

O dia começa com a aura fria de maio, vovó volta com a lenha no balaio picada por ela antes de eu acordar. Fogo aceso, água fervendo na chaleira de ferro rodeada de pinhão assado na chapa. Agora, com a cuia na mão, está a olhar as galinhas ciscando o milho no terreiro coberto por um feixe de grama aqui e ali, decidindo qual delas seria o almoço a ser servido com polenta. É assim que o dia começa aqui no interior do centro-sul do Paraná, em Faxinal dos Marmeleiros, onde porcos, carneiros e cavalos correm soltos em uma terra que ainda é cultivada coletivamente por alguns, mantendo a tradição dos faxinais.

Tão sábia, leva os anos nas costas e a juventude ao seu lado, mesmo tendo tido uma vida dura e desgastante na roça, ainda sente vontade de dançar um xote de vez em quando.

Logo um barulho de carroça, um bater de palmas e um “ô de casa!” indicam visita. Dona Júlia, mulher esguia de cabelos longos presos em um coque amarelado e desajeitado, chega com o filho barrigu-

dinho que esconde a “cetra” nas costas e cascas de mimosa no bolso do casaco. O marido, acendendo o cigarro de palha, fica na carroça ao longe só a observar. Como muitas pessoas, dona Júlia veio atrás de um benzimento ao filho, para curá-lo das bichas (vermes). Vovó é uma benzedeira conhecida por aqui, tem até certificado e carteirinha que regulamenta sua prática, sempre procurada para tirar quebranto, susto, ar no olho, ar no umbigo, peito aberto, machucadura, cobreiro, bugreiro, rendidura, garrafadas... São muitos os pedidos e as simpatias.

Seguindo seu ritual de curandeira, ela acende o toco de vela em seu pequeno e simples altar no velho guarda-louça de madeira com imagens de santos, como o coitado e desbotado Santo Antônio que teve as duas metades coladas depois de eu, acidentalmente, tê-lo derrubado no chão. Ali está também Nossa Senhora Aparecida e o pequeno retrato em preto e branco do monge São João Maria, um andarilho e curandeiro que passou pela região, de casa em



casa, batizando as crianças. É considerado santo por aqui, tanto que a água dos olhos d'água, presente no caminho que ele percorreu, dizem ser benta, usada para a reza das benzedeadas e benzedores do Paraná.

Ao lado da chama acesa está o copo. Na água benta, vovó molha o raminho de arruda que já vinha com um pouquinho de orvalho, há pouco colhido do quintal, de onde tira todas as suas ervas medicinais: a erva-cidreira, a hortelã, o capim-limão para vários chás, pomadas caseiras e até como parte de suas simpatias. Um grande quintal do qual sou proibida de tirar ingredientes para brincar de benzedeadas, na tentativa de imitá-la por admiração. Além do raminho, ela tem em mãos um rosário feito de sementes com o qual realiza o benzimento com oração própria, inúmeras vezes já repetida, tão rápida que quase não consigo entender, reconheço um Pai Nosso no final quando passa o rosário na cabeça da criança.

O olhar de dona Júlia ao lado do filho é de fé no benzimento. Ao final, seu tímido sorriso é de agradecimento, mas por educação logo pergunta “Quanto é?”, vovó apagando com um sopro a vela diz “Não é nada”. “Deus lhe pague”, finaliza a visitante.

Minha avó é benzedeadas, curandeira. Há muitas delas por aqui, cada uma com

seu ritual, algumas usam plantas medicinais, outras água benta e algodão, ou peineira, cera, costura com pano, linha e agulha. Mas o que une todas essas pessoas é a fé, representam sabedoria, cultura, história, tradição e religiosidade. É algo de difícil compreensão para alguns, muitos criticam, duvidam, têm preconceito, outros creem firmemente, acreditam nesse dom que, na verdade, acho ser fruto de muita fé, espiritualidade e saber popular. É um ofício tradicional do interior do Paraná que precisa de valorização e respeito. Vovó é uma médica que usa o rosário no lugar do estetoscópio!

Já vi a chamarem de feiticeira, mas isso não a abala, tem muita coragem, muita sabedoria no olhar, que traz a cultura e a fé de um povo humilde. Admiro-a em seu ofício de ajudar o próximo, um dom de fazer o bem que passa de geração em geração. Quem sabe eu não seria mais uma benzedeadas de Faxinal dos Marmeleiros?

Professora Carla Micheli Carraro

CE do Campo de Faxinal dos Marmeleiros, Rebouças-PR

Letícia Prasser Cortes

Quinta-feira, primeiro dia de Expoeste e eu ansiosa e toda produzida de calça, botina e chapéu. Aguardava o dia passar para chegar a noite do mais esperado show, nada mais nada menos do que Manutti. Minha ansiedade crescia a cada minuto do anúncio do carro de som pelas ruas.

Cai a noite, e eu mais cinco amigas seguimos rumo à praça municipal para esperarmos o circular que faz o trajeto do centro ao parque de exposição Laurindo Chapéu de Couro. Ao chegarmos logo ali na subida do morro da Avenida 7 de Setembro, exatamente na faixa de pedestre em frente ao Sorvetão, percebi algo chamando a minha atenção, pois pessoas começavam a se aglomerar, e eu, que não sou gato e só tenho uma vida, não quis morrer de curiosidade e fui lá. Nesse instante, foi imediata a lembrança das aulas de História e viajei direto para o Antigo Egito, pois aquilo que eu vira ali era a cópia fiel dos braços de uma dançarina egípcia, mas ao observar com mais atenção, percebi que essas dançarinas não tinham todo aquele molejo e comecei a reparar melhor e, se

não fosse pela indumentária, poderia dizer com toda a convicção que Michael Jackson não havia morrido e tinha vindo se esconder nessas bandas do Norte do Brasil.

Aos poucos aquela aglomeração já havia virado uma multidão e não parava de chegar gente. Cada uma com um tipo de reação, algumas ficavam estáticas, outras boquiabertas, alguns assobiavam e, por incrível que pareça, todas sequer piscavam. Eis que de um salto majestoso do chão para o banco, ao som de assobios, gritos e aplausos, o espetáculo toma uma proporção gigantesca, e a empolgação do público faz com que aquele banco se torne a miniatura do palco da Broadway e, ali mesmo, sem aqueles sapatos brilhantes, mas de bermuda listrada, camisa floral abotoada até o pescoço e de gravata laranja, o dançarino desliza de um lado para o outro, joga os ombros para cima e para baixo, sobe e desce, rodopia, segura com uma das mãos na cintura e dá uma sarrada no ar, para e depois acena com as mãos. O público enlouquece e se eleva em gritos e assobios. Pensa que o show acabou? Engano seu. Também havia pensado.



Mas não, foi somente o primeiro ato do espetáculo e para o espanto da plateia, o artista dá um salto mortal carpado triplo de costas e, de pés no chão, deixa o banquinho ao lado do busto da praça Nilo Paulo Balbinot e atravessa a rua virando estrelinhas. Foi esse o momento de maior agitação, pois os gritos e assobios parecem ter triplicado. Ao chegar em frente à loja Varuna, o show recomeça, mas agora o próprio artista escolhe seus espectadores: os manequins, e assim

ignora toda aquela gente que também atravessou a rua para segui-lo. No entanto, como uma surpresa, vira de costas para a loja e seus espectadores escolhidos e, de forma esguia e elegante, curva-se e roda as mãos três vezes reverenciando o público e finaliza fazendo um coração com as mãos, depois desce a avenida com rumo ignorado. O público vai ao delírio!

Ali estava eu, juntamente com aquele respeitável público, saindo de um estado de êxtase e entrando no circular, mas confesso, meus caros, perdi até a vontade de ir ao show do Manutti, pois imaginava que não seria mais animado do que aquele espetáculo de graça na rua.

Você pode até pensar que cidades pequenas são todas iguais, que têm apenas praça, loja, lanchonete e posto de gasolina, que as pessoas só falam mal da vida alheia e que sabem mais da nossa vida do que nós mesmos. Se você pensa assim, até certo ponto eu posso concordar, mas a minha cidade é mais que isso, a minha tem o Fu, o dançarino da praça.

Professor Alan Francisco Gonçalves Souza

EEEF Jerris Adriani Turatti,
Espigão do Oeste-RO

MANOEL E O VENDEDOR DE BUGIGANGAS

Nicolas dos Santos Sá

Em busca de uma inspiração que me levasse a escrever uma crônica, dirigi-me ao centro da cidade de Campo Grande. Meus olhos estavam famintos de acontecimentos, tanto banais como interessantes, desde que servissem para a composição da minha crônica. Por isso fiquei olhando através do vidro do carro, tudo o que acontecia à minha volta. Observei o cotidiano das pessoas que estavam por ali. Esse centro, aliás, que está sendo revitalizado, para que fique melhor. Meu pai decidiu estacionar em uma vaga permitida, na Avenida Afonso Pena.

Caro leitor, eu estava em busca de algo diferente no cotidiano das pessoas, e na breve caminhada junto com a minha família, avistei um garoto, e ele chamou a minha atenção. Era um vendedor de bugigangas, e ele usava o semáforo fechado para tentar arduamente conquistar a atenção dos motoristas. Quase todos se faziam de desentendidos. Confesso que eu também logo perdi o interesse pela cena, e não dei a devida importância ao fato.

Continuei a transitar por ali, distraído com outros acontecimentos. Mas então fiquei com sede e decidi comprar algo para beber.

Na volta, tornei a observar o moleque vendedor com o sorriso contrariado no rosto, o menino sentou-se, esperando a próxima oportunidade para oferecer suas bugigangas.

Enquanto isso, eu também esperei, tomando tranquilamente o meu suco, pois o dia estava quente e eu precisava me refrescar. Eu nem percebi que passei a testemunhar tudo o que ele fazia. O sinal abria e fechava, abria e fechava, e ele sempre pronto para trabalhar.

Voltando o meu olhar mais para além, e nas redondezas desses acontecimentos, eu vi que o menino aguardava ao lado da estátua do Manoel de Barros. Agora sim, caro leitor, eu me interessei de fato por tudo o que via e era muito inusitado e diferente. A cena me intrigou. A estátua do Manoel e o moleque pareciam “amigos”, o olhar do Manoel, a meu ver, cuidava dos pertences do garoto enquanto mais uma vez ele saía para oferecer suas bugigangas.

O Manoel sentado em seu sofá, com um sorriso cativante e em seus trajés simples, não se movia, mas parecia ter vida e, de alguma forma, auxiliava os trabalhos do menino.

Eu continuei a fixá-los e me aproximei um pouco mais. Cheguei até a sombra da figueira centenária onde os dois estavam. E ali era bastante fresco e agradável. Descartei a embalagem do meu suco no lixo próximo a eles, e permaneci olhando-os sem que percebessem o meu interesse.

A minha família, que entrara em uma loja, estava de volta e me apressaram para sairmos dali. Melhor jeito que achei, foi fazendo o contrário. Eu diminuí os passos para dar tempo de olhar tudo, estava encantado. E pensei: “Esse vai ser o tema da minha crônica.”

Mais adiante, ainda aproveitei a distração dos meus familiares com as vitrines para ver o Manoel. Manoel dá importância às coisas desimportantes e aos seres desimportantes e preza muito o menino vendedor de bugigangas. Que bom que o menino encontrou um parceiro.

Constater, ainda, que o Manoel de Barros é poderoso e prestativo mesmo não estando mais entre nós. Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro, e sim aquele que descobre as insignificâncias das pessoas.

O garoto continuou a sua jornada, tentando vender suas coisas de pouco valor. Como disse anteriormente, o centro da minha cidade está sendo revitalizado e as

pessoas estão aproveitando para ganhar um dinheirinho, enquanto as obras não terminam. Cada um tentando ganhar o pão de cada dia (se é certo ou não, legal ou contra a lei o que o garoto faz, isto é assunto para outra crônica).

Passei então a observar o ir e vir das pessoas e constatei como elas são apressadas! Então, ouvi uma voz:

— Vamos, Bernardo! Era minha mãe me chamando.

Enfim, era hora de ir embora. Estampeei um sorriso no meu rosto e fiquei admirando a cidade. Depois pensei: “Será que o vendedor de bugigangas tem ideia de quem é Manoel de Barros?”

Quando olhei para trás e vi o menino carregando as bugigangas e se sentando ao lado de Manoel de Barros eu tive certeza de uma coisa: eles eram amigos, e isso era o suficiente. É, caro leitor! Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.

Professora Elaine Darnizot
EM Imaculada Conceição, Campo Grande-MS

DO TICO-TICO AO CHUÁ, LÁ VEM A CHUVARADA

Micael Correia da Silva

No verão passado, em uma quarta-feira à noite de muito calor, as muriçocas estavam todas alvoroçadas no nosso pequeno povoadinho de Algodões. Já se aproximava das 22 horas, quando de repente... Tudo mudou! As muriçocas sumiram! O tempo se fechou, nuvens pesadas começaram a se formar, ao longe ouviam-se os trovões, viam-se os clarões iluminando o céu, o vento uivava igual cachorro desvairado. UH! UH! UH! A caatinga cinzenta de tão seca chega estremecia, um grande temporal se aproximava. Os ventos tornaram-se cada vez mais fortes, a caatinga deitava com a força dos redemoinhos, é nesse momento que dá um frio na barriga da gente! Aos poucos começou a gotejar, pequenos, médios, grandes pingos e já se podia ouvir o tico-tico das goteiras. Foi nesta hora que a dona Albertina, minha vó, meteu os pés da cama, levantou-se como uma doida e começou a gritar pela casa:

— Homem de Deus, levanta que já vem chuva! Vai ajeitar a bica! O piaba, tadinho, não para de latir (e o coitado do cachorro a

gritar “caim, caim...”)! Cuida, “homê” à toa!

Mal terminou de dar as ordens ao marido, já gritava aos filhos:

— Meninos, vêm me ajudar a colocar as panelas nas goteiras, se não vai amanhecer todo mundo nadando! Cuida, gurizada (e a mulher é agoniada)! O diacho desse telhado parece é uma peneira, mas é bom que já se junto água!

Detalhe, a chuva ainda nem chegou, mas toda nordestina que se preze tem que fazer esse ritual, se vacilar até os pinicos vão para debaixo das goteiras! Pois é, o povo do Nordeste não pode ver uma gota d’água cair no chão que já se põe em prontidão.

Mas foi nesse momento que tudo aconteceu, pois depois de uma sequência de muitos pingos o céu se derramou em água, “eita que foi água!”. Parecia o dilúvio da Arca de Noé. E assim foram se desenrolando os acontecimentos desastrosos daquela noite, pois mais adiante existe um córrego desbravando uma caatinga mais seca do que vara de bater pecado, e foi por esse córrego que a água desceu desvairada para o povoadinho mais abaixo, a Vila. Porém, no meio desse percurso havia a casinha do senhor Antônio da Maria, popularmente conhecido como Capuco, um senhorzinho do meu lugarzinho, gente fina, mas teimoso que só ele, pois o mesmo



achou de construir sua casa na beirada de um córrego, mas avisado ele foi dos perigos daquela empreitada. Contudo, achou que a razão estava apenas com ele, bom, talvez estivesse descrente, faltou-lhe a fé perante a tantos anos de seca. É, mas como Deus escreve certo por linhas tortas, aí foi que o bicho pegou, pois a força da água era tamanha que a coitada da casa foi invadida por um mundaréu de água, lama, galhos, entrou tudo pelo fundo da casa e saiu pela porta da frente, uma coisa de dar dó! Levou tudo! E seu Antônio e sua esposa? Bom, conseguiram fugir a tempo numa carreira desenfreada. “Quem espera tempo ruim é lajedo”, diz o dito popular da minha região, e assim, pernas pra que te quero.

Todos lembram desse acontecimento (e também da teimosia de Seu Antônio), coisa dessa é difícil esquecer, e me parece que até hoje a vizinhança ainda encontra objetos levados pela chuva da casa do

Capuco, fato esse que espalhou-se por toda Campo Formoso de tão famoso que foi na nossa região. Bem, quem mora por estas caatingas, Algodões, Vila, Pauzinhos, Boa Vista e em Araras, sabe que demora chover, mas quando chove... Aí a vaca vai pro brejo (Você me entende!), literalmente. Mas quem liga? A gente mesmo é de chuva, é de ver o sorriso de sertanejo, sentir o cheiro de terra molhada, os pássaros a cantar demonstrando gratidão, tanque cheio de água barrenta, sapo a fazer festa, as pessoas simples na janelinha de casa agradecendo a Deus por tudo, todos numa imensa alegria dando as boas-vindas a essas chuvas abençoadas que fazem o nosso sertão florescer, sorrir, encantar e festejar. É difícil explicar, mas uma coisa eu posso lhe garantir, mesmo diante da teimosia, dificuldades e aperreações que o sertanejo enfrenta, nós somos arretados (palavra de nordestino), pois somos um povo lutador, em que a verdadeira felicidade do lugar onde vivo é a simplicidade de um povo sonhador e vencedor.

**Professora Águida Cristina
do Nascimento Silva**

CM de Araras, Campo Formoso-BA

ESTRANHA NO NINHO

Iasmim Luíze Teófilo da Silva

A natureza humana é algo mesmo impressionante. Porém, mais impressionante ainda é a capacidade do ser humano em entender aquilo como lhe convém. A cultura popular diz que “coração humano é terra que ninguém pisa”, mas nada que se compare à maldade produzida pelo medo do novo, do desconhecido.

Engenheiro Passos, ou só Gererê, para os íntimos, é um desses recantos do interior. Fica no pé da Serra da Mantiqueira, na fronteira entre os estados do Rio, São Paulo e Minas, e talvez por isso, por não se saber ao certo onde começa ou termina cada estado, mas de se ter a certeza de que se está no interior, do interior do interior, onde se está tão acostumado com “o bom e o velho”, aquilo que é novo costuma causar estranheza.

Certa vez, na escola estadual, que é pequena, onde todos se conhecem, chegou uma aluna nova. Muito bela e simpática. Chegou de algum lugar do Estado de São Paulo, a cidade não me recordo. Mas dizem que ela era bem comunicativa, e bela. O tom de verde de seus olhos chamava a



atenção, uma verdura que lembrava as calmas águas da baía de Angra e Paraty. Essa novata chegou e fez justiça ao título de Miss Simpatia, o que fez nascer um sentimento de inveja, desconfiança e quem sabe ódio. “Quem ela pensava que era pra chegar e conquistar nossa Gererê assim?”

A doce novata nem imaginava o que a aguardava. Ser bela e comunicativa foi o maior de seus pecados. Como num conto de fadas do interior, nossa bela novata seria vítima da tal inveja feminina, tão comum nos contos. Porém, a maçã envenenada foi a fofoca e o maldizer.

Inventaram de um tudo: que ela veio fugida de Tremembé por ser menor infratora, que sua mãe não deu conta do “fogo” e mandou pra cá pra se esconder na casa da avó, ou ainda que suas virtudes eram disfarce de uma boa bisca...

Calúnia, difamação, confabulação. De tudo tentaram para disseminar má fama da doce novata. Se ela se sentiu rejeitada? Talvez, mas não deixava transparecer. E não há nada como um dia após o outro.

Era dia de jogo na escola. Futebol Feminino era a modalidade. Aqui as meninas são fera. Dignas de Copa do Mundo. Quem sabe até substituir a Marta? Enfim, todos aguardavam ansiosos pela especialidade de Gererê. Tudo indicava que seria um massa-

cre. A novata vai ser A-TRO-PE-LA-DA, com todas as letras, pelas enciumadas “gererenses”. Coitada, ia apanhar como Judas em Sábado de Aleluia.

Ouve-se o apito. Começa o jogo. Todos prontos para ver o massacre, a novata bela e fresca ver sua beleza ser destruída com chutes, empurrões e boladas. Quando, simplesmente, ela tocou a bola e deu um show. Ninguém esperava por aquilo. E não só deu um show, como se entrosou com o time. Pareciam velhas conhecidas, praticamente irmãs.

Deram um baile no time adversário e saíram de campo abraçadas.

Aqui no pé da Serra da Mantiqueira, onde Rio, São Paulo e Minas se encontram, num fim de mundo, que é o interior, do interior, do interior, um joguinho de futebol feminino derrubou todas as muralhas e neutralizou o veneno da inveja e acolheu a quem antes era só a estranha no ninho.

**Professora Teresa Cristina
Fonseca de Andrade**

CE Engenheiro Passos, Resende-RJ

MEU MORRO

Maria Eduarda de Moraes Silva

O morro acorda sempre apressado, agitado. Num desce e sobe vielas e escadas, pessoas seguem suas vidas ao mesmo tempo em que portas e janelas se escancaram e melodias, risadas saltam soltas daqui e acolá.

Dona Josefa, com seu cigarro já aceso, está de pé à porta de seu barzinho, curtindo suas músicas sertanejas; e não se demora muito pra ver a Brenda, dos salgadinhos, aos gritos com os filhos da Michele, que insistem em jogar bola na frente da sua barraca... Está declarada a confusão. Mas bom mesmo é passar pela dona Maria, a quitandeira – me delicio só de olhar todas aquelas frutas cheias de cheiros e sabores.

Os dias são quase todos assim: entre idas e vindas, “sobes e desces”, vou e volto da escola. E nessa volta, loucura mesmo é passar pelo “Caminho das Índias” – é assim que chamam a Cachoeirinha na hora do *rush* – Pensa num lugar agitado, cheio de gentes, gritos e buzinas? Aff!! Salve-se quem puder! Mas... Chego lá na minha casa, chego lá...



Já é noite no Morro do Macaco. As luzes tomam seu lugar e, aos poucos, tudo vai se quietando... Bem aos poucos. Não vejo mais a Brenda nem dona Maria que, pelo horário, já fecharam suas vendas. Dona Josefa – agora sentada na sua cadeira de plástico vermelha – mantém o bar aberto até tarde da noite.

Continuo a subida e, lá pelo meio do caminho, um grito sai avisando:

— Os “cara” tão subindo!!! Coooorre, coooorre!! Tão subiiindo!!

O susto paralisante foi logo desfeito pelo apavoramento do povo. Quem pela rua estava, correu desesperado, assim como eu, pra se esconder em algum lugar. Os disparos pareciam vir de todos os cantos do morro. Portas e janelas agora fechadas, ame-drontadas pelo caos armado. Tiros, muitos



tiros e um último grito seguido de um choro sentido e doloroso...

— Meu filho nããããoo!!! Mataram meu menino...

O silêncio reinou por alguns instantes e, aos poucos, via-se a cena final: uma mãe e o corpo coberto de sangue de um moço baleado.

No dia seguinte, o morro acorda sempre apressado, agitado. Num desce e sobe vielas e escadas, pessoas seguem suas vidas. Enquanto a noite ficou ali... Estendida no chão.

Professora Ana Paula da Conceição da Silva

EE Domingos de Souza Prefeito,
Guarujá-SP

A MORTE DA MAIS ANTIGA INQUILINA

Isabelly dos Santos

Sábado de manhã, abri a janela e o canto dos pássaros chamou-me a atenção. Observei atentamente as espécies de aves que moravam em uma árvore que margeava o muro de minha casa.

Notei que na copa dessa árvore frutífera tinha um ninho de passarinho que com certeza deveria abrigar uma vida ali! Fiquei contente em poder contemplar um pedaço da natureza no pátio de casa. Ah... Quantas cores me envolveram e aguçaram os sentidos através daquele episódio.

Tudo isso me faz lembrar da rainha e majestosa árvore, localizada no meio de uma rua conhecidíssima em minha cidade. Devido a isso, a estrada que contava com sua participação não era conhecida por seu real nome e sim por “Rua da Árvore” ou “Rua do Pau no Meio”.

Inclusive esse fato inusitado, a imagem da árvore no meio da rua, era um dos pontos em destaque do lugar onde vivo, praticamente um ponto turístico. Não há como conhecer Rio do Sul, cidadezinha situada no interior de Santa

Catarina, e não conhecer ou não ouvir falar da tal rua!

Não era uma simples árvore, dona de um imenso tronco largo, raízes profundas, centenária, era obra perfeita que a natureza nos proporcionou. A imponente planta era a mais antiga inquilina, testemunhou grandes acontecimentos e espetáculos nesse palco que é a minha cidade. Viu o progresso chegar com edifícios e a arquitetura moldando o lugar, invadindo seu espaço até a formação do bairro que era conhecido pela sua presença. Notou as feiras e os imigrantes se instalarem, o vaivém de carros e pessoas. A cada balançar de seus galhos, era como se ela torcesse por cada conquista do povo que por anos acompanhara. Imagina só! Quantos pássaros construíram nela seus ninhos, copularam e aumentaram a espécie. Quantos encontros aconteceram debaixo da sombra sedutora que convidava quem por ali passasse a descansar, sentir o vento e o aroma num clima benevolente singular.

Contudo, essa majestosa árvore, quase um personagem vivo de minha cidade, foi apagada ano passado. Minha vizinha, moradora do meu bairro, se foi. Agora a frondosa Sassafrás só fica na lembrança dos riosulenses, dos que tiveram a chance de conhecê-la e contemplá-la.

Recordo-me que, desde pequena, eu já tinha aprendido a amá-la e fazê-la de minha amiga. Minha confidente de todas as vezes que por ela passava para chegar ao meu destino. Parecia que apesar de não falar e não parecer ser sensível, ela me transmitia a sua compaixão e sua compreensão. Eu a entendia, chegava a ficar triste ao vê-la perder as folhas no perverso outono, e quando se torcia fraca pelo sopro do vento em dias de tempestade.

Os anos se passavam e ela sempre estava lá, até que o pitoresco e irrisório aconteceu; um impiedoso caminhão perdera o seu freio e a destruiu em pedaços de diferentes tamanhos! O que restou foi apenas um pedaço de seu tronco próximo à raiz.

Perdeu-se ali o símbolo e um pedaço da nossa história. A rua não é mais a mesma, morreu aquela que lhe deu o nome. Ícone desse lugar, frondosa árvore de Sassafrás, presente até em nossa bandeira. Ali jaz a mais antiga habitante. O meu coração chora essa saudade! Resta agora a esperança de que ela cresça, e quem sabe os meus bisnetos possam ter encontros marcados com o renascer daquela árvore, onde ficara no caminho de uma rua principal, que conduzia todos até o centro da cidade. Nós tínhamos encontros marcados com a protagonista da

cidade cada vez que saíamos de casa e percorríamos aquele trajeto.

Hoje o que reparo, com olhar demorado e minucioso, é que tivemos uma perda. Nossa majestosa não se faz mais presente, muitos sentem sua falta, e em minha terra os murmúrios continuam sobre o triste episódio. Mas a rotina diária, o nosso cotidiano, continua! Nada preencheu o espaço vazio que a magnífica planta deixou. Crianças correm pela calçada, carros vão e vêm num movimento frenético e os cidadãos ainda usam aquele percurso para chegar ao seu destino. Eu ainda estou aqui, presa em meus devaneios. Admirada, agora observo da janela da minha casa aquele cenário novo, sem a majestosa, sentindo falta de ver a minha velha amiga que costumava contemplar, da árvore que intitulou o meu bairro, que embelezava, purificava o ar e guardava a história do lugar onde vivo.

Professora Daniela Thibes dos Santos
EEB Deputado João Custodio da Luz,
Rio do Sul-SC

BOCA DE BADALO

Geizy Taissa de Souza Santos

Nem só alguns dias, nem só algumas horas, mas sempre. Às vezes um pouco de mim ou um pouco de você. Assim, sempre me pondo a pensar no que ela faz ou deixa de fazer para observar, cautelosamente, tudo que se passa diante de sua calejada janela em madeira e com marcas históricas de seus cotovelos. Nunca deixando passar despercebida uma boa oportunidade para atualizar seus queridos e desinformados vizinhos.

Como se tivesse sido crucificada naquele lugar estratégico, de onde podia ver da primeira à última casa de nossa rua, mantinha-se por horas imóvel, só observando para poder depois descrever com riqueza de detalhes tudo que se passava naquela pacata rua de Breu Branco. Bons hábitos, sei que todos temos, mas dona Maria boca de badalo (era assim que todos a chamavam, sem ela saber, é claro) era especialista em se manter imóvel em sua janela.

Se um cachorro ladrava durante a noite ou mesmo um vizinho voltasse tarde para sua casa, ela sabia de tudo. Podendo inclusive citar horas, minutos e segundos em



que tudo acontecia. Às vezes, eu chegava a pensar que ela poderia ter também visão noturna, mas não. Sua habilidade era mesmo a curiosidade. Várias vezes tentei me aproximar dela para poder descobrir qual seria o seu segredo, já que das outras pessoas da rua ela sabia bem. Mas sempre se mantinha firme e com um certo ar de misteriosa.

Na semana passada, a esposa de seu Manoel, aspirante ao posto de boca de badalo, veio perguntar pra minha mãe se estava sabendo que dona Maria iria se mudar da rua para o bairro do Batata. Surpreso com a notícia, percebi um frágil sorriso com ar de liberdade brotando dos lábios das duas amigas. Diante disso, comecei a me perguntar se haveria na rua, no bairro ou mesmo na cidade alguém com tanta presteza para nos atualizar, mesmo quando não queríamos.

Cheguei à conclusão de que dona Maria, apesar de seus dotes descritivos, já havia se tornado parte não só da rua, mas também da minha vida e da dos demais moradores da rua, e que aquela janela antiga sem sua figura central não passaria de um

quadro exposto ao sol, à chuva e ao vento. Sem significado, sem história, sem vida, sem nada...

Então, enchi-me de coragem e ao passarmos diante da casa dela, aproveitando a oportunidade ímpar de sua ausência, gritei bem alto:

— Fica, dona Maria!

Professor Valdimiro da Rocha Neto

EMEF Antonio Oliveira Santana,
Breu Branco-PA

A DEVOÇÃO FAZ O LUGAR

Mel Eduarda Guimarães Silva

Cá estou eu, em Aparecida, cidadezinha do interior paulista, com ruas estreitas, mas com construções gigantescas como o Santuário Nacional – famosa Basílica –, o coração de nossa cidade e que acolhe a todos, seja peregrino, seja morador, seja imigrante.

Aparecida é assim... Uma cidade pacata, mas ao mesmo tempo, não. Nos dias de semana, é calma, silenciosa, um lugar onde você consegue andar de carro a 20 quilômetros por hora. Mas isso não dura muito. Logo na sexta-feira, os feirantes já se preparam para receber romeiros de todo o Brasil, gaúchos, cariocas, baianos, paranaenses... Até pessoas de outros países. E tem ônibus em todo lugar da cidade!

Antes do amanhecer do sábado, os vendedores de fitinhas coloridas de Nossa Senhora Aparecida já estão a postos e, sem demora, o furdunço começa. Dá para ouvir o barulho dos ônibus, mais alto que britadeira, misturado aos comentários animados dos peregrinos, que dão vida à cidade.

Caminhar tranquilamente pelas ruas se torna algo impossível, são milhares de

pernas, ora apressadas, ora lentas e duvidosas, ora ajoelhadas que se arrastam por preces ouvidas. Em meio a isso, grita o capitalismo na cidade:

— Água, suco, refrigerante...!

— Olha o sorvete, Itu geladinho!!!

— Um maço de fitinha, só dois reais!

Se o peregrino sentir fome, os agenciadores de restaurantes gritam mais que cigarra em noite de verão:

— Olha o almoço, almoço! É baratinho e gostosinho!

— Comida caseira, quentinha, na hora!

— Vamo comê, gente, aqui criança não paga, quem paga é o pai ou a mãe!

Mas os visitantes não deixam por menos, sempre tem aquele que diz “Moço, me dá um descontinho? Eu vim de longe!” Frases ditas durante todo o fim de semana.

A fé leva o romeiro pela cidade, de bondinho, de charrete ou no trenzinho, ouve-se de tudo, gente que agradece e gente que pede ao santo ou ao vendedor...

Ao fim do dia, os mais animados procuram algum barzinho para festejar, outros adormecem com a cidade. Quando sai o úl-

timo ônibus, são desmanchadas as últimas barracas de vendas, a sujeira entra em cena.

Já não há muitas vozes, apenas o barulho das vassouras dos garis ou do caminhão-pipa que vem lavar o que sobrou do furdunço.

Cá estou eu, vendo tudo terminar para começar na semana seguinte.

Assim é a rotina da “Capital Mariana da Fé”, e o mais maravilhoso é pensar que todo esse tumulto é por devoção, seja ao capitalismo, seja à religião.



Professora Daniela de Gouvêa Moura
EMEF Professora Maria Conceição Pires do Rio,
Aparecida-SP

O TEMPERO DA VIDA

Luiz Gustavo Carlos Morais

Sexta-feira de manhã, num calor de infartar, tumtuntumtum tum! Meu whatsapp anuncia: minha turma já me aguardava na Avenida Centenário, próximo à Cesta do Povo, para um protesto em prol dos nossos direitos.

Lá vou eu, cabeça erguida, peito estufado, um cidadão consciente. No meu trajeto, percebo que a cidade é um verdadeiro formigueiro. Pessoas chegavam de vários bairros, povoados ou até municípios vizinhos com seus produtos para comercializar. Todo dia de feira é assim! Agora, leitor, avistei um senhor que virou minha cabeça e dilacerou meu coração. Sentado num banquinho, barbas envelhecidas pelo tempo, gritava com voz frágil, chamando seus fregueses:

— Olha o tem-pe-ro verde! Olha o tem-pe-ro verde!

Os meus olhos pretos encontraram os olhos azuis daquele homem judiado pelo trabalho do campo e pelas ações dos anos. Talvez tivesse uns 50 anos, mas aparentava mais de 70.

A gritaria dos estudantes me lembrou da passeata, já na avenida, me juntei às

várias escolas públicas, particulares, universidades, empresas e outras instituições. Trajando preto, cartazes em riste, apitos e buzinas expressando nossa revolta. A avenida agora era só nossa. Como o tempo não favorecia, foi necessário milhares de garrafas de água, geladinhos e picolés. Os vendedores ambulantes enchiam os bolsos. Os carros e as motos buzinando, não sei se era para ajudar ou pedir licença! Eu, motivado pelos gritos dos meus companheiros, também gritava: “Invistam na educação!”, “Melhorias para a saúde”, “Empregos, já!”, “Cuidem dos idosos!”. Nesse momento, me deu um calafrio, lembrei daquele senhor que ficou lá atrás, esquecido por nós.

Da Avenida Centenário fomos para a praça Capitão Francisco de Souza Meira, mais conhecida como Praça da Matriz. O cartão-postal da cidade. Imponente, viva há mais de 150 anos, a Igreja Matriz reina. Nesse lugar, a emoção aumenta, os discursos dos protestantes ganham força, nos enchem de esperança. É a fé do povo do sertão que resiste.



As horas passam, já é quase meio-dia. As pessoas voltam para as suas casas, não tão satisfeitas, mas com sensação de dever cumprido. Minha barriga ronca, é momento de ir embora. Passo pelas mesmas ruas, meu coração quer rever aquele senhor. Meus pés se apressam, mas meus olhos não alcançam mais a sua barraca. Ele já se foi! Provavelmente vendeu tudo. Uma mistura de sentimentos invadiu meu ser. Torci para que os temperos, que são o seu sustento, dessem muitos sabores à sua vida.

Professora Rosangela dos Santos Marques
EM Oscarlina Oliveira Silva,
Brumado-BA

A MANTEIGA DO SEU ZÉ DE ZABÉ

Plínio Meireles de Almeida

Num domingo pela manhã, fazia bastante sol no Povoado Pedra, município de Ribeira do Pombal, interior da Bahia; ao sentar à mesa para o café da manhã, percebi que a manteiga havia acabado. Mas não pense você que é uma manteiga qualquer, essa é da Bodega do Zé de Zabé!

A venda ficava no centro do povoado, então tive que atravessar todo ele para comprar, para eu poder comer com meu delicioso pão. No trajeto, passei a observar que, mesmo sendo um fim de semana, pela primeira vez, a rua estava deserta. E então, pude enxergar como havia mudanças no lugar em que moro, casas reformadas, com cores vibrantes, deixando um bonito colorido à comunidade, havia uma construção da praça já em andamento – ela servira para reunir ainda mais as pessoas daquele lugar, um ponto de encontro –, também várias lojas foram construídas, desde consertos de aparelhos eletrônicos a pequenas mercearias e lanchonetes. Então pensei: “minha comunidade tá crescendo!”. E continuei a caminhar, fui encontrando meus amigos e ficamos con-



versando, sobre futebol, escola e garotas, pois ninguém é de ferro!

E no decorrer da conversa, até esqueci o que iria fazer, mas logo lembrei. Se fosse outra coisa, já tinha esquecido mesmo, teria que retornar para casa para minha mãe refrescar minha memória ou até anotar. Mas como era minha manteiga de garrafa, essa eu jamais poderia esquecer, feita artesanalmente, tão saborosa ao ser colocada, chega a derreter. Só em falar me dá água na boca.

Continuei a caminhada e, ainda observando, encontrei um grupo de amigos, mas dessa vez não era conversando, e sim todos plugados e vidrados na tela do celular, cada um em seu mundo. Que mundo é esse? Do jogo viciante “Free Fire”, tão diferente dos antigos rolês que fazíamos. O que fazemos agora? Ficamos presos nas tecnologias digitais, e cada vez mais distantes, querendo muitas vezes nem sair de casa.

Finalmente cheguei ao meu destino, à bodega, e por incrível que pareça, não havia ninguém na minha frente, ufa! Logo surge de uma dispensa, bem lá no fundo, seu Zé de Zabé, com sua paciência e

passadas lentas que só ele tinha. Pedi todo eufórico minha manteiga, e enquanto ele ia se afastando lentamente para buscar, voltei aos meus pensamentos, de como ocorreram mudanças em nossa comunidade e nas pessoas, trazendo características diferentes. Mas o meu alívio era saber o que não havia mudado, era a manteiga que continuava sendo a melhor e tradicional, trazendo um sabor diferenciado na mesa de cada família.

Professora Gleyce Jane Bastos Silva
EM Ana de Deus Conceição,
Ribeira do Pombal-BA

DEPÓSITO DE QUÊ?

Natália Borba Gomes

Hoje mais cedo, fui com minha mãe preencher os dados para minha matrícula em uma das escolas estaduais de ensino médio na nossa cidade sede, Espumoso. Quando terminei tudo, a diretora da escola me questionou sobre o nome do lugar onde eu moro:

— Desculpe a curiosidade, mas o nome do local onde você vive se chama mesmo Depósito?

Eu respondi que sim, então ela me questionou uma segunda vez dizendo:

— Mais uma vez peço perdão pela indecência, mas, do que seria esse tal depósito?

Eu respondi que, dessa vez, quem teria que se desculpar era eu, pois não fazia a menor ideia da resposta naquele momento.

“Depósito”? sem dúvidas é um nome curioso a se dar a um lugar, fiquei com aquilo na cabeça por uma boa parte do dia, até que resolvi pedir para minha mãe onde eu poderia encontrar aquelas informações, ela então me sugeriu uma conversa com um professor de história que morava ali por perto. Ao chegarmos em sua casa, ele nos conduziu a uma sala onde se



encontrava o seu pai, que além de sempre ter morado ali, já foi prefeito da cidade de Espumoso. Ele me explicou que antigamente esse lugar se chamava “Terceiro” e que passou a ser chamado de “Depósito” por causa de um depósito de armas escondido pelas redondezas, durante a “Revolução de Trinta”.

Prestei muita atenção nas palavras dele, conforme ele ia narrando os fatos, eu ia encaixando as cenas na minha cabeça como se fosse um cinema mudo. Saí de lá completamente abismada com aquelas informações e extremamente curiosa para saber qual seria a reação da diretora da minha nova escola, quando eu contasse tudo aquilo para ela.

E então, ao voltarmos para casa de ônibus, uma senhora que se sentava numa poltrona ao lado perguntou:

— Mocinha, onde você mora?

Eu respondi que era no Depósito, então ela me questionou:

— Depósito, depósito de quê?

E assim acontece quase sempre quando alguém não sabe do meu endereço.

Depósito, um lugar que no passado guardava armas e munições, hoje, um lugarzinho, pequeno ainda, mas repleto de pessoas batalhadoras, esperançosas, que cuidam das crianças, da natureza e que têm orgulho de sua morada. Aqui ninguém luta com armamento de guerra, aqui todos lutam por dias melhores, com trabalho e amor!

Professora Suzana Maria Cabral
EMEF Imaculada Conceição, Espumoso-RS

CARTÃO-POSTAL

Paulo Manoel Bispo Fernandes

Era sexta-feira, final de tarde, quando retornava para casa depois de mais um dia de aula. Da janela do ônibus admirava a paisagem da praça do Rebentão, que tem ao fundo a lagoa Tanque Grande. Sempre faço esse percurso tanto para ir como para voltar da escola. Confesso que adoro pois é, sem sombra de dúvidas, a parte mais bela da cidade, um verdadeiro cartão-postal da minha querida Ibiassucê, conhecida por moradores e visitantes como “Capital da Amizade”. Do outro lado, acima do lago, tem um morro com várias casas, essas formam uma bela imagem ao refletir nas águas cristalinas do lago, parecem verdadeiras bailarinas a dançar um *ballet* ao som do vento rodopiando com movimentos de graça e leveza ao subir e descer da maré. No verde capim às margens do lago, alguns burricos a pastar dividem o espaço com enormes pedras brancas como nuvens, que parecem flutuar, tornando a paisagem ainda mais encantadora, eu diria poética. Pelo visto, amigo leitor, esse lago tem o poder de encantar não só a mim, mas tudo e todos que em suas margens ou sam passar ou habitar.

Perdido em meus pensamentos e encantado com tamanha beleza, não me dei conta do que estava acontecendo logo mais à frente, não antes de o motorista frear bruscamente. De repente, me deparei com uma multidão às margens do lago, um verdadeiro formigueiro humano. Eu não estava entendendo nada, creio que você também não, acho que está se coçando de tanta curiosidade, aguarde só um pouco que já lhe conto o que estava acontecendo.

Tão logo o motorista parou o ônibus, desci, assim como todos os outros alunos que ali estavam, o mais rápido possível. Fui me embrenhando no meio da multidão e lá estava um corpo estendido no chão, ele tinha sido retirado sem vida, por populares, das águas da lagoa. Grande parte das pessoas portando seus celulares de última geração, tentavam o melhor ângulo para fotografar o pobre defunto ou ainda fazer um vídeo para, quem sabe, postar nas redes sociais e ganhar o maior número de curtidas possível.

Teria ele se encantado com tamanha beleza a ponto de “entregar” sua vida ao

lago? Eu procurava respostas para tamanha tragédia, quando, de repente, levei um susto. Não pense você que foi com o defunto. Se pensou tens razão, é claro, mas me assustei com o que eu presenciava. Em meio ao alvoroço de uma multidão que, prefiro acreditar, tentava entender o motivo de uma pessoa ter se afogado, e ao desespero da família que chorava a morte de um ente querido, duas empresas funerárias roubaram a cena, pois se engalinhavam para ver qual delas faria a cerimônia funerária.

Diante da confusão o que mais chamou-me a atenção foi quando um dos homens, funcionário de uma das funerárias, disse que o serviço de sua empresa era completo, o melhor da região, pois incluía tudo o de melhor que havia no mercado, até lembrancinhas para os “convidados”, podendo a família optar pelos tradicionais santinhos, por flores e até por um doce batizado de “bem-velado”. Acredite, amigo leitor, eles criaram uma versão fúnebre do bem-casado, e arrancando do bolso uma amostra expôs o doce que vem em uma caixinha em forma de uma miniatura de ur-

na fúnebre. Nesses momentos, apesar da tragédia, muitos sorriram, parece que até o defunto, se pudesse, também teria sorrido da situação.

Olhei mais uma vez para o lago, meu cartão-postal, e mergulhei em meus pensamentos, convicto de que estamos imersos numa sociedade de consumo, que não poupa nem a morte, e que a mesma, por mais triste que seja, também revela surpresas, algumas nada agradáveis.

Professora Ana Maria Cardoso da Silva
CE Ibiassucê, Ibiassucê-BA

O TRIUNFO DO BICHO HOMEM

Thiago Moreira de Abrantes

Por que a galera daqui do sertão nordestino gosta tanto de vaquejada? Eis a inquietude de minha alma! Desde ainda muito pequeno, vejo as pessoas, principalmente as moças, se emperiquitando da cabeça aos pés para participar do evento. Sei que tem forró, tem boi e vaqueiro, mas nunca, nunquinha mesmo, eu tinha ido a uma. Até que semana passada, pela primeira vez, meu pai me levou para assisti-la.

Eu tinha uma certa ideia de como acontecia esse tipo de esporte, se é que podemos chamá-lo assim! Todavia, eu não sabia que a arena era montada em condições favoráveis ao homem para mostrar sua covardia disfarçada de força e coragem para derrubar o boi.

Era bem à tardinha, o sol ainda abraçava o dia. Já estava tudo armado quando cheguei na festa. Eu pressentia que ia feder, pois assim que desci da moto, já pisei logo em algo flácido e em formato de pudim, de odor nada agradável, aliás, o ambiente todo fedia. “Ai que raiva!”. Respirei demoradamente... Tentei limpar o tênis com um pedaço de pau, que encontrei no chão. Che-

guei mais perto do local, agora com mais cuidado para não pisar nos resíduos alimentícios excretados pelos bovinos. Meu pai, que mais adiante estava, gritava:

— Limpa logo essa merda, menino!

Por trás da cerca, minha visão corria por todo o cenário e, aos poucos, minha curiosidade se desfazia em decepção e tristeza: abrem-se as porteiras, corre o boi; atrás dele, dois homens montados nos seus cavalos, cujo objetivo é pegar no rabo do boi e derrubá-lo dentro do espaço marcado a cal entre uma linha e outra. Assim, cumpre-se o objetivo: o pobrezinho do boi cai, rola duas ou três vezes no chão e os cavaleiros dão a volta em toda arena, orgulhosos do serviço bem feito, ostentando o troféu nas mãos: o rabo do boi.

Ao longe, em uma torre, o locutor vibra e grita no momento da queda do animal:



— Valeu Boi!

Eu torcia pra que no final ele gritasse:

— Zero Boi!

O que significa que o boi ficou em pé e pleno na faixa. Um sobressalto de alegria, entusiasmo e prazer sombreia nos rostos de todos que ali estavam a espreitar tal cena. Uma pontada de aflição fincava meu coração! A galera aplaudia, vibrava, e eu contido com meus pensamentos, sem entender aquelas vozes conjuntas e alegres com a queda do boi.

Não pensem, caros leitores, se acaso estiverem lendo esta crônica, que sou vegetariano, não sou, até gosto de carne. E aí alguém querer me julgar por isso é um tanto injusto, caso esteja me julgando. Eu acredito que cada caso é um caso. Acredito na lei da natureza e no equilíbrio natural do ecossistema. Mas aí, aquela judia-

ção para ganhar uma merreca de dinheiro e para agradar aos olhos de quem assiste... Não, não entendo. Se é cultura, tradição, lucro e ajuda na economia local, não sei... Sei que estava torcendo pelo boi, que estava sendo um protagonista, no final derrotado pelo “bicho homem”.

No fim de tudo, ainda rolou um forrozinho, como uma espécie de celebração pela vitória do “bicho”. Ah, e o sol, será que dormiu tranquilo? Na certa, amanheceu com olheiras no dia seguinte, já que teve vergonha de testemunhar, mesmo a anos-luz, aquele horror.

Professor Carlos Alves Vieira

EE 26 de Março Ensino de 1º e 2º Graus, Paraná-RN

DO “BUTECO DA ANTÔNIA” À DONA MARIA

André Felipe da Silva Lima

Minha avó mora há mais de três décadas numa pequena vila ao lado da minha cidade. Como a religiosidade micaelense sempre esteve encravada em nossa sociedade, a vila leva o nome de Nossa Senhora de Guadalupe. Mais de cem famílias formam esse vilarejo, que tem as necessidades básicas, como mantimentos, abastecidas por apenas quatro pequenas vendas.

Mesmo morando na cidade, nunca gostei da agitação e correria diárias que muitas vezes são a inspiração para as crônicas. Incrivelmente, achei minha inspiração num cenário diferente.

Aproveitei o breve recesso escolar para driblar o meu cotidiano e rumei ao acolhedor refúgio na casa de minha avó. Sobre as raras vendas que citei acima, uma é dela. E como o caro leitor já deve ter presumido diante de alguns fatos expostos, essa venda não tem caixa registradora, carrinho que conduz mercadoria, entrada de acesso ao cliente. Todas as transações corriqueiras ocorrem através do imenso janelão, que

foi gradeado “graças” ao furto de doces da parte de pequenos invasores.

O janelão fica ao lado da porta de entrada da casa e foi recoberto por um toldo com o fim específico de acolher os clientes diante do sol, que parece ter maior apego ao Nordeste. Por esse janelão, é possível ver estantes, cujos produtores vivem apenas em relíquias como aquelas. Vê-se, ainda, um balcão arranhado e vários produtos que vão da limpeza aos mantimentos e também a famosa cachacinha. Um olhar mais apurado avista uma balança inconstante que gosta mesmo é dos clientes, porque vive pendendo para eles.

Para nós, de casa, ali é a bodega, nome esquisito que acredito vir desde a primeira “bodega” que está lá dentro. A “bodega” da minha avó resiste há mais de 30 anos e como desperta-me curiosidade aquele cotidiano singular.

No alvará que encontrei subitamente em meio a teias de aranha e poeira, por ocasião de uma faxina, fiquei perplexo ao descobrir que em sua origem, a bodega tem o nome de “Buteco da Antônia”. Sim, antes que você pense que errei, está escrito assim mesmo. Essa descoberta me levou a uma reflexão sobre como o “Buteco de Dona Antônia” se transformou em “Bodega”.

Depois desse dia, observei melhor como as pessoas chegavam à Bodega e percebi que na verdade, ao chegarem, elas chamam pelo nome da minha avó. Os primeiros clientes, sonolentos, atrás do pão matinal, gritam quase em silêncio: “Dantonha”. E, assim, seguem as variações de Dona Antônia, que são iguais, conforme os grupos e seus horários na venda, mas distintas no vilarejo.

Minha curiosidade aguça na expectativa de mais variações e abro sorrisos quando as crianças soltam um tímido: “Dantonha”. As donas de casa, apressadas para dar conta do almoço, soltam um: “Ô, Tõnha”; os adolescentes eufóricos, dão um grito de: “Dona Tõnia”, por sinal, fato que irrita levemente a minha avó. E, por último, aqueles que, talvez por estarem tomados pelo álcool, os famosos bêbados, esquecem seus próprios nomes e o da minha avó, mas não esquecem a direção da vendinha e soltam um: “Ô Dona Maria”, muitas vezes pausando a sagrada hora do almoço de minha avó, que a essa altura, já quase não sei mais como se chama. Acho que ela mesma confunde-se na identidade.

Quem diria que a bodega em que minha avó “despacha” clientes há quase uma vida inteira, pudesse me revelar facetas micaelenses. Foi a partir daí que passei a

dar mais atenção ao nosso linguajar. E ainda lá, descobri que conforme a pessoa e o que ela vai fazer ali, o apressado vira “ave-xado”; o bêbado vira “pinguço” ou “pé inchado”; se alguém está com vergonha, esse recebe o apelido de “acanhado”; se quer ir embora, devido ao sono, é porque está “mole” ou, ironicamente, “bêbado de sono”, e por aí vai. Eu prenderia você aqui, leitor, por horas a fio revelando o que descobri, se meu importuno cotidiano não me batesse à porta.

Quanto ao Buteco da Antônia ter virado bodega, assim como as coisas da vida se perdem no cotidiano, perdi esse detalhe embelezado com as variações linguísticas na bodega da minha avó. Mas refleti que a essência do lugar em que vivemos está entranhada nos detalhes corriqueiros que resolvi captar.

Aqui despeço-me e, noutro momento, prometo pagar a dívida contraída no início desta crônica.

**Professora Núbia Cristina
Pessoa de Queiroz**
EMEF Elisário Dias, São Miguel-RN

FIM DO MUNDO

Jéssica Vitória da Silva Rocha

Tempestade forte, desespero total, angústia, eram esses os meus sentimentos naquele momento. Tava acontecendo, meu Deus, tava acontecendo! 12/12/2012!!! Seria o fim de tudo. A chuva torrencial havia sido anunciada! Eu já tinha ouvido falar nas histórias bíblicas, até aí tudo bem, minha mãe sempre as lia para mim, mas na rádio São José do Rio Claro... Seria possível? É, tava tudo acabado, era mesmo o dilúvio!! Eram três da tarde quando se ouviu os primeiros ruídos dos grossos pingos caindo no telhado, a tragédia anunciada estava acontecendo. Minha mãe seria a testemunha do fim dos meus sonhos. Nem seria possível a despedida do meu pai, pois ele ainda não havia voltado da fazenda onde trabalhava.

A cada minuto o medo e o pavor tomavam conta de mim, pois o barulho se tornava agora um estrondo. Lá fora, árvores enforcadas, vento forte, tudo branco, não demorou nada, a casa já estava alagada junto com a terra, sim, porque o que havia de grama, a tempestade tratou de carregar. Volta e meia o céu clareava com relâmpagos que mais pareciam foguetes riscando o céu.

Sem o consolo do colo do meu pai, o único jeito era ir para baixo da cama, nem sei o porquê, pois quando o mundo acabasse, com certeza não seria a cama que me salvaria.

Meu Deus, por favor, ainda sou tão novinha, não vivi nada, como assim, meu Deus? Não dá pra adiar, não? Não é porque anunciou na rádio que tem mesmo que acontecer. Tantas vezes, a São José FM noticiou coisas que eram só pra ganhar lobo, e que só tinha “de verdade” a versão de quem contou mesmo! Coopera aí, vai!!

Nada!! O Pai estava, pelo jeito, decidido!! Parecia que estava sendo despejado de balde, como dizia minha avó.

“Cadê a arca? Ela seria muito útil agora”, pensava. Da primeira vez todos tiveram a chance, mas e agora? O que fizemos para nem sequer termos a chance de salvar um de cada espécie? O medo era tão grande, e eu angustiada e sentindo a injustiça divina, que nem percebi que a chuva foi parando, claro. Em cima da cama e debaixo das cobertas que camuflam o barulho fica difícil ver ou ouvir alguma coisa direito; sim,

porque minha mãe me arrancou de debaixo dela, já brava com tanto choro e também preocupada com a demora do meu pai.

Então a chuva foi acalmando e demorou para ela parar por completo. Meu pai chegou em seguida, ensopado, mas chegou, havia demorado porque estava na fazenda esperando a chuva acalmar.

Não entendi muito bem porque Deus mudou de ideia, talvez fosse o meu apelo debaixo da cama que o tenha sensibilizado. É deve ter sido, porque minha mãe diz que se a gente pedir com fé as coisas acontecem. Ela tinha razão. Mas por via das dúvidas, é melhor não ouvir mais a rádio!



Professora Cinthia Angélica da Silva Alves
EE Santana d'Água Limpa, São José do Rio Claro-MT

DAMA DA RUA, DAMA DE OURO

**Gláucia Beatriz
Monteiro Machado**

Muitos por ela passavam sem se dar conta. Seguíam sem notá-la, cegos pela pressa, ou pela rotina, que aos poucos nos rouba a beleza das coisas simples e tira de nosso olhar a sensibilidade. Mas, todos os dias, lá estava ela – acomodada bem na esquina, testemunhando o vaivém de uma das ruas de Macapá, a Claudomiro de Moraes.

Já tinha se acostumado com as conversas dos alunos que, de manhã, caminhavam para a escola. Apesar de ter idade para ser a avó deles, não estranhava o dialeto:

— Ih, moleque, Matemática, hoje.

— Caramba! É mermo!

— Tá firmeza, mano?

— Mas quando já! Vou me lascar!

— Tu jura?! Tu não comeu carçoço de pupunha!

Essa conversa juvenil, num macapanês com as pitadas de gírias, para ela fazia todo o sentido. Ela era da terra e tinha feito desse chão a sua casa.

Nos dias de Feira do Produtor, ouvia as ofertas gritadas entre palmas:

— Aqui, meu patrão! Farinha torradinha, da boa! Pode provar!

— Aqui, freguesa! Peixe fresquinho! Curimatã, pescada e tamuatá!

Observava as pessoas provando farinhas de mandioca e de tapioca, pegando punhados com as pontas dos dedos e atirando-os em direção à boca, sem cair um grãozinho sequer! Que pontaria! Uma importante habilidade para quem procura por aqui farinha de qualidade: baguda, torrada e gostosa.

Gostava da barulheira dos meninos, que ganhavam um dinheirinho carregando compras ou guardando carros. Quando menos se esperava, começavam uma pira-pegas:

— Ana-bu-bu-bu quem sai é tu pelo rabo do tatu, na minha terra tem pi-ra-ru-cu... – um dava a deixa para a brincadeira.

— A mãe é tu! – outro gritava.

Safam desembestados, feito doidos. Eram crianças sendo crianças. Escondiam-se atrás dela, colocando-a na brincadeira. Ah, aqueles meninos eram tudo de bom!

Como muitos seguiam sem notá-la, passou a valorizar a companhia de quem se achegasse. Sem julgar, ouvia o desabafo dos bêbados, os esquemas dos amantes ou as mentiras dos que iludiam.

Agora, o que dizer dos que seguiam entretidos no celular, sem notar a beleza

do céu e o cumprimento vindo de um sorriso ou de um olhar? A esses, ela observava com tristeza e, ao vê-los tropeçar nos próprios pés, se fosse má, praguejaria:

— Toma-te! Bem feito! Eu acho é bom!

Mas ela era uma gentil senhora, boa e generosa – uma verdadeira dama. Embora tivesse recebido muitas pedradas pela vida, não se prestaria a atirar pragas.

Numa cidade onde só se tem verão e inverno, aprendeu com a vida a ser outono e primavera, a ter suas próprias estações. Sim, a não guardar rancor ou ressentimentos, mas a florir e frutificar, fizesse chuva ou sol.

A tarde chegava e trazia o calor que somente nós, os que moramos sobre a Linha do Equador, temos o privilégio de desfrutar. Mas, ironias à parte, era nesse horário, das treze horas, com o sol de rachar, o momento que ela mais gostava.

Nessa hora, ela era vista e notada por todos: os apressados, os distraídos e os que esperavam ônibus, táxi ou mototáxi.

Ficava cercada de estudantes. Devia se sentir vaidosa na companhia de tantos adolescentes, casais de namorados e de ficantes. Ali pintava o clima perfeito para encontrar a *crush* e para as paqueras. Alguns matavam aula para ficar na companhia dessa agradável senhora. Que ficassem. Como já dizemos, a ninguém ela julgava.

Mas, como gente aglomerada precisa de organização e as ruas de urbanização, o poder público fez algumas mudanças na Rua Claudomiro de Moraes.

A desobstrução das calçadas e um novo plano de arborização foram algumas das ações realizadas em prol do bem-estar e da segurança de todos.

À tarde, por volta das treze horas, como de costume, muitos procuraram por ela. Encontraram uma nova parada de ônibus – um moderno abrigo de estrutura metálica com teto de acrílico azul. O sol, como sempre, estava escaldante e o calor era insuportável.

A poucos metros dali, à espera de traslado para o aterro, estavam os restos mortais de uma frondosa sibipiruna ou “dama de ouro”. Rente ao solo, seu toco. Sim, era dela, da nossa acolhedora senhora, a “dama da rua”, cujo pecado fora viver florindo e frutificando – a árvore que, infelizmente, muitos só notaram quando sentiram a falta de sua sombra fria.

**Professora Josefa Maria
Taborda do Nascimento Silva**

EE Professor Irineu da Gama Paes,
Macapá-AP

O SONO ROUBOU O TEMPO

Júlia Iasmin Vieira dos Santos

Os pontos turísticos do lugar onde vivo são como o sol, todos moradores sabem de sua existência, mas não cuidam e nem valorizam.

Às vésperas do maior festival multicultural da América Latina – o Festival de Inverno de Garanhuns – que atrai gente do país inteiro, aconteceu um fato inusitado. Uma das mais famosas *digital influencers* locais foi convidada para fazer a última divulgação do evento. O lugar escolhido para a produção do vídeo não poderia ser outro: o Relógio das Flores, cartão-postal da cidade, o único relógio do Norte e Nordeste, lugar muito visitado pelos turistas que fazem questão de parar, apreciar e tirar aquela foto.

Tudo preparado. A equipe saiu cedo, enquanto os moradores dormiam, para que as gravações não fossem interrompidas. Chegando na Praça Tavares Correia, todos tiveram um grande susto: o Relógio estava mais florido do que nunca, porém, sem os ponteiros. Foi uma loucura só! A *influencer* começou a passar mal, sua empresária ficou desesperada porque era o vídeo



que receberia milhares de curtidas e visualizações. E o fotógrafo, coitado, com a câmera em uma das mãos e a outra na cabeça, sem acreditar no que estava vendo.

Os três tiveram o mesmo pensamento: sem ponteiro, sem vídeo, sem divulgação e até sem festival. Que vergonha para a cidade, um dos seus mais belos pontos turísticos, roubado!

Alguma coisa tinha que ser feita: a *influencer* pegou seu celular e começou a gravar o ocorrido postando em suas redes sociais, a empresária ligou para a imprensa e acionou a secretária de Turismo. E o fotógrafo, coitado, parado com a câmera em uma das mãos e a outra agora no bolso. Não demorou muito e o carro da imprensa parou e logo foi saindo o repórter ainda sonolento com o microfone na mão. A cidade acordou desesperada com a notícia, todos queriam conferir se não era *fake news* o que a internet dizia. Nunca se viu tanta gente preocupada com o Relógio e a cidade. Ouviu-se até gente lamentando, porque passavam por lá todos os dias e nunca tiraram foto com o relógio, nenhuma postagem nas redes sociais! E, agora, o Relógio estava sem ponteiros.

A secretária de Turismo quando viu que do mais importante ponto turístico da cidade faltava uma parte, levantou os

braços e, como aquelas atrizes dramáticas, fingiu um desmaio. O prefeito, em tom de discurso político, chamou a polícia para resolver o caso. Gritava verbos imperativos para que as autoridades achassem logo o culpado. Batia no peito dizendo que aquilo cheirava a coisa da oposição, logo agora que o festival iria começar.

Depois que todos levantaram hipóteses sobre quem era o possível ladrão, escutou-se a voz de um homem com cara de noite mal dormida dizendo: “Com licença, pessoal. O que está acontecendo? Com licença. Muito obrigado!”. Era um dos responsáveis pela manutenção do Relógio, ele carregava os ponteiros pintados em um carrinho de mão. Para a alegria de todos, ele tinha terminado os reparos tarde da madrugada e acabou perdendo a hora.

Professor Arnaldo Gomes da Silva Filho

EM Professor Mário Matos,
Garanhuns-PE

A FESTA DE SÃO JOÃO

Camila Lopes de Aguiar

Segunda-feira, noite estrelada, a lua cheia se esconde por entre as montanhas de Reduto, cidade do interior de Minas Gerais. O sino da Matriz anuncia, através das badaladas, que a missa está por começar. Todos se agitam, é noite do padroeiro São João.

O céu está colorido por diversos fogos de artifício e balões. As ruas estão cheias, o pátio da igreja decorado com bandeirolas e organizado para receber os festeiros.

O cheiro que vem da barraca de caldos invade a cidade de apenas um bairro. Caldos quentes saem a todo instante. Após a homilia do padre, é para lá que todos se dirigem.

No palco, sanfoneiros e violeiros em harmonia, com apresentações variadas ao típico som mineiro. À frente do palco, casais veteranos se posicionam para puxar o forró.

O amor também está no ar. Na barraca de recadinhos do coração, solteiros românticos fazem declarações às suas amadas.

As crianças não ficam fora, sempre estão tentando acertar a boca do palhaço ou a pescaria que é a mais procurada – apesar de os peixes serem de plástico, a brincadeira faz a alegria da criançada.

Tudo seguia conforme a tradição, mas no meio da noite, algo inesperado acontece: a energia acaba em toda a cidade. A única luz que se vê é a da fogueira. Todos se apavoram, a dúvida é uníssona:

— Como se dará a quadrilha?

E as opiniões são mútuas:

— Tem que haver quadrilha! A festa não será a mesma sem dança, “uai” – disse tia Maria, que é tia de todos e uma das organizadoras do evento.

Dona Lena indicando “não” com a cabeça, opina:

— Sem luz, não tem “arraiá”!

Foram minutos de incerteza e, logo, a luz retorna. E com ela, a alegria e o agito da festança. O sanfoneiro ajeitava a sanfona para o início da quadrilha, quando um novo rebuliço começa. Desta vez, o noivo da festa desaparece. A notícia se espalha e a tensão toma conta do ambiente:

— Sem o noivo, eu não danço! – grita a noiva desesperada. Um senhor muito sarcástico se aproxima e dispara:

— O noivo desistiu porque a noiva é muito feia.

Enfurecendo a bela moça que já estava angustiada. Mas, para não parecer indelicado, o senhor retrata-se:

— Estava apenas brincando. Desculpe-me! No entanto, a moça, emburrada, o ignora.

Tia Maria se movimentava para descobrir o que acontecera ao moço desaparecido e, inquieta, incumbe a todos:

— Dividam-se em equipes. Um grupo vai para a esquerda passando pelo “prédio redondo” e balaústres até o viaduto. O outro, pela direita passando pela “biblioteca” e Biblioteca Pública até a faculdade. Encontrem-no!

Todos, engajados, saem para encontrá-lo. E procuram por diversas partes da pequena cidade, mas sem sucesso.

Uma criança que passava pela pracinha, perto do ponto de táxi, avista um moço deitado no canteiro, chapéu cobrindo o rosto, tirando um belo de um cochilo. E o aborda:

— Seu moço, seu moço! A quadrilha já vai começar.

O noivo levanta-se num susto, ajeita o chapéu e com os olhos esbugalhados, indaga:

— A energia já voltou?

E sai em disparada rumo ao local da festa.

Com o seu retorno, os olhos se voltam para ele. A noiva se alegra, tia Maria se aquieta, o sanfoneiro o primeiro acorde da sanfona toca e o baile começa.

Redutense, cidadão caloroso, com a festa continua. Após a dança, todos pulam a fogueira em sinal de união e em homenagem ao padroeiro.

Ao final da festa, todos retornam aos seus lares fazendo planos para o “São João” do próximo ano. Tia Maria, como sempre, é a mais animada.

Professora Aline Cristina Robadel Nobre

EE Carlos Nogueira da Gama, Reduto-MG

HAJA TAMPA DE DEDO!

**Adriely Stefany Ferreira
de Lima**

Final de tarde e o sol já vai se pondo atrás do morro, deixando o céu com uma cor linda, então o povoado começa a se movimentar. Uns sentam na calçada, outros trazem cadeiras e uma garrafa de café para deixar a prosa mais confortável.

Tudo em Deuslândia é tranquilo e pacato, até o momento em que a criançada surge com uma bola e uns pedaços de tijolos para fazer os gols. Tudo fiscalizado pelos olhares atentos das mães, que conseguem prostrar, tomar café e ainda olhar a molecada. Surgem meninos de todos os lados e de todas as idades, nessa hora ninguém é melhor que ninguém, todos são iguais perante a bola.

Primeiramente, decide-se quem é de qual time, tira-se par ou ímpar para decidir quem fica com a bola. Então, começa o clássico, os sem camisa jogando contra os de camisa. Um clássico!

Todos descalços, pisando em pedra, terra, lixo, sem frescura. Um perde a “tampa” do dedo, o sangue jorra, as mães ficam aflitas, gritam, mas tudo em vão. Nada pode atrapalhar o clássico. É tanto ba-

ruído que até atrapalha os cultos nas igrejas evangélicas. Fim de jogo, briga porque a bola passou por cima do tijolo, briga porque um escondeu o chinelo do outro, briga porque o juiz é primo de um jogador que fez gol. Como diz o ditado, “entre os mortos e feridos, todos se salvaram”.

Cada um pega sua bicicleta, quem tem carrega quem não tem, e vão para a pracinha no “centro” do povoado. É necessária uma comemoração! Um dá dez centavos, outro dá um real, tem sempre um



sem dinheiro, mas cabe a esse buscar o refrigerante. Por fim, todos bebem. E ficam ali na praça por muito tempo, até escurecer. As mães entram levando as cadeiras e o café, afinal, não podem perder a novela.

É aí que mora o perigo. A meninada não é boba! Assim que as mães entram começam a organizar os encontros com aquela paquerinha. Sempre rolam uns beijinhos atrás da igreja, na casinha abandonada e no “S”. Se você nunca frequentou esses lugares, não pode ser considerado um deuslandense.

Espero criar meus filhos aqui! Quero ser dessas mães que sentam na porta para tomar café! Quero que meus filhos percam as “tampas dos dedos” nas ruas de Deuslândia. Quero fingir que não sei dos encontros amorosos. Que meus filhos aproveitem a simplicidade do povoado...

Professora Cristiane Silva Ferreira
EE Vila Nova, Brazabranes-GO

A PORTA

**Francisco Edmar Rocha
de Castro**

Uma porta não é somente a entrada ou a saída de um local, é um portal para a passagem de sentimentos bons ou ruins. Sempre que passar por uma porta, pense nas histórias vividas ali. Eu consegui perceber isto quando a vida decidiu soprar furiosamente sobre mim o seu vendaval da desilusão. Aconteceu próximo à porta de entrada da minha casa, foi lá que o meu mundo explodiu em mim.

Era um sábado e o Natal se aproximava, isso me despertava emoção. O dia estava ensolarado. O barulho das dobradiças antigas da porta me acordou. Levantei-me sonolento. Levemente, passei os polegares nos olhos e olhei para a porta. Por ela, vi meu pai entrando, cabisbaixo e cansado, pois passara a noite trabalhando. Ele me olhou e a alegria irradiou em mim. Correndo, abracei-o. Minha mãe acordou logo depois, preparou-nos o café. Era uma convidativa manhã para o meu sonho se realizar. Ganharia o presente de Natal! O dia perfeito para comprar a minha primeira bola. E o mais especial: meu pai iria comigo.

Quando chegamos à loja, não consegui esconder a felicidade. Lembro-me da decoração natalina e da música ambiente sonorizando o tradicional *Jingle Bells* que me enchia de emoção; chegara o momento! Apreciei os brinquedos ali; logo, me encantei por uma beleza de pentágonos vermelhos. Olhei para o meu pai e disse:

— É essa!

Fomos ao caixa e pagamos. Sorridente, eu ansiava por jogar, mas meu pai me dissera que somente jogaríamos no dia seguinte. Meu velho tinha trabalho acumulado. Quase não me contive, tamanho o desejo de inaugurar a bola.

A tarde passou; à noite, meu pai falou-me que precisaria ir a outra cidade adquirir umas peças para o seu ofício. Deu-me um beijo, como sempre fazia, e saiu em sua moto. Passei a noite junto à porta, esperando o seu retorno. Cada vez que olhava o olho mágico, imaginava-nos chutando, fazendo gols e defesas extraordinárias. As partidas de futebol que fantasiava superavam os campeonatos de Copa do Mundo. Meu pai era superior ao Pelé e ao Neymar. Ele era o meu herói. Mas a noite passava e ele não chegava, cochilei ali mesmo na porta.

Acordei minutos depois. Fui à calçada de minha casa e olhei o final da rua;

era apenas uma travessa calçamentada, de casas simples e baixas, comum nos interiores. Mas naquele momento me pareceu um túnel desesperador. Não havia ninguém ali. Apenas o vento frio a tocar as copas das árvores, sussurrando-me palavras de consolo numa linguagem não compreendida pelo meu coração de garoto solitário. Olhei as pedras do calçamento, pareciam rostos tristonhos e calados, sob aquela parda iluminação dos antigos postes da cidade. Havia um silêncio gritante de melancolia, como se naquele momento as pedras partilhassem a minha solidão.

Retornei à minha casa, novamente adormeci no mesmo local de espera. Acordei com um barulho. Levantei-me, afastei o sono esfregando os olhos e abri avidamente a porta. Meu pai voltara, pensei. Pisquei algumas vezes e percebi que não era ele. Era um conhecido da família. O que queria àquela hora? Reparei as suas feições, havia tristeza no olhar.

O homem perguntou-me por minha mãe, falei-lhe que ela estava acordada. Apenas descansava, enquanto o meu herói não chegava. Ele interrompeu bruscamente nossa conversa e entrou em nosso lar, caminhando até minha mãe. Eu fiquei ali, estagnado. Olhava a rua, na esperança

de ouvir meu pai anunciando sua chegada. Mas somente ouvi um choro abafado.

Era a minha mãe no interior da casa. Meu coração disparou e um vento gelado me cortou a espinha, quando recebi a triste notícia: meu pai havia partido para junto do Criador.

No momento não quis entender, preferia não ter entendido. A partida de futebol estava marcada, meu pai nunca descumpria uma promessa. Permaneci lá. Próximo àquela porta estava uma criança esperançosa e contrariada. Meus sentimentos de menino foram traídos. Não pelo meu pai, ele fora sincero ao me prometer voltar; mas pela vida, que se interpôs entre nós, roubando-me a alegria de viver a diversão tão esperada. Não consegui inaugurar a minha bola com o meu herói. Não houve a partida de futebol, e sim, a partida de meu pai. Naquela noite em que tanto o esperei, naquela véspera de Natal, ele não voltou para casa. Nunca mais voltou.

**Professor Raimundo Nonato
Vieira da Costa**

EMEF Pedro de Queiroz
Desembargador, Beberibe-CE

À ESPERA DA ÚLTIMA AULA

Aytan Belmiro Melo

Enquanto um dos grandes cronistas que li e que me inspirou a escrever, ansiava pelo inusitado ou pitoresco que daria luz a sua “última crônica”, o inusitado aqui é o maior desejo deste pequeno aprendiz, a razão e a emoção de meu texto: que a última aula chegue logo.

Não me interprete mal, querido leitor. Não sou desses, como alguns dos meus mais divertidos colegas, que chegam à primeira aula esperando ansiosamente pela última. Muito pelo contrário, quando eles resolvem prolongar um feriado, aqui estou eu, sentadinho em minha cadeira. Sinto-me bem na escola. Todas as manhãs, quando a mão quentinha de minha mãe me avisa que já são seis horas e tenho que me arrumar, não lamento. Sei da importância dos estudos para o meu futuro. Talvez por isso, anseio tanto por essa última aula.

Acredito que essa última aula seja aguardada por todos na cidade. Pois, se apesar da demora, ela está tão próxima, devemos isso aos valentes santa-barbarenses... Quando esse dia chegar haverá festa, haverá choro, haverá foguete! Meu co-

ração se empolga só de pensar. A última aula na garagem! Você não imagina como esperamos por isso.

A escola onde estudava, começou a desmoronar. Foi interditada. Os alunos foram “provisoriamente” (há seis anos) colocados no salão paroquial. Não foi suficiente. Arrumaram-nos umas garagens... Isso mesmo: garagens! Sabemos que de garagens saem boas bandas, tem lojinhas que funcionam em garagens, costureiras e doceiras usam muito bem suas garagens. Mas, sala de aula, para uma turma inteira?! É terrível...

E apesar de terrível, aqui estou escrevendo minha crônica numa delas. Arrepian-do-me com o frio que nos abraça nas manhãs de inverno, observando as colegas que se distraem com os gatinhos e os cães da rua que vira e mexe nos visitam e ouvindo o gargarejo das galinhas – nossas vizinhas do fundo. Afinal, nossa “garagem de aula” fica na última casa de uma rua estreita e sem saída. Quando os colegas querem tirar os olhos do quadro e viajar pela paisagem atrás de nós, têm apenas alguns pezinhos

de café cercados por uma tela e um pequeno galinheiro para observar. Confesso que já me diverti algumas vezes, quando a professora fazia uma pergunta e as primeiras a responder eram as galinhas, cacarejando em alto e bom som. E não são só as galinhas: há dias que a trilha sonora que nos embala é o animado sertanejo da vizinha, em outros, o que nos abala é a “makita” dos pedreiros na construção ao lado, tão irritante que consegue desestabilizar até mesmo a firme professora de Geografia.

Mas, finalmente e felizmente, essa construção, assim como a da nossa escola, está na reta final. Nunca estivemos tão perto da última aula na garagem. Confesso que uma emoção diferente me invade ao pensar numa escola com quadra, refeitório, sala de informática, biblioteca... Meu Deus! Eu vou estudar numa escola de verdade! Uma escola que não começou de graça, sem grito, nem choro. Foi na briga mesmo. Naquele dia em que o povo daqui entrou na onda de “acordar o gigante”. Pais, alunos e professores, vestiram uma camisa de luto, tomaram a BR 116 que corta a cidade e gritaram:

— Garagem não é sala, igreja também não! Senhor Governador, olha a situação...

E só então, com as fotos e vídeos nos jornais, começamos a ser percebidos.

Ah! Como espero por essa última aula... Porém, não posso dizer que não quero nem ao menos lembrar-me desta garagem. Inesquecíveis lições tenho aprendido aqui: vendo o esforço de meus professores para compensar o tempo perdido entre as corridas de uma garagem a outra, com os colegas que ignoram o espaço em que estamos e se dedicam aos estudos, com aqueles que sabem colorir, com alegria e leveza, o nosso dia a dia. E, sobretudo, com a minha comunidade que nos deixa uma belíssima lição, mostrando-nos que diante das adversidades, não precisamos fazer as malas e mudar de cidade ou de escola, mas sim, lutar para transformar a realidade. Lições tão importantes que ultrapassam as linhas de minha crônica, as paredes desta garagem e os limites de nossa cidade.

**Professora Silvania Paulina
Gomes Teixeira**

EE Monsenhor Rocha, Santa Bárbara
do Leste-MG

O GUARDIÃO DO CONHECIMENTO

Júlia Luana Schmitt

Sou velho, muito velho, mas ao contrário do que muitos pensam, minha velhice tem me deixado mais conhecido. Todos vêm até a mim para adquirir o conhecimento, tanto do passado quanto do presente ou do futuro. Às vezes, só de me observarem, as pessoas já sentem certo “orgulho”, aquele sentimento de que podem contar comigo. Mas ao contrário do que você pode estar pensando, neste exato momento, não sou uma pessoa. Sou apenas um antigo prédio, majestoso, cercado pelo movimento da cidade que cresce a cada dia.

Antigamente, eu tinha uma importante função. Sem a minha presença as pessoas não tinham o sustento matinal. Eu era um moinho. As pessoas vinham até a mim somente para ter o essencial para garantir o alimento, ou seja, o pão de cada dia, fruto do trabalho dos pioneiros desta terra tão fértil. Fortalecendo o povo desta cidade para, assim, construir a nossa história.

A modernidade, porém, começou a chegar e eu comecei a não ser tão necessário no dia a dia das pessoas. “O que eu faria agora?” – pensei. Pouco tempo depois



descobri. Peças antigas começaram a chegar e prateleiras com livros foram ocupando os meus espaços. Aos poucos, as histórias, tanto antigas como novas, foram povoando o meu interior. Então recebi o nome de Biblioteca Municipal de Horizontina.

Agora, as pessoas entram e saem todos os dias. Escolas vêm visitar minhas exposições e o meu museu, que guardam as memórias deste povo hospitaleiro, que acolheu o imigrante que aqui chegou e fez essas terras produzirem.

Sempre tenho visitas, recebo a todos com carinho, os rangidos das portas e das escadas de metal fazem parte do que um dia eu fui. Guardo em meu interior muito conhecimento. Se outrora eu alimentei esta cidade, com o pão material, hoje, alimento este povo com o pão intelectual. Por isso, eu sou o guardião do conhecimento!

Professora Luciane Bolzan Cantarelli
EMEF Espírito Santo, Horizontina-RS

LÁ NA MINHA TERRA

Açucena Martilho Diniz

Dizem que o bom filho a casa torna... E eu, depois de estudar e viver alguns anos longe, também voltei para a minha terra natal. E foi a partir dessa minha volta que me dei conta de uma particularidade dessa cidadezinha: que ninguém é livre, todo mundo é de alguém. Pode parecer estranho, eu sei, mas vou explicar.

Aconteceu que, nos primeiros instantes de minha volta, ao desembarcar na rodoviária da cidade, olhos curiosos me acompanhavam. Eu, com duas malas e alguns anos adquiridos fora dali, despertei o interesse de quem por ali passava.

— Quem será este que está chegando? — perguntavam as comadres.

— Parece com o Marquinho.

— Marquinho?

— É, aquele, do João do bar.

— Nada, tá mais para o Pedrinho, do Zé do posto.

E assim as tentativas de adivinhações prosseguiram, e eu segui adiante.

Mais tarde, precisando comprar algumas coisas, fui a venda do Português e, diante do caixa, uma criança dizia:

— É para marcar!

— Marcar para quem?

— Marcar para a Maria!

— Qual Maria?

— É a Maria do João Riso.

Agora estava explicado para quem era a pendura.

Na volta para casa, passo pela Praça São Pedro que, como de costume, reúne muitos senhores a distraírem-se com jogos de baralho. Não se preocupam com o tempo e nem com a prosa entre eles, que é para quem quiser ouvir:

— Ficou sabendo do que aconteceu com o Neco do João leiteiro?

— Não, o que foi?

— Deu praga na roça dele, perdeu tudo o que tinha plantado.

— Coitado! Será que deu também na plantação do Tonho, do Dito Saracura? É vizinho dele lá no sítio.

— Ah, esse eu não sei...

E eu vou passando e, além de saber das novidades, percebo mais uma vez que por aqui não adianta falar só o nome, tem que dizer de quem é, senão ninguém vai saber.



No cair da tarde, o sino da Igreja Matriz toca, é para anunciar o falecimento de um ente querido que ali morava. Todos saem para fora de suas casas para ouvir direito de quem se trata, e a notícia vem:

— Faleceu hoje José Nascimento dos Santos.

Quem é? Ninguém sabe! E é por isso que o comunicado vem completo:

— Faleceu hoje José Nascimento dos Santos, o “Zé da Lurde”. Agora sim, todos sabem de quem foi o infeliz dia.

E assim chego a uma conclusão sobre essa cidadezinha: ela tem um povo muito bom e hospitaleiro, uma terra vermelha da boa, lindas paisagens verdes... E o diferen-

cial é que nesse lugar ninguém está sozinho, todo mundo é de alguém. Se quer ser conhecido por aqui tenha sempre alguém a quem pertencer, conselho de amigo, fica mais fácil. Mas e eu? A quem eu pertencço? Quem pertence a mim? Ahhh, eu sou filho de Riversul, e vou logo tratar de arranjar alguém pra chamar de meu.

Professora Fernanda Aparecida Mendes de Freitas

EE Lázaro Soares Professor, Riversul-SP

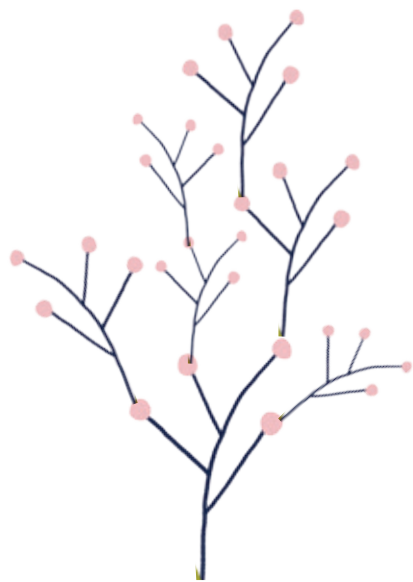
A PEQUENA GRANDE GUERREIRA

Francisco Felipe da Silva Izidro

Já estava amanhecendo o dia, e como é rotina aqui no meu lugar, ele amanhece lindo, o sol aparece brilhante no pé da serra, feito segundo despertador de sertanejo, já que o primeiro é o cantar do galo, muitas vezes já acompanhado pelo coral dos pássaros que me convida a ser feliz.

Da janela do meu quarto, contemplo toda esta beleza. Aquele mar de plantas diversas que embelezam o meu sítio Jangada, e abrigam tantos pássaros que comigo dividem esse pedacinho de Jucurutu, no Rio Grande do Norte.

Como todo menino de sítio, o amanhecer é hora de trabalhar, de ajudar aos pais, e assim, logo coloco o boné na cabeça, e como todos os dias, vou até a minha cisterna pegar a água do consumo diário. Quando ali, na portinha estreita do reservatório, avisto um passarinho com cores chamativas e ofuscantes, que mesmo pequenino tentava carregar em seu bico um galho de mato bem maior do que ele, acho que era o dobro do seu tamanho. Fico admirado. Sabe como é menino, curiosidade despertada por tudo, e também sou assim.



Quando ele finalmente consegue levantar o galho e voar, decido segui-lo para ver até onde ele consegue sustentar aquela bagagem. Muito comovido com a cena, entro em uma mata fechada e nem percebo.

Vendo o animal pequeno no tamanho e gigante na coragem carregando aquele galho, cambaleando no ar, penso comigo mesmo: estaria ele construindo seu ninho? E mesmo com essa interrogação na minha cabeça, continuo seguindo o pássaro, que com certeza, nem percebe, pois está muito concentrado na tarefa que realiza.

Depois de muito segui-lo, o pássaro para em uma árvore, e de longe observo que ele constrói seu ninho, arruma o galho direitinho, acho que está na fase de acabamento, os retoques finais, pois ali já havia moradores; um barulhinho suave e insistente, um cantar baixinho denunciava isso. É o chiado dos filhotes! Isso mesmo, toda aquela força era de uma mãe dedicada, pequena guerreira, zelando os filhos. Me emociono com tanta sabedoria que vinha daquele amor materno. Um ninho pequeno, parecia desprotegido; e me aproximando, vejo os dois filho-

tes no chão. Tento ajudá-los. Que má ideia, essa! A mãe fica enfurecida com a minha presença, não aceita ajuda. Entendo tudo, sou desconhecido para ela, provável ameaça, mãe é assim mesmo. Só ela sabe cuidar.

Logo me afasto, e reflito sobre a necessidade do respeito aos animais. Volto para a cisterna, pego a água e sigo para minha casa, mamãe me espera. Antes de entrar, da porta aberta já observo minha mãe naquela cadeira de madeira, com olhar aflito, preocupada com a minha demora, com certeza. Você sabe como é, mãe protege os filhos. E assim, penso ainda mais na mãe dos passarinhos. Amor puro e verdadeiro.

Minha mãe e a mãe dos passarinhos, tão parecidas no amor, no cuidado, na luta diária neste lugar de sol quente e de paisagem que encanta. Mãe é tudo igual.

Professora Isabel Francisca de Souza
EE Professora Maria das Graças Silva Germano,
Jucurutu-RN

HISTÓRIA DE PESCADOR

Isabelle de Araujo

Enquanto atravessava a ponte sobre o rio Doce, que corta a minha cidade em duas metades – o lado de cá e o de lá, deparei-me com uma cena intrigante. Olhando para baixo da construção e mirando as poucas águas que ainda restam do enorme rio, que já chegou a ser navegável, observei um pequeno barco que parecia mais estar encalhado do que flutuando. Imaginei a dificuldade de fisgar algo comestível e, conseqüentemente, a frustração da missão atrapalhada pelos bancos de areia. A cena, definitivamente, inspirou-me. Esta crônica tem origem naquele momento, naquele olhar. Antes de pensar na agonia do rio morrendo a olhos vistos, na escassez de seres vivos nas águas do “Doce”, foi a imagem do pescador que me sensibilizou. Já ouvi dizer sobre a responsabilidade do rio, cujo histórico revela os valores do povo presente em suas margens. Quanto mais bem cuidado, maior a educação dos moradores da cidade que desfrutam dele. Houve, porém, uma tragédia que mudou o seu destino. Nela, a alegria constante trazida pelas correntes fluviais transformou-se

em tristeza. Um verdadeiro pesar. Ao invés da corriqueira festa com a chegada das águas, um velório coletivo. Os volumosos remansos e as típicas correntezas do grande rio, inspiradores de credibilidade e abundância no passado, cederam lugar às águas barrentas e, também, contaminadas pelos rejeitos de minério. Quem poderia imaginar? Quem poderá calcular os danos surgidos após o desastre ambiental conhecido como “o desastre de Mariana”?

Talvez o pescador. Foi ele o profissional que acompanhou mais de perto a ferida formar-se. Os rejeitos anunciavam, com a chegada lenta, mas densa e constante, a quase despedida da maioria das espécies. As vidas presentes no rio nunca mais seriam as mesmas. A rotina que delineou por tanto tempo o dia do profissional das águas precisou, compulsoriamente, sofrer alterações. Enquanto o peixe não vinha à linha, era com o manancial que conversava sobre seus planos e sonhos. O rio era o seu ombro-amigo, seu diário de anotações. As fisgadas, o troféu que celebrava o sucesso de seu dia. Além do sustento que lhe

proporcionava, trazia alegria em seu peito, um sentimento percebido por aqueles que amam a profissão que exercem: o orgulho de ser pescador. A lama barrenta tingiu de tristeza a vida do simples e, ao mesmo tempo, nobre profissional, que fazia do rio seu palco de conquistas.

Restam poucas esperanças. Todos, porém, torcem para que o rio volte a respirar. O que antes era um sonho de vida, atualmente se configura como pesadelo. A tormenta tornou-se responsável por despertar o pescador no meio da noite, imaginando o que será dele e de sua família, antes totalmente dependentes do “Doce”. O rio, hoje, chora. O pescador chora. Ouve-se, na verdade, um choro coletivo. Saudades? Sim. Muitas lembranças sobre o que esse gigante representou no passado, dos momentos em que as redes eram lançadas logo de manhãzinha, enquanto a cidade ainda dormia, voltando preenchidas. O rio foi, por muito tempo, o sinônimo perfeito para o progresso da “Princesa do Norte”. Era o seu amuleto da sorte.

Também não há como se esquecer do “bê-a-bá” sobre a arte da pescaria que atravessou gerações, ensinada de pai para filhos, de avô para netos e para bisnetos. O testamento que descreve a herança deixada pelos entes queridos tornou-se um documento amargo, preenchido de tris-

tes relatos do povo ribeirinho. Um rio antes cheio de cardumes, de mistérios, de maravilhas da natureza, hoje leva consigo só as lembranças de bons momentos. É como se tivessem lançado, sem filtro, o veneno do poder e da ganância que brota de alguma parte, localizada no interior dos homens que se dizem autoridades. Ele está lá, contudo, vai morrendo lentamente, dá pior forma possível: agonizando.

Há, mesmo assim, pescadores invencíveis. Reproduzem os heróis, buscando lutar até o fim. Aquele que visualizei perto do banco de areia, enquanto passava pela ponte, propôs-me uma reflexão. Se houve ou não peixe, naquele dia, não importa. Dedico a ele minha crônica que, como uma fotografia, deixa registrada a imagem de sua persistência. Uma verdadeira e triste história de pescador.

Professora Cinthia Mara Cecato da Silva
EMEF Maria da Luz Gotti, Colatina-ES

LÁGRIMAS DE ESPERANÇA

Kesia Cardoso Gonçalves dos Santos

Estou em frente ao futuro, em frente à esperança, em frente à escola. Daqui de fora, sua estrutura é como a de uma prisão, mas nela está todo o conhecimento, a dedicação e a cultura de que preciso para ser livre.

É meu último ano nessa escola, estou observando cada detalhe, detalhes que deixei passar por anos. O portão rabiscado, a mercearia aberta do outro lado da rua, o ponto de ônibus e a esquina onde ficamos conversando após as aulas. Do portão para dentro, o sinal grita nos chamando para estudar, falta uma quadra para as aulas de educação física, há a correria dos que chegam apressados e enchem de vida este lugar. Vidas que aqui se juntam no único propósito de aprender. Sim, alunos, professores, funcionários, todos são aprendizes.

Saindo da escola, caminho em direção à praça abandonada que perdeu seu encanto, sinto o assombro da falta de segurança em todo canto, vejo a falta de cuidado e de atenção para aquilo que é de todos e inevitavelmente me entristeço. A nostalgia e a saudade antecipadas me sur-

gem novamente: é meu último ano na escola do meu bairro; ano que vem, frequentarei outros bairros de Cariacica ou até de outro município da Grande Vitória. E o que levarei daqui? Escolho levar a doçura das lembranças, das brincadeiras e andanças. Levarei a menina que corria por estas ruas, sem medo. Levarei todo o aprendizado construído dentro e fora da escola.

Um dia, aqui nessa praça, uma amiga – muito mais que uma professora – fez com que eu enxergasse a beleza, onde antes eu só via a degradação. Suas palavras de poeta penetraram em mim como sementes penetram na terra e fizeram brotar um novo olhar, mais esperançoso e confiante. Se antes eu só enxergava o vazio, os problemas e o descaso, naquele momento eu aprendi que só há abandono quando eu também resolvo abandonar, que a violência e a dor ocupam o lugar que o medo deixa vazio. Eu passei a ver que as riquezas estão justamente nas pessoas, nas suas histórias e lutas diárias, para não se entregarem e vencerem as dificuldades. Quando entendemos isso, entendemos também que cada um de

nós tem o poder de construir uma escola melhor, uma rua melhor, uma praça, uma cidade, um mundo melhor. Aquela aula, nessa praça, me mostrou isso.

Eu sou uma dessas pessoas que lutam e hoje sei que não luto sozinha. Estou armada com meus livros, minha munição é o meu conhecimento. Este lugar, no alto do morro, me dá uma visão estratégica. Vejo onde estou, aqui é a favela, aqui é permitido ter casa sem acabamento, lixo nas ruas, banco de praça quebrado, mato no lugar de jardins, traficantes em vez de universitários, boca de fumo no lugar de parques. Daqui, posso ver também onde quero chegar. Minhas lágrimas são de esperança e elas encherão um rio que nos conduzirá a um país em que estar nesse morro não seja sinônimo de insegurança, de medo, de dor, mas, sim, sinônimo de alegria, por estar mais perto do céu e suas estrelas.

Meus ídolos estão aí para me mostrar que minha esperança é válida: sou Nelson Mandela, lutando com minhas palavras; sou Conceição Evaristo, crescendo na favela, estudando para ter um futuro melhor, cruzando abismos para ter uma vida mais digna e inspirar outros como eu, como nós. É meu último ano na escola do meu bairro, mas minha luta por esse lugar só está começando.



Professora Ana Claudia Araújo de Lima
EEEFM Mariano Firme de Souza, Cariacica-ES

TRADIÇÃO DE CARIDADE

Emilie Caroline Stallbaum de Rossi

“O que eu benzo? É carne rasgada, osso quebrado e nervo tendido!” Assim fala Maria Pinguela, que cura tudo: quebrante, sapinho, amarelão... Não há o que a benzedeira não cure com a sabedoria antiga. Pelo menos, foi o que ouvi dizer.

Para chegar até sua casa, o caminho é longo e sinuoso, fica perto do Rio Uruguai. Vejo laranjeiras carregadas de frutas gordas e salientes. O mundo silencia para a natureza cantar. Tico-ticos e Joões-de-barro cantam e as árvores dançam. Que bela paisagem.

Chegando mais perto, ouço vozes e vejo algumas pessoas. A cuia de chimarrão passa na roda. Respiro fundo. Sento e começo a analisar a casa. Simples, de madeira, pequena, a tinta verde descascando, grandes janelas antigas, telhas cobertas de musgo e a fumaça do fogão a lenha saindo pela chaminé. As pessoas são bem distintas umas das outras. Uma senhora grisalha quer benzer seu neto de “susto”. Ele brinca com um gato de pelo ralo, muito misterioso. Um agricultor alto, sotaque italiano e mãos encardidas quer benzer uma dor de

cabeça persistente. Ao meu lado, uma mãe com um bebê espera benzê-lo de quebrante. Há um adolescente vidrado no celular. Ele diz ter amarelão.

Algumas pessoas saem parecendo bem satisfeitas. Mesmo não estando nem um pouco a fim, penso que mal não vai me fazer e entro. A situação é precária. A geladeira aberta mostra uma fartura de nada. Então, uma mulher alta, morena, gorda e sorridente aparece e começa a benzedura pelo adolescente do amarelão. Ela faz o sinal da cruz e reza: “Amarelão, te corto!”. Eu arregalo os olhos. A benzedeira conclui e chama a senhora e o neto. Há rosários e estatuetas de Nossa Senhora, além de anjos e santos nas paredes e no altar. Com uma vela, ela descobre que o menino se assustou com um galo. Pinguela chama o agricultor italiano. Ela começa a orar com um copo de água e, de repente, a água começa a soltar muitas bolinhas, como água com gás. Estranho. Ela dá a ele um chá de ervas e aponta para mim:

— Tu não tem fé! Todos têm de rezar junto, sem fé não dá certo, ainda mais nessa altura do campeonato. Credeuspai, como tu deixou o braço assim, gurria? Só por Dio!

Fico espantada. Como ela sabe da minha dor?

Há um tempo notei essas feridas no braço, que pioraram cada vez mais. O médico falou que não havia cura, a carne apodreceu e o braço seria amputado. Minha avó, muito religiosa, sabendo sobre minha situação, disse: “Puro cobreiro! Vai na Pinguela”. Nunca fui muito chegada nisso, mas esse é meu último recurso.

A benzedeira começa uma oração e todos rezam junto. Depois, me senta em uma cadeira e passa arruda no meu braço. “O que eu corto?”, grita. Eles respondem: “Cobreiro brabo!” – repetem isso inúmeras vezes, entre Pai-Nossos e Ave-Marias. Eu permaneço quieta, meio arrependida de ter ido. Ela passa mais ramos nas feridas e elas doem. Ela ri e me dá um chá de cor verde-gosma. Devo tomá-lo três vezes ao dia.

— E reze Salve Rainha toda vez que tomar – fala, dando-me um tapa nas costas.

— Nem duas semanas teu braço tá bom! Vai, retchuda! Pode vim o nenê!

Ao tomar o chá, descubro que, na verdade, ele é bem gostoso. O vidro não durou nem cinco dias, exagerei um pouco nas doses. A dor no meu braço acalma, mas ainda persiste. Afinal, ele está se decompondo. É normal doer. Vou para última consulta antes de amputar. Quando desenhaixo, estranho não sentir o cheiro

usual. Mas o médico fica ainda mais surpreso quando vê que meu braço está limpo. Limpo? Com casquinhas e cicatrizes, mas... Limpo! Mas como? Maria Pinguela, a benzedeira! Ela, com sua humildade, sua fé enorme e seu coração puro teve o dom de me curar. Agora penso em como o benzimento é uma crença bonita. Uma cultura de muito tempo, que já foi chamada de feitiçaria, substituiu médicos, curou casos que ninguém diria que seriam sarados e resistiu ao tempo e à modernidade com muita fé. A natureza é realmente muito sábia ao nos proporcionar acesso às ervas medicinais. Mesmo assim, muitos jovens se recusam a aprender esta arte. Sou abençoada por ter tido a graça de melhorar através do benzimento. Não sei quanto aos outros, mas meu braço foi curado por Maria Pinguela e por essa tradição de caridade que permeia minha região.

Professora Helena Boff Zorzetto
EMEB Imigrantes, Concórdia-SC

EU VIM DE LÁ

Chrystian da Costa Rodrigues

Meu lugar... Como posso descrevê-lo? Não há lojas, grandes comércios ou bares. Um lugar calmo até demais. Há somente pessoas pacatas que compartilham entre si das dores e alegrias de pertencerem a ele. O lado bom é que ainda se pode sentar nas portas para uma conversa nos fins de tarde. Não é uma cidade, está mais para povoado. Alguns chamam de interior, mas não acho que seja merecedor desse título. Na verdade, pertence à zona rural de Parnaíba, localidade Baixa da Carnaúba.

Dizem que carnaúba significa “árvore da vida” pelas suas inúmeras utilidades e, principalmente, por sua resistência e capacidade de adaptação a climas adversos. Penso que este se encaixa perfeitamente ao lugar e às pessoas que ali vivem, por que morar na Baixa Carnaúba é resistir às dificuldades de pertencer a uma realidade rural e, ao mesmo tempo, não resistir à imensa beleza das manhãs que invadem nossas janelas quase interioranas. E se alguém por acaso me perguntar se gosto de morar lá, não diria nem que sim e nem que não, sabe?

O ápice do ano, na Baixa da Carnaúba, é o festejo de Nossa Senhora da Conceição, que ocorre em dezembro, o qual é tão aguardado pelos moradores quanto ao de São Francisco, no Canindé. Uma atmosfera diferente parece envolver toda comunidade durante esse período.

Uma estranha tensão toma conta de seus habitantes que se preocupam em fazer um festejo “mais bonito” que o do ano anterior. Para mim esse já é o primeiro milagre: a cotidiana monotonia das noites dá lugar a inúmeras histórias de fé, devoção e até situações engraçadas! Jamais esquecerei o dia quando num final de festejo, todo povo reunido já se preparava para sair em procissão da igreja; velas acesas nas mãos, o som dos sinos e suaves cantos tocando os corações dos fiéis, flores, bandeirinhas... A coisa mais linda que se pode ver em um “interior”. Quase ninguém além de mim reparou em um menino que passou correndo com um balão em suas mãos e, por descuido, encostou em uma das velas carregada piedosamente por um fiel também distraído. O balão, claro, estourou. Para minha surpresa, uma confusão geral quebra subitamente a sacralidade do momento. Todo povo correu em diferentes direções imaginando que fosse um tiro.



Fiquei ainda mais surpreso com a reação do padre ao falar pacientemente em sotaque alemão tentando acalmar o povo: — Calma! É só um “ladron”!

Sei que a intenção foi boa, porém suas palavras surtiram um efeito bem contrário ao que desejava. O povo se desesperou e era gente para tudo quanto era lado. Imagine, caro leitor, o tamanho da confusão que se deu em um lugar tão pequeno! Foi tudo muito rápido: gritos histéricos, correria, desespero, um caos!

Lamentei profundamente que uma festa tão bonita fosse interrompida daquela forma, porém, confesso que algo dentro de mim divertiu-me, como se houvesse saciado minha sede de emoções.

E assim, em meio a essa e tantas outras histórias curiosas, engraçadas e até um pouco vergonhosas, que eu cresci. Apesar da Baixa da Carnaúba ser para muitos um lugar quase desconhecido, também possui um povo trabalhador que nunca perde a fé, o bom humor e a esperança em dias melhores.

**Professora Michele
Alecsandra Nascimento**

UE Edson da Paz Cunha,
Parnaíba-PI

AH, MALDITOS CINCO MINUTOS!

Ana Maria Pereira da Silva

Foi numa segunda-feira pela manhã, era o dia do carro de lixo passar na nossa rua. Ele sempre passa nos dias pares. Só uma vez passou num dia ímpar. Eu estava indo para o colégio.

Sempre saía atrasada ou em cima da hora, mas naquele dia, por milagre, tinha uns minutinhos de sobra.

Levara uns dez minutos para chegar à escola, estavam me sobrando cinco, naquela segunda. Talvez, por isso, tenha conseguido pousar meus olhos atentos na cena que se passava na calçada da casa ao lado da minha.

Um homem, acompanhado de seu filho, um garotinho de uns 6 anos, acorados, vasculhavam o lixo da vizinha. “Meu Deus, será que procuram comida?” – pensei.

Lembrei, imediatamente, do poema “O bicho” de Manuel Bandeira, que tanto me encantou e emocionou, na voz da minha professora de Língua Portuguesa, quando eu fazia o sétimo ano. Até hoje, culpo aquele malvado poema por despir-me, um pouco, da inocência em enxergar misérias ao meu redor. É, a literatura tem dessas maldades!

A lembrança do poema ainda me azucrinava, quando observei, do outro lado da rua, uma carroça daquelas feitas de fundo de geladeira. Estava quase lotada de papelão velho.

Nossa, que alívio! Não buscavam comida. Catavam materiais recicláveis. Faz diferença? Minha natureza me diz que sim. Catar recicláveis é, na minha visão adolescente, algo digno. Buscar comida no lixo despe o homem de sua dignidade. Mas voltemos à cena.

Os dois, homem e criança, compenetrados na busca por algo que lhes rendesse uns míseros trocados, caras quase enfiadas dentro dos sacos de lixo, ignoravam a minha presença ali. E eu, não querendo atrapalhar os dois, mentalmente, implorava aos céus que eles não me percebessem ali. Não sei quem sentiria mais constrangimento, se minha presença fosse notada: eles ou eu.

Mas uma coisa era certa, precisava chegar à escola, não poderia permanecer ali, plantada feito estátua. Sim! Era assim que me sentia: como uma verdadeira estátua. Aliás, estátua perdia para a minha petrificação naquele lugar, diante da cena que vislumbrava. Até a respiração era cuidadosa para não fazer o mínimo barulho que atrapalhasse o trabalhador homem e o trabalhador mirim. Por fora eu era pedra, por dentro, um redemoinho.

O homem, de repente, ergueu a cabeça e, num movimento brusco, levantou-se. Nas suas mãos, pousavam três caixas de leite pasteurizado Lebon. De uma das embalagens, jorravam alguns pingos de leite, que desciam retos pela calça jeans que o vestia. Se sentia o líquido escorrer pelas vestes, não dava sinais.

Nesse instante, seus olhos miraram os meus. Ele não se mostrou constrangido como achei que ficaria. Muito educado e com um leve e tímido sorriso, me desejou bom dia, ao que eu, pronta e calorosamente, respondi, embora bastante embaraçada, claro! Em seguida, ele atravessou a rua, até a carroça, onde depositou o seu achado. O menino continuava a tarefa. Parte do rosto quase enfiada no saco.

— Simbora, Dorival! – gritou o genitor para o menino, que ainda cutucava o mesmo saco de lixo.

— Espera, pai! Deixa ver se eu acho a perna – gritou, ansiosa, a criaturinha.

Foi aí que vi em uma de suas mãos, a mesma que segurava o saco, enquanto a outra rebuscava os restos, um boneco do Super Homem, faltando uma das pernas.

— Deixa de ser abestado, tá no lixo porque tá sem perna. Simbora, avia! – reclamou o homem.

— Achei, pai! Achei! – gritou a voz infantil, cheia de contentamento. As perni-

nhas correram até a carroça. — Olha, pai, olha pai!

— Pronto, agora vai ficar embromando com essa porqueira ao invés de trabalhar. Vumbora!

Ainda fiquei alguns segundos ali, parada, acompanhando a caminhada dos dois, subindo a rua enladeirada. O pai, resmungão, empurrando a carroça, e o menino atrás, com seu brinquedo recém-encontrado. Não dava para ver, mas, certamente, deveria estar com um belo sorriso estampado no rosto. Nem aí para os resmungos do pai.

Enquanto aquele pequeno seguia a lida com o pai, feliz com o seu boneco do Super-Homem, eu rumei para a escola, um redemoinho de sentimentos a atazanar-me a cabeça! Tudo culpa daquele sádico poema de sétimo ano e, também, daqueles cinco minutos de sobra. Ah, malditos cinco minutos!

Professora Edvana dos Santos Vieira

EEEF Maria Emilia O. de Almeida,
Campina Grande-PB

OPERAÇÃO CINDERELA

Allanis Stephani Carvalho

Todo setembro, Arraias parece um formigueiro pegando fogo. Embaixo de um sol escaldante, em meio a tantas barracas, é gente subindo e descendo ladeira, crianças dando birra por brinquedos, cachorros latindo, ambulantes tentando convencer as pessoas a comprarem seus produtos... É um *shopping center* popular nas ruas apertadas da minha pacata cidade que, nesses dias, mais parece capital. O evento é esperado por muitos e odiado por outros, principalmente por aqueles que ficam impedidos de sair, e nem conseguem guardar um carro devido à porta de casa ficar bloqueada pelos mascates.

Esses gostos e desgostos já são antigos e não mais é possível imaginar Arraias sem desfile de 7 de setembro, sem a missa da Padroeira Nossa Senhora dos Remédios no dia 08 ou as famosas barraquinhas, que aguçam nossas vontades e levam nossos trocados.

Porém, em meio a essa diversidade de acontecimentos, algo inusitado me chamou a atenção e me intriga até hoje. Logo após o desfile (aquele em que ficamos



todos engomadinhos, suando igual cuz-cuz em panela tampada), diversos alunos passeavam pelas barracas no retorno para suas casas, quando uma aluna decidiu dar uma paradinha em uma barraca de sapatos. Até aí tudo normal, pois como já falei, é tanta oferta para pouco dinheiro e todo mundo fica animado para renovar o guarda-roupa e “curiar” as novidades no *shopping*. A garota pediu para experimentar um par e, assim que o barraqueiro se virou, a aluna deu no pé... Levando os novos e deixando para trás os que estava usando, pois os mesmos já estavam um pouco desgastados de tanto subir e descer ladeira.

No outro dia, houve uma reclamação para o diretor da escola (não é que a bendita usava o uniforme da escola e conseguiram identificar onde estudava?). O barraqueiro procurou a direção da escola e informou que uma de suas alunas havia furtado um par de sapatos dele.

A operação para encontrar a dona do furto foi chamada de “Operação Cinderela”, pois a garota havia deixado para trás os sapatos que estava usando. A diferença é que, além de não ser de cristal (pelo contrário, estava bem “acabadinho”), nessa operação nenhuma das “princesas” da escola se ofereceu para experimentar o sapato, igual na história da Cinderela. Já imagi-

nou se o sapato servisse! Eu fui uma delas, quieta estava e quieta permaneci...

As especulações foram muitas e parecia que todo mundo ficava olhando para os nossos pés para tentar identificar o objeto roubado... Acho que quem tinha sapato novo nem quis usar mais na escola e até a brincadeira “que sapato bonito, é novo?!” já provocava olhares curiosos e acusadores. A resposta era imediata: “minha mãe comprou em Campos Belos!”

Só sei que muito se perguntou, se especulou... Mas até hoje, ninguém tem certeza do nome da Cinderela às avessas... E eu fico aqui pensando o que levou uma menina a se arriscar tanto: foi necessidade ou malandragem mesmo? Também sei que, depois desse episódio, em barraca de calçados só entro acompanhada de meus pais.

**Professora Alessandra Barbosa
Silva Resende**

EE Jacy Alves de Barros, Arraias-TO

SENTIMENTOS AMARELOS

Bruna Vitória da Silva Andrade

A presença da claridade nas brechas das janelas envelhecidas pelo tempo e o cocoricó dos galos anunciavam que o sol desanoiteceu. A minha casa ainda dormia, não se ouvia nenhum barulho dos moradores nas vias empoeiradas do Povoado Alegria – uma região bastante rústica da nossa “Cidade Verde”. Somente nos quintais das casas, os animais já denunciavam que estavam famintos. O céu totalmente desanuviado previa mais um dia escaldante de setembro, o primeiro mês do B-R-O-B-R-Ó, como é conhecido este tempo por essas bandas nordestinas.

Os sinos da igreja local tocavam dando provas que eram seis horas da matina, hora de levantar, me arrumar, quebrar o jejum noturno, caminhar até a parada, pegar o ônibus e ir para a escola. É a vida seguindo o seu percurso habitual. Conseguem imaginar assim? Pois é, como de costume entrei no ônibus, sentei no banco próximo a uma das janelas do lado esquerdo do transporte e fiquei observando aquela paisagem acinzentada e castigada pelos ventos impiedosos da estação. A vege-

tação arbustiva já não escondia mais seus galhos secos e retorcidos. As flores! Essas já não davam mais sinais de vida.

Durante o itinerário, a cena era a mesma de sempre. Até aí, tudo normal! Será mesmo? Já não tenho tanta certeza! Por um instante minha percepção visual foi arrebataada pelo encanto de um enorme ipê salpicado de buquês amarelos erguido em meio aos escombros daquela sequidão. Como minha visão não alcançava o local de fixação daquele ipê, imaginei seu tronco adornado por um tapete de flores amarelas desidratadas pela sucessão das horas.

— Que lindo! Que perfeição! Como faço para tocá-las? – falei tão alto que todos no ônibus olharam para mim.

Naquela hora do dia, o vento já soprava uma brisa morna que levantava poeira seca e que ardia nos olhos da gente, mas essas intempéries não impediam que minha visão se amarelasse de beleza e prazer. Prazer de ver, prazer de tocar, prazer de cheirar... Eu pensei em leveza, perfume, cor, alegria. Quase pedi ao motorista para parar o carro enquanto eu tirava uma foto daquela floração exuberante, mas como não podia realizar esse intento, tratei de preservar na memória aquela imagem.

O trajeto continuou normalmente, o mesmo ônibus de todos os dias, o mesmo

motorista, os mesmos colegas, a mesma sala, tudo igual, mas a minha opinião sobre aquela cena tão imperceptível por causa da rotina, ganhou um novo significado, não era mais a mesma.

Em uma das aulas de Língua Portuguesa fui desafiada a escrever um poema. Retruquei... Retruquei... Retruquei... Enfim, os mais profundos sentimentos tomaram forma em meu coração. Assim, escrevi:

Contemplação

Diante do ônibus que anda
Parada estou
Parada a contemplar Ipês
Árvores regando o amanhecer

O dia chega

Com sol e vento de bem-querer
Manda à terra
Seu Ipê-amarelo florescer

Abro a janela
A cantiga do vento
Me leva, como de costume
Ao jardim secreto do coração
Que é amarelo
Como um tapete estendido no chão.



**Professora Edna Maria Alves
Teixeira de Oliveira**
EM Joca Vieira, Teresina-PI

A minha história não terminou. Só o tempo dirá quando continuarei a escrever sobre minhas concepções, acerca das cenas do cotidiano. Só sei que ainda tenho muita coisa pra contar...

O DIA EM QUE A NOITE FICOU VERMELHA

Kevem Santos de Araújo

Já era noite. Abro a porta e vou em direção à rua; faço isso com um único objetivo: contemplar a linda noite da Chapada Diamantina.

Lá fora vejo algo que nunca esquecerei: “Ah, aquele dia... Nunca me esquecerei daquele dia!”. Que dia? Vocês devem estar se perguntando. “O dia em que a noite ficou vermelha”.

Aquela noite tudo havia mudado, a noite não estava sendo iluminada pela lua, ou pelas estrelas; ela estava brilhantemente iluminada, porém, seu brilho provinha do fogo. É, do fogo! Milhares de árvores estavam a pegar fogo, nos propiciando um grande espetáculo. Parecia que o céu se tornava uma imensa tela de arte. E aquelas cores? Lindas pinceladas de Deus...

Meus olhos viram aquilo de maneira diferente. Será que fui egoísta? As cores vermelhas pareciam lutar contra o verde da serra, uma verdadeira obra de arte! Bem à frente de meus olhos.

De repente, quase todo o povoado fora ver o acontecido.

Foi então que percebi os olhares e semblantes dos meus familiares e amigos; eles não compartilhavam dos mesmos sentimentos que eu. A tristeza era nítida em seus olhos, parecia que alguém muito importante havia morrido... e morreu. Um pedaço de nós foi perdido.

— Meu Deus! – alguns falavam.

— Vamos ver de perto! – outros diziam.

No outro dia, vários carros percorriam as ruas; helicópteros sobrevoavam o céu; todos com um único intuito: combater o fogo!

Minha mãe, que trabalhava na Pousada Pai Inácio – localizada ao pé do Morro do Pai Inácio, viu tudo de perto. Seus olhos refletiam as chamas que consumiam o vido cerrado.

Desesperadamente gritava:

— Corre! Corre! Vamos apagar o fogo!

Com suas colegas de trabalho, mulheres corajosas, fortes, trabalhadoras e destemidas, sem hesitar, empunharam suas armas contra o fogo: abafadores. Irresponsáveis? Sim. Corajosas? Com certeza. Naquele dia, verdadeiras heroínas foram encontradas. Heróis sem fardas foram descobertos. Homens e mulheres saíram de suas casas vestidos com suas armaduras: botas, luvas, capacetes e roupas à prova de fogo. Uma grande luta ali foi travada, e nenhuma das partes queria render-se.

As ruas estavam movimentadas. E o céu? Nem se fala... helicópteros e aviões transitavam a todo instante transportando brigadistas de toda a Bahia. Um belo helicóptero branco sobrevoou a minha casa trazendo consigo um barulho extremamente alto. Seu objetivo era armazenar água, tal água que provinha do lago artificial aqui construído nos tempos do garimpo – que outrora era a base econômica de Campos de São João. O gigante branco ia e vinha, provocando um efeito de deslumbramento em todas as crianças, que repetiam a mesma frase:

— Me leva, avião! Me leva, avião! Queremos ir!

Não se importavam em falar errado, contanto que gritassem o mais alto possível. Comecei a me perguntar: “Será que o piloto ouvia os gritos daquelas crianças?” – cada vez que retornava parecia estar mais próximos delas... Parecia que todos do povoado tinham o mesmo pensamento: ser um brigadista honorário; aventurar-se na serra.

Meio perigoso, não? Esses jovens não se preocupavam com os perigos que poderiam enfrentar, todavia, ser um herói apagava todos os medos e receios.

Com grandes esforços do povo e dos brigadistas, o fogo foi apagado. Os morros e serras perderam sua luminosidade...

Os dias que se estenderam se mostraram tímidos; os pássaros não cantavam com a mesma alegria, os rios emanavam a morte, e a floresta, que antigamente possuía todo tipo de barulho, estava tristemente calada. As nuvens se mostravam escuras, expressavam o “descontentamento de Deus”, sua bela floresta havia sido queimada, totalmente destruída.

“O homem destrói e Deus contrói”. Essa frase nunca fez tanto sentido para mim, como agora. Intensas chuvas que chegaram à Chapada expressavam o seguinte sentimento: “Deixa que eu cuido de tudo. Sua simples função será preservar o que eu construo”.

E como num passe de mágica, a floresta renasceria.

Professora Isa Naira de Oliveira
EM de 1º Grau de Campos de São João,
Palmeiras-BA

O GUERREIRO DO SERTÃO

Francisco Wagner de Brito Viana

Já é final de tarde, o sol e a lua se entrelaçam nos horizontes, em um romance astral que transforma o céu de Cocal dos Alves em uma obra de arte, mas que nenhum artista no mundo conseguiria reproduzir com tamanha perfeição. Os grandes morros que rodeiam a cidade contemplan o espetáculo com fascínio, enquanto são atingidos pelos amarelados últimos raios do astro rei.

Ao longe, em uma longa estrada de terra, entre os últimos tons do crepúsculo, avisto algo vindo em minha direção, parece estar montado em um cavalo, e suas roupas vermelhas contrastam com a luz do sol, em um espetáculo de cores que mais se assemelham a uma labareda de fogo. Aquela figura torna-se a atração principal deste cenário, a que tenho o privilégio de momentaneamente pertencer. Algo me chama a atenção naquele ser alumiado.

Caminhando a passos lentos em sua direção, aproximo-me daquela incógnita. O vermelho tocante que o cobre se revela um chapéu e um grande gibão de couro que, como uma armadura, protege-o dos

pontiagudos galhos secos da caatinga. Seu facão na cintura é uma espada, com a qual parece ter enfrentado diversas batalhas, e o suor em sua testa queimada de sol indica que o dia foi de árduo trabalho. Sua imagem torna-se única para mim, e enfim posso dizer: é um vaqueiro.

Mostrando sua astúcia e coragem, ele aciona seu cavalo, que com uma velocidade impressionante levanta a poeira da estrada e desaparece em meio ao mato seco, sem temer os perigos que o rodeiam. Posso ver apenas seu vulto, que vai de um lado para o outro, cortando caminho en-



tre a mata e se misturando com a vegetação morta, em uma harmonia perfeita, quebrando o ensurdecido silêncio e dando vida novamente a essa triste caatinga.

Ao sair da mata, ele para, amarra seu cavalo, senta em uma pedra e, olhando para aquele lindo céu, tira do bolso de seu gibão o que me parece ser a fonte de sua força: um terço. O vaqueiro com suas mãos calejadas o segura levemente. Rezando baixo, agradece por mais um dia de trabalho duro, se benze e abre um largo sorriso, um sorriso tão puro quanto aquele pôr do sol, e tão brilhante quanto a lua que cla-

reia o límpido céu de Cocal dos Alves. Para muitos, poderia ser apenas um simples vaqueiro, mas para mim é uma pessoa especial, que simboliza o povo cocalalvense, que enfrenta as adversidades com o peito estufado, sempre com fé de que os próximos dias serão melhores. Eis o guerreiro do sertão.

Professora Gillane Fontenele Cardoso
CETI Augustinho Brandão, Cocal dos Alves-PI

SEMPRE EM BUSCA DE LUZ

Ana Beatriz Rodrigues Paes

Era uma tarde quente e ensolarada, algo comum na cidade de Palmas, que tem o calor como sua marca registrada; naquela tarde minha mãe me comunicou que precisaríamos ir a Taquaralto, bairro que é muito conhecido pela sua grande aglomeração de comércios de rua. Ele é bem distante de onde moro, e como não temos carro, nossa única opção era recorrer ao nosso “GOL”, trocadilho que eu e minha mãe usamos para Grande Ônibus Lotado!

Enfrentar um ônibus cheio por mais de 30 minutos com um sol de rachar justifica bem o slogan da cidade: Palmas, cidade do calor humano.

Sáímos de casa após o almoço, em horário de pico, isso só tornaria tudo mais cansativo. Pegamos o ônibus e, como era de se esperar, “lotaaado” e sem nenhum lugar para sentar. De repente, algo me chamou atenção, ou melhor, alguém.

O olhar de uma garotinha me levou a uma viagem sem sair do lugar. A criança aparentava ter por volta de 7 anos, seus cabelos encaracolados escorriam por toda a sua pele cor de chocolate que se destaca

va ainda mais com o vestidinho cor-de-rosa que usava. Ela havia notado que eu e a minha mãe estávamos em pé e tratou logo de se sentar no colo de sua mãe para liberar um assento. Minha mãe já cansada com todo aquele trajeto se sentou e seguimos viagem.

A menina, que também aparentava cansaço, sussurrou algo no ouvido de sua mãe, que no mesmo instante retirou de sua bolsa um pacote de biscoitos de chocolate. A garotinha abriu um sorriso radiante ao ver o que sua mãe segurava, sem pensar duas vezes ela abriu a embalagem e direcionou aquele olhar cativante para mim. Foi aí que pude escutar sua voz.

— Você quer um biscoito?

Surpresa com a atitude da pequena, respondi:

— Não, muito obrigada! Acabei de almoçar. – Sem esperar muito, lhe fiz outra pergunta:

— Qual é o seu nome?

Ela com brilho nos olhos me respondeu:

— Sol!

— Como assim? Por que Sol?

Reparei pela sua cara de confusa que ela não havia entendido minha pergunta, logo complementei:

— Acredito que para você ter esse nome, tenha um motivo, não tem?

— Ah, sim! A mamãe disse que me



chamo assim porque ela ama girassóis e fala que eu tenho que ser como um girassol, “sempre em busca da luz”.

Imediatamente meu olhar foi atraído para a janela, uma luz sem fim num espaço grandioso, “enorme”. Estávamos passando pela Praça dos Girassóis, “point” esportivo da cidade.

Entreolhamo-nos com pupilas sorridentes em um diálogo sem palavras, rimos, Sol olhava encantada a praça que também é dela, cheia de sol e girassóis.

Nesse instante, até me lembrei de que brincava no parquinho correndo por toda aquela praça, mas que nunca tinha visto as famosas flores do sol.

Distraída pelo trajeto me perco no tempo, volto à tona com o chamado de minha mãe.

— Chegamos!

Me despedi da minha graciosa amiguinha e descemos. Prometi a mim mesma que nunca me esqueceria daquela pequena, a menina iluminada que sorri com o olhar.

Nunca mais a vi, mas todas as vezes que passo na Praça dos Girassóis a vejo refletida.

Professora Marilda Belisário da Silva Ribeiro

EM Beatriz Rodrigues da Silva,
Palmas-TO

ESCOLA FÁBRICA, FÁBRICA ESCOLA

Jairo Bezerra da Silva

6h – despertador toca, sono, frio, eu me acordo, meu pai se acorda. Banho, escovar os dentes, colocar o uniforme, eu e meu pai. Trânsito, asfalto, semáforos, tudo de um cinza idêntico, nunca notei a diversidade de tons sem vida que existem na cidade. Só diferimos no lugar, eu vou para escola e meu pai para a indústria, mas no fim é tudo igual. Eu entro na escola e meu pai bate o ponto na fábrica, eu vou para meu assento e meu pai para sua máquina. O professor fala, as máquinas rugem, lápis, papéis, óleo, engrenagens, é tudo igual. Os funcionários não sorriem, querem seus salários; os professores estão exaustos, querem seus salários, para gastar com as mesmas coisas mês após mês. As mercadorias não pensam, não falam, são modeladas; os alunos não pensam, repetem, não criam, reproduzem o que lhe é passado, SILÊNCIO!!! Não podem falar. Números e letras sem cores, nos computadores e nos livros, nas planilhas e nos cadernos, é tudo igual. Os quadros se enchem, os cadernos se escrevem, as planilhas se



preenchem, os gráficos estão cheios, é tudo igual. O professor fala, escreve, ensina o que nós não vamos aprender, apenas fingir saber. O gerente passa e os funcionários sorriem, satisfeitos em fingir satisfação e manter seu emprego e sua dignidade (dinheiro). As mercadorias são revistas, as sem defeitos passam adiante e as demais retornam; a criatividade é tamanha que não mudaram nem o nome “série de produção”; os alunos também têm seus números de série, uma lista de chamada, são números, é tudo igual. Os sinos tocam, não são das igrejas, hora da refeição, fila no refeitório, hora do intervalo, celulares em mão, eu estou on-line e desconectado do mundo, meu pai está on-line e desconectado do mundo, sirenes tocam, hora de voltar, é tudo igual. Acabou, guardar materiais, pressa para finalizar um dia sem pensar que o próximo será igual. Carros, buzinas, placas, motos, uma gigante massa inerte de pessoas apressadas, é tudo igual. Chego em casa, wi-fi, me desconecto do mundo na rede; meu pai na televisão; mi-

nha mãe prepara o jantar; anúncios, propagandas, nos movem para um novo dia, estudo para ter um futuro, um futuro de compras, tudo igual. A noite desce, como a noite anterior, “AMANHÃ TEM AULA, VAI DORMIR!!!”, é tudo igual. Eu vou para a escola fábrica e meu pai para a fábrica escola. A única diferença entre a fábrica e a escola é o ambiente escuro, quente e mal iluminado da primeira, talvez a escola não seja assim para que os alunos sobrevivam até chegar na fábrica.

Professor Walber Barreto Pinheiro
CM Álvaro Lins, Caruaru-PE

O DONO DO PEDAÇO

**Kaike Ruan Machado
do Carmo**

O sol bate na janela do meu quarto e, dando-me bom dia, deixa tudo dourado. O cheiro sapeca do café me convida para a cozinha. Lá fora, a pequena e tranquila cidade de Pitanga, no interior do Paraná, já acordou também. Na rua pego carona com os amigos e deitamos o cabelo para a escola, apressados para não chegarmos atrasados... E como num passe de mágica lá vem ele, contente, indo ao encontro de um, de outro... Seus olhos felizes nos dizem bom dia e nos acompanham com muita alegria. No meio de todos parece um passarinho que encontrou seu ninho.

Ele é mesmo um sarro! Frequenta muitos lugares: Planalto, Pitanguinha, Parque São Basílio e até Alto da Colina. Quando menos se espera, chega de fininho, como se conhecesse todas as pessoas. Começou na Igreja Matriz. Eu o conheci lá. É só as pessoas começarem a entrar para a missa que logo ele vem também, e embora quieto, tímido, chama atenção. Com cuidado vai até a parte de trás do altar, se acomoda e de lá observa tudo.

No começo era estranho tê-lo na igreja e muitos queriam mandá-lo sair, mas a insistência dele os venceu, afinal, não incomoda ninguém, na maior parte do tempo dorme, mas sabe exatamente a hora que a missa termina. Com o passar do tempo, os fiéis foram se apegando a ele. Fiel frequentador da casa paroquial, principalmente na hora do almoço, recebeu o nome de Jacó, dado pelo Padre Tiago. Se a celebração começa e ele não aparece, todos já ficam perguntando: “onde anda o Jacó? Você viu o Jacó?”.

Muitas indagações passam pela minha cabeça: de onde veio? Será que já teve uma casa? É livre... Sabe os lugares onde será bem recebido, diante de tantos que andam pelas ruas da nossa pacata cidade.

É engraçado, ele escolhe sempre os lugares onde têm muitas pessoas. Não gosta de solidão. Onde chega, com seu jeito pidão, conquista todos e se torna o dono do pedaço. No Colégio Dom Pedro, o Jacó faz parte da nossa rotina. No dia que não o vemos na entrada, parece que está faltando alguma coisa. Quando chegamos, lá vai nosso amigo a passear pelo saguão.

Depois, fica sentado observando tudo, como se fosse um guarda. Toca o sinal, obediente, sabe direitinho o seu lugar. Vai para a porta da frente do colégio e lá

espera o toque das 10h15 da manhã, e das 15h30 para ganhar o seu lanchinho.

Estudar? Acho que não é o que procura. Até já foi convidado a entrar na sala de aula, mas apenas deu um olá a todos e pirulitou-se dali. Não! Não é isso, não! Uns dias atrás queria, porque queria, conhecer a biblioteca. Com jeitinho convencemos a Celina, bibliotecária, a deixá-lo entrar. Nossa, que felicidade do nosso companheiro! Será que ele sabe ler? – pensamos. Que nada! Logo aconchegou-se num cantinho e lá, talvez, fez a leitura que achou melhor.

O único problema do nosso amigo, é quando desaparece nas farras e baladas dos companheiros de rua. Chega no outro dia, acabado e o pior: sujo e machucado. Logo percebemos que voltou, pois seu cheiro atropela todos pelo caminho... Por onde você andou, vivente?! Dormiu com os urubus? Aí o recurso é mandá-lo para o banho e cuidar de seus ferimentos. Ah, danado! Fazer o quê? Ele é livre, sai e volta a hora que quer.

Jacó é bem social, não perde eventos aqui na cidade. Se tem festa da Padroeira Sant’Ana, na Igreja Matriz, não perde uma novena. Sai faceiro em todas as fotos. Ontem mesmo, o padre Gilson comentou no final da missa: “Jacó, hoje se comportou muito bem!”. Todos riram, pois a presença

dele é marcante, já é parte da comunidade, nunca houve algo parecido por aqui. Se tem maratona do grupo de corrida da cidade, lá está o Jacó, como um *bon vivant* – folgazão – parado na linha de chegada, só esperando as câmeras. Correr que é bom, nada! Sempre imprevisível! Chega e já vai ocupando seu espaço. Até no Hospital São Vicente de Paulo, no *hall* de entrada, ele dá o ar de sua graça.

Apesar de não sabermos de onde ele veio e nem para aonde vai, esperamos tê-lo por muitos anos entre nós, para podermos um dia falar dele com saudade, reviver bons momentos, contar para os netos, que aqui na cidade de Pitanga, na escola, na igreja, tivemos um mascote chamado “Jacó”. O dono do pedaço! Um cachorro especial para dias especiais!

Professora Luci Noeli Schroeder
CE Dom Pedro I, Pitanga-PR

Artigo de opinião

Em tempos de Twitter, WhatsApp, Instagram, trabalhar um gênero que exige fôlego, como Artigo de opinião, pode ser um contraponto importante para estudantes de 3º ano do Ensino Médio, às voltas com vestibular, consolidação de identidade, conquista de autonomia e outras tantas travessias rumo à fase adulta. Para escrever um artigo de opinião relativo ao lugar onde vivem, os jovens autores deste capítulo percorreram uma maratona, daquelas que, se não preparam para vida, é certo que dão boas pistas. Tudo começa com a identificação de um tema polêmico, passa pela busca de fontes consistentes, a coleta e o confronto de informações e a escolha de um posicionamento. Por fim, vem a composição do texto em si, que deve trazer argumentos contundentes o suficiente para, no mínimo, provocar no leitor a reflexão e, no máximo, contribuir para formação de opinião em um amplo debate democrático.

As páginas seguintes trazem questões de gênero; liberdade de expressão nas escolas; uso indiscriminado de agrotóxicos; poluição nos rios e atividade mineradora; respeito a refugiados, indígenas e quilombolas; monocultura e impacto ambiental; gestão e gastos públicos; violência contra os animais; e intolerância religiosa. O que não falta é polêmica e opinião – e muito pano para manga, caro leitor!

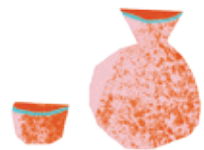
ARTIGO DE OPINIÃO

Índice

- 206 FEMINICÍDIO:
QUANDO A
POSSESSIVIDADE
FALA MAIS ALTO
QUE O AMOR
Laura Helena Amorim
Pinheiro
- 208 MUITO BARULHO
POR NADA
Ryan Victor Santana
Silva
- 210 (DES)
INTERIORIZAÇÃO
DO ENSINO
SUPERIOR:
REDUÇÃO DE
GASTOS OU
AMPLIAÇÃO DA
DESIGUALDADE?
Gilberto Gonçalves
Gomes Filho
- 212 AS FARDAS
ENCOBREM
O MEDO?
Pedro Henrique
Ferraz Araújo
- 214 MEU LUGAR
É UM “PULMÃO
VERDE” NO MEIO
DA IMENSIDÃO
ACINZENTADA
Rafael Caxàpêj Krahô
- 216 OS FINS NÃO
PODEM JUSTIFICAR
OS MEIOS
Vitória Vieira Pereira
de Jesus
- 218 RENASCIMENTO
LUXUOSO
José Gabriel Marques
Barbosa
- 220 EM BRIGA DE
MARIDO E MULHER,
METE-SE A POLÍCIA!
Antonia Edlane Souza
Lins
- 222 “VALEU BOI?”
Arysnágilo Waldoniêr
Pinheiro Vieira
- 224 A POLUIÇÃO DOS
RIOS NO MIMOSO:
TUDO VALE A PENA
EM NOME DO
PROGRESSO?
Ioneide Ferreira de
Souza
- 226 MINHA TERRA
TEM BELEZAS,
MAS EMPREGO
JÁ NÃO HÁ!
Ana Paula Comuni
- 228 O PÃO NOSSO
DE CADA DIA
PODE ESTAR
ENVENENADO
Fernanda de Souza
Fagundes
- 230 “CHUTA QUE
É MACUMBA”
Naira Danyelle de
Souza Santos
- 232 AMANHECEU,
POR QUE AINDA
ESTÁ ESCURO?
Tailane da Rocha
Souza
- 234 VERDE, AMARELO,
AZUL E PRETO
Eduardo Patrick
Penante Ferreira
- 236 RETROCESSO
CULTURAL:
TUDO COMEÇA
COM “UM
PASSINHO”?
Rayana do
Nascimento Cruz
- 238 APRENDIMENTOS
ATERRADOS
À BEIRA-MAR
Rúbia Ellen Campelo
Costa
- 240 DE “JOIA DO VALE”
A “DESERTO VERDE”
Tainan Lopes da Silva
- 242 A BUSCA
DO “SONHO
BRASILEIRO”
DIVIDE OPINIÕES
Luíza Bortoluzzi
Casali
- 244 ESCOLA SEM
PARTIDO: AVANÇO
OU RETROCESSO
DA EDUCAÇÃO
LOURENCIANA?
Laiana Miritz
Vasconcelos

FEMINICÍDIO: QUANDO A POSSESSIVIDADE FALA MAIS ALTO QUE O AMOR

Laura Helena Amorim Pinheiro



Junho de 2019, e na tela de LED da sala uma notícia preocupante. Piracicaba, que há apenas uma semana era palco de mais um feminicídio, agora, estrelava a reportagem da noite carregada de dados que alarmam a população: em apenas cinco meses, a cidade registrou um aumento de 43% no número de mulheres vítimas de violência, buscando proteção, desprovidas de seus direitos fundamentais.

Anos antes de essa problemática vir à tona, o município, conhecido pelo extenso rio que o corta ao meio, já contava com histórias que retratavam essa realidade. Conta uma antiga lenda que o rio Piracicaba, com suas águas até então serenas, enfureceu-se ao notar que sua deusa havia se apaixonado pelo moço mais bonito da cidade. Possesso, o mesmo se armou de abundantes correntezas ao desafiar o jovem à luta, e impiedosamente encarcerou a mulher em águas profundas, matando ambos.

Embora seja uma mera lenda, popularizada com intuito de manter crianças

longe das águas, a história se mostra um exemplo claro da romantização que circula esse tópico, fato que dificulta uma discussão mais assertiva sobre o problema em questão, bem como contribui para a permanência ou até mesmo o aumento da violação dos direitos das mulheres. É imprescindível tomar conhecimento de que o feminicídio já deixou vítimas o suficiente, e de que algo precisa ser feito com urgência.

A princípio, é de suma importância ressaltar que o feminicídio e a violência contra a mulher são questões de segurança pública, que dizem respeito à nossa sociedade como um todo, não somente ao agressor e à vítima em debate. Portanto, noções populares como a de que “em briga de marido e mulher não se mete a colher” devem ser combatidas, pois são elas que omitem a real gravidade desses casos e permitem que essa atrocidade ainda seja vista como um crime excepcional, em que a paixão do agressor passou dos limites – “matou porque amava demais”. A posses-

sividade é que mata, não o amor, portanto, é crucial tratar esse fenômeno pelo o que ele realmente é: um crime de ódio.

Em uma sociedade com suas raízes enterradas sob concepções machistas e patriarcais, onde há algumas décadas a violência doméstica e o feminicídio eram tidos como atos disciplinares, esse comportamento fatal pode ser justificado como de natureza masculina, afinal, segundo tais concepções, um homem tem de defender sua honra, sua masculinidade. Contudo, é inconcebível que esse comportamento ainda se reproduza nos dias atuais.

Além de ser problema crescente na região, o feminicídio e a violência doméstica são fenômenos assustadoramente democráticos: não escolhem cor, classe social ou idade, não há mulher imune à violência. Existe, entretanto, um perfil mais vulnerável a esses abusos, que se manifesta em mulheres de classe baixa, jovens e negras. É nesse perfil que se encaixa a vítima do mais recente caso de feminicídio em Piracicaba: com apenas 16 anos, a adolescente teve sua vida tirada pelo ex-namorado dentro da própria casa. O autor do crime, onze anos mais velho, tinha um filho de 2 anos com a vítima, e fugiu do local antes que as autoridades chegassem, em um ato de covardia.

Embora o aumento das medidas protetivas possa ser visto como uma notícia positiva, é essencial não se dar por satisfeito com apenas esse passo, mas cortar o mal pela raiz, reconhecendo o feminicídio não como um crime gravíssimo, mas como fenômeno sociocultural, proveniente de costumes machistas cultivados ao longo do tempo.

Para isso, é crucial que sejam tomadas medidas de curto e longo prazo. As primeiras, focadas em aprimorar os serviços já existentes de apoio à mulher, ou seja, investir principalmente na preparação destes serviços, para que quando em situação de perigo, as mesmas sejam devidamente acolhidas; outrossim, órgãos públicos, como o Ministério Público, têm o papel de fiscalizar o efetivo cumprimento das leis que as protegem, para que não saiam impunes aqueles que ousem cercear seus direitos.

Para as metas de longo prazo, é importante que se estabeleçam medidas de prevenção, promovendo a conscientização em escolas e nas ruas, de forma que o papel da mulher como propriedade seja desconstruído, evitando assim que esses abusos continuem assombrando as mulheres da região.

Professora Nilda Meireles da Silva
EE Dr. Alfredo Cardoso, Piracicaba-SP

MUITO BARULHO POR NADA

Ryan Victor Santana Silva

A cidade onde vivo, Nossa Senhora da Glória, em Sergipe, tem grande importância na região, por isso foi contemplada com uma escola de Ensino Médio de período integral que atende a jovens de vários municípios. Estudo nessa escola e nossa rotina não é fácil: enfrentamos nove aulas diárias, provas semanais, e isso é muito cansativo. Porém há um aluno que, com sua página de humor no Instagram, tem a capacidade de converter esse cansaço em algo divertido. No mês de junho, ele criou um meme sobre uma possível Festa Junina que aconteceria no Colégio. Nele divulgava um show com o cantor Pepe Moreno, um bingo de um carneiro, paredões nos intervalos e o sorteio de um smartphone caríssimo, tudo por apenas três reais. A postagem bem-humorada viralizou, muitos a compartilharam, inclusive eu. Após sua repercussão, seu criador foi punido pela escola e suspenso por um dia.

O fato gerou polêmica e dividiu opiniões. O diretor acredita que a punição foi adequada, pois alega que o estudante usou o nome da escola sem consenti-

mento e criou uma propaganda enganosa que pode comprometer a imagem da unidade de ensino. Alguns professores e alunos acharam a medida punitiva desproporcional, pois se tratava apenas de uma brincadeira. Tenho plena convicção de que o castigo foi exagerado.

Interpretar exige uma série de conhecimentos, para que possamos compreender sentidos subentendidos, é o que diz o educador Paulo Freire. O meme já é considerado por muitos estudiosos um gênero textual da era digital e, por isso, exige novos saberes, para que haja plena compreensão. Aqueles que possuem essa bagagem conseguiram decodificar o humor por trás da criação desse aluno. Inclusive, estudantes de outra escola da cidade, habituados com essa linguagem, também entenderam a brincadeira e criaram um meme parecido, só que utilizando o nome da escola deles.

Embora os motivos apresentados pela equipe gestora para a suspensão sejam pertinentes, o castigo foi inadequado, pois eles não conseguiram compreender a intenção do meme.

Certamente, a postagem não poderia ser uma propaganda enganosa, pois seu conteúdo é absurdo e exagerado. Quem acreditaria em paredões entre os intervalos das aulas? E o show, o smartphone, tudo por três reais? Pense bem, se fosse realmente uma propaganda enganosa, o que levaria tantos outros alunos a repostarem? Será que todos queriam difamar o Colégio?

Além disso, não é de hoje que lutamos por liberdade de expressão em nosso país. Será que devemos abrir mão dessa conquista e aceitar ter que pedir autorização para nos expressarmos?

Não culpo a gestão por não ter interpretado corretamente, culpo-a por não querer entender. Diversas vezes, esse aluno tentou explicar o intuito de sua criação, e, mesmo assim, seus argumentos não foram considerados.

O poder censura. No ambiente escolar existe uma hierarquia. A base de tudo são os alunos, que sustentam os funcionários, os professores e o diretor. Entretanto, quando se trata de uma relação de poder, essa sequência muda. Apesar de sustentarmos todas as outras posições, somos a categoria mais frágil, e a corda sempre arrebenta desse lado. Somos obrigados a aceitar tudo o que nos é imposto e essa aceitação acaba nos silenciando

sob a crença de que o mais sensato sempre é obedecer. Essa obediência à hierarquia pode provocar consequências futuras que terão reflexo na sociedade.

Esse aluno censurado de hoje será o adulto passivo de amanhã. E ele foi sim censurado. De certo modo, essa suspensão, por mais banal que seja agora, acabará coagindo o aluno a ser um cidadão que, por medo de sofrer retaliações, opta por não expressar sua opinião. É um medo que não fica apenas na esfera escolar, perpassa e reflete na sociedade. Isso é tudo o que um governo autoritário quer.

A gestão fez muito barulho para solucionar um problema simples, e isso pode afetar o futuro do jovem. O correto seria ter resolvido o conflito por meio do diálogo e procurado soluções que não o censurassem. A escola deveria estimular essa habilidade do aluno, adaptando-se a esse novo gênero e utilizando-o para a aprendizagem. Assim, nossa geração não seria tão passiva diante das péssimas decisões políticas que nosso país vem tomando.

Professor Jorge Henrique Vieira Santos

CE Manoel Messias Feitosa,
Nossa Senhora da Glória-SE

(DES)INTERIORIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: REDUÇÃO DE GASTOS OU AMPLIAÇÃO DA DESIGUALDADE?

Gilberto Gonçalves Gomes Filho

“Soletrando”. *A priori*, o significado do gerúndio parece óbvio, e, segundo o “Dicionário Aurélio”, significa “ler, pronunciando separadamente as letras e juntando estas em sílabas”. No lugar onde vivo, contudo, essa palavra é carregada de memórias e constitui motivo de orgulho para a população, pois o primeiro campeão do Concurso Soletrando, da Rede Globo de Televisão, foi Aurélio. Não o escritor do dicionário, mas o aluno, igualmente apaixonado pela gramática, natural da pequena Goianésia, localizada no norte goiano e marcada pelos traços típicos do interior.

Histórias como a de Aurélio mostram o poder revolucionário da educação e inspiram os jovens goianesienses. Todavia, uma notícia recente disseminou desesperança àqueles que veem na educação a possibilidade de transformação social. Foi anunciado o fechamento da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Goianésia.

Criada pela Lei nº 13.456, de 16 de abril de 1999, a UEG é a única instituição pública

de Ensino Superior do município. Sua formação relaciona-se ao Processo de Interiorização no Ensino Superior em Goiás, que buscou, durante a década de 1980, facilitar o acesso à universidade daqueles cuja rotina estava fora do ciclo das grandes cidades.

Paradoxalmente, penso que houve uma inversão desse pensamento, pois a conjuntura atual propõe novamente a concentração do saber ao determinar a extinção de quinze *campi*.

Para o reitor Dr. Ivano A. Devilla, a necessidade do fechamento decorre do esgotamento orçamentário e financeiro destinado à manutenção do campus, que expandiu-se exageradamente, a ponto de não conseguir manter-se em bom funcionamento. Assim, as medidas propostas pela equipe gestora, constatadas no RELATÓRIO Nº 1 / 2019 COLEGIADOS – 16136, publicado em 2 de maio de 2019, devem ser postas em prática urgentemente. Tais ações incluem a progressiva extinção de



cursos, bolsas para pesquisa, verbas para projetos e a demissão de funcionários.

Endossando a postura da reitoria, parte da população goianesiense afirma que a crescente oferta de bolsas pelas universidades particulares do município torna a permanência da UEG irrelevante. Em contrapartida, outra parcela defende sua continuidade, visando aos benefícios que ela promove. Desse modo, instaurou-se a polêmica.

Particularmente, creio que a busca pelo fortalecimento da UEG a partir da reestruturação de cursos e da otimização dos custos relativos à manutenção são atitudes necessárias à sobrevivência da instituição. Porém, o seu fechamento não é a decisão mais viável, pois suas consequências seriam desastrosas.

Outrossim, vale destacar que, segundo dados do Campus Goianésia, cerca de 620 alunos estão atualmente ingressos. O perfil desses estudantes, quase em sua totalidade, mostra que são de escola pública e possuem situação socioeconômica desfavorecida. Com o possível fechamento da instituição, qual opção restará à média dos estudantes de Goianésia que, assim, como eu, não têm condição de deslocar-se para outra cidade a fim de concluir o Ensino Superior? Além disso, a UEG atende a outros dez municípios, o que mostra sua impor-

tância para toda a região. Dessa forma, é indiscutível que, sem a universidade, o sonho de muitos jovens seria extinto, assim como propõe a Comissão de Redesenho da Universidade.

Ademais, o papel exercido pela UEG na formação de professores é notório. Egressos dos cursos de Pedagogia, História e Letras atuam na educação goianesiense, fortalecendo-a, o que é comprovado pelos bons resultados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), que chegam até 8,6, segundo dados de 2017 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Dessa maneira, acredito que o Campus Goianésia deve ser mantido em detrimento de qualquer fator externo. Assim, como pontua a diretora da instituição, Profa. Maria das Graças B. Silva: “Fechar um campus é eliminar a oportunidade de acesso à educação para o jovem do interior”. Desse modo, clamo para a continuidade da instituição em nossa cidade, para que tantos outros “Aurélios” escondidos sejam reconhecidos por nós e pelo mundo.

Professora Patrícia Nara da Fonsêca Carvalho

CE Jalles Machado, Goianésia-GO

AS FARDAS ENCOBREM O MEDO?

Pedro Henrique Ferraz Araújo

Os registros de casos de violência e vandalismo em escolas têm se tornado cada vez mais comuns na minha cidade, Taguatinga, no Distrito Federal (DF). Mais um caso aconteceu: durante o intervalo, um rapaz de 15 anos foi esfaqueado. Devido a diversos casos como o citado, o Governo propõe a militarização em algumas escolas públicas com o objetivo de trazer segurança aos estudantes.

Há uma linha tênue que separa o conceito de respeito do conceito de medo. O respeito é conquistado, já o medo é imposto. Visto que a escola tem como objetivo ser um ambiente acolhedor e incentivador a todos, uma proposta que consiste na militarização da gestão escolar, que por sua vez faz uso de métodos mais rigorosos, causa polêmica. Afinal, a polícia dentro da escola é um caminho viável para se chegar à ordem e à educação?

Em primeiro lugar, os favoráveis ao projeto de intervenção militar nas redes de ensino acreditam que a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros do DF possam gerir aspectos disciplinares e administrativos,

de forma compartilhada com a direção escolar. Assim, aumentaria a segurança e diminuiria a violência. Tal processo de intervenção militar nas escolas já está em prática desde o começo do ano letivo de 2019.

As escolas foram selecionadas após uma avaliação da violência nas proximidades. E devem agora se adaptar aos moldes estabelecidos pela Polícia Militar – rotina disciplinar rígida, com horários, com hasteamento da bandeira e com uniformes obrigatórios. Tais ações se sustentam na ideia de ordem e respeito. Por meio de medidas que se baseiam na repressão e no temor, a violência de fato é reduzida.

Entretanto, os contrários à proposta acreditam que junto com ela se reduz também a individualidade de cada um, ao estabelecer padrões de estética, por exemplo: cortes de cabelo igualitários, uniformes impostos e padrões preestabelecidos.

Vale ressaltar que a militarização não é novidade, já existe no Goiás. O estado possui 46 escolas militarizadas e é comumente citado como uma referência em qualidade, por conta de suas melhores escolas serem

militares. Bons índices nacionais são realidades nessas instituições, mas por quais métodos? Sabemos que há um processo seletivo de aprovação dos alunos, sendo admitidos aqueles com maiores notas em seu histórico escolar e filhos de militares.

Diante da questão, não podemos negar que a segurança e confiança são altamente aplicadas em redes militares. Há diversas avaliações positivas a respeito desse quesito. Além disso, inúmeros estudantes afirmam se sentir verdadeiramente protegidos com a gestão militar. A ordem propagada nessas instituições cria um ambiente estável onde todo o foco pode ser direcionado à educação.

Ainda assim, a repressão à diversidade se mostra de fato um dos maiores erros dessa experiência. Por exemplo, casos de racismo em uma escola militar da cidade, onde foi imposto a uma estudante cortar ou alisar o cabelo, o que acabou sendo reconhecido como um ato de discriminação: obrigar alguém a se enquadrar em um padrão estético. Não devemos aceitar que anulem nossa liberdade de expressão. Devemos ser autônomos e assim preservar as diferenças entre cada um.

Segundo pesquisas do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), o Estado do Ceará possui ótimos colégios

não militares. Assim como em outros países, como Coreia do Sul e Finlândia, acreditam em uma metodologia que estimula a criatividade e o interesse próprio de cada estudante, ao usarem técnicas pedagógicas com menos testes e tarefas de casa e mais clubes de estudos e projetos diversificados. A gestão pedagógica almeja formar cidadãos pensantes e autônomos, e não alienados que apenas reproduzem um padrão estabelecido.

Acredito que a proposta de uma gestão compartilhada mostrou-se invasiva e ineficiente, pois agora os alunos não temem o que há do lado de fora, e sim o que há do lado de dentro. Um ambiente onde as fardas podem causar medo não é próprio para a educação. Ordem e respeito surgirão a partir de uma gestão pedagógica qualificada. Como o consultor em gestão e liderança Alfredo Martini Jr. expressou: “O respeito é conquistado, não imposto”.

Professora Gabriela Maria de Oliveira Gonçalves
CED 05 de Taguatinga, Brasília-DF

MEU LUGAR É UM “PULMÃO VERDE” NO MEIO DA IMENSIDÃO ACINZENTADA

Rafael Caxàpêj Krahô

No lugar onde vivo, na aldeia Krahô, o verde das matas e da floresta preservada encanta e propicia a vida aos indígenas, que desfrutam dos alimentos e de todas as riquezas que a floresta oferece, mantendo uma relação integrada e harmônica entre o homem mehin (krahô) e a natureza que o cerca. Porém, essa relação está sendo prejudicada devido às políticas externas do Governo e à ação do homem branco no contexto de preservação do meio ambiente nos arredores da Reserva Krahô.

Primeiramente, é de suma importância para os indígenas krahô a preservação do meio ambiente, consagrando suas tradições em local tranquilo e comemorando o fenômeno natural da frutificação do cerrado e das matas. Entre elas, a chegada do cajuí, da bacaba, do buriti – tudo isso é comemorado com rituais da coleta dos mesmos.

Além disso, vale ressaltar que, mesmo os povos krahô deparando-se com uma demasiada evolução tecnológica, isso não permitiu que seus valores culturais fossem

corrompidos, demonstrando uma importância apreciativa aos meros fenômenos que ocorrem na natureza.

Pois, para nosso povo, é de suma importância aquilo que o meio ambiente fornece e, como forma de agradecimento aos bens naturais, realizamos comemorações, exaltando desde o nascer de uma fruta até o cair de uma chuva, mostrando, então, que por mais que a natureza não precise da intervenção do homem em seu meio, contudo o homem necessita de tudo aquilo que ela tem a oferecer. Por isso é tão essencial saber respeitar seus limites.

A paz e a tranquilidade do lugar não estão sendo respeitados devido os cupen (homens brancos) estarem destruindo todas as florestas nos arredores da Reserva Krahô. A mente ambiciosa e a ação desses homens brancos têm substituído os verdes das florestas por plantios de soja, pastagens e queimadas.

Como consequência, as nossas noites já não são tão frias e aconchegantes. Se-

gundo anciões, a chuva não chega mansa e tranquila, vem em forma de tempestade e violenta, em resposta à ação devastadora do homem branco.

Ademais, o homem branco (fazendeiros que são vizinhos da Reserva Krahô), leva sua vida marcada pelo ato da destruição dos recursos naturais mais importantes para a vida, através do desmatamento, do uso de pesticida nas lavouras e da mais nova “moda” de acabar com os matos das pastagens pulverizando veneno, que eu denomino como “o matador invisível” de tudo que o cerca. Isso tudo vem afetando a beleza do nosso lugar.

Outro fator preocupante é a política do Governo Federal em relação à liberação de agrotóxicos e pesticidas, algo que contribuirá ainda mais para a devastação da nossa mãe natureza e para a poluição do ar que respiramos. Com tudo isso, me deparo a pensar: será que o homem vai ser predador de si próprio? Até quando vamos sobreviver cercados por tamanha devastação?

Em consequência disso, os rios que percorrem a Reserva Krahô estão sofrendo, as águas já não estão cristalinas e volumosas como antes, o cerrado e as matas apresentam-se “desbotados”, a fauna procura abrigo em apenas um “pulmão verde” no meio da devastação: a Reserva Krahô.

Entristece-me quando em minha pupila reflete um céu acinzentado, mas me alegro em saber que o homem mais inteligente é aquele que preserva o seu habitat e esses são os mehin (índios krahôs).

O futuro do nosso lugar não está só nas mãos do mehin. Será que um dia não vamos ter mais uma bela natureza para contemplar? Diante dessas perguntas, é necessário que formemos uma corrente entre mehin e cupen para proteger a natureza. Por outro lado, o Governo deve refletir e vetar a liberação dos agrotóxicos e pesticidas. E devemos criar ONGs para proteger o meio ambiente. Somente com essas atitudes o nosso “pulmão verde” não vai mudar de cor.



Professora Deuzanira Lima Pinheiro
Escola Indígena 19 de Abril, Goiatins-TO

OS FINS NÃO PODEM JUSTIFICAR OS MEIOS

Vitória Vieira Pereira de Jesus

Vivo em Cândido Mota, uma pequena cidade localizada no interior de São de Paulo, com cerca de 30 mil habitantes. Economicamente, a cidade depende muito da agricultura, e se destaca na região do Vale do Paranapanema por possuir terras roxas e solo fértil. Segundo a Secretaria de Agricultura de Cândido Mota, cerca de 75% da área territorial do município é destinada às lavouras, as quais, costumeiramente, produzem bem, garantindo a sobrevivência, direta ou indireta, de todas as famílias que vivem por aqui. Dessa forma, é evidente que a agricultura é responsável pelo desenvolvimento do município; entretanto, a notícia da liberação de novos agrotóxicos tem preocupado a população que teme pelo meio ambiente e pela saúde dos municípios.

Primeiramente, é importante contextualizar de onde surge a preocupação dos cândido-motenses. Em pouco mais de seis meses, o Governo Federal anunciou a liberação de 239 novos agrotóxicos, sendo que alguns deles já foram proibidos há quinze anos pela

União Europeia devido à alta toxicidade. Assim sendo, tal medida é totalmente desnecessária, uma vez que o Brasil é referência mundial em produção agrícola em grande escala com os agrotóxicos já utilizados. Devemos levar em consideração também os danos à saúde que tais produtos causam, sobretudo quando aplicados indevidamente, o que é muito comum em Cândido Mota, pela falta de orientação e fiscalização.

Ademais, segundo o Greenpeace, os novos produtos contêm glifosato, substância potencialmente cancerígena de acordo com a Agência Internacional de Pesquisa em Câncer (IARC, na sigla em inglês). Essa informação, sem dúvida, tira o sono da população da minha cidade, afinal, teremos mais produtos altamente tóxicos disponíveis no mercado que poderão ser utilizados pelos agricultores; e poderão contribuir para o aumento de doenças, sobretudo o câncer, que vitima muitas pessoas em Cândido Mota.

Por outro lado, devo reconhecer que a liberação dos novos agrotóxicos trará grandes benefícios aos agricultores, uma

vez que os agroquímicos contribuem para o aumento da produção, potencializando a economia e promovendo o desenvolvimento da cidade. Ainda reconheço que a liberação proporcionará maior concorrência no mercado, oportunizando melhores preços, assim sendo, diminuindo os custos de produção e, conseqüentemente, aumentando o lucro dos agricultores.

Mesmo diante das vantagens elencadas acima, sou totalmente contra a liberação de mais agrotóxicos, pois tenho a certeza que trarão prejuízos irreparáveis ao meio ambiente, como a contaminação do solo, do lençol freático, entre outros; e também à saúde dos seres humanos, os quais podem sofrer com intoxicações ou até mesmo com doenças mais graves, como o câncer.

Minha opinião poderia ser outra se eu tivesse a garantia de que os agricultores fossem utilizar os novos agroquímicos de forma adequada ou que ao menos o Governo fosse garantir a qualidade dos alimentos que chegam à mesa do consumidor; contudo, nada disso é certo. Aos agricultores faltam informações técnicas e ao Governo mais seriedade. É inadmissível a negligência do Estado, que não fiscaliza periodicamente as taxas de agrotóxicos presentes nos alimentos que chegam

até o mercado, fazendo com que muitos consumidores adquiram produtos com alta toxicidade. A própria Agência Nacional de Vigilância Sanitária, através do seu ex-diretor, Luiz Claudio Meireles, afirma que o último relatório sobre riscos de contaminação dos alimentos foi publicado apenas em 2016. Dessa forma, não posso concordar com essa cilada que beneficia alguns e prejudica muitos.

Portanto, antes de liberar novos agrotóxicos é necessário que o Poder Público cumpra com o seu papel de garantir e zelar pelo meio ambiente e pela saúde de sua população, proibindo agrotóxicos com alta toxicidade e fiscalizando a aplicação dos existentes. Ainda, cabe ao Governo investir em pesquisas e alternativas sustentáveis para o controle de pragas na agricultura, tal como áreas de refúgio, que quando utilizadas podem diminuir a aplicação de agrotóxicos. Assim, minha querida Cândido Mota continuará se desenvolvendo sem precisar destruir o meio ambiente e vitimar sua população.

Professor Alexandre Marroni
ETEC Prof. Luiz Pires Barbosa,
Cândido Mota-SP

RENASCIMENTO LUXUOSO

José Gabriel Marques Barbosa

Os dogmas religiosos sempre acompanharam o compasso da dinâmica evolutiva da sociedade, marcando presença em todas as culturas humanas. A cultura brasileira não fica de fora desse cenário: com dezenas de milhões de devotos, a religião católica tornou-se predominante no país, especialmente nas regiões interiores, onde a devoção pelos santos e anjos é marcante. À medida que o número de seguidores aumenta, espaços maiores são necessários para reunir essas comunidades religiosas. Todavia, mais extensas ainda são as despesas financeiras para custear a construção ou as reformas de suntuosos templos de oração.

Uma questão relacionada a esse fato tem dividido opiniões no pequeno torrão onde moro. Até pouco tempo conhecida como a “cidade do feijão” (pela larga produção do grão, há algumas décadas), Tavares, um lugarzinho apegado aos santos, com população em torno de 14 mil habitantes, no sertão paraibano, poderá, agora, ser reconhecida como o lugar da igreja mais bela da região, que passará a ser

denominada “A Matriz dos Anjos”, logo após sua reforma completa.

No entanto, a beleza não é o único ponto de vista a ser analisado: milhares de reais da comunidade católica local têm sido incansavelmente arrecadados e investidos na referida obra, que inicialmente era uma simples ampliação, na qual se preservariam algumas das características históricas e tradicionais do templo cristão.

De fato, a reforma era necessária, a para comportar maior quantidade de devotos na Matriz. Mas não em grandes proporções, pois, além de envolver um desembolso monetário significativo de seus fiéis, a reconstrução tem incluído em seu projeto uma modernização radical da arquitetura, realizando modificações com base em um projeto moderno, algo contraditório para os padrões de estilo e de valor histórico da antiga e querida Paróquia de São Miguel Arcanjo. Na opinião do educador Sebastião Alves, cidadão tavarense, a ampliação era necessária, mas não nessa amplitude. Ademais, ele afirma que a campanha de reciclagem, utilizada como



uma das formas de arrecadação de recursos, tem sido prejudicial às pessoas que a utilizam como meio de sustento, o que de fato se confirma, pois com essa campanha, vários catadores de lixo perderam seu ganha-pão diário.

Por outro lado, há algumas pessoas que defendem que a estrutura arquitetônica moderna deve prevalecer, justificando a reforma como uma maneira de a Igreja local se adaptar também às novas tendências. Com isso, a instituição estaria apenas procurando chamar, com sua imponência, cada vez mais a atenção dos jovens da região, pois muitos deles têm se desinteressado e se desviado do caminho de Cristo. Nessa perspectiva, uma das líderes religiosas da comunidade católica, a também educadora Samilly Martins, afirma que é preciso degustar de novas visões, pois a reforma não apenas é uma maneira de aumentar a quantidade de devotos e de turistas na cidade, já que representa também a tentativa de embelezar e de modernizar o lugar, trazendo notoriedade e avanço para esse pequeno município interiorano.

Embora o novo e o belo sempre nos instiguem a experimentar o que há de melhor em nosso tempo, toda mudança não precisa ser radical, mas consciente das consequências, sejam elas sociais, físicas ou econômicas, que possam vir à tona. Não podemos ficar parados e deixar parte de nossa história se perder para essas transformações. Acredito que há a necessidade de preservar a essência religiosa no município, assim como em qualquer outro lugar do mundo, todavia, defendendo que é dispensável um renascimento tão luxuoso que contradiz até o eterno valor cristão de humildade.

Professora Jaciara Pedro dos Santos
EE Tomé Francisco da Silva, Quixaba-PE

EM BRIGA DE MARIDO E MULHER, METE-SE A POLÍCIA!

Antonia Edlane Souza Lins

A constante batalha da mulher pelos seus direitos e pela notoriedade social não é recente. Há anos, o movimento feminista busca atenuar o estigma de sexo frágil e inferior, evidenciando várias conquistas ao longo da história, como o voto, a entrada no mercado profissional e o direito de estudar. O problema é que, além de lutar pela equidade de gênero, a mulher precisa conviver com o medo de ser agredida e morta, consequência da misoginia que afeta a integridade física e psicológica das vítimas, o que contribui para a persistência dos casos de violência doméstica e do crescente aumento do feminicídio.

No século XIX, época do movimento romântico, havia toda uma idealização da figura feminina: damas vistas como puras e recatadas, fiéis ao lar e aos maridos. Essa personificação de perfeição sempre mascarou a desvalorização de mulheres por seus esposos e pela sociedade que moldavam uma forma de comportamento que nunca atendeu à realidade. A verdade é que sempre houve a opressão, mes-

mo que socialmente velada, o que levou à desqualificação da honra feminina e ao julgamento de depreciação social por serem quem são, resultando, muitas das vezes, em adjetivações, tal como profanas. Esse argumento reforça e testifica as justificativas daqueles que adotam práticas de maus-tratos, abusos e até mesmo crimes.

Decerto, a misoginia e o machismo são dois agravantes e causadores de alto percentual de agressões. Os dados do Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública são alarmantes.

Uma mulher morre a cada duas horas; e cerca de 500 são violentadas por hora, em sua maioria, negras e pobres. Hoje são elas, amanhã poderá ser eu, nós, quem mais? Tudo isso é revoltante. Primeiro, por mostrar o estereótipo da mulher periférica. Segundo, por apresentar as dificuldades de sobrevivência numa sociedade extremamente patriarcal e machista. Por fim, por conviver com o racismo que leva a uma intensificação dos atos agressivos.

Os casos de violência extrema a mulheres acontecem em tempos, espaços e situações diversas. A exemplo da passagem bíblica, que narra a história da “mulher adúltera”, quase apedrejada pelo fato de ser acusada de uma prática que entre os homens é mais permissível. É uma violência enraizada, regada com o machismo e colhida com a misoginia, que chega aos mais singelos recantos, como é o caso da minha pequena Marcelino Vieira (RN), que nos últimos dois anos presenciou a morte de duas mulheres, com requintes de crueldade. Assassinadas pelo simples fato de, como mulheres, lhes serem privadas as chances de defesa, pois, além das armas de calibre ou de punho, usaram também a mais potente, a covardia. Chocando, assim, todos os munícipes.

Diante disso, podemos nos questionar sobre a eficácia dos mecanismos jurídicos quanto à integridade física da mulher. Será que não existem leis que as protejam? Ou existem, mas não são bem aplicadas? São duas leis específicas de proteção à mulher: a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) e a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/2015), que parecem não intimidar o agressor. Na verdade, as leis existem, no entanto, ao meu ver, falta efetivação para puni-lo na iminência da prática do crime. Para Ana Pau-

la Braga, do Escritório de Advocacia Brasil: “Quando o feminicídio vai a julgamento, normalmente é tratado como crime passional”, o que é uma lástima. Cobremos, pois, dos órgãos públicos, punições mais severas aos que praticam esses crimes. Faz-se necessária uma atitude de basta à impunidade.

O Brasil possui uma taxa de feminicídios que é a quinta maior do mundo, de acordo com a ONU. Esse dado é tão assustador que precisa ser debatido e, prioritariamente, combatido. Deve-se, portanto, começar com a denúncia, seja por parte da vítima, seja por qualquer cidadão, desmitificando a ideia de que “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”; em seguida com a implantação de mais unidades de atendimento às mulheres, que ofereçam todo apoio emocional, capaz de ouvi-las e protegê-las; além do aumento de delegacias especializadas que sejam acessíveis 24 horas. Inegavelmente, é hora de dar voz a essas mulheres, aplicar a devida medida jurídica e garantir o respeito e a segurança, que lhes cabem por direito.

Professor José Jilsemar da Silva
EE Desembargador Licurgo Nunes,
Marcelino Vieira-RN

“VALEU BOI?”

Arysnágilo Waldoniêr Pinheiro Vieira

Quem já leu “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, conhece o vaqueiro Fabiano, integrante de uma família de retirantes nordestinos que sai em busca de melhores condições de vida. Nessa célebre obra, ao retratar o homem em condições sub-humanas, traduzidas pelo caráter animalesco, o autor me faz refletir acerca de uma polêmica presente no lugar onde vivo.

Anualmente, José da Penha, município pertencente ao Alto Oeste Potiguar, torna-se palco de um evento que atrai centenas de pessoas, a vaquejada. Em razão de situações nocivas à saúde dos cavalos e bois utilizados, a também conhecida “festa do vaqueiro” vem sendo discutida, ultimamente, e nos leva a indagar: “O que está em jogo é o pleno exercício das manifestações culturais ou a preservação dos direitos dos animais?”.

Considerada uma fiel representação do cotidiano e ofício do vaqueiro, a tradição consiste em puxar a calda do boi, desequilibrá-lo e provocar sua queda entre as faixas demarcadas pela cal. Em virtude disso, no mesmo momento em que o locutor

grita “Valeu Boi!”, validando o ato, o público vibra e aplaude a destreza na dominação do animal, o qual, ainda caído, sofre com a dor causada pelo impacto e sente na pele o poder da crueldade humana. Tal feito ignora direitos e justifica atitudes impiedosas em nome da cultura, contrapondo-se ao que está posto na Constituição Federal.

Contudo, há quem considere a vaquejada um esporte de farta expressão cultural do Nordeste. Empresários, organizadores e donos de parques afirmam que essa histórica tradição traz mínimos e esporádicos problemas à saúde do animal envolvido. Ademais, destacam que, além de representar um povo, gera renda, empregos e outras oportunidades lucrativas à população. Essa é uma visão também comungada pelos proprietários de pelo menos cinco parques de vaquejada no entorno de meu município, o que é contrário à minha opinião.

Como disse Euclides da Cunha em seu livro “Os sertões”: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. De fato. Sou nordestino e me orgulho de ter nascido em um lugar de terras áridas, povo guerreiro e colecio-

nador de desafios! Todavia, não me sinto representado, de forma alguma, por uma prática cultural que oportuniza inúmeras situações de maus tratos, causando sérias lesões em bois e cavalos, podendo levá-los até mesmo à morte.

Sob esse viés, os contrários a essa prática, assim como eu, defendem, categoricamente, os direitos e a proteção dos animais acima de qualquer movimento econômico ou sociocultural. Logo, objetivando a proibição de tais eventos, buscam evidenciar as práticas danosas às quais esses seres são submetidos. Nessa dimensão, para Vânia Nunes, veterinária e diretora do Fórum Nacional de Defesa e Proteção Animal, a perseguição e a consequente queda podem causar ferimentos, dor, fraturas e perturbação mental.

Dessa forma, a necessidade de criminalizar a vaquejada torna-se cada vez mais notória em nossa sociedade e no lugar onde moro. Como disse o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Marco Aurélio Mello, a prática possui “crueldade intrínseca” e o dever de proteção ao meio ambiente, previsto no Artigo 225 da Constituição, sobrepõe-se aos valores culturais. Nesse sentido, apoiar, difundir e legitimar tal “esporte” revela a face negligente e cruel do homem em relação à natureza.

Diante do exposto, mesmo na presença de qualquer regulamentação ou alternativa de proteção aos animais, o que não vejo nos populares parques, os atos impetuosos continuam inerentes à vaquejada. Em razão disso, considero que há a necessidade de desenvolvimento e valorização de outros festivais – como as cavalgadas, por exemplo –, que representem os costumes do povo nordestino sem agredir a fauna, preservando os valores da nossa terra.

Assim, poderemos fechar as porteiras do retrocesso cultural, abrir o caminho em direção à garantia dos direitos desses animais, criando distância da animalização narrada em “Vidas Secas”. É preciso, pois, que o grito de “Valeu Boi!” possa ecoar dentro e fora dos currais de José da Penha, desvelando a fiel representação da identidade nordestina.

Professor Jocenilton Cesário da Costa
EE Vicente de Fontes, José da Penha-RN

A POLUIÇÃO DOS RIOS NO MIMOSO: TUDO VALE A PENA EM NOME DO PROGRESSO?

Ioneide Ferreira de Souza

Kalunga do Mimoso é uma das comunidades quilombolas que fazem parte dos vestígios históricos que compõem a identidade cultural do lugar onde eu vivo: Arraias. Os(as) quilombolas desse agrupamento social, formado por 270 famílias, somando 1.300 pessoas, são descendentes de homens e mulheres negras que, em meados do século XVIII, fugiram da exploração escravagista em busca de espaços de sobrevivência, liberdade e resistência. O lugar encontrado por eles é atravessado pelos rios Bezerra e Paranã, o que lhes possibilitou garantir o sustento por meio da agricultura de subsistência. Fonte de sobrevivência, esse recurso hídrico, no entanto, está sob risco de ser perdido em decorrência dos impactos ambientais causados pela atuação da mineradora Itafós.

A empresa de mineração foi implantada mediante a justificativa de contribuir para a modernização da cidade e para a melhoria da economia com geração de emprego, aumento do número de habi-

tantes e do consequente aquecimento do comércio local e da construção civil. A expectativa inicial, todavia, foi apagada pela decepção e pela sensação de indignação perante inúmeras devastações ambientais que se sucederam. A extração de fosfato e o depósito de metais pesados no rio causaram a morte de peixes. Além disso, a coloração escura das águas levantou a suspeita de que o consumo e o uso do recurso na atividade agrícola podem causar sérios riscos à saúde.

Acontece que a Itafós, como a maioria das empresas que visam lucro, ancora seus pensamentos na relação custo-benefício. Como se sabe, as multinacionais, principalmente as mineradoras, potenciais geradoras de impactos ambientais, optam, muitas vezes, por colocar os ganhos em detrimento da proteção da natureza e da vida humana. Poluem rios, matam peixes e ainda tentam ocultar o crime mandando enterrá-los na areia, como os moradores afirmam que a Itafós fez aqui. Essas decisões são condu-



zidas pelo raciocínio de que os fins justificam os meios, mas, acredito eu, não justificam. Isso porque não há capital capaz de devolver a vida aos animais e os recursos hídricos necessários à sobrevivência das pessoas. Sem contar que destruir o meio ambiente é destruir a todos nós. Como alguém pode não compreender isso?

Penso que a ingenuidade possa ser uma resposta a essa pergunta. Ela levou muitos a acreditarem que a empresa, pela idoneidade apresentada, cumpriria as promessas feitas inicialmente. Essas pessoas queriam lucrar com a instalação da indústria, mas agora contabilizam prejuízos. O que resultou foi o transtorno, a devastação do meio ambiente, o calote no comércio. No que concerne ao compromisso com a geração de emprego, pouquíssimos moradores da região foram contemplados, pois a maioria dos cargos foram ocupados por pessoas de outros lugares. Fazendo uso das palavras de Dinomar Miranda, jornalista local, “[...] prometeram emprego para as comunidades e estão entregando uma devastação [...]. O rio acabou”.

A ingenuidade, porém, não é um argumento válido para aqueles que têm se calado frente aos desastres ambientais causados pela atuação da empresa. A vida da fauna, da flora e do povo da comunidade

atingida está em perigo. Só pessoas que colocam o lucro e o capital à frente do ser humano e do meio ambiente não conseguem enxergar isso. Afinal, ao permitir que a natureza seja danificada, estamos afetando o lugar onde vivemos, ou seja, a nós mesmos, a nossa história, a nossa origem, a nossa tradição. É preciso que entendamos que todas as vidas valem a pena. O poder público e a sociedade arraiana precisam olhar a situação como o problema que de fato é, não como consequências inevitáveis dos avanços que se quer alcançar.

Assim sendo, a empresa só fez bem para aqueles que de alguma forma receberam benefícios para fechar os olhos diante dos impactos causados por ela. É o lucro e a defesa do progresso colocando a vida no Mimoso em segundo plano. E isso é de uma crueldade imensa. A necessidade de empregos e de avanços econômicos não pode ser maior que a imprescindibilidade de proteger a natureza e de garantir que a população do Mimoso, símbolo da resistência arraiana, não precise pagar com a saúde ou com a própria vida por isso.

Professora Elaine Cardoso de Sousa
CE Professora Joana Batista Cordeiro, Arraias-TO

MINHA TERRA TEM BELEZAS, MAS EMPREGO JÁ NÃO HÁ!

Ana Paula Comuni

Fazendo limite com o Estado de São Paulo, encontra-se Monte Sião, cidade interiorana com uma população estimada em 23 mil habitantes. Foi aos pés da Serra da Mantiqueira que o aconchegante município se desenvolveu e construiu seu legado histórico e cultural, constituído de boa culinária e também de construções e monumentos que valorizam a fé e os costumes dos imigrantes europeus que fazem parte da história monte-sionense. Devido a isso, turistas de várias regiões do Brasil são atraídos para a cidade.

Além dos atrativos turísticos, o principal fator que traz pessoas à cidade é o comércio de roupas, pois a base econômica do município está, em sua grande parte, na confecção e venda da moda tricô, a qual é fomentada por mais de mil malharias, responsáveis por gerar empregos para a maioria da população. Tal fato concedeu a Monte Sião, em 1973, o título de “Capital Nacional do Tricô”.

No entanto, nos últimos anos, os cidadãos têm sido prejudicados pelo desem-

prego, ocasionado pela hipertrofia do setor produtivo, já que há excesso de mão de obra disponível e produção de peças de roupas em larga escala, aumentando a concorrência nas vendas de peças de tricô.

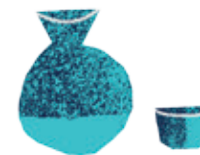
Além disso, a desvalorização do poder de compra, devido à crise alojada em âmbito nacional, tem prejudicado os vendedores. Conforme informações da revista “Exame”, nos últimos cinco anos a renda dos trabalhadores chegou a cair 16%; desse modo, custos adicionais são cortados, cada vez mais, da lista de despesas dos brasileiros.

Diante da questão, surge um conflito de opiniões sobre as possíveis soluções, pois há quem defenda a necessidade de instalar indústrias – de base ou de bens de consumo – na cidade. Entretanto, outros acreditam que tal medida pode causar danos ao meio ambiente, já que a cidade possui uma vasta área verde e muitas nascentes. Então, estaria Monte Sião preparada para receber indústrias? Segundo o prefeito da cidade, José Pocaí Júnior, estu-

dos já foram realizados acerca do assunto e, através desses, foi possível concluir que o Bairro Mococa se mostra um local promissor para o desenvolvimento da atividade industrial. O bairro, por estar afastado do centro da cidade, apresenta terrenos apropriados para construir; ademais, um número significativo de habitantes que lá moram se deslocam todos os dias para trabalharem longe de suas casas ou estão desempregados. Nesse contexto, indústrias no bairro favoreceriam moradores que trabalhariam perto de suas casas e trariam emprego a quem não tem.

Em minha opinião, é indiscutível que a cidade precisa de novos nichos econômicos e maiores investimentos para seu progresso, pois emprego já não há, advindo das malharias como era antes. Uma boa alternativa seria o turismo rural, a fim de usufruir e valorizar as belas paisagens da cidade. Por meio de trilhas, passeios e esportes de entretenimento, assim como é feito em várias fazendas e sítios do município vizinho, Águas de Lindóia, onde muitos turistas que vêm a Monte Sião se hospedam, em razão das variadas opções de lazer oferecidas por lá. Dessa forma, além de atrair turistas, que terão mais uma opção de lazer em nossa cidade, a população da zona rural também será beneficiada, pois o

turismo é outra forma de gerar renda. Com certeza, o campo industrial também representa um caminho viável, contudo, esta opção trará benefícios se, primeiramente, respeitar e agir de forma sustentável com o meio ambiente e assegurar empregos aos cidadãos monte-sionenses. Acredito que nossa querida Monte Sião possa se desenvolver e se modernizar sem agredir os recursos naturais, garantindo assim, às gerações presentes e às futuras o privilégio de respirar ar puro e desfrutar desse imenso mar verde. Assim, em meio a tantas riquezas naturais, poderíamos dizer, parodiando Gonçalves Dias: “Minha terra tem belezas e emprego também há!”.



Professora Carolina Nassar Gouvêa
EE Provedor Theofilo Tavares Paes,
Monte Sião-MG

O PÃO NOSSO DE CADA DIA PODE ESTAR ENVENENADO

Fernanda de Souza Fagundes

A história de minha querida Rebouças conta-me que, no passado, os tropeiros passavam por aqui para descansar da longa viagem que os levava até Minas Gerais e São Paulo, ao conduzir o gado, e habitavam-se a fazer paradas para beber água. Assim, quando nasceu a comunidade, ela já possuía um nome “Poço Bonito”, homenageando o reduto de água extremamente límpida. Mas o tempo impassível trouxe consigo outra realidade, evidenciada na placa afixada, este ano, na entrada da cidade: “Região em perigo! Cada pessoa está consumindo o equivalente a 14 litros de agrotóxicos todo ano”.

Em pesquisa realizada em nossa região, no mês de junho, divulgada pelo jornal “Folha de Irati”, foi constatado um elevado nível de pesticidas na água que chega às casas localizadas no quadro urbano. Além disso, na área rural, onde nossos pais relatam que, outrora, podiam, tranquilamente, beber água pura dos “olhos d’água”, percebo que se torna cada vez mais exacerbado o uso de agrotóxicos.

Em meio a uma discussão nacional sobre o assunto, em que se impôs um novo marco regulatório para a avaliação de risco de alguns agrotóxicos, bem como a liberação de outros, reacendeu-se uma antiga polêmica entre os moradores. Os grandes latifundiários defendem que esses produtos são essenciais à prosperidade de suas lavouras, enquanto outros habitantes preocupam-se com a qualidade de vida que pode estar sendo deteriorada.

O principal argumento dos defensores dos agrotóxicos é que seu uso aumenta a produtividade por hectare e, conseqüentemente, possibilita reduzir as áreas desmatadas para plantio. Porém, vejo, com tristeza, que nossas matas nativas, inclusive as araucárias, estão sendo substituídas por grandes plantações, o que evidencia que os órgãos de fiscalização, Ibama e IAP, não estão conseguindo conter o fluxo acelerado de desmatamento, destoca e queimadas, e que as punições se mostram ineficazes. Lamentável! Os recursos naturais estão sendo, portanto, extintos, fato facilmente comprovado

até por um leigo no assunto, com uma simples observação da paisagem.

Sob outro ponto de vista, o produtor Gerson Rugiski defende que os agrotóxicos são eficientes no combate a fungos, doenças e pragas que atacam as plantas, e é totalmente contrário ao cultivo de produtos orgânicos, que, segundo ele, produzem pouco e têm um aspecto não muito atrativo ao consumidor; alega também que para o desenvolvimento de um agroquímico exigem-se anos de estudo para se chegar a uma fórmula, que seja imune à saúde dos seres vivos.

Concordo que a produção de alimentos é essencial ao país. O Paraná destaca-se por ser um grande exportador de alimentos, atividade responsável por parte significativa do PIB do Estado. Preocupo-me, entretanto, com a quantidade de agrotóxico presente em cada produto e defendo a criação de políticas públicas que valorizem o homem do campo que produz alimentos livres de veneno. Questiono-me se todo lucro visado pela minoria de produtores detentores de muita terra e por empresas que são privilegiadas pela venda de agroquímicos não afetará a longo (ou nem tão longo) prazo a sustentabilidade do lugar onde vivo e a vida de todos seus habitantes.

Particularmente penso ser conseqüência do uso em demasia dos agrotóxicos o

fato de, nos últimos anos, os índices de pessoas com câncer, em nossa região, terem aumentando consideravelmente. Este ano, na cidade confrontante a Rebouças, instaurou-se um hospital para tratamento exclusivo de doenças oncológicas, devido à grande incidência de casos, o que me faz defender que o preço pago para a produção de alimentos em grande escala está sendo alto demais. Afinal, qual a coerência em preocupar-se tanto com a quantidade da produção se ela pode estar contaminada? É o bem comum que está sendo priorizado? Infelizmente, julgo que não.

Se os tropeiros precisassem voltar a beber água em minha comunidade, certamente não mais avistariam o poço bonito, mas talvez enxergassem alguma poesia no velho pinheiro sobrevivente, em meio a uma lavoura que parece infinita, com seus galhos erguidos aos céus, como em prece, para que os homens percebam, a tempo, a importância de cultivar a terra com responsabilidade, a fim de garantir a sustentabilidade do planeta.

Professora Maria Silmara Saqueto Hilgemberg
EEEFM Faxinal dos Francos,
Rebouças-PR

“CHUTA QUE É MACUMBA”

Naira Danyelle de Souza Santos

“Junqueiro, terra da paixão”, paixão de Cristo, paixão do povo. Paixão é um sentimento intenso e profundo que, de alguma forma, está relacionado com o acolhimento. Sendo assim, o slogan da cidade é atrativo, mas a realidade distancia-se do que está escrito nas placas das entradas da cidade. A terra não é da paixão quando estamos a discutir sobre as religiões de matrizes africanas. Ainda, frases como “chuta que é macumba”, “oferenda de lemanjá” e demais frases inclusas no dicionário ofensivo de grande parcela da população demonstram que a comunidade “apaixonada” utiliza de forma pejorativa e preconceituosa termos que para um grupo religioso representa sua história. Além disso, o mesmo percentual populacional que se presta ao papel de “juizadores sociais” relata que não existe preconceito em suas falas e que o desconforto causado pelos comentários não passam de “mimimi”. Esse fato evidencia que o preconceito está enraizado culturalmente.

“A intolerância fecha os caminhos da compreensão [...]”, esse trecho da frase do

escritor Carlos Bernardo Gónzales evidencia um dos malefícios sociais adjuntos da intolerância. Apesar do fato supracitado, a sociedade a qual eu pertencço – Junqueiro, cidade pacata do interior de Alagoas – vende os olhos para a problemática e isso é explicável, pois o conjunto social apresenta raízes preconceituosas. Outrossim, historicamente os indivíduos têm tendência a seguir o que conhecem e a criticar o que supõe conhecer e isso aplica-se à religião. A nossa história é altamente marcada por episódios nos quais os negros foram obrigados a ocultar sua própria religião. Além disso, nota-se que denominações cristãs, em massa o catolicismo, preocuparam-se em disseminar histórias, não verdadeiras, que transformaram as religiões de matrizes africanas, como a umbanda, em algo que se deve temer e motivo de vergonha para os que a praticam.

A posteriori, de acordo com uma parcela populacional “não existe intolerância religiosa no município; aliás, trata-se de um local pequeno, e coisas assim não acontecem aqui”, outra parte acredita que

os termos utilizados de forma pejorativa são usados para a diversão entre amigos e não são motivos para ofensa. Há também um percentual que se coloca como neutros e não discute sobre o assunto. Entretanto, não é vista neutralidade ou diversão quando, durante os cultos nos terreiros, a população se incomoda e critica, rompendo com o que está escrito no inciso VI do Art. 5º da Constituição Federal, que assegura liberdade de crença aos cidadãos.

Ademais, segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos (MDH), no Brasil a cada quinze horas é realizada uma denúncia referente a intolerância religiosa, e 39% dos casos estão relacionados com as religiões de matrizes africanas. Apesar disso, é provável que municípios como o meu não possuam alto índice de denúncias, pois além da falta de informação, a maioria das ofensas são generalizadas e às vezes não explícitas, como as festividades que ocorrem na cidade nas quais são convidados padres e pastores e não os sacerdotes da umbanda ou do candomblé. Ou como os investimentos em shows católicos e protestantes e a falta deles em festividades dos terreiros. Diante dos fatos citados, nota-se que os seguidores de religiões de matrizes africanas não possuem visibilidade e são vítimas de julgamentos incorre-

tos, o que acarreta na volta da ocultação da sua cultura.

“Junqueiro, terra da paixão”, terra do povo “apaixonado”, que deve se posicionar contra o que afeta a essência de seu slogan, posicionamento esse, do Governo local e da população. O Governo deve posicionar-se através do investimento em oficinas e eventos que puguem a liberdade de expressão e a união das religiões e promover a maior visibilidade dessa população, que por sua vez, deve posicionar-se através da disseminação da igualdade e do respeito, buscando o abandono de suas raízes preconceituosas. Assim, será possível que todas as religiões alcancem a igualdade e a mesma visibilidade perante a sociedade, e as religiões de matrizes africanas sejam vistas como algo comum e inofensivo, como sempre foram.



Professor Ismaeli Galdino de Oliveira
EE Padre Aurélio Góis, Junqueiro-AL

AMANHECEU, POR QUE AINDA ESTÁ ESCURO?

Tailane da Rocha Sousa

Vivo em uma fazenda simples, pequena e de povo humilde, no interior de Governador Lindenberg. Apesar de possuir várias atividades agrícolas, a economia está baseada no café, cuja colheita garante o sustento das famílias. Entretanto, no período da safra – entre abril a julho – uma fumaça encobre todo o ambiente causada pela queima indiscriminada da palha do café nos secadores.

Sabe-se que a determinação legal permite a queima da palha do café, como combustível nos secadores, apenas durante o dia. Mas, ao que tudo indica e é flagrante, aqui no município, há queima da palha também durante a noite, causando muitos transtornos à população; prática com a qual não concordo.

Os indícios são de que alguns secadores funcionam de forma irregular. De acordo com o engenheiro agrônomo Alison Rodrigues do Idaf (Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo): “O processo de secagem estava sendo feito à noite, o que é proibido quando

se utiliza somente a palha como combustível. Além disso, não estava sendo respeitada a distância mínima das rodovias”. Em consequência, uma grande quantidade de fumaça polui o ar.

Na alvorada, nesse período de inverno, a fumaça não se dissipa, misturando-se à neblina. O veludo negro envolve toda a região, dificultando a visibilidade, principalmente a dos motoristas que trafegam nas rodovias e estradas secundárias que cortam o município, colocando em risco a sua vida e a dos que transportam. É um verdadeiro caos. Há dias em que fica impossível a locomoção. Os que trabalham em outras localidades reclamam dos atrasos constantes a que são submetidos.

Outra situação preocupante é em relação à saúde da população que todas as manhãs respira a fumaça. Ainda que a Secretaria Municipal de Saúde não disponha de dados sobre as consequências do excesso de fumaça, é certo que no período há um aumento significativo dos casos de doenças crônicas respiratórias, sobretudo,

entre as crianças, conforme explicou a própria Secretaria. Muitos moradores culpam a fumaça por essas doenças que aparecem nessa época e chegam a afirmar que a palha queimada, em virtude do uso excessivo de agrotóxicos nas lavouras de café, também estaria contaminada. Tal afirmação carece de um estudo aprofundado para comprovar ou não a sua veracidade. De qualquer forma não deixa de ser um fato preocupante.

Os que defendem o uso da palha, principalmente os donos de secadores, afirmam que a prática é necessária porque reduz custos, uma vez que o preço do café está muito abaixo das condições mínimas para a produção. A “casca” do café é um subproduto da própria produção, por ser um resíduo extraído no processo de beneficiamento dos grãos, não sendo necessárias despesas adicionais. Segundo eles, secar apenas com a lenha elevaria custos que afetariam diretamente o produtor. Penso que nunca a questão econômica deve estar acima da saúde e da vida das pessoas.

Em suma, é preciso compreender e cumprir a instrução normativa publicada pelo Idaf, que impede que os secadores façam o uso da palha em horários inadequados. Para isso é imprescindível uma fiscalização mais rigorosa dos órgãos compe-

tentes. É importante também um trabalho de conscientização de todos os envolvidos para que a saúde e a vida sejam prioridades e não apenas um suposto lucro. Outra alternativa seria a busca de parcerias entre associações de produtores e outros órgãos, como Prefeitura, Idaf, Incaper, Câmara de Vereadores, para a instalação de mais secadores, de forma a atender a alta produção sem a necessidade da secagem noturna, o que contribuiria para a redução da excessiva fumaça produzida à noite. Assim, quem sabe nas manhãs frias poderíamos respirar a natureza que nos cerca e o único cheiro seria o do café quentinho aquecendo o nosso dia e trazendo o bem-estar que tanto almejamos.

Professora Fernanda Ferreira Moronari Leonardelli

EEEFM Irineu Morello, Governador Lindenberg-ES

VERDE, AMARELO, AZUL E PRETO

Eduardo Patrick Penante Ferreira



Estando localizado no extremo norte do Brasil, o Amapá possui um dos maiores parques ecológicos do mundo. Segundo o site “Logic Ambiental”, o Estado possui 62% do seu território preservado por um regime de proteção especial, cujas características naturais incluem, além da presença litorânea do maior rio de água doce do mundo, o Amazonas, vasta e diversificada fauna e flora, riqueza em minérios diversos e a presença de combustíveis fósseis, como petróleo e gás natural.

A especulação sobre esse potencial energético fez com que a Agência Nacional de Petróleo leiloasse catorze blocos do território amapaense, que compreende a costa do Estado do Amapá e municípios como Amapá, Oiapoque e Calçoene. O objetivo desse leilão é que essas áreas sejam perfuradas para identificar e avaliar a existência de reservas de gás e petróleo, por meio de estudos ambientais, para que se possa explorar tão valioso bem. Entretanto, o último estudo feito sobre o assunto foi rejeitado pelo Ibama, que afirma não reconhecer fundamento científico na pesqui-

sa apresentada pela empresa Total, vencedora do leilão. Apesar disso, continuam-se ações que querem manchar com óleo nossa Amazônia, o que acendeu uma polêmica na sociedade amapaense: uns acreditam que esses estudos sinalizem progresso e prosperidade; outros, no entanto, temem um grave prejuízo ambiental.

De um lado, apoiadores como Tarcísio de Freitas, ministro da Infraestrutura, argumentam citando a geração de emprego e renda para famílias amapaenses, investimento em infraestrutura e consequente desenvolvimento do Estado. Os defensores desse pensamento afirmam que tal recurso deve ser explorado antes que o seu valor diminua perante o mercado mundial e que a não utilização dele condenaria o Estado ao subdesenvolvimento.

Por outro lado, de acordo com o professor Jackson Santos, da tribo Karipuna, em reportagem do portal “G1 Amapá”, tribos indígenas das etnias Uaçá, Galibi e Jaminã temem a contaminação por óleo, oriunda de possíveis vazamentos, caso a exploração venha a acontecer. Esse temor

é justificado por ser a atividade petrolífera uma das que oferecem graves riscos de acidentes ambientais que estão além das normas regulamentadoras, conforme esclarece Francisco Ponte Júnior, em artigo científico publicado na revista “Tecnologia”, em 2008. O pesquisador exemplifica isso referindo-se a acidentes que ocorreram com plataformas da Petrobras, na baía da Guanabara e em Araucária, além do naufrágio da Plataforma P-36, também da estatal.

Ilustra, assim, o quão perigoso são os problemas ambientais no mundo. Consequentemente soma-se a isso o surgimento de doenças e o aumento da mortalidade, o que é rebatido por apoiadores que apostam na segurança e confiança da empresa francesa Total.

Segundo o professor de Geografia Amapaense, Rodrigo Bandeira, a exploração desses recursos, mesmo a uma distância considerável da costa fluviomarítima, podem causar problemas, como a ameaça de perda ou extinção dos recifes de corais descobertos recentemente na Costa Atlântica do Estado do Amapá; afetação da zona de mangues, provocando a morte de peixes e outras espécies animais que podem vir a se intoxicar pelos fluídos liberados; e a ocorrência de problemas na ali-

mentação dos indígenas e do povo amapaense como um todo.

Acredito que deva ser revisada e vetada a decisão de exploração do solo amapaense para realização de estudos sobre gás e petróleo, já que as pesquisas apresentadas se mostraram insuficientes, conforme afirmou o Ibama. Ao que tudo indica, há um interesse capital na exploração da Amazônia e não se consideram os riscos ambientais, em um dos estados mais preservados do Brasil. Apesar dos diversos benefícios que poderiam advir, não pagariam os custos e as consequências negativas que, com certeza, viriam se for explorado o petróleo na região Amazônica. Devemos prezar por nossa cultura, pelos indígenas e pela nossa Amazônia, a fim de que se possa haver um futuro mais saudável e limpo para as próximas gerações. Ainda podemos nos mobilizar e, juntos, evitar os impactos ambientais da ganância capitalista.

Professora Maria Cely Silva Santiago
EE Sebastiana Lenir de Almeida, Macapá-AP

RETROCESSO CULTURAL: TUDO COMEÇA COM “UM PASSINHO”?

Rayana do Nascimento Cruz

Um estado que se orgulha por de suas veias correr um sangue cultural extremamente rico que eclode na voz da preta cirandeira Lia de Itamaracá, nas rodas do coco, na xilogravura de J. Borges, na arte armorial do mestre Suassuna, no fervor do frevo e na apoteose do maracatu, atualmente tem sido invadido por uma nova febre popular – o passinho – que tomou conta do cenário artístico pernambucano, nos fazendo refletir: – É um retrocesso cultural?

Na ilha de Itamaracá há as “batalhas do passinho” que reúnem grupos para disputas de coreografias. Esse movimento virou um símbolo de resistência da periferia e um grito de identidade na vida dos jovens que fazem parte dessa cultura de massa, pois para muitos torna-se um muro de contenção contra a violência e as drogas, já que muitas vezes os integrantes dos grupos ficam horas ensaiando, criando coreografias e assim ficam longe do contato com a hostilidade e a perversidade que existem, infelizmente, nas comunidades da Ilha.

Para Ricardo Silva, integrante de um dos grupos de passinho da Ilha, o importante mesmo é ser reconhecido, pois junto com o brega funk, esse novo ritmo tem tirado muita gente do tráfico. O jovem ainda acrescenta que poderia ser mais um na Penitenciária Barreto Campelo, mas preferiu o lado da arte e se deu uma nova chance. Sem dúvida, um movimento artístico como esse muda a vida de um ser humano, pois independente de gênero, classe social, etnia ou orientação sexual, a arte sempre transforma. Assim, como arte vinda dos menos favorecidos, o passinho também é uma mobilização social. É preciso que seja reconhecido, pois veio despir o preconceito da cultura periférica que desde sempre é excluída da sociedade, como o rap, o grafite e outras culturas que fazem parte das comunidades.

Por outro lado, muitas letras de músicas não são nenhuma composição da Bia Ferreira ou do Caetano Veloso e contribuem com a cultura do machismo que está enraizada na sociedade. E, é claro que são sexistas, pois abordam os interesses

masculinos com base nos seus desejos carnavais, tratando a mulher como objeto, como no trecho: “Arrastei ela pro meu carro, dei um trato e um amasso”, dos cantores Shevchenko e Elloco. Essa cultura de tratar a mulher como propriedade masculina enfraquece o movimento feminista que em Itamaracá ainda é muito pequeno devido a pensamentos patriarcais e machistas. Felizmente já há grupos que relutam para que suas músicas fujam das características negativas, mas continuam sendo vítimas de críticas, talvez por pertencerem a um movimento de periferia ou pela frequente presença de crianças nas disputas que, para muitos ilhéus, demonstra a substituição da antiga dança das cadeiras infantil pela “novidade” do brega funk e a igualdade da ciranda pela rivalidade das batalhas. É mesmo um retrocesso?

A Ilha de Itamaracá é a terra da ciranda e durante anos vem sofrendo uma desvalorização cultural e o passinho, de certo modo, chega a ameaçar a cultura itamaracaense, pois grande parte da população jovem não dá mais voz e espaço às belas tradições da Ilha que estão a cada dia sendo esquecidas. Como exemplo temos a “sambada de coco” que ocorria na praia da colônia de pescadores e acabou sendo interrompida por falta de verba. Como símbolo

de resistência, o grupo Nossa Cultura Tem Som foi criado para homenagear as mestras Lia da Ciranda, Anjinha e Totinha do Coco e também resgatar esse valor cultural que ao longo dos anos vem perdendo espaço para os produtos da globalização.

É perceptível que as ideias fixas só crescem quando se fala em ruptura de tradição, mas quando são cheias de histórias, é difícil ficar ao lado de uma cultura que tem pontos negativos, ofensivos para quem está fora do movimento e muitas vezes age por discriminação. Acredito que o passinho não seja um retrocesso propriamente dito, pois é fato que está ajudando a vida dos jovens nas comunidades de Itamaracá. Mas para ser reconhecido como mobilização, precisa de uma “reforma” sem deixar vestígios de preconceito, machismo e conteúdos eróticos que infelizmente são fortemente consumidos pela indústria.

Professora Tatiana Cipriano de Oliveira
EREM Alberto Augusto de Moraes Pradines,
Ilha de Itamaracá-PE

APRENDIMENTOS ATERRADOS À BEIRA-MAR

Rúbia Ellen Campelo Costa

Com verdes mares e águas mornas, Fortaleza, a Terra da Luz, tem belezas muito apreciadas em todo o país, sendo elas retratadas, por exemplo, na canção de mesmo nome – “Fortaleza” –, composta pelo cantor cearense Fagner. Porém, algumas belezas se encontram comprometidas devido a projetos recentes, como a requalificação de um dos principais pontos turísticos da cidade: a Avenida Beira-Mar. Esse fato está preocupando a comunidade pelo gasto exorbitante da obra e os malefícios que sofrerão a fauna e a flora locais.

Visando aumentar o turismo da região, o projeto de requalificação da avenida mais turística da cidade, proposto pela prefeitura, consiste em aumentar 80 metros a faixa de areia (mar adentro) do aterro. Ele está orçado inicialmente em 68 milhões, o que causa revolta em uma grande parcela da população por ver tanto dinheiro público empregado em uma obra que pode trazer, inclusive, prejuízos ambientais, enquanto outras necessidades básicas da população são negligenciadas, como postos

de saúde precários e escolas com péssima infraestrutura. O temor da população cresce ao lembrar casos como o do Aquário do Ceará, que nasceu a partir da alegação de que iria incrementar o turismo cearense, entretanto as obras foram paralisadas por falta de verba e, hoje, nem Governo nem iniciativa privada querem mais assumir a finalização da obra, restando à população apenas frustração e indignação.

Em acréscimo, constata-se que o aterramento do mar preocupa também ambientalistas e pesquisadores, como o professor do Instituto de Ciências do Mar, da Universidade Federal do Ceará, Marcelo Soares, que afirma que os impactos de grande magnitude podem causar o soterramento dos recifes de corais, além de trazer prejuízos ao habitat do boto cinza e da tartaruga verde, espécies que se alimentam na região. Somando-se ao prejuízo da fauna, também ocorrerão danos à flora e, indiretamente, à população, já que o projeto retirará quarenta árvores do calçadão, o que, de acordo com Oriel Herrera, pro-



fessor de Ecologia da Universidade Estadual do Ceará, causará desequilíbrios na temperatura e bolsões de calor na região.

A prefeitura de Fortaleza caracterizou o projeto como de “utilidade pública”, pois, de acordo com o órgão, além de promover um aumento no turismo da cidade, também irá prover à praia local uma reestruturação da faixa de areia que vem sofrendo, ao longo dos anos, um estreitamento causado pelo processo de erosão. Os defensores da obra afirmam também que a requalificação trará urbanização e modernização necessárias à área, aumentando até mesmo o comércio da região, pois irá organizá-lo e restabelecê-lo, contribuindo para a economia da cidade.

Em contrapartida, acredito que tal avanço na urbanização de um setor belo por si desfoca a prefeitura de problemas mais pertinentes que afetam a população, exercendo, assim, uma política apelidada como “pra turista ver”. Enquanto isso, áreas periféricas da cidade sofrem pelo descaso em vários espaços públicos, como escolas e postos de saúde, além da ausência de saneamento básico na maioria das comunidades que se encontram mais distantes da região considerada “nobre”, como, por exemplo, o bairro Jangurussu, que convive com a poluição e esgotos expos-

tos, prejudicando a saúde e o bem-estar da população.

Concordo, portanto, com a doutora em Ciências Marinhas, Liana Queiroz, quando ela afirma que “é imensurável a real magnitude do impacto [causado pelo aterro] em toda biodiversidade [...]”, uma vez que essas consequências negativas são certas e as atitudes para revertê-las nem sempre se concretizam. Além das implicações ecológicas, acresça-se que a natureza tem muito a nos ensinar, como afirma o poeta Manoel de Barros, em seu poema “Aprendimentos”, ao dizer que “não tinha as certezas científicas, mas que aprendera coisas di-menor com a natureza”, coisas estas que não dizem respeito a interesses econômicos, mas à teia da vida.

Para um litoral bonito, antes de tudo, deve-se preservá-lo, pois, talvez assim, os verdes mares do Mucuripe e a Avenida Beira-Mar possam encher os olhos dos habitantes e turistas de Fortaleza pela beleza natural, e não artificial, de suas praias.

Professora Suziane Brasil Coelho
EEM Governador Adauto Bezerra, Fortaleza-CE

DE “JOIA DO VALE” A “DESERTO VERDE”

Tainan Lopes da Silva

Carinhosamente conhecida como a “Joia do Vale”, Turmalina está localizada no Alto Vale do Jequitinhonha, interior do Estado de Minas Gerais, em uma região que apresenta muitas grotas, cercada por áreas de nascentes, córregos e rios, os quais vêm secando há algum tempo. Esse problema tem afetado bastante a população turmalinense, pois, como é característico de lugares pequenos, muitas famílias precisam utilizar a água desses córregos para a agricultura familiar. Embora haja divergências, estudos apontam ser a monocultura do eucalipto a principal causa desse problema ambiental.

Um recente estudo realizado pelo turmalinense Clebson Souza de Almeida, que se transformou em dissertação de mestrado, denuncia a situação de caos ambiental que vive nosso município, haja vista que essa região abriga uma das maiores florestas plantadas de eucalipto do mundo. Empresas reflorestadoras que vieram pra cá, como a Acesita, Aperam, Projeto Carvalho, Floresta Minas, entre outras, argumentam

que o eucalipto gera emprego, renda e riqueza para nossa região, mas grande parte da população, sobretudo a rural, critica bastante suas ações, pois considera negativos os resultados sociais e ambientais desse plantio.

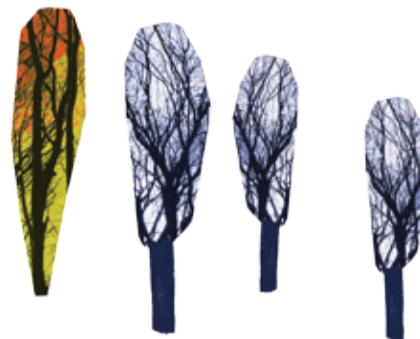
De acordo com um estudo realizado por Walter Viana, responsável pela Fiscalização Ambiental na Superintendência de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Supram) do Norte de Minas e autor de tese sobre as consequências da monocultura de eucalipto na região, os impactos ambientais são desastrosos, uma vez que os eucaliptos estão desertificando o solo e diminuindo a biodiversidade. Além disso, há um questionamento sobre o elevado índice de doenças respiratórias e oncológicas, que podem estar sendo causadas pelo uso exagerado de agrotóxicos nas monoculturas.

Como argumento, as empresas alegam que agem com responsabilidade social e atuam de forma a garantir proteção ambiental, porém pesquisas realizadas pelo Centro de Agricultura Alternativa Vicente

Nica (CAV), de Turmalina, demonstram o contrário. Esses estudos apontam que as nascentes da região foram muito prejudicadas pelo desmatamento da vegetação nativa para o cultivo de eucalipto, haja vista que ele apresenta crescimento rápido e grande demanda de água, o que afeta os lençóis freáticos, assim como o solo.

Por isso, comungo da opinião de que os órgãos ambientais devem intensificar a fiscalização para que haja a redução do cultivo de eucalipto e, até mesmo, a proibição de plantios contínuos em grandes extensões de terra. Vale ressaltar a importância de grupos de resistência que se formaram, nos últimos anos, contra esse sistema predatório que as empresas de reflorestamento têm aplicado em nossa região.

Embora pareça ser um problema difícil de ser resolvido, visto que essas empresas também geram empregos para a população, o aumento significativo da plantação de eucalipto não pode ser ignorado, sob pena de Turmalina, a “Joia do Vale”, se transformar, literalmente, no “Deserto Verde”.



**Professora Paloma Carlean
de Figueiredo Souza**

EE Professora Edite Gomes, Turmalina-MG

A BUSCA DO “SONHO BRASILEIRO” DIVIDE OPINIÕES

Luiza Bortoluzzi Casali

A questão migratória no Brasil tem sido destaque nos últimos anos em virtude do grande fluxo de imigrantes refugiados que entram no território nacional, entre eles, haitianos, em virtude do terremoto que atingiu o país caribenho em 2010. Segundo a ONU, até o fim de 2016, foram registradas 67 mil autorizações de residência no Brasil, e Caçador (SC) é uma das muitas cidades brasileiras que recebem grande número de haitianos. O fator atrativo é a presença de uma série de indústrias que ofertam vagas de trabalho na cadeia produtiva sem necessidade de qualificação profissional. A vinda dos imigrantes, contudo, divide opiniões entre os moradores de Caçador no que diz respeito ao seu impacto na cidade.

Algumas considerações devem ser feitas a fim de compreender a situação em que se encontram os haitianos que vieram para Caçador. A maioria dos homens costuma trabalhar no ramo industrial, recebendo baixos salários e enviando parte da renda para a família que permanece

no Haiti. Em contrapartida, grande parte das mulheres enfrenta o desemprego. A indústria caçadoreense, que oferece grande número de vagas, prioriza a mão de obra masculina. Essa é uma das razões, sem falar no preconceito étnico-racial, pelas quais são limitadas as oportunidades para mulheres haitianas no mercado de trabalho.

Uma coisa é certa: todos enfrentam dificuldades para adaptar-se à cidade. A mais evidente diz respeito à comunicação. Os idiomas oficiais do seu país de origem são o francês e o crioulo haitiano que, apesar de ser uma língua originada do latim, assim como o português, é muito distinta. Logo, o aprendizado da língua por si só é difícil. Para ajudar a superar essa barreira, o IFSC – Campus Caçador disponibiliza, semestralmente, um curso de Português para estrangeiros que este ano contou com cerca de 80 participantes, divididos em duas turmas. É um número grande, mas percebe-se que a demanda é ainda maior. Outro problema é que, embora

muitos imigrantes possuam diplomas de graduação, eles não são reconhecidos no Brasil, o que, aliado à dificuldade em comunicar-se em português, os impede de atuar na área em que se especializaram no Haiti. Por isso, lhes resta ocupar vagas de trabalho que não exigem qualificação profissional, recebendo, conseqüentemente, baixos salários.

Somado a isso, há ainda pessoas que acreditam que os imigrantes trazem problemas, como a ocupação de vagas de emprego de moradores locais e o aumento da violência urbana. Em relação ao primeiro caso, há justamente um movimento inverso, pois, conforme demonstrou a historiadora Lená Menezes (artigo “Os outros somos nós”), a imigração, desde o final do século XIX, impulsionou o crescimento econômico no Brasil. Já em relação ao segundo caso, não há evidências empíricas que demonstrem índices de violência provocados pelos estrangeiros.

Como vimos, essas são ideias que têm base no medo do desconhecido. O simples fato de perceber a presença de pessoas que conversam em um idioma que não é o português causa estranhamento. Além disso, infelizmente, existe a questão do racismo velado. Grande parte da população caçadoreense é branca, descendente de imi-

grantes europeus, e carrega preconceitos enraizados na cultura brasileira. Ainda este ano, o site de notícias “Portal Folha Regional” relatou o episódio em que um haitiano, que precisava abrir uma conta bancária, foi impedido de entrar em uma agência do Banco do Brasil, mesmo após retirar os sapatos com biqueira de aço. O episódio de humilhação e constrangimento gerou polêmica, principalmente, por parte de pessoas que foram contra as atitudes dos seguranças do banco.

Diante do exposto, destaco que os imigrantes haitianos podem, sim, contribuir para a sociedade, desde que sejam devidamente acolhidos e tenham seus direitos fundamentais garantidos. A migração é um fenômeno mundial e não podemos negar aos estrangeiros o direito de buscar uma vida melhor. Basta exercitar a empatia, porque poderia ser qualquer um de nós nessa situação. Além disso, não podemos esquecer que o sul do país faz parte desse processo migratório desde o início de nossa história. Para mim, já não é uma questão de opinião, é uma questão de ação e de respeito aos direitos humanos.

Professor Ricardo de Campos
IFSC – Campus Caçador, Caçador-SC

ESCOLA SEM PARTIDO: AVANÇO OU RETROCESSO DA EDUCAÇÃO LOURENCIANA?

Laiana Miritz Vasconcelos

O município de São Lourenço do Sul, conhecido como “Pérola da Lagoa”, está localizado no sudeste gaúcho e conta com pouco mais de 44 mil habitantes. Infelizmente, assim como outras cidades, teve a opinião pública envolvida no polêmico projeto de lei “Programa Escola sem Partido”.

Em 2004, preocupado “com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras”, o procurador do Estado de São Paulo, Dr. Miguel Nagib, criou o “Movimento Escola sem Partido”, afirmando que escola é lugar de aprender, não de fazer política.

Assim, um grupo de vereadores de São Lourenço do Sul, simpatizantes das ideias do movimento, implementou o projeto de lei “Escola sem Partido” no município. Segundo justificativa da proposta: “É necessário e urgente adotar medidas eficazes para prevenir a prática da doutrinação política e ideológica nas escolas [...]”, impedindo, dessa forma, que educadores

possam discutir sobre situações de senso crítico que merecem debates e exposição em sala de aula.

Devemos levar em consideração que projetos como esse, por se tratar de educação, sempre chamam a atenção da população. Segundo defendem alguns, é de grande importância que as crianças e os adolescentes não sejam influenciados moral, religiosa e politicamente pela escola, pois isso é dever da família.

Porém, devemos lidar com a realidade, pois diversas pesquisas afirmam que apenas 12% dos pais se comprometem com a educação dos filhos, o que comprova que a comunidade escolar tem sim, grande responsabilidade na educação dos indivíduos. Ademais, apenas a educação de casa não prepara a criança para conviver com o diferente, ela precisa da escola para mostrar a real situação política, econômica e social em que vivemos.

Tendo em vista que o projeto de lei trata a liberdade de crença religiosa, de

aprendizagem e do pluralismo de ideias no ambiente acadêmico como prática de doutrinação política e ideológica, é de grande relevância salientar que não existe um ensino neutro. A escola é um lugar onde se deve defender a pluralidade e o debate de ideias, caso contrário, segundo o professor Clovis Gruner: “Não formará indivíduos mais capazes de lidar com o mundo, que é complexo. As contradições devem aparecer para formar cidadãos mais tolerantes”.

Outro ponto relevante que deve ser discutido, é o papel do professor na formação desse cidadão. Sendo ele um educador e não um mero transmissor de conteúdos, é inadmissível que não possa participar da formação crítica do aluno, pois, segundo o filósofo Immanuel Kant: “O ser humano é aquilo que a educação faz dele”.

Portanto, do meu ponto de vista, uma lei para limitar o que pode ou não pode ser debatido na sala aula é um retrocesso.

Em vez disso, a escola deveria se preocupar com o nível de desempenho dos alunos. Ajudar, principalmente, a pensar por si e formar suas próprias opiniões é a única maneira de evitar a doutrinação.



Professora Regina Neutzling Tessmann
EEEM Cruzeiro do Sul, São Lourenço do Sul-RS

Documentário

Grande novidade desta edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, o gênero Documentário instigou estudantes de 1º e 2º anos do Ensino Médio a compor narrativas audiovisuais sobre o lugar onde vivem. Com isso, as múltiplas linguagens que já atravessam o cotidiano dessa geração chamada de “nativos digitais” passam a fazer parte do processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita. O que já acontece no mundo afora, agora entra, com claquete, para dentro da escola.

As sinopses das produções apresentam-se neste capítulo, revelando o que cada grupo de jovens documentaristas, com o celular na mão e muitas ideias na cabeça, optou por registrar em vídeos de até 5 minutos sobre os cantos, recantos e nem sempre encantos de seu lugar. Da Lavagem de Iará à reciclagem de lixo, em Juína, pode-se desviar para Amarante e conhecer Dona Militana, a maior romanceira do Brasil. Dá para desembocar em Rosário, bairro que roga para seu estigma mudar, e ainda viajar um bocado: tem gravado como cada entrevistado de Aracati fez para “se contar”; rap novo com imagens antigas; a história dos “soldados da borracha”; a luta por uma escola nova; o testemunho de moradores de rua; a importância das abelhas e até a construção de uma fantasia que busca fugir da monotonia de um lugar.

Quem percorrer as próximas páginas vai ler que, realmente, há muito para ver.

DOCUMENTÁRIO

Índice

250 PELOS TRILHOS DA FERRUGEM

Cristovão Oliveira
Bello
Maria Eduarda da Silva Martins
Ruan Marcos da Silva Pereira

250 NORDESTINOS NO ACRE

Eloís Eduardo dos Santos Martins
Raele Brito da Costa
Thomaz Oliveira
Bezerra de Menezes

251 ENQUANTO HOVER FLORES

Amanda Guimarães
João Vitor Carneiro
Karla Aragão

251 UMA COLHER DE MEL, UMA VIDA INTEIRA

DE TRABALHO
Camila Sand
Estefano Rius
Inaê Kogler Klein

252 A FELICIDADE MORA AQUI!

André Felipe
Tolentino da Silva
Davison Alves Rocha
Steffane Catherine
Alves Santos

252 ALÔ? SINAL TELEFÔNICO DE PARAJU

Gustavo de Oliveira
Christ
Gustavo de Oliveira da Conceição
João Leno Jastrow
Simmer

253 O QUE SE APRENDE QUANDO A ESCOLA CAI...

Jamile Aparecida Santos Dornelas
Pedro Lucas Modesto
Sabrina Heloísa dos Santos

253 POR TRÁS DAS RUAS

Antônio José da Paixão
Evellyn Vitória Novais da Silva
Vitória Bernardo da Silva

254 CARACARAÍ: MINHA HISTÓRIA/ NOSSA HISTÓRIA

Andrae Nogueira dos Santos
Vinicyus Gabriel Andrade Silva
Werverton Rosa da Costa

254 O LUGAR ONDE VIVO TEM DONA MILITANA

João Vyctor de Paula de Lima
Nathália Rocha Campos
Raphael Dias Câmara

255 FLORES DO MEU BAIRRO

Iana Daise Alves da Silva Marinho
João Vitor de Moura Vasconcelos
Kauany Vitória Batista da Silva

255 MEU LUGAR, UBARANAS

Bruna Santos Vitalino Almeida
Francisco André Silva de Moura
Lucas Cauã de Lima da Silva

256 SEPARA PRA NÓS: O TEMPO VALE OURO E O LIXO TAMBÉM

Emily Ferreira Horing
João Guilherme Morais Clemente da Costa
Thauany Gabriella Martins Barbosa

257 ALÉM DAS SECAS

Lethícia Alencar Maia Barros
Sabrina Soares Bezerra
Yasmin Felipe Rocha Santiago

257 LAVAGEM DE IRARÁ – FÉ, PURIFICAÇÃO E TRADIÇÃO

Fabricia dos Reis Cerqueira
Marcelly Damasceno dos Santos
Rayane Gonçalves de Sousa

258 GURIA, ESSE LUGAR É TEU

Andreza Castro Duarte
Giovana Hister Cardoso
Luísa de Vargas Fellin

258 UM REINO A MEUS OLHOS

Gabrielle Carrijo Barbosa
Mell Ribeiro Souza
Tarick Gabriel Almeida de Moraes

259 UM MINUTO PARA ACONTECER

Heloisa Della Justina
Vitória Maria Schwan Bonfim

259 “O NOSSO PASSADO É QUE FEZ NOSSO PRESENTE E ESTÁ PREPARANDO O NOSSO FUTURO...”

Ana Maria de Brito Sousa
Jannine Ferreira Tavares
Ludimila Carvalho dos Santos

PELOS TRILHOS DA FERRUGEM

Cristovão Oliveira Bello
Maria Eduarda da Silva Martins
Ruan Marcos da Silva Pereira

O documentário “Pelos trilhos da ferrugem” é um alerta sobre a falta de cuidado com a história e a cultura da cidade de Mairinque. A partir de imagens antigas, em oposição a atuais, e de um rap que reflete o pensamento dos autores, nasce a crítica à despreocupação com a cultura local.

Antigamente, o município atraía muitas pessoas por conta da estação ferroviária moderna, de suas festas e de sua história. Hoje já não recebe reconhecimento nem dos próprios moradores. É necessário que os habitantes conheçam a história do lugar para, quem sabe assim, Mairinque possa reviver seus dias de glória, pois a história e a cultura fazem o povo ser o que é.

Professora Edna Régio de Castro França
EE Professor José Pinto do Amaral,
Mairinque-SP

NORDESTINOS NO ACRE

Eloís Eduardo dos Santos Martins
Raele Brito da Costa
Thomaz Oliveira Bezerra de Menezes

Como o Acre foi povoado? O que levou os nordestinos a migrarem para o Acre? Esse documentário busca retratar um pouco da história dos “Soldados da ‘borracha’”. Muitos perderam a vida servindo o Brasil em meio à Segunda Guerra Mundial. Nós acreanos herdamos muitos costumes nordestinos, desde o modo de falar até a culinária. Você verá depoimentos de pessoas da época que dão vida à memória desses guerreiros brasileiros.

Professora Ynaiara Moura da Silva
EE Humberto Soares da Costa,
Rio Branco-AC

ENQUANTO HOUVER FLORES

Amanda Guimarães
João Vitor Carneiro
Karla Aragão

O documentário retrata as diferenças sociais encontradas em cidades do interior, causadas pelo preconceito, pela intolerância e principalmente pela política.

Para elaborar nossos argumentos, analisamos as principais causas das divisões sociais no município e com isso construímos uma crítica com o intuito de conscientizar a população.



Professora Joceane Lopes Araujo
CE Pedro Falconeri Rios,
Pé de Serra-BA

UMA COLHER DE MEL, UMA VIDA INTEIRA DE TRABALHO

Camila Sand
Estefano Rius
Inaê Kogler Klein

O documentário “Uma colher de mel, uma vida inteira de trabalho” aborda o tema “abelhas”. Mostra a importância desses insetos voadores, conhecidos pelo seu importante papel para o meio ambiente e para toda a humanidade, pois todos deveríamos saber que sem polinização, sem vidas. “Uma colher de mel, uma vida inteira de trabalho” também apresenta a conversa com uma especialista no assunto, falando sobre a importância das abelhas e o risco que estão correndo, devido à sua extinção, além de algumas curiosidades. As gravações mostram as tarefas diárias realizadas pelas abelhas, no apiário do IFRS Campus Ibirubá.

Professora Fernanda Schneider
IFRS – Campus Ibirubá,
Ibirubá-RS

A FELICIDADE MORA AQUI!

André Felipe Tolentino da Silva
Davison Alves Rocha
Steffane Catherine Alves Santos

Passagem das Canoas é a mais afastada comunidade pertencente ao município de Espinosa (MG). Fica localizada aproximadamente a 100 quilômetros da cidade. Essa pequena porção de terra apresenta grandes desafios aos seus moradores, como insalubridade, escassez de água, dificuldade de assistência médica. Além dos infortúnios da natureza, lida com a falta de recursos materiais, de oportunidades, onde a população vive em condições precárias e com grande incidência de casos da doença de chagas. O documentário “A felicidade mora aqui!” mostra a realidade dos sertanejos para tentar sobreviver diante das dificuldades encontradas e que, ainda assim, se identificam com a terra e são felizes naquele lugar.

Professora Shantynett Souza
Ferreira Magalhães Alves
EE Betania Tolentino Silveira,
Espinosa-MG

ALÔ? SINAL TELEFÔNICO DE PARAJU

Gustavo de Oliveira Christ
Gustavo de Oliveira da Conceição
João Leno Jastrow Simmer

Na pequena vila de Paraju, o sinal telefônico causa muitos problemas para a população, gerando certas consequências negativas na região. Com isso, foram exploradas as características locais, os motivos do sinal telefônico ser tão ruim, a solução proposta para contornar esse problema e os benefícios que traria para a localidade.

Professora Carina Luzia
Borghardt
EEEFM Gisela Salloker Fayet,
Domingos Martins-ES

O QUE SE APRENDE QUANDO A ESCOLA CAI...

Jamile Aparecida Santos Dornelas
Pedro Lucas Modesto
Sabrina Heloísa dos Santos

O documentário se passa na pequena Santa Bárbara do Leste, cidade do interior de Minas Gerais, cenário de conscientização e luta, onde alunos, com o apoio da comunidade, se mobilizaram em busca de uma nova estrutura para a EE Monseñor Rocha, contra o descaso dos governantes. A instituição que atendia cerca de oitocentos estudantes funcionava precariamente em garagens e no salão paroquial, desde que o antigo prédio começou a desmoronar e não havia, por parte do governo, previsão para a nova escola começar a ser construída. A participação da comunidade nesse importante momento na história da cidade foi essencial para que a nova escola se tornasse realidade. Hoje, os responsáveis por essa luta podem se orgulhar com o que se aprende quando a escola cai: uma verdadeira lição de cidadania e luta por direitos.

Professora Simone de Araújo Valente Ferreira
EE Monsenhor Rocha, Santa Bárbara do Leste-MG

POR TRÁS DAS RUAS

Antônio José da Paixão
Evellyn Vitória Novais da Silva
Vitória Bernardo da Silva

Mendigo, mendicante, pedinte, indigente, esmoleiro, esmoler, morador de rua, sem-teto ou “sem-abrigo” é o indivíduo que vive em extrema carência material, não conseguindo obter, por meios próprios, as condições mínimas de sobrevivência com dignidade. O documentário tem no testemunho oral dos moradores de rua da região central da cidade de São Paulo sua principal fonte de pesquisa, procurando mostrar aspectos do cotidiano deles, suas vivências na rua, sua organização, sua alimentação, seus medos e suas esperanças. O documentário revela o sofrimento dessas pessoas, que vivem sem o apoio de suas famílias e cercados por pessoas que consideram a sua existência um transtorno. Além do testemunho oral dos moradores de rua, ouvimos uma pessoa que convive diariamente com eles.

Professor Abel José Mendes
ETEC Prefeito Braz Paschoalin, Jandira-SP

CARACARAÍ: MINHA HISTÓRIA/ NOSSA HISTÓRIA

Andrae Nogueira dos Santos
Vinicyus Gabriel Andrade Silva
Werverton Rosa da Costa

“Augustinho” é um personagem fictício, ele assistiu a todos os fatos importantes que contribuíram para a fundação de Caracaraí e para a criação de seu perfil cultural. Tais fatos ocorreram a partir do ano de 1904 no Norte do país, no atual Estado de Roraima.

Caracaraí, também conhecida como Cidade Porto, foi por anos usada como porto de desembarque de gados, pois era o trajeto mais viável para se seguir. Essas atividades fluviais foram cruciais para o desenvolvimento da cidade. No desenrolar da trama, “Augustinho” se depara com os acontecimentos que, hoje, fazem parte dos documentos históricos do município de Caracaraí.

**Professora Clébia Maria Farias
de Moraes Ferreira**

EE José Vieira de Sales Guerra,
Caracaraí-RR

O LUGAR ONDE VIVO TEM DONA MILITANA

João Vyctor de Paula de Lima
Nathália Rocha Campos
Raphael Dias Câmara

Esse documentário retrata a biografia de Dona Militana como personagem de destaque no município de São Gonçalo do Amarante, Estado do Rio Grande do Norte. Mostra um pouco da sua trajetória de vida como a maior romancista do Brasil, sua importância como mulher e como guardiã do patrimônio imaterial local.



**Professora Luciana
de França Lopes**

CEEP Dr. Ruy Pereira dos Santos,
São Gonçalo do Amarante-RN

FLORES DO MEU BAIRRO

Iana Daise Alves da Silva Marinho
João Vitor de Moura Vasconcelos
Kauany Vitória Batista da Silva

“Flores do meu bairro” é um documentário que percorre uma região carente, da cidade de Aliança (PE), para desmistificar o estigma de “lugar de gente ruim”. O filme adentra na comunidade do Rosário para fazer-nos refletir sobre o preconceito e a discriminação que tanto afetam a vida das pessoas do lugar. O fio condutor está centrado nos depoimentos de moradores e de quem trabalha naquela localidade. Estes, contestam os boatos maldosos e discriminatórios das pessoas que lá não residem.

Professora Itânia Flávia da Silva

EREM Joaquina Lira, Aliança-PE

MEU LUGAR, UBARANAS

Bruna Santos Vitalino Almeida
Francisco André Silva de Moura
Lucas Cauã de Lima da Silva

O lugar onde as pessoas vivem conta muito sobre elas, ou seriam elas, as pessoas, que contam muito sobre seu lugar?

Para mostrar sua comunidade, o estudante André conta das pessoas, ou melhor, permite que elas mesmas “se contem”.

Assim, um pouco da história dessa comunidade cearense, remanescente quilombola, revela-se para nós em suas nuances mais particulares. Nos pequenos detalhes, nos conflitos pela terra e pela vida, na busca pela identidade, na luta pela preservação da memória. Uma memória que tanto pode estar escrita à mão, nos cadernos de Dona Madalena, na rotina inalterada do Seu Pelé ou nas grossas paredes da centenária Igreja de São José. Com a missão de falar do seu lugar, André faz um mergulho naquilo que é, aos seus olhos, mais contundente no lugar onde vive.

**Professor Francisco Márcio
Pereira da Silva**

EEM Barão de Aracati, Aracati-CE

SEPARA PRA NÓS: O TEMPO VALE OURO E O LIXO TAMBÉM

Emily Ferreira Horing
João Guilherme Morais Clemente da Costa
Thauany Gabriella Martins Barbosa

Vive-se atualmente em uma sociedade capitalista, na qual o consumo é a energia que impulsiona o gigantesco motor a continuar seguindo seu ciclo: comprar, usar e transformar o produto em lixo. Este século é o que presencia em maior quantidade pilhas e pilhas de lixos com odor fétido e nocividade ao ser humano e ao meio ambiente. Devido à acumulação desenfreada de lixo, estimulado pelo consumo, a concepção de reciclagem nasceu: voltar produtos para sua matéria-prima, como plástico, metal, papelão, vidro etc. Desse modo, trabalhando diariamente na separação dos tipos de resíduos sólidos gerados pelos habitantes e na prensagem através do trabalho manual e de maquinário precário, os integrantes da Associação Nova Conquista, de Juína, interior de Mato Grosso, enviam esses resíduos para empresas que queiram comprar. É de suma importância que haja tal associação de reciclagem, pois a cidade

é formada majoritariamente por pessoas com histórico de pouco contato com conscientização ou educação. Através de suas ações, a associação leva conhecimento e promove ajuda econômica, por se tratar de um trabalho remunerado. Mostrar esse trabalho é um ato de conscientização necessário e de exposição da realidade.

Professora Lisdafne Júnia de Araújo Nascimento
IFMT – Campus Juína, Juína-MT

ALÉM DAS SECAS

Lethícia Alencar Maia Barros
Sabrina Soares Bezerra
Yasmin Felipe Rocha Santiago

O documentário trata da escassez de água no Ceará, problema que se tornou uma dura realidade do lugar. Com filmagens feitas em diferentes localidades do estado, o objetivo é mostrar a visão do povo cearense que, durante muitos anos, foi intensamente castigado pelas longas estiagens, testemunhando suas dores, dificuldades e esperanças por um amanhã diferente.



Professora Gláucia Maria Bastos Marques
CMF – Colégio Militar de Fortaleza, Fortaleza-CE

LAVAGEM DE IRARÁ – FÉ, PURIFICAÇÃO E TRADIÇÃO

Fabrcia dos Reis Cerqueira
Marcelly Damasceno dos Santos
Rayane Gonçalves de Sousa

Fé, água, purificação, tradição. É assim que a “Lavagem de Irará” é conhecida por todos que têm o privilégio de participar dessa linda festa. É com o coração cheio de emoção que temos o prazer de falar da Lavagem de Irará.

A comemoração está diretamente ligada à música popular iraraense. Um dos festejos mais esperados não só para os conterrâneos, mas também para os visitantes que vêm junto conosco desfrutar desses festejos.

Professora Ana de Jesus Lima
CE Joaquim Inácio de Carvalho, Irará-BA

GURIA, ESSE LUGAR É TEU

Andreza Castro Duarte
Giovana Hister Cardoso
Luísa de Vargas Fellin

“Guria, esse lugar é teu” aborda uma visão crítica sobre a influência do estereótipo de gênero na área profissional durante a escolha do curso técnico integrado ao Ensino Médio, além de apresentar o impacto da decisão após o ingresso na instituição de ensino. O filme traz relatos da perspectiva das meninas no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Restinga sobre as vivências de desigualdade de gênero e representatividade nos cursos. O documentário busca dar visibilidade e problematizar as experiências e a discrepância de quantidade de meninas matriculadas/formadas nos cursos de Eletrônica, Informática e Lazer da instituição.

Professora Juliana Battisti
IFRS – Campus Restinga, Porto Alegre-RS

UM REINO A MEUS OLHOS

Gabrielle Carrijo Barbosa
Mell Ribeiro Souza
Tarick Gabriel Almeida de Moraes

Com positividade e um pouquinho de imaginação, três adolescentes representam, de maneira lúdica, por meio desse poético documentário, a forma peculiar de como, a partir de sua perspectiva, eles enxergam o mundo, ou melhor, o lugar onde vivem.

Cansados de se deparar com projetos satíricos, eles resolveram sair do tradicional, e ao invés de mostrar a monótona realidade daquela terra, fizeram uma criativa releitura expressando fantasiosamente os detalhes que singularizam aquele lugar, inspirando-se em David Hume que dizia: “A beleza das coisas está no espírito de quem as contempla”.

Professora Thaís da Silva Macedo
CE Alfredo Nasser, Santa Rita do Araguaia-GO

UM MINUTO PARA ACONTECER

Heloisa Della Justina
Vitória Maria Schwan Bonfim

Diariamente, 1.388 mulheres são estupradas no Brasil. Quase uma por minuto. Para o agressor são até trinta anos de cadeia, mas, para a vítima, uma vida inteira de prisão! Parece uma matéria digna de âmbito nacional, não é? Uma que conta o horror vivido pelas paulistanas e cariocas? Só que não é uma agressão exclusiva de cidade grande, o abuso sexual acontece em todo lugar, pode ser na sua cidadezinha, assim como ocorre na nossa. Conheça a cidade que soma mais casos de abuso sexual da região do vale: Braço do Norte, no Estado de Santa Catarina.

Professora Giseli Fuchter Fuchs
EEB São Ludgero, São Ludgero-SC

“O NOSSO PASSADO É QUE FEZ NOSSO PRESENTE E ESTÁ PREPARANDO O NOSSO FUTURO...”

Ana Maria de Brito Sousa
Jannine Ferreira Tavares
Ludimila Carvalho dos Santos

Vivemos em todos os lugares que possuem capacidade para a vida, mas como manda a nossa natureza, precisamos ter um ponto de partida, de chegada, um lugar para chamar de meu. Com esse pensamento, apresentamos o nosso lugar, a encantadora cidade de Muricilândia, município localizado ao norte do Estado do Tocantins, com aproximadamente 4 mil habitantes que se destaca pela forte tradição cultural preservada principalmente pela Comunidade Quilombola Dona Juscelina.

Professora Fabiana Martins Ferreira Braga
EE Marechal Costa e Silva, Muricilândia-TO



INICIATIVA

Itaú Social

Superintendente: Angela Dannemann

Gerente de Programas: Tatiana Bello Djrdjrjan

Coordenadora de Programas: Dianne Melo

Gestora do Programa Escrevendo o Futuro: Karina Garcia

Coordenador de Comunicação: Alan Albuquerque

Analista de Comunicação: Raquel Ornellas

COORDENAÇÃO TÉCNICA

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

Diretora Executiva: Anna Helena Altenfelder

Diretora de Tecnologias Educacionais: Maria Amabile Mansutti

Gerente de Tecnologias Educacionais em Ação: Wagner Antonio dos Santos

Coordenadora de Difusão de Conteúdos: Marcia Coutinho Ramos Jimenez

Coordenadora do Programa Escrevendo o Futuro: Maria Aparecida Laginestra

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Coordenação Editorial: Esdras Soares e Camila Prado

Projeto Gráfico: Estúdio Voador

Diagramação: Jussara Fino

Ilustrações: Elisa Carareto

Revisão: Carina Castro e Rosania Mazzuchelli

Impressão: Leograf Gráfica e Editora

Tiragem: 1.000 exemplares

CONTATO

Rua Minas Gerais, 228 – São Paulo – SP

CEP: 01244-010

Telefone: 0800 771 9310

e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br

www.escrevendoofuturo.org.br

A reprodução dos textos na presente publicação foi autorizada pelos autores.

Cada texto expressa a opinião de seu autor e não traduz a opinião dos realizadores da Olimpíada de Língua Portuguesa.



PARCERIA



COORDENAÇÃO
TÉCNICA



INICIATIVA



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

